

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO  
DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO

**Jefferson Rodrigues Pereira**

**SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO E IDENTIDADES:  
Aproximações e afastamentos entre “trabalho sujo” e “trabalho de  
prestígio”**

Belo Horizonte  
2021

**Jefferson Rodrigues Pereira**

**SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO E IDENTIDADES:**  
Aproximações e afastamentos entre “trabalho sujo” e “trabalho de prestígio”

Tese apresentada ao Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Administração.

Área de concentração: Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kely César Martins de Paiva

Belo Horizonte  
2021

Ficha Catalográfica

P436s  
2021

Pereira, Jefferson Rodrigues.

Significados e sentidos do trabalho e identidades [manuscrito] : aproximações e afastamentos entre “trabalho sujo” e “trabalho de prestígio” / Jefferson Rodrigues Pereira. – 2021.

211 f.: il e tabs.

Orientadora: Kely César Martins de Paiva.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração.

Inclui bibliografia (f. 188-207) e apêndices.

1. Trabalho – Teses. 2. Trabalho – Aspectos psicológicos – Teses.  
3. Trabalhadores – Teses. I. Paiva, Kely Cesar Martins de. II.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e  
Pesquisas em Administração. III. Título.

CDD: 658.3

Elaborado por Leonardo Vasconcelos Renault CRB-6/2211  
Biblioteca da FACE/UFMG – LVR/029/2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO  
ATA DE DEFESA DE TESE

ATA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO do Senhor JEFFERSON RODRIGUES PEREIRA, REGISTRO Nº 263/2021. No dia 25 de fevereiro de 2021, às 14:00 horas, reuniu-se remotamente, por videoconferência, a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração do CEPEAD, em 09 de fevereiro de 2021, para julgar o trabalho final intitulado "SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO E IDENTIDADES: Aproximações e afastamentos entre "trabalho sujo" e "trabalho de prestígio"", requisito para a obtenção do Grau de Doutor em Administração, linha de pesquisa: Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, Profª. Drª. Kely César Martins de Paiva, após dar conhecimento aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

APROVAÇÃO

REPROVAÇÃO

O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Senhora Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2021.

Profª. Drª. Kely César Martins de Paiva

ORIENTADORA - CEPEAD/UFMG

Profª. Drª. Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo

Centro Universitário Unihorizontes

Prof. Dr. Diogo Henrique Helal

PROPAD/UFPE e FUNDAJ

Prof. Dr. Hélio Arthur Reis Irigaray

FGV/EBAPE

Profª. Drª. Andrea Leite Rodrigues  
EACH/USP

Profª. Drª. Caissa Veloso e Sousa  
Centro Universitário Unihorizontes



Documento assinado eletronicamente por Kely Cesar Martins de Paiva, Presidente de comissão, em 25/02/2021, às 19:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Caissa Veloso e Sousa, Usuário Externo, em 25/02/2021, às 19:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Andrea Leite Rodrigues, Usuário Externo, em 25/02/2021, às 19:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Hélio Arthur Reis Irigaray, Usuário Externo, em 25/02/2021, às 19:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Diogo Henrique Helal, Usuário Externo, em 25/02/2021, às 19:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo, Usuário Externo, em 25/02/2021, às 19:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0588978 e o código CRC 149495D1.

## DECLARAÇÃO DE REVISÃO GRAMATICAL

Declaro, para os devidos fins, que eu, Professora Raquel Brigatte, doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, CPF 002656926-44, revisei, tendo em vista as normas vigentes da Língua Portuguesa, a tese do aluno Jefferson Rodrigues Pereira, intitulada "SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO E IDENTIDADES: Aproximações e afastamentos entre “trabalho sujo” e “trabalho de prestígio”, apresentada ao Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais.

Juiz de Fora, 05 de fevereiro de 2021.



---

RAQUEL BRIGATTE  
Professora Credenciada – UFMG

Dedico esse sonho a minha amada mãe Maria Marta Rodrigues Pereira e ao meu amado pai

Adair Antônio Pereira.

*Oro mi maió... Yabado oyeyeo*

*Obanixé kaô... Kaô Kabiecilê*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer a Deus, em todas as suas manifestações e formas, por me mostrar, a cada dia, o quanto ele sempre está ao meu lado, zelando e me dando forças para seguir e me superar.

Aqui gostaria mais do que agradecer minha querida e eterna orientadora Kely César Martins de Paiva. Obrigado por se mostrar uma pessoa tão singular e companheira, que sofreu comigo quando as coisas não saíram como o planejado, que me fez ser perseverante e acreditar que o amanhã seria melhor, que torceu por mim na minha trajetória durante o doutorado e na vida. Gostaria, novamente, de lhe agradecer por ter acreditado em mim, por vezes, mais do que eu mesmo. De fato, Kely, durante vários momentos, eu sempre te enxerguei como um farol que ajudava a me guiar no mar e conduzir outra vez o barco ao porto. Uma vez me perguntaram por que eu queria ser professor. Eu respondi que achava que, assim, pudesse fazer a diferença na vida de alguém, e isso para mim é o maior feito na vida de alguém. Logo, quero lhe dizer que você fez uma diferença gigantesca na minha vida e serei eternamente grato por isso. Espero que seu sorriso contagiante, seu brilho no olhar e seu acreditar venham inspirar muitos outros, assim como fez comigo. Você foi uma das grandes responsáveis por eu estar alcançando um sonho que, durante muito tempo, pensei estar tão distante de mim e de minha realidade. Por isso e por tantas outras coisas: Muito obrigado!

Aos meus pais, Maria Marta Rodrigues Pereira e Adair Antônio Pereira, eu gostaria de não somente agradecer, mas dedicar essa conquista tão minha quanto suas. Nesse momento, quero dizer que vocês se superaram e conseguiram, lutando contra uma série de adversidades que diziam não ser possível, mas vocês foram teimosos e resistentes e mostraram sim ser possível. Pois é, a minha história hoje se soma a várias outras de superação e resistência espalhadas pelo país. Afinal, quem diria que uma empregada doméstica do Vale do Jequitinhonha e um bombeiro hidráulico de Mutum iriam tão longe? Vocês são exemplos grandes de empoderamento e força para mim. Obrigado por terem feito o que fizeram, obrigado por ter acreditado e se emocionado comigo, obrigado por me mostrarem que meu caminho sou eu quem faço. Obrigado por tudo! Amo vocês!

Um agradecimento mais que especial ao meus queridos amigos Helena Shigaki e Yukio Shigaki, o casal mais lindo que já vi. Vocês, de fato, me mostraram o poder de uma amizade sincera. Obrigado por estar do meu lado, por terem me ajudado tanto, por torcerem por mim. Helena, hoje percebo que o dia que lhe conheci em um congresso em Portugal foi um presente que Deus me deu. Sinto-me imensamente grato por fazerem parte dessa história e desta conquista.

Gostaria de agradecer a todos os professores que tive durante esses três anos de doutorado na UFMG. À professora Caissa Veloso e Sousa por ter acreditado em mim quando tudo começou, quando eu ainda era um bolsista de iniciação científica; você fez a diferença em minha vida, obrigado. Aos queridos e respeitados professores Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo, Andrea Leite Rodrigues, Hélio Arthur Reis Irigaray e Diogo Henrique Helal que me ajudaram muito na qualificação do meu projeto de tese e por terem aceitado compor minha banca de defesa. Para mim é uma honra que estejam comigo neste momento.

Hoje vejo que, efetivamente, tenho valiosos amigos que torceram muito por mim, que se emocionaram a cada passo que dei em direção a esta conquista, assim não posso deixar de dizer: Luana Vieira, obrigado por estar presente comigo em todos os momentos; Paula Gabriela, minha querida irmã, amo você; Karlayla Ferraz, minha prima maluca, obrigado por se emocionar a cada passo que dei; Angelina, você é uma grande inspiração para mim; Sueli (Oyá – Eparrei), obrigado por ter me abraçado como um filho e ter torcido e me ajudado muito, que sua luz brilhe sempre; Ana Paula Moreira, foi um prazer conviver com você, que Deus a tenha em um lugar privilegiado, saudades, amiga; Elienai, obrigado por ter sido quem é, amiga doida; Tito, tenho um orgulho gigante de ser seu amigo; Fábio Matarazzo, obrigado por sempre fazer tanta questão de mim; Lucas Sales, obrigado por fazer parte de tudo, você é uma pessoa muito especial cuja força e brilho percebem-se ao longe; aos meus queridos sobrinhos e afilhados, Yasmin, Nicole, Amanda, Davi, Lívia e Valentina.

Agradeço também a todos os entrevistados que prontamente participaram deste estudo, com suas histórias de vida fantásticas que demonstraram ter muito a ensinar e fazer pelo mundo. Obrigado a todos, a um dos entrevistados, em especial, cuja identidade continuará a ser mantida em sigilo, mas que ocupa um lugar nominado de "gratidão" para mim e para minha orientadora, já que foi a partir de uma conversa informal entre eles que um dos aspectos

seminais desta tese foi percebido por ela. Daí, após muita leitura, discussão e elaboração, em reuniões presenciais e remotas, mas sempre regadas a café e refrigerante, chegamos à problematização e à finalização da presente tese.

Agradeço também a todos os meus amigos e integrantes do Necop, em especial aos meus queridos amigos e parceiros de núcleo: Alice Cardoso, Thais, Gabriela (obrigado por sua valiosa contribuição na transcrição das entrevistas), Jesuína, Letícia, Samara, Silas, Michelle Dutra e Michelle Rocha. É um orgulho fazer parte de um grupo tão seleta de pesquisadores.

Agradeço ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ) pelo auxílio financeiro durante o período de doutorado.

Hoje percebo que, por trás de um sonho realizado, existem várias mãos que muito trabalharam, assim, faltam-me palavras para agradecê-los. Meu muito obrigado a todos, sintam-se fortemente abraçados!

## RESUMO

A presente tese foi desenvolvida com o objetivo de analisar possíveis relações entre significados e sentidos do trabalho e identidades, percebidas entre praticantes de trabalhos “sujos” e de “prestígio”, considerando-se suas similaridades, ambiguidades e paradoxos. Para tal, desenvolveu-se um estudo descritivo-analítico de abordagem qualitativa, utilizando o método de história oral testemunhal. Foram realizadas 22 entrevistas com roteiro semiestruturado, sendo onze com profissionais do sexo e onze com profissionais médicos. Os dados foram gravados, transcritos e submetidos à técnica de análise de conteúdo temática. Entre os principais resultados, destacam-se as diferenças concernentes às histórias de vida de ambos os grupos de entrevistados. De um lado, a história de vida dos profissionais médicos é marcada por uma estrutura robusta de valores familiares, na qual é perceptível que o apoio da família desde cedo foi um aspecto importante para o caminho laboral trilhado. Na outra margem, as histórias de vida dos profissionais do sexo, em sua maioria, são marcadas por pobreza atrelada à desestrutura familiar e à violência, aspectos usualmente assimilados como causas de suas escolhas profissionais. No que diz respeito ao significado do trabalho, mais uma vez, percebeu-se um afastamento diametral entre as profissões. A medicina, enquanto ocupação, traz consigo uma série de significados positivos que denotam uma ideia de forte prestígio associado a este trabalho. Notavelmente, seu significado é permeado pelo arquétipo do herói, abarcando ideias de nobreza, altruísmo e distinção associadas a ela. Para o caso da prostituição, seus significados são completamente antagônicos à medicina. A mácula da perversão, do “trabalho sujo” e pecaminoso, como postulado por uma lógica social cristã, cria um conjunto de significados negativos cujas marcas implicam uma série de efeitos deletérios sobre o sujeito. Desse modo, os sentidos atribuídos pelos entrevistados aos seus trabalhos penderam desde a própria falta de sentido até um elevado valor pessoal e social. Além disso, percepções de esvaziamento de sentido e de empoderamento também foram observadas. As identidades, por sua vez, emergiram como fruto da interação entre a unidade subjetiva do indivíduo e contexto em que ele está inserido, variando as percepções quanto aos tipos e níveis de reconhecimento, valorização e bem-estar de seus praticantes, observando um movimento tensionado por aproximações e distanciamentos entre o “eu” pessoal e “eu” profissional. Importante destacar que, para o caso deste estudo, a identidade, por vezes, é o reflexo das ambiguidades, paradoxos e ambivalências das relações de trabalho que permeiam tais profissões.

**Palavras-chave:** Significados e Sentidos do Trabalho. Identidade. Identidade Profissional. Trabalho Sujo. Trabalho de Prestígio. Sujidades. Antissujidades.

## ABSTRACT

This thesis aims to analyze possible relationships between meanings, meaningful work and identities, perceived among practitioners of "dirty" and "prestigious" work, considering their similarities, ambiguities and paradoxes. To this end, a descriptive-analytical study with a qualitative approach was developed, using the oral history method. For this purpose, 22 interviews were conducted using a semi-structured script, wherein eleven interviews were with sex workers and eleven with medical professionals. The data were recorded, transcribed and analyzed using the thematic content analysis technique. Among the main results, the differences regarding the life histories of both groups of respondents are highlighted. On the one hand, the life history of medical professionals is marked by a robust structure of family values, in which it is noticeable that the support of the family from an early age was an important aspect for the work path followed. On the other side, most sex workers' life histories are marked by poverty linked to family breakdown and violence, aspects usually assimilated as causes of their professional choices. As for the meaning of work, once again, a diametrical distance between professions was noticed. The medical profession, as an occupation, has a series of positive meanings that denote an idea of strong prestige associated with this work. Notably, its meaning is permeated by the hero's archetype, bringing ideas of nobility, altruism and distinction associated with it. For the prostitution field, their meanings are completely antagonistic to medicine field. The stain of perversion, of "dirty work" and sinfulness, as postulated by a Christian social logic that creates a set of negative meanings whose marks imply a series of harmful effects on the subject. In this way, the meaningful work attributed by the interviewees to their work ranged from their own lack of meaningful work to a high personal and social value. In addition, perceptions of meaninglessness and empowerment were also observed. The identities, in turn, emerged as a result of the interaction between the subjective unit of the individual and the context in which he is inserted, varying perceptions regarding the types and levels of recognition, appreciation and well-being of their practitioners, observing a movement tensioned by approximations and distances between the personal "I" and the professional "I". It is important to highlight that, for the case of this study, identity is sometimes a reflection of the ambiguities, paradoxes and ambivalences of the working relationships that permeate such professions.

**Keywords:** Meanings and Meaningful Work. Identity. Professional Identity. Dirty Work. Prestige Work. Filth. Anti-filth.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Tipologia de ‘mancha’ dos “trabalhadores sujos”.....	36
Quadro 2 - Caracterização dos profissionais do sexo, sujeitos de pesquisa.....	69
Quadro 3 - Caracterização dos profissionais médicos, sujeitos de pesquisa.....	71
Quadro 4 - O argumento da tese e algumas evidências empíricas .....	180

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Fatos marcantes das trajetórias de vida dos sujeitos da pesquisa, por profissão.....	73
Tabela 2 - O ser profissional do sexo/médico, no Brasil em 2020, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão .....	91
Tabela 3 - Os significados do trabalho, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão	97
Tabela 4 - Os sentidos do trabalho, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão ....	107
Tabela 5 - Essências dos sentidos do trabalho, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão .....	116
Tabela 6 - Identidades pessoais, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão.....	121
Tabela 7 - Identidades profissionais, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão..	131
Tabela 8 - Identidade única x identidades múltiplas, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão .....	140
Tabela 9 - O trabalho de prestígio, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão .....	145
Tabela 10 - Aspectos preponderantes de um trabalho de prestígio, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão.....	149
Tabela 11 - O “Trabalho sujo”, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão .....	153
Tabela 12 - Aspectos preponderantes de um “trabalho sujo”, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão .....	156
Tabela 13 - Níveis de sujidades e antissujidades de categorias do trabalho, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão .....	161

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
F	Feminino
M	Masculino
MG	Minas Gerais
MOW	<i>Meaning of Working International Research Team</i>
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
PM	Profissionais da Medicina
PS	Profissionais do Sexo
RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
1.1 Objetivos.....	25
1.1.1 Objetivo Geral .....	25
1.1.2 Objetivos Específicos .....	25
1.2 Justificativas .....	25
1.3 Delineamento da Tese .....	29
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>31</b>
2.1 Sobre o trabalho e seus aspectos de sujidades.....	31
2.2 Sobre significados e sentidos do trabalho.....	38
2.3 Sobre identidades e trabalho.....	49
2.4 Das sujidades às antissujidades, do estigma ao prestígio: apontamentos e implicações para o estudo da(s) identidade(s).....	58
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>61</b>
3.1 Quanto às orientações ontológicas, epistemológicas e paradigmáticas.....	61
3.2 Quanto à estratégia metodológica.....	62
3.3 Coleta e tratamento dos dados .....	66
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>69</b>
4.1 Caracterização dos entrevistados.....	69
4.2 Os (des)caminhos e fatos marcantes das trajetórias de vida dos entrevistados .....	72
4.3 Os significados e sentidos do trabalho dos entrevistados.....	95
4.4 Sobre identidade e identidade profissional dos entrevistados .....	120
4.5 Aproximações e afastamentos teórico-empíricos .....	145
4.5.1 Tangências entre significados e sentidos do trabalho e as identidades profissionais.....	163
4.5.2 Similaridades, ambiguidades e paradoxos.....	169
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>182</b>
5.1 Contribuições do estudo .....	186
5.2 Limitações do estudo .....	187

5.3 Sugestões de futuros estudos .....	187
--	-----

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>189</b>
--------------------------	------------

<b>APÊNDICES .....</b>	<b>209</b>
------------------------	------------

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	209
---	-----

Apêndice B - Roteiro de entrevistas .....	211
---	-----

# 1 INTRODUÇÃO

Popularmente conhecidas como duas das profissionais mais antigas da história da humanidade, a prostituição e a medicina, com o passar dos anos, tiveram suas concepções sociais consideravelmente alteradas, bem como os estigmas e prestígios à luz dos quais repousam. Alguns relatos históricos retratam o sexo prostituído nos cultos pagãos de fertilidade como o ventre da “prostituição sagrada”. Entretanto, tal concepção não é consenso entre pesquisadores, e algumas correntes de pensamento preferem chamar tal prática de sexo como ritualística, dado que o termo prostituição está encharcado de valores modernos ocidentais, o que, de fato, corroborou a “composição” moral da prostituição no contemporâneo imaginário social (LOPES, 2017).

Na outra margem, a partir do século XI, na Europa, têm-se os praticantes de “magia” que eram identificados por nomes como bruxa ou bruxo (o mais comum), mulher sábia ou homem sábio, curandeira ou curandeiro. Entre os principais serviços prestados por esses sujeitos, havia práticas que remontam à noção da medicina moderna, chamadas de medicina popular e curandeirismo, e, às vezes, quando o praticante era uma mulher, à obstetrícia (TOSI, 1998). Interessante destacar que a medicina popular apresentava um duplo aspecto: o primeiro, de caráter prático, envolvia uso de minerais e ervas de reconhecida eficácia; o segundo, mágico, inseparável do primeiro, comportava rituais e o poder de mulheres e homens sábios (TOSI, 1998).

Se, de um lado, a prostituição, nas sociedades mesopotâmicas e egípcias antigas, era considerada divina (PEREIRA *et al.*, 2020), de outro, a medicina era tida como uma prática pagã passível de escárnio e condenação às suas feitoras, as “bruxas”, na fogueira da “santa” inquisição (TOSI, 1998). Em sentidos opostos, com o passar dos anos, enquanto a prostituição passou a ser demonizada decaindo de divindade à escória social, a medicina assumiu o caráter de ciência tornando-se uma profissão louvável que traz *status* e distinção aos seus praticantes, atingindo a conotação de uma “profissão imperial” (COELHO, 2009).

No Brasil, historicamente, a relação entre medicina e prostituição sempre foi atribulada; por exemplo, até o final do século XIX, a prostituição era tida como um “mal necessário”, pois, por meio dela, tornava-se possível a preservação da moral no lar, não podendo, por

consequente, ser criminalizada (MEIHY, 2015). Contudo, ela passou a ser um “ato imoral” que ameaçaria a vida em sociedade. Paralelamente, tornou-se crescente uma repressão médica, que “perpassava a profilaxia da sífilis, e uma repressão moral contra os ‘escândalos’ promovidos pelas meretrizes. Implantou-se, portanto, uma penalização quanto à ‘conduta antissocial (anti-higiênica ou desmoralizante)’ das meretrizes que ofendessem a sociedade e o Estado” (MAZZIEIRO, 1998, p. 248). Nesse contexto, a medicina prestou-se a formas de penalizar o ato da prostituição e seus trabalhadores, iniciando-se um processo de captura das prostitutas para exames médicos, além de fomentar a vigilância das “mulheres de má vida”. “Tratava-se, então, de um controle da sexualidade vista como criminosa pelo discurso da Criminologia: declarava-se ser necessária uma Polícia Sanitária para criminalizar a prostituição” (MAZZIEIRO, 1998, p. 248).

Considerando tal contexto, esta tese propõe debruçar-se sobre aspectos relativos às relações de trabalho em ambas as profissões, dados os pontos de tangência bem como as ambiguidades e os paradoxos que permeiam suas relações desde a antiguidade. Assim, assumem-se as conexões que se estabelecem levando em conta contextos de trabalho *a priori* antagônicos, os significados atribuídos a tais trabalhos, a construção de sentido a eles associados e suas respectivas relações com a identidade do indivíduo.

Destaque-se que a categoria trabalho, com o passar dos anos, assumiu lugar de destaque na vida humana, posicionando-se como categoria central no estilo de vida contemporâneo (SILVEIRA; MEDEIROS, 2016). Notavelmente, seu protagonismo é evidente, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, sendo ele formado por um construto complexo e composto por dois componentes, a saber: um valorativo, que se propõe a mensurar o valor do trabalho na vida dos sujeitos; e outro na centralidade relativa do trabalho, cujo foco está na relação do trabalho com outros ciclos importantes na vida do indivíduo (TOLFO; PICCININI, 2007).

Enquanto temática de estudos, o trabalho é analisado por uma gama variada de abordagens, recebendo, por conseguinte, contribuições teóricas e conceituais acerca das condições de trabalho e suas implicações para o indivíduo (BARROS; SILVA, 2008), bem como o sentido que ele assume e sua relação com a identidade (ARDICHVILI; KUCHINKE, 2009; SILVEIRA; MEDEIROS, 2016). Sob um viés econômico, o trabalho pode assumir o significado de “fazer dinheiro” (SILVEIRA; MEDEIROS, 2016), dada a hegemonia do

pensamento econômico que pode ser percebida a partir do final do século XX (MELLO; MARÇAL; FONSECA, 2009). Em estudos relacionados ao comportamento organizacional, nota-se que o significado do trabalho é oriundo das interpretações subjetivas dos indivíduos e suas vivências e interações com o meio que o circundam (RODRIGUES; BARRICHELLO; MORIN, 2016). Já a psicologia social e a sociologia centram-se em uma vertente não pecuniária, enfatizando aspectos relacionados à centralidade que o trabalho assume na vida humana (GILL, 1999). Nesse sentido, destaca-se que, à luz de uma perspectiva psicossociológica, os indivíduos podem atribuir valores e sentidos diferentes às vivências de trabalho sob influência de sistemas culturais e sociais nos quais estão inseridos (GEERTZ, 1973; MILLS, 1976).

O fato é que, na contemporaneidade, o trabalho extrapolou aquela expectativa de ser apenas uma fonte de renda. Diversos estudos têm centrado suas análises no trabalho *in situ* e demonstrado que o mesmo serve como fonte de sentido e identidade própria, independentemente do contexto social do sujeito, seja sua nacionalidade, história de vida, afiliação religiosa, entre outros aspectos (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010; WARD; KING, 2017), ou seja, trata-se de categoria central na formação do sistema de valores e da identidade do sujeito, estando intimamente atrelado ao sentido da vida humana (RÓŻAŃSKI; ARDICHVILI; BYUN, 2020).

À guisa de conceituação, de maneira geral, os significados do trabalho referem-se às percepções das interpretações coletivas atribuídas ao trabalho, ou seja, parte-se de uma concepção social acerca do trabalho. Já os sentidos do trabalho estão relacionados à forma por meio da qual esses significados são internalizados pelo sujeito, trazendo a ideia de quantidade de significância atribuída ao trabalho em uma perspectiva mais subjetiva (RÓŻAŃSKI; ARDICHVILI; BYUN, 2020). Os sentidos do trabalho contribuem para moldar a autoimagem dos indivíduos à percepção de seus colegas de trabalho; eles afetam (e são afetados) pelo trabalho em equipe e liderança, além de estarem relacionados com a autenticidade, identidade, autoestima e espiritualidade, além da construção de sentido cultural e interpessoal (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010). Os interesses organizacionais e acadêmicos acerca da temática surgiram em decorrência da amplitude de consequências organizacionais e na vida do trabalhador, observáveis a partir das suas percepções de significados e de sentidos do trabalho (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010). Há algumas décadas que diversos

estudos vêm demonstrando a grande influência da temática em aspectos como a motivação e *performance* no trabalho (HACKMAN; OLDHAM, 1980), no comportamento organizacional (KIM *et al.*, 2018), no processo de empoderamento (JENA; BHATTACHARYYA; PRADHAN, 2019), no absentéismo (LOSINA, 2017), em doenças ocupacionais (PASSMORE, 2020), processos de construção da identidade pessoal e profissional (CARTON, 2018), entre outros.

A identidade por sua vez, em nível pessoal, representa “o conceito de si mesmo, orienta a ação individual. No plano social, as identidades das pessoas configuram-se como a percepção de si mesmas dentro de um ou vários grupos, e, nesse sentido, direcionam os movimentos, refletindo a ação grupal” (MACHADO, 2003, p. 52). De maneira geral, o termo identidade é utilizado para referir-se à resultante de uma ótica reflexiva do “eu”; desse mesmo modo, ela seria uma tentativa de autoexplicação a partir de uma construção psicossocial (DUBAR, 2005). Sob uma perspectiva sociológica, a identidade seria a interface entre o indivíduo e a sociedade, ao passo que, à luz de uma abordagem psicológica social, ela está ligada às necessidades de individuação e validação social (BROWN, 2015). As identidades são “criadas” — ou (re)configuradas — a partir do trabalho de identidade que se estrutura por meio da interação “estrutura” e “agência” (BROWN, 2015; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016); assim, a identidade profissional é constituída considerando não só aspectos subjetivos do sujeito como também o contexto de trabalho no qual o mesmo se insere. Nesse sentido, o trabalho é um importante fator para o sujeito construir e formar sua identidade, contribuindo para a compreensão das relações sociais (COUTINHO, 2009).

De forma destacada, os significados e sentidos do trabalho aliados à construção da identidade profissional estabelecem entre si um sistema bilateral de dependência, ou seja, uma relação de dependência mútua (ARDICHVILI; KUCHINKE, 2009). Nesse aspecto, destaca-se, portanto, a crescente importância que o trabalho assume na construção de processos identitários (DUBAR, 2012; AVELAR; PAIVA, 2010; BROWN, 2015; BOSMANS *et al.*, 2016) e de significação e atribuição de sentido pelos indivíduos (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016; PEREIRA *et al.*, 2018).

Note-se que os estudos relacionados ao sentido do trabalho e identidade no campo da Administração tendem a priorizar cargos de grande representação organizacional, como a alta

gerência, deixando de lado muitas vezes indivíduos e funções importantes, tanto do ponto de vista social quanto organizacional (MONTEIRO *et al.*, 2016). Nesse aspecto, a academia parece legitimar uma ideia social de trabalho vigente, na qual algumas atividades podem ser vistas como protagonistas, ao passo que outras, marginalmente, assumem os bastidores da organização produtiva e da sociedade, muitas vezes envergonhando os indivíduos que as realizam, sendo estigmatizados, ocultados, invisibilizados, subjugados, aviltados, silenciados, considerados “sujos” e mesmo como “refugio de primeira classe” (BORGES; MOURÃO, 2013).

Na esfera social do trabalho, têm-se de um lado aquelas ocupações que dão grande prestígio e distinção social aos seus praticantes, isso em função da prevalência de uma noção econômica sob o trabalho (MELLO; MARÇAL; FONSECA, 2009; SILVA; FREITAS, 2016). Importante destacar que, segundo Lhuilier (2009), em cada ocupação têm-se as partes prestigiosas e louváveis do trabalho (nominadas de prestigiosas ou antisujidades, neste estudo) e aquelas ameaçadoras e degradantes (aqui chamadas de estigmatizadas ou sujidades). Notavelmente, em pesquisas que abordam ocupações responsáveis pelo “negativo psicossocial”, é possível encontrar atividades que se confrontam com a sujidade e a transgressão. Ademais, as categorias relativas às díades de ordem e desordem, de bem e mal, de limpo e sujo, de puro e impuro, determinam os campos da impureza e da transgressão como fontes ameaçadoras à ordem simbólica pelo retorno à indiferenciação e ao caos (LHUILIER, 2009).

No Brasil, a noção de um trabalho de prestígio, nobre e “limpo” (isento de estigmas aviltantes) é traduzida por meio do vocábulo “profissão”, ou seja, um trabalho cujo desenvolvimento, *per si*, requer, entre outros aspectos, especialização em determinada área (preparo), educação formal de nível superior e prestígio social e/ou intelectual (COELHO, 1999). Por outro lado, há de se destacar aqueles indivíduos que “vivem dos restos” na sociedade do trabalho, e a estes são apregoados diversos estigmas e pechas que os marginalizam, os inferiorizam. A esses sujeitos lhes restam adentrar a contextos de “trabalho sujo” (*dirty work*), termo cunhado por Hughes (1958, p.81), para referir-se às “[...] tarefas fisicamente asquerosas ou que simbolizam algo degradante ou humilhante”, ou seja, ocupações e atividades profissionais estigmatizadas, de pouco (ou nenhum) prestígio ou visibilidade social. Na concepção do autor, a construção social do “trabalho sujo” se dá a

partir da observância de que o trabalho de uma pessoa é avaliado pelas ambiguidades peculiares com respeito ao que é visto socialmente como honorável, respeitável, de prestígio e limpo, contra o que é menos honrado ou respeitável, e o que é mau ou sujo (HUGHES, 1958). Para fins deste estudo, ambas as atividades serão nomeadas como profissões, tendo em vista sua formalização e o modo como são nomeadas no Código Brasileiro de Ocupações (MTE, 2002), a saber: 5198-05 – Profissionais do Sexo; e 225 – Profissionais da Medicina.

A divisão social do trabalho em uma sociedade como a brasileira, geralmente, é realizada de maneira polarizada: de um lado estão as ocupações “limpas”, de prestígio e valorização social; na outra margem estão aquelas estigmatizadas consideradas “sujas” e impuras. Contudo, é importante ressaltar que muitas pessoas na sociedade realizam trabalhos considerados "sujos", em que algum aspecto do trabalho (ou todo o trabalho) é afetado pela “mancha” física, social ou moral, mesmo em uma profissão de grande prestígio e valor social (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016). Nesse mesmo sentido, Lhuilier *et al.* (2009) asseveram que algumas atividades possuem mais “trabalho sujo” se comparadas a outras, podendo, por conseguinte, ocupar lugares de baixa (ou nenhuma) valorização social e reconhecimento profissional para os indivíduos nelas inseridas. Ademais, é possível afirmar que, independentemente do indivíduo, as ocupações carregam um nível de prestígio (TREIMAN, 1977) e sujidade (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016). Tais aspectos são importantes de ser considerados dentro da estrutura teórica do trabalho e seus processos de significação, atribuição de sentido e construção identitária, porque mesmo o “trabalho sujo” pode diferir, em alguns casos, no que se refere ao prestígio ocupacional relativo, fato que por si só é ambíguo e, em alguns aspectos, paradoxal. Diante tais reflexões, pode-se pensar em diversas ambiguidades e paradoxos relativos ao trabalho, como:

- I) O fato de que o estigma que repousa sobre o “trabalho sujo” é constituído tendo por base atividades socialmente prestigiosas (ASHFORTH; KREINER, 1999); assim, em diferentes cenários socioculturais, classifica-se o “restante das atividades considerando a ausência ou a presença dos aspectos que constroem socialmente as atividades valorizadas” (BATISTA; CODO, 2018, p. 73);
- II) Toda atividade laboral possui uma parcela, por menor que seja, de “trabalho sujo” (LHUILIER *et al.*, 2009). Tendo por base tal pressuposto, é possível pensar nas “duas

faces de uma mesma moeda”, ou seja, a observância de pessoas que cotidianamente fazem o “trabalho sujo” de uma profissão “limpa”, por exemplo o médico legista, o advogado criminalista, entre outros;

III) No Brasil, o trabalho é visto como a principal forma de distinção entre o socialmente considerado “cidadão” e o “marginal” (VERIGUINE; BASSO; SOARES, 2014); para a classe de “trabalho sujo”, essa lógica parece se inverter. Nesses casos, o objeto de trabalho e, na maioria das vezes, de garantia do sustento pessoal e familiar torna-se alvo de condenação ou negação, assim os trabalhadores acabam sendo contaminados pelas sujidades de seu ofício, a ponto de vários se calarem diante de tais julgamentos (LHUILIER, 2009) ou esconderem-se em ambiguidades que os valorizem (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016);

IV) Os processos de identificação e construção identitárias são forjados a partir de contradições sociais, em que expressar o que se é implica estar no mundo em lugares, posições e condições diferentes (SANTOS, 2009);

V) A identidade é um importante tema a ser discutido na sociedade contemporânea, uma vez que ele trata de maneira direta da ambivalência humana, tendo de um lado as demandas por uniformidade e igualdade, e, de outro, as demandas de liberdade e exclusividade (BURITY, 1999);

VI) A tendência de que indivíduos que estão em trabalhos de elevada “sujidade” e baixo prestígio experimentam menos sentido no trabalho do que aqueles inseridos em trabalhos de elevada “sujeira” e elevado prestígio (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016).

Tendo por base o exposto até aqui, explicita-se que a pergunta que norteia esta tese é: **como se relacionam significado e sentido do trabalho e identidade, considerando peculiaridades de trabalhos percebidos como “sujos” e de “prestígio”?**

## **1.1 Objetivos**

Diante da problemática apresentada, delineiam-se, então, os objetivos expostos a seguir para esta pesquisa.

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Analisar possíveis relações entre significados e sentidos do trabalho e identidades, percebidas entre praticantes de trabalhos “sujos” e de “prestígio”, considerando-se suas similaridades, ambiguidades e paradoxos.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- ✓ Descrever fatos marcantes das trajetórias de vidas de praticantes de trabalhos “sujos” e de “prestígio”;
- ✓ Descrever significados e sentidos atribuídos ao trabalho por praticantes de trabalhos “sujos” e de “prestígio”;
- ✓ Descrever aspectos da identidade de tais praticantes;
- ✓ Identificar pontos de tangência entre os significados e os sentidos do trabalho e as identidades profissionais de tais praticantes;
- ✓ Identificar similaridades, ambiguidades e paradoxos que permeiam tais fenômenos entre os grupos de praticantes observados.

## **1.2 Justificativas**

Nas últimas duas décadas, muito se tem discutido sobre a forma de se conceber o trabalho na sociedade contemporânea, em função das intensas mudanças no cenário socioeconômico vigente (OVEJERO, 2010). Há de se considerar que as mudanças nas concepções de trabalho e emprego trazem implicações de caráter tanto subjetivo quanto objetivo, haja vista que “a noção de trabalho envolve tanto as condições socioeconômicas nas quais essa atividade humana desenvolve-se como no significado, no sentido e nos valores socioculturais dessa experiência” (NEVES *et al.*, 2018, p. 321). Nesse cenário, o contexto e as condições de trabalho assumem destaque na pauta em questão por serem relativos às circunstâncias em que

ele é desenvolvido, ao passo que os significados que o trabalho assume remetem a distintos valores e concepções acerca do mesmo (COUTINHO, 2009).

Estudos recentes têm centrado suas discussões acerca da influência do contexto de trabalho na constituição do ser e na percepção que os indivíduos têm acerca deles mesmos (STANDING, 2013; BROWN, 2015; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016, KANG, 2016; LÖFSTRAND; LOFTUS; LOADER, 2016; MISCENKO; DAY, 2016; PEREIRA *et al.*, 2008; IRIGARAY *et al.*, 2019; KENT, 2019). Entre vários desses estudos, é possível identificar, de maneira transversal, uma noção econômica que impõe uma lógica mercantilista para todo o sistema social. Como reflexo deste cenário, percebe-se um contínuo processo de fragmentação das políticas que asseguravam a classe trabalhadora condições mínimas de trabalho e, conseqüentemente, dos vínculos sociais (OVEJERO, 2010), “gerando uma imensa sociedade dos excluídos e dos precarizados” (NEVES *et al.*, 2018, p. 321).

Na sociedade atual, o indivíduo que perde o emprego passa por um processo de dessocialização progressivo e tem os alicerces de sua identidade abalados, e aquele que permanece nele, evidencia um sentimento de medo em perder seu emprego e se tornar mais um dos “excluídos”. Assim, em ambos os casos, existe uma forma de sofrimento por parte do trabalhador, seja por não ter emprego e, por conseguinte, não ter condições básicas de manter sua vida e de sua família, seja por permanecer constantemente ansioso e preocupado em não perder seu emprego para não passar por adversidades (NEVES *et al.*, 2018, p. 321).

Nesse mesmo sentido, vale destacar que, segundo Gaulejac (2007), na sociedade contemporânea, a lógica financeira sobrepuja as relações de trabalho, sendo que ela por si só já é significativa, e, conseqüentemente, os elementos relativos a significados do trabalho dissolvem-se em primazia das necessidades gerencialistas e econômicas. Nesse contexto, o autor ressalta que a sociedade como um todo é colocada a serviço da economia, ocultando as crises de identidade e a perda progressiva de sentido do trabalho por parte do sujeito, levando-o ao sofrimento, contrassensos, ambivalências e incertezas (GAULEJAC, 2007). “Assim, o ato de trabalho se perde em um sistema complexo, abstrato e desterritorializado, que não permite mais ao trabalhador circunscrever concretamente os frutos de sua atividade” (NEVES *et al.*, 2018, p. 322).

Nesse cenário, nota-se um contínuo processo de precarização de grande parte dos trabalhos que, segundo Standing (2013), lança na instabilidade uma considerável parcela dos

trabalhadores com baixa qualificação, terceirizados, com vínculos temporários e informais de trabalho. O autor sublinha ainda o surgimento de uma nova classe denominada como “precarizados”, composta por trabalhadores que (sobre)vivem às margens do sistema social, como é o caso dos “trabalhadores sujos”. Nesse aspecto, “a dificuldade de estabelecer relações de identidade entre essas classes sujeitas ao trabalho precário acaba por impedir qualquer mobilização conjunta em prol de seus direitos” (NEVES *et al.*, 2018, p. 322).

No lado oposto, é possível destacar aqueles trabalhos considerados de “primeira linha”, isentos de mácula, “nobres” de direito, de grande representatividade e prestígio social, por exemplo os dos médicos, advogados e engenheiros (COELHO, 2009). Este grupo de trabalhadores, via de regra, possuem grande reconhecimento e valoração social, dada a construção sócio-histórica da profissão cuja imagem vem sendo desenhada, com o passar dos anos, como “profissões imperiais” (COELHO, 2009). Contudo, vários desses indivíduos comumente são expostos a sujidades em seus respectivos cotidianos de trabalho, entretanto seguem não marginalizados, subjulgados ou aviltados em função de seu prestígio social. Reporta-se, portanto, às colocações de Baran, Rogelberg e Clausen (2016), segundo os quais é muito diferente realizar um trabalho com níveis consideráveis de sujidade em profissões de prestígio se comparadas com aquelas marginalizadas, sendo que o primeiro grupo não tende a sentir os impactos do estigma do trabalho sujo de maneira tão acentuada quanto o segundo. É neste *gap* que a presente tese se estrutura, uma vez que ainda são raros os estudos que se debruçaram sobre a temática (BROWN, 2015; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), deixando na escuridão importantes discussões e possibilidades de avanços teóricos para os estudos organizacionais. Nesse sentido, tem-se uma das principais justificativas teórico-conceituais cabíveis para o estudo aqui proposto.

Uma segunda justificativa de cunho acadêmico pode ser delineada dado que pesquisas substanciais têm demonstrado a existência de importantes diferenças compartilhadas entre trabalhadores socializados em diferentes sistemas socioculturais (SRINIVAS, 2013; BROWN, 2015). Considerando tal premissa, Brown (2015) sublinha a necessidade de uma especial atenção direcionada para as morfologias potencialmente diversas que o trabalho de identidade pode levar em variadas culturas. Assim, pode-se inferir, por exemplo, que o trabalho identitário ocorre de maneira diferente em culturas que variam em graus como distância do poder, individualismo/coletivismo e feminilidade/masculinidade (BROWN,

2015). Contudo, ainda carece de esclarecimentos em pesquisas sobre identidade (BROWN, 2015), principalmente, em estudos realizados no contexto brasileiro.

O sentido no trabalho é alvo do estudo de Baran, Rogelberg e Clausen (2016), que apresentam indícios de que a utilização de álcool e outras drogas (lícitas e/ou ilícitas) em “trabalhadores sujos” pode estar relacionada ao distanciamento do indivíduo com o sentido que o trabalho assume em sua vida; assim, “trabalhadores sujos” podem fazer uso dessas drogas como um mecanismo de enfrentamento para lidar com o sofrimento empático e as ambiguidades com que lidam diariamente. Os autores corroboram ainda outros estudos que apontam indícios de que trabalhadores estigmatizados experimentem menos sentido do trabalho que os chamados “trabalhadores normais”. Tal percepção é possível em função do fato de tais indivíduos lidarem claramente com um alto nível de sujeira dentro de uma ocupação de elevado estigma e baixo prestígio. Outra possível explicação é que as características socioeconômicas desses trabalhadores podem coincidir com níveis mais elevados de uso de álcool (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016). Há de se ressaltar que os apontamentos de Baran, Rogelberg e Clausen (2016) ainda são inferências construídas a partir da discussão de seu estudo, visto que os autores salientam que estudos dessa natureza são raros, em especial na Administração. Dado que esta tese pretende debruçar-se sobre tal questão, tem-se então uma terceira justificativa acadêmica.

Outra justificativa para o desenvolvimento da pesquisa desta tese reside em explorar, com maior nível de aprofundamento, outra inferência desenvolvida a partir das colocações de Baran, Rogelberg e Clausen (2016), segundo os quais, a perda de sentido e fragmentações identitárias podem ser atribuíveis à nomeada “estrutura do trabalho sujo”. Sob essa perspectiva, o cotidiano de trabalho a que está exposto o trabalhador que executa um trabalho considerado “sujo” induz sofrimento, que, por sua vez, faz com que esses indivíduos se distanciem psicologicamente de seu trabalho em uma proporção muito maior do que o indivíduo que passa por vivências de sofrimento no trabalho nas ditas “profissões nobres”.

Há de ser ressaltado ainda que Weick (1995, p. 20) já argumentava que a criação de sentido se relaciona na construção identitária, que “o fazedor de sentido é ele próprio um quebra-cabeça em constante processo de redefinição contínua”. De lá para cá, alguns estudos se debruçaram sobre a relação exposta por Weick (1995), porém ainda há muito que se entender em

profundidade acerca da maneira por meio da qual os processos de construção identitária conectam-se à criação de sentido do trabalho, bem como compreender o papel da construção identitária nos processos de interpretação externa e criação de significado (BROWN, 2015). A elucidação de tal ponto é outra justificativa para a proposição desta tese, haja vista que, em circunstâncias e momentos diferentes, alguns indivíduos envolvem-se em um trabalho de identidade que leva à identificação positiva com a ocupação, ao passo que em outras pessoas manifesta-se uma identificação negativa ou neutra com a referida ocupação (BROWN, 2015).

Por fim, esta tese também se justifica em função da abordagem acerca das temáticas propostas. Miscenko e Day (2016) salientam a necessidade de estudos futuros sobre identidade e processos de identificação que passem de uma perspectiva estática para uma dinâmica do fenômeno (MISCENKO; DAY, 2016). Assim, pesquisas sobre identidades múltiplas (multifacetadas e/ou fragmentadas) seriam encorajadas e deveriam concentrar-se no aprofundamento da compreensão da interação entre diferentes identidades relacionadas ao trabalho (MISCENKO; DAY, 2016). Os autores ainda sugerem que a utilização de metodologias qualitativas pode constituir um primeiro passo nessa direção. Considerando tais apontamentos, a presente tese apresenta esta como sua última justificativa acadêmica.

### **1.3 Delineamento da Tese**

A presente pesquisa buscou refletir sobre as possíveis relações entre significado, sentido e identidade do trabalho, percebidas entre praticantes de trabalhos “sujos” e de “prestígio”, considerando-se suas similaridades, ambiguidades e paradoxos que permeiam certas profissões na sociedade brasileira. As discussões aqui traçadas expõem, *a priori*, a complexidade dos temas tratados, fazendo algumas provocações no que diz respeito aos processos de construção identitários, significações e atribuição de sentido ao trabalho considerando a atual posição que o trabalho ocupa na vida contemporânea, bem como seus reflexos negativos (mal-estar, sofrimento, mutilações físicas e simbólicas etc.) e positivos (autorrealização, socialização, estima etc.).

A abordagem analítica adotada por este estudo traz como uma de suas principais contribuições teóricas a necessidade de investigações que ultrapassem as pesquisas tradicionais de identidade, significado e sentido do trabalho, considerando o estigma, o nível

de sujidade e de prestígio de dada ocupação. Por meio de uma revisão integrada e em profundidade, pode-se perceber que a marginalização de determinadas ocupações possui em seu cerne aspectos muito mais complexos do que a natureza do trabalho *per se*. Se, por um lado, os trabalhadores que estão em um contexto profissional de baixo prestígio e elevado nível de sujidade (por exemplo, prostitutas, domésticas, agentes de limpeza urbana) enfrentam cotidianamente reflexos do estigma sob o qual seu trabalho repousa, muitas vezes incorrendo em mal-estar, sofrimento e diversos tipos de mutilações (físicas, sociais e simbólicas), por outro, aqueles indivíduos locados em profissões de alto prestígio e elevado nível de sujidade (por exemplo, algumas categorias de médicos e advogados) tendem a experimentar mais sentido no trabalho que realizam, menos mal-estar e sofrimento em função do estigma. Notavelmente, essa segunda categoria de trabalhadores experimenta mal-estar e sofrimento no contexto de trabalho, mas não em uma relação direta com o estigma da profissão, como a primeira categoria. Ou seja, compreender este fenômeno requer esforços maiores e mais aprofundados do que os até então apresentados na literatura de identidade, significados e sentidos do trabalho e “trabalho sujo”.

Assim, pesquisas que ultrapassem as fronteiras triviais de investigações forneceriam importantes contribuições, lançando luzes sobre categorias de trabalho muitas vezes invisibilizadas tanto pela sociedade quanto pela academia, especialmente no campo da Administração. Nesse sentido, a tese que se propõe defender pode ser enunciada da seguinte forma: **os processos envolvidos na atribuição de significados e sentidos ao trabalho e na construção identitária, inclusive profissional, interpenetram-se, tanto na percepção de indivíduos praticantes de trabalhos percebidos como “sujos” quanto na daqueles de “prestígio”, porém guardam disparidades em termos dos significados e sentidos em si e das consequências no nível de bem-estar dos sujeitos.**

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Considerando o propósito desta tese, neste capítulo são apresentadas as temáticas centrais abordadas. Nesse sentido, são desenvolvidos os seguintes tópicos: I) Sobre o trabalho e seus aspectos de sujidades; II) Sobre significados e sentidos do trabalho; III) Sobre identidades e trabalho, IV) Das sujidades às antisujidades, do estigma ao prestígio: apontamentos preliminares.

### **2.1 Sobre o trabalho e seus aspectos de sujidades**

O levantamento teórico realizado neste estudo busca, inicialmente, discutir as possíveis interseções entre significados, sentido e identidades em trabalhos na contemporaneidade. Nesse sentido, este estudo considerou a tese da centralidade do trabalho. Por diversas correntes de pensamento, o trabalho é considerado elemento central na vida humana, dada sua capacidade de prover a subsistência, a realização, bem como a de criação e manutenção da identidade pessoal e social (RODRIGUES; BARRICHELLO; MORIN, 2016).

Entretanto, importa salientar a existência de correntes do pensamento, tanto na filosofia quanto na sociologia, que afirmam o contrário, isto é, a perda da centralidade do trabalho na contemporaneidade ou até mesmo o seu desaparecimento (LIMA, 2003). De acordo com os adeptos a essa corrente de pensamento (OFFE, 1989; MÉDA, 1995a, 1995b; KURZ; LOHOFF; TRENKLE, 2002), as várias mudanças introduzidas nos contextos de trabalho nas últimas décadas associadas à crise estrutural do sistema capitalista podem ser vistas como indícios da perda da centralidade da atividade laboral (CARDOSO, 2013). Segundo essa vertente, o trabalho deixou de ser percebido como um fundador de identidades coletivas, perdendo sua dimensão subjetiva, enquanto categoria constituidora e constituinte das formas de pensar, sentir e agir (LIMA, 2007).

Contudo, alguns equívocos podem ser notados nas teses dos teóricos que defendem a perda da centralidade do trabalho (OFFE, 1989; MÉDA, 1995a, 1995b; KURZ; LOHOFF; TRENKLE, 2002), como a confusão teórica entre trabalho (inerente à existência humana) e emprego (construção histórica) (ORGANISTA, 2006), e discussões sustentadas basicamente pela

argumentação e pela persuasão, apresentando poucas evidências empíricas para tal (LIMA, 2007; CARDOSO, 2013).

Considerando o contexto das relações do trabalho na contemporaneidade, a tese da centralidade do trabalho oferece importantes contribuições para se compreender o mal-estar nas relações de trabalho contemporâneas (CLOT, 2006), em especial, quando se trata de ocupações permeadas pela adversidade, aviltamento e estigma. Por essa ótica, uma possibilidade é pensar que o mal-estar do trabalho é, em grande porção, fruto de uma centralidade do trabalho que, em determinados contextos, apresenta-se com algumas fissuras que originam o sofrimento psíquico e, em casos extremos, físicos do sujeito.

No final do século XVIII, a chamada “sociedade do trabalho” passa a ser assim reconhecida por estar no cerne da sociedade industrial, momento histórico por meio do qual o trabalho transforma-se em uma dimensão social e econômica central para se pensar a própria condição humana (ARENDETT, 2013). Essas modificações trouxeram em seu bojo o desenvolvimento das ciências sociais e humanas que, a partir de então, passaram a teorizar acerca da importância, do papel, do significado, do sentido, dos problemas e dos dilemas do trabalho na vida humana. Interessante salientar, em meio a essa gama de teorizações, aquelas que se relacionam a certo mal-estar do trabalho, notando-se concordância acerca dos efeitos alienantes, destrutivos, deletérios e perniciosos do trabalho nas sociedades industrial e pós-industrial (BENDASSOLLI, 2011). Apesar de o sofrimento no trabalho não ser uma exclusividade do surgimento e desenvolvimento do capitalismo, no período chamado de “moderno” é possível perceber a intensificação de ideias de que algo está errado com o trabalho (BILLIARD, 2001; BENDASSOLLI, 2011).

Mediante a desumanização real, porque bárbara, à qual o capitalismo desde o início submeteu o ser humano, ao humano enquanto tal são fechadas as portas da condição de sujeito de desejo e o real de sua desumanização ressurgem como sintoma social na condição de proletário, tal como Lacan parece entender este termo tomado historicamente, ou seja: para além da desapropriação econômica, aquele que é despossuído também dos recursos simbólicos sociais e culturais de tratamento do real traumático de sua própria condição. Uma exclusão do laço social, portanto. A redução do humano ao húmus (RAMOS, 2015, p. 4).

Frente a esse cenário, vários autores passam a centrar seus esforços para discutir o sofrimento relativo ao trabalho (DEJOURS, 1998; 2001; LHUILIER, 2009; EHRENBURG, 2010;

CLOT, 2010) e seus respectivos estigmas e funções deteriorantes (GOFFMAN, 1963; 1982; FIFE; WRIGHT, 2000; GIBBS *et al.*, 2011; KANG *et al.*, 2016; KUNST *et al.*, 2012). Como ponto em comum desses estudos, é possível destacar que o trabalho causa sofrimento aos sujeitos e que, além de aspectos psíquicos, desdobra-se em questões de bem-estar e/ou qualidade de vida, saúde pública, socialização e (in)justiça social (EHRENBERG, 2010; CLOT, 2010).

Nesse sentido, Lhuilier (2009) propõe uma tipologia para se analisar o mal-estar associado ao trabalho. A autora ressalta as patologias relacionadas ao trabalho que emergem em um contexto de desequilíbrio entre o crescente nível de pressão e exigências do mundo do trabalho em face oposta à redução do poder de agência do indivíduo face a elas, a saber:

- I. Atividade aprisionada e impedida: a “aprisionada” está relacionada às sobrecargas relacionadas ao trabalho, sejam elas físicas ou psíquicas, por exemplo transtornos musculoesqueléticos, estresse, *burnout*, entre outros. O grupo de patologias relacionadas à atividade “impedida” diz respeito a situações de “desdobramento” impostas pelo trabalho ou pela falta dele (CLOT, 2010). O aspecto mais preocupante deste grupo relaciona-se ao bloqueio da atividade e, por conseguinte, dos processos de personalização e subjetivação a ele associado (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011). Tais situações podem acarretar um processo grave e constante de desvalorização pessoal e enfraquecimento ou aniquilação do poder de agir do sujeito.
- II. Patologias da solidão e equivocidade no trabalho: de acordo com Lhuilier (2009), esse grupo se estrutura com base na tese da precariedade dos coletivos de trabalho que pode levar a falta de reconhecimento, competição exacerbada, empobrecimento das relações afetivas etc. Nesse grupo, a autora ainda salienta a possibilidade de negação do “real” do trabalho, ou seja, o afastamento do trabalho realizado e do que se gostaria de realizar.
- III. Patologias dos maus tratos e da violência: trata-se do conjunto de patologias oriundas da ausência de mediação das relações de trabalho, e, por conseguinte, as relações de poder tornam-se mais evidentes não sendo contidas por parâmetros institucionais; como reflexo desse cenário, as relações de trabalho resumem-se à “lei do mais forte”.

IV. Patologias da *performance*: este grupo de patologias relacionam-se à insuficiência do sujeito frente ao culto da *performance* (EHRENBERG,1995) e/ou da urgência (AUBERT; ROUX-DUFORT, 2004), lógica que domina a maioria das relações de trabalho na atualidade. Cabe destacar ainda que estas patologias podem estar intimamente ligadas ao sofrimento associado ao “sequestro da subjetividade” (FARIA; MENEGHETTI, 2007) como uma forma contemporânea de dominação (GAULEJAC, 2005), às contradições da hipermodernidade (AUBERT, 2010) e a ambivalências e paradoxos da vida em sociedade (BAUMAN, 2001).

Como já mencionado, questões que permeiam o mal-estar e o sofrimento nas relações de trabalho perpassam a sociedade como um todo. Entretanto, alguns nichos de trabalho merecem especial atenção dadas algumas especificidades das relações de trabalho e da lógica social dominante. Este é o caso, por exemplo, do “trabalho sujo”, ou seja, dos conjuntos de atividades que compõem ocupações e profissões nas quais se notam uma estigmatização e negação do trabalho do outro, além de um processo constante de aviltamento, marginalização e invisibilização do sujeito que nele desenvolve suas atividades produtivas. Trata-se, portanto, de uma espécie de um mal-estar relacionado aos padrões sociais de moralidade (RENAULT, 2008), visto que esse sujeito não é reconhecido como um sujeito moral. Sob um ponto de vista sociológico, ele faz parte de um movimento denominado por Castel (1999) como individualismo negativo, isto é: muitas pessoas, principalmente no contexto brasileiro, que se encontram privadas do acesso ao núcleo de proteção social, não têm alternativas a não ser adentrarem em contextos de “trabalhos sujos” e estigmatizados. Em termos gerais, trata-se, em primeira instância, da falta de opção para evitar a desfiliação social, e não de um movimento de livre escolha (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013).

Discussões que abarquem tal perspectiva fazem-se relevantes, dado que, segundo Dejours (2001), o trabalho é e continuará a ser uma categoria central na sociedade em face dos processos de construção de identidade, da realização pessoal, de significação e atribuição de sentido, bem como da saúde do trabalhador. Índícios de tais pressupostos podem ser notados em estudos cuja unidade de análise são ocupações que constituem algumas categorias do “trabalho sujo”, tanto no âmbito nacional (BORGES; MOURÃO, 2013; TEIXEIRA; SARAIVA; CARRIERI, 2015; PAIVA *et al.* 2017; MATOS *et al.* 2018; PEREIRA *et al.*

2018) quanto internacional (BOSMANS *et al.*, 2016; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016; LÖFSTRAND; LOFTUS; LOADER, 2016; PERRY, 2017; VALTORTA *et al.*, 2019).

O “trabalho sujo” é um termo cunhado por Hughes (1958) para se referir àquele tipo de trabalho que é percebido como repugnante ou degradante, sendo que a realização das tarefas que o compõe, por sua vez, leva à estigmatização desses indivíduos como sujos, portanto “trabalhadores sujos”, personificando o “trabalho sujo” que realizam. Sendo assim, o “trabalho sujo” é utilizado para descrever o trabalho que pode estar sujo de várias formas, na medida em que pode ser fisicamente repugnante, degradante ou contrário à mais heroica das concepções morais (ADAMS, 2012). Tal conceituação possibilita que a divisão do trabalho seja compreendida além de uma divisão técnica e social, mas também como psicológica e moral. Notavelmente, esse nicho de trabalho é uma necessidade social, essencial para o funcionamento “adequado” da sociedade, sendo que os indivíduos que o executam, os chamados “trabalhadores sujos”, atuam em nome da sociedade, com tarefas indesejadas e indesejáveis, embora necessárias (ASHFORTH; KREINER, 1999). Em outras palavras, o “trabalho sujo” é delegado a grupos que atuam como agentes da sociedade, mas que, em contrapartida, se tornam indivíduos estigmatizados, invisibilizados e marginalizados por ela (HUGHES, 1962; LHUILIER, 2012). Assim, “a mesma sociedade que cria a demanda e necessidade por trabalhos sujos priva aqueles que os realizam de um *status* social observado em outras ocupações ou esferas da vida social” (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013, p. 1156). Ademais, a atividade desempenhada pode ‘sujar’ e ‘manchar’ o indivíduo fisicamente, socialmente e moralmente. Ashforth e Kreiner (1999) desenvolveram dois critérios para cada tipologia de ‘mancha’ dos “trabalhadores sujos” (Quadro 1).

Quadro 1 - Tipologia de ‘mancha’ dos “trabalhadores sujos”

Tipologias de ‘mancha’ do “trabalho sujo”	Critérios para tipologias específicas
Mancha Física	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Trabalho diretamente ligado a lixo, efluente e morte (Ex: garis, funcionários de saneamento básico e coveiros)</li> <li>✓ Trabalho realizado em condições nocivas e/ou perigosas (Ex: funcionários de usinagem e mineração)</li> </ul>
Mancha Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O trabalho envolve contato com grupos estigmatizados (Ex: assistentes sociais, e carcereiros).</li> <li>✓ Ocupação em que o trabalhador parece servir os outros (Ex: empregadas domésticas e engraxates)</li> </ul>
Mancha Moral	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ A ocupação é considerada pecaminosa ou de virtude questionável (Ex: prostitutas, garotos de programa e dançarinas exóticas).</li> <li>✓ Trabalho que traz a ideia de que o indivíduo utiliza práticas enganosas ou confronta normas de civilidade (Ex: operadores de telemarketing e cobradores).</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Ashforth e Kreiner (1999).

Na tentativa de se compreender a complexidade que envolve essas relações de trabalho, há de se considerar, em primeira instância, o fato de que frequentemente o trabalho é mascarado pelo emprego, dada a prioridade que este possui na vida individual e coletiva do sujeito (LHUILIER, 2012). Nesse mesmo sentido, os benefícios associados ao emprego podem ser identificados em diferentes níveis, como a autoestima, a renda e a socialização. Em função deste cenário, a questão do emprego recebe toda a atenção, deixando em segundo plano as condições de trabalho e outros aspectos a elas relacionadas, por exemplo o significado e sentido do trabalho e a identidade e processos de identificação do indivíduo. Assim, Bendassolli e Falcão (2013) discutem o “trabalho sujo” a partir de uma tríade conceitual, que envolve a relação entre o “trabalho sujo” e a saúde, o desenvolvimento psicológico e a qualidade da entrega (trabalho bem feito).

No que tange à relação entre “trabalho sujo” e saúde do trabalhador, os autores salientam a importância de se discutir e estudar o fato de que, em algumas correntes de pensamento, o “trabalho sujo” é antecipadamente um fator de adoecimento, sofrimento físico e psíquico e de exclusão social (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013). Tal vertente pode ser identificada, por exemplo, nos estudos de Diuana *et al.* (2008) e Lhuilier (2009; 2012). A segunda vertente destacada por Bendassolli e Falcão (2013) refere-se ao “trabalho sujo” como uma fonte capaz de promover o desenvolvimento de quem o realiza. Sob essa perspectiva, é possível identificar um tipo de juízo de valor que elege, de maneira implícita, apenas as profissões chamadas de “primeira linha” como capazes de permitir o desenvolvimento do indivíduo. Contudo, o argumento principal dessa vertente de pensamento reside em não confundir o

*status* social com a função psicológica do “trabalho sujo” dos indivíduos que o realizam, mesmo que, de início, pela falta de opção (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013). Tal questão pode incorrer em ocultar o real do trabalho, ou seja, a atividade que é efetivamente realizada pelo indivíduo (LHUILIER, 2006), entendendo-se que “o real da atividade é também aquilo que não se faz, o que não podemos fazer, o que procuramos fazer sem conseguir – os fracassos –, o que gostaríamos ou poderíamos fazer, o que a gente pensa ou sonha poder fazer” (CLOT, 1999, p. 119), deixando transparecer apenas os objetivos postos ao trabalhador por instâncias externas a ele, o trabalho prescrito (OLIVEIRA; REZENDE; BRITO, 2006). Por fim, o terceiro componente relaciona-se diretamente com a ideia de qualidade (o trabalho bem feito), sendo essa discussão uma importante condição para a saúde no trabalho e para que o trabalho cumpra seu papel no processo de desenvolvimento psicológico (CLOT, 2008). A não discussão de tal aspecto pode produzir o sentimento de insignificância no sujeito, dada a ruptura entre as pré-ocupações dos indivíduos (seus desejos e aspirações) e as atividades que eles são obrigados a realizar (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013). Nesse sentido, as pessoas tornam-se impedidas de se reconhecerem na própria atividade que desempenham, tornando-se seres estranhos a si mesmo e gerando o denominado por Clot (2008) como “ativismo sem obra”, ou seja, uma atividade vazia.

Importante sublinhar a baixa produção científica acerca do “trabalho sujo” no Brasil (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013; MONTEIRO *et al.*, 2016), apesar de a temática estar sendo discutida no cenário internacional desde a década de 1950 (HUGHES, 1958). Pragmaticamente, Pereira *et al.* (2020) ressaltam uma inversão da lógica atrelada ao trabalho, quando a ocupação em questão se relaciona ao “trabalho sujo” no contexto brasileiro. Considerando o fato de que o trabalho na contemporaneidade é um dos principais meios de distinção entre o certo e o errado, o bem e o mal, o digno e o marginal, o fato de um indivíduo ser um “trabalhador sujo”, independentemente da finalidade de seu trabalho (que na maioria das vezes é sustento e manutenção própria e do núcleo familiar), estigmatiza e marginaliza-o socialmente, invertendo, por conseguinte, o ideal de que “o trabalho dignifica o homem” (PEREIRA *et al.*, 2020). Além disso, a relevância de tal discussão reside na tendência de estudos no campo da Administração priorizarem os sujeitos ocupantes de cargos gerenciais, deixando em segundo plano os indivíduos, muitas vezes, invisibilizados na organização e na sociedade, e que são fundamentais para a execução das tarefas (MONTEIRO *et al.*, 2016). “Estes são reconhecidos senão em tempo de greve, quando a poeira se acumula e os esgotos

transbordam, o trabalho não é visto senão quando não é realizado” (LHUILIER, 2012, p. 24).

## **2.2 Sobre significados e sentidos do trabalho**

Apesar de toda discussão que circunda a categoria trabalho, esta tem se mostrado, ao longo do pensamento social, uma categoria sólida no que se refere à análise de aspectos sociais (CARDOSO, 2013). O significado do trabalho na sociedade moderna é o de possibilitar a construção do futuro, a fim de substituir o caos pela ordem, na medida em que se torna um importante mecanismo de controle e organização social (BAUMAN, 2001). Nesse aspecto, cabe ressaltar que, sob a ótica de Clot (2006), o trabalho é uma atividade triplamente orientada: para o sujeito (próprios objetivos), para o real da atividade e para o outro (sociabilidade). “Assim, o significado atribuído ao trabalho, que transcende modelos individuais de referência, exerce influência no modo pelo qual o indivíduo interage socialmente, o que lhe confere a devida importância como objeto de estudo” (SILVEIRA; MEDEIROS, 2016, p. 1).

Importante frisar que o trabalho possui uma relação direta com o mal-estar, ainda mais na sociedade contemporânea, assim como destacado anteriormente, fazendo com que, por vezes, ele assuma um posicionamento negativo frente ao indivíduo. Em contrapartida, há de se sublinhar que ele é um importante contribuinte para o bem-estar e a busca do indivíduo por uma vida significativa. Quando as pessoas acham seu trabalho e suas vidas significativas, elas não apenas experimentam um bem-estar mais alto, como também exibem uma motivação e um desempenho aprimorados no local de trabalho (WARD; KING, 2017). As experiências das pessoas no trabalho podem afetar o significado e o bem-estar de várias maneiras, estendendo-se para além das fronteiras organizacionais, adentrando os limites pessoais e familiares do sujeito. Ward e King (2017) ressaltam que o trabalho promove a generatividade, facilitando, por conseguinte, sentimentos positivos relacionados à conquista, e fornece estrutura e coerência à vida da pessoa. O emprego, por sua vez, envolve recompensas econômicas tangíveis e incentivos que podem reforçar o significado da vida (WARD; KING, 2017). Nesse sentido,

o significado da vida, amplamente reconhecido como uma pedra angular do bem-estar e relacionado a uma série de importantes resultados positivos, é uma experiência comum. Essa experiência é facilitada por experiências cotidianas, muitas

vezes intimamente ligadas ao local de trabalho e à experiência do trabalho. Certamente, algumas pessoas veem seu trabalho como profundamente significativo, acreditando que ele serve como sua principal fonte de realização na vida. Outros tendem a ver o trabalho apenas como um meio de receber um salário, esperando muito pouco envolvimento social ou crescimento pessoal de seu trabalho. Independentemente de as pessoas esperarem que seu trabalho lhes dê significado, o trabalho envolve inevitavelmente uma variedade de situações que podem impedir ou promover o significado da vida (WARD; KING, 2017, p. 77\_Tradução nossa).

Nessa perspectiva, Kent (2018) ressalta que, por meio do trabalho, torna-se possível às pessoas restaurar o senso de ordem e pertencimento criando histórias de como os trabalhos delas contribuem para a vida em sociedade. Assim, o autor sublinha a necessidade de que os estudos organizacionais aprofundem na discussão acerca dos significados e sentidos do trabalho. À guisa de conceituação, o significado do trabalho refere-se à saída de ter sentido algo, ou o que significa; como em uma pessoa que interpreta o que seu trabalho significa, ou o papel que seu trabalho desempenha, no contexto social mais amplo de sua vida (KENT, 2018).

Enquanto campo de fenômeno de análise, a partir da década de 1980, nota-se um aumento considerável nas abordagens de estudo nas ciências sociais aplicadas acerca do sentido do trabalho (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014). Notavelmente, a produção intelectual sobre a temática abarca uma variada gama de vertentes e abordagens metodológicas e teóricas (RODRIGUES; BARRICHELLO; MORIN, 2016), tendo as razões para seu estudo na posição e no efeito que o trabalho assumiu na vida das pessoas na contemporaneidade. Assim, para se compreender o significado e o sentido do trabalho, considerar-se-á o caráter mediador deste, bem como sua função psicológica para o indivíduo (BORGES; ALVES-FILHO; TAMAYO, 2008; BENDASSOLLI; GONDIM, 2014).

Um dos estudos seminais acerca dos significados e sentidos do trabalho foi conduzido por Morse e Weiss (1955) cujo objetivo residia em analisar o impacto das mudanças oriundas do intenso processo de industrialização que a sociedade passava nos significados atribuídos ao trabalho, especialmente acerca de sua instrumentalização. No contexto brasileiro, a temática ainda é subexplorada (TOLFO; PICCININI, 2007; RODRIGUES; BARRICHELLO; MORIN, 2016), tendo uma preponderância de abordagens baseadas nos estudos do *Meaning of Working International Research Team* (MOW, 1987), de Antunes (1999) e de Morin (2001).

Os estudos conduzidos pelo MOW são considerados uns dos mais influentes para a temática. Inicialmente, eles foram desenvolvidos com o objetivo de identificar a variedade de significados atribuídos ao trabalho por indivíduos na sociedade industrial, bem como compreender a maneira por meio da qual esses significados são desenvolvidos considerando as características individuais de cada um (MOW, 1987). Assim, o MOW adota a concepção de significado do trabalho como um conjunto de crenças, valores e expectativas que, embora tenham natureza individual, são influenciados por níveis coletivos por meio de agentes de socialização, como instituições de ensino, família e organizações de trabalho (MOW, 1987). Ademais, os significados do trabalho funcionariam como uma estrutura de referência que, através das crenças sobre resultados esperados do trabalho, orientariam as ações individuais e os processos de identificação (RUIZ-QUINTANILLA, 1991). Importante ressaltar que o modelo desenvolvido pelo MOW é heurístico, sendo influenciado pela esfera pessoal, familiar, do trabalho e do ambiente socioeconômico, e abarca três dimensões principais, a saber: a centralidade do trabalho; as normas sociais sobre o trabalho; os resultados valorizados/esperados no trabalho (MOW, 1987; RUIZ-QUINTANILLA, 1991; NEVES *et al.*, 2018).

Nesse contexto, há de se ressaltar ainda a preponderância de estudos desenvolvidos considerando como base os pressupostos de Ricardo Antunes e Estelle Morin. Sob a perspectiva de Morin, só é possível que o trabalho adquira sentido caso haja a “intensificação do trabalho e ele for produtivo para o capital; para Antunes, o trabalho só tem sentido para além do capital. Por isso, é epistemologicamente incoerente dialogar com e entre os dois autores em um mesmo trabalho, pois um afirma o *status quo* e o outro o nega” (FERRAZ; FERNANDES, 2019, p. 165). Contudo, é importante ressaltar que, segundo as autoras, em diversos estudos no contexto brasileiro, as abordagens de Antunes e Morin são utilizadas como convergentes, sendo, na maioria dos casos, utilizadas como conceitos unívocos, o que se trata de um grande equívoco. Antunes discute a categoria trabalho à luz da sociologia, resgatando os significados e sentidos do trabalho sob perspectiva do trabalhador, ao passo que Morin, com forte influência da administração, discute a temática tomando a particularidade do trabalho assalariado sob a perspectiva do empresariado (FERRAZ; FERNANDES, 2019).

Acerca da perspectiva de Antunes sobre os sentidos do trabalho, inicialmente é importante considerar que o autor

considera a particularidade do trabalho no capitalismo, de modo que o salário não é um fator extrínseco, mas uma manifestação histórica assumida pelo trabalho, em decorrência de relações sociais em que a capacidade de trabalho é a mercadoria força de trabalho (FERRAZ; FERNANDES, 2019, p. 172).

Nesse sentido, Antunes (1999) ressalta que o trabalho é algo necessário às atividades do ser humano de maior complexidade na vida social, entretanto isso não implica uma condição à centralidade para a sociabilidade. O autor ressalta que, na lógica do capital, o que mais é valorizado é o valor de troca de dado produto, ou seja, a possibilidade de trocar o que foi produzido. Assim, dado que uma das bases da tese da centralidade do trabalho esteja relacionada à produção de algo que tenha valor para o sujeito, no sistema de produção capitalista, na maioria das vezes, o resultado do trabalho não é consumido por quem o produz (FERRAZ; FERNANDES, 2019). Considerando esse contexto, na perspectiva de Antunes (1999), o trabalho não é um fim, mas um meio, já que não se trabalha para o desenvolvimento das capacidades dos seres humanos, e sim em troca de um salário que possibilitará ao sujeito acessar aquilo que ele deseja e/ou precisa para sua sobrevivência enquanto trabalhador. Assim, um trabalho com sentido requer a superação da forma assalariada de trabalho, ou seja, o trabalho só tem sentido para além do capital. Sob essa perspectiva teórica,

não é possível falar em sentido do trabalho enquanto este estiver submetido à lógica do capital, afinal, tanto as atividades desenvolvidas sob a relação de trabalho assalariado quanto aquelas desenvolvidas no tempo livre são repletas de “sentidos estranhados” e, portanto, não produzem o desenvolvimento omnilateral da humanidade; são atividades desprovidas de sentido. Portanto, o trabalho só tem sentido para além do capital. Em outras palavras, o trabalho somente tem uma teleologia humanizadora quando superadas as condições de desumanização do trabalho assalariado, que tem suas raízes na propriedade privada dos meios de produção. [...] O sentido do trabalho é, para Antunes, apenas aquele trabalho que seja uma autoatividade que tem um fim em si mesmo. Para constituir-se assim – posto que, na sociedade capitalista, ele não o seja –, faz-se necessário negar o trabalho em sua forma assalariada, o trabalho que não tem sentido de autorrealização humana (FERRAZ; FERNANDES, 2019, p. 172–173).

Na outra margem, destaca-se a perspectiva de sentidos do trabalho atribuídos por Estelle Morin. Ferraz e Fernandes (2019) chamam a atenção para o fato de que Morin compreende o trabalho a partir de um grau muito elevado de abstratividade, auxiliando no movimento de naturalização da relação de trabalho assalariada. A autora considera que, naturalmente, os

sujeitos atribuem sentido a algo em que eles gastam energia de maneira coordenada para alcançar um certo resultado. Dessa forma, tudo que envolve as particularidades dessa relação presente na categoria trabalho assalariado no modo de produção capitalista torna-se, “para Morin, um fator extrínseco, que não necessita ser considerado no conjunto geral dos sentidos dos trabalhos” (FERRAZ; FERNANDES, 2019, p. 172).

Contrariamente a Antunes (1999), em Morin (2001) é possível perceber que o trabalho somente tem sentido se reproduzir de maneira fidedigna e sem resistências as relações capitalistas. Segundo Morin (2001, p. 9), “o princípio que guia a organização do trabalho é o de modificar os comportamentos de tal forma que, gradualmente, os trabalhadores sejam conduzidos a desenvolver atitudes positivas com relação às funções executadas, à empresa que os emprega e a eles próprios”. Ademais,

sentidos do trabalho, na perspectiva de Morin, indicam a capacidade humana de significar apenas aqueles sentidos atribuídos ao trabalho que permitam que a trabalhadora reconheça que há um propósito positivo no que faz e, assim, seja impulsionada a ser mais produtiva. Para a autora – e suas parceiras –, importa identificar os sentidos que permitam aumentar a produtividade do trabalho e a intensidade em que a atividade é desempenhada, e não o sentido que o trabalho possui para um grupo social. Morin está comprometida em produzir um conhecimento que auxilie aos gestores a realizarem alterações na organização do trabalho, pois ela supõe que os problemas de produtividade emergem de um baixo grau de correspondência entre as características da pessoa e as propriedades das atividades desempenhadas (FERRAZ; FERNANDES, 2019, p. 175).

Note-se que Morin (2001) define o sentido do trabalho como uma estrutura afetiva formada pela tríade significado (representações que o sujeito possui acerca de sua atividade, bem como o valor que a ela é atribuído por ele), orientação (sua inclinação para o trabalho, o que orienta suas ações) e coerência (equilíbrio esperado de sua relação com o trabalho). Assim, segundo a autora, analisar o sentido do trabalho requer uma atenção aos seus seis aspectos constituintes, sendo: I) gerar resultado positivo e ser realizado de maneira eficaz; II) ser intrinsecamente satisfatório; III) permitir a criação de relações humanas satisfatórias; IV) contribuir para o desenvolvimento social, o que implicaria ser moralmente aceitável; V) promover segurança e autonomia do sujeito; e VI) promover o sentimento de utilidade no trabalhador (MORIN, 2001).

Sob esse viés, compreender os significados e sentidos do trabalho poderia facilitar ou inibir o funcionamento eficaz de uma organização (ROZANSKI; ARDICHVILI; BYUN, 2020).

Assim, considerar que o trabalho assume um significado para além dos resultados instrumentais está diretamente relacionado à promoção de níveis mais elevados de comprometimento e lealdade organizacional, identificação com os objetivos e missão organizacionais, níveis reduzidos de estresse e tensões no trabalho, tomada de decisões éticas e maior eficácia pessoal (MALARSKI; CZAPLA, 2012; ROZANSKI; ARDICHVILI; BYUN, 2020).

Para além das perspectivas de Antunes e Morin e dos contrapontos entre eles, expostos por Ferraz e Fernandes (2019), a revisão bibliográfica acerca dos significados e sentidos do trabalho demonstra quatro grupos distintos para caracterizar o uso do termo: “o eu (valores, motivações e crenças pessoais), o outro (lideranças, trabalho em equipe ou família), o contexto (a missão da organização, a natureza das tarefas e a cultura organizacional no ambiente de trabalho) e a vida espiritual (encarar o trabalho como um caminho para uma vida espiritual elevada e plena)” (RODRIGUES; BARRICHELO; MORIN, 2016, p. 194). Notavelmente, é possível identificar ainda que a produção intelectual acerca dos sentidos do trabalho é construída sobre óticas paradigmáticas distintas, que varia desde a funcionalista, que possui uma base marcadamente gerencialista, até aqueles que focalizam uma desconstrução do conceito e uma emancipação, traçando um paralelo com abordagens oriundas da Teoria Crítica (RODRIGUES; BARRICHELO; MORIN, 2016).

No campo dos estudos do trabalho, há de se considerar ainda que vários autores tendem a discutir o sentido e o significado do trabalho como construtos semelhantes (SAWITZKI *et al.*, 2012; BISPO; DOURADO; AMORIM, 2013; LEMOS; CAVAZOTTE; SOUZA, 2015) e, algumas vezes, como sinônimos (TOLFO; PICCININI, 2007; NEVES *et al.*, 2018). De maneira geral, a literatura acerca das temáticas aponta que os significados são construídos “coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social concreto” (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 44). Ademais, os significados que os indivíduos atribuem às suas atividades são dependentes das relações sociais nas quais eles estão envolvidos, possuindo, por conseguinte, um caráter multifacetado e dinâmico. Sob essa perspectiva, os significados que o trabalho possui para os indivíduos relacionam-se com seu processo de institucionalização na esfera social, permitindo que eles influenciem as estruturas pessoais, organizacionais e sociais do sujeito (SILVEIRA; MEDEIROS, 2016).

Por outro lado, o sentido do trabalho refere-se à significância que o indivíduo atribui à determinada tarefa que realiza, bem como suas representações acerca das mesmas e a importância que elas assumem na sua vida (MORIN, 2004). Desse modo, os sentidos do trabalho “são caracterizados por serem uma produção pessoal em função da apreensão individual dos significados coletivos, nas experiências do cotidiano” (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 44). Sendo assim, é o sentido que destaca a “singularidade historicamente constituída pelo sujeito e se torna a melhor forma de aproximação com a subjetividade expressa por ele” (LIMA *et al.*, 2013, p. 46). Nessa mesma direção, Auzoult (2020) destaca que o sentido do trabalho estaria diretamente relacionado ao valor de suas metas e seus objetivos em relação aos padrões e ideais da pessoa que o realiza. Assim, o sentido baseia-se na correspondência dos objetivos de trabalho com os objetivos pessoais do indivíduo, em outros termos, “a justificação do significado e o grau de significado que está associado às atividades de trabalho, ou seja, nível de significado ou perda de significado (ou seja, significância)” (AUZOULT, 2020, p. 4 \_ tradução nossa).

Considerando a literatura internacional acerca da temática, Rosso, Dekas e Wrzesniewski (2010) fazem uma distinção entre os conceitos de *meaning of work* e trabalho significativo. Especificamente, ambos os termos são comumente utilizados de maneira alternada em diversos casos. É argumentado pelos autores que *meaning of work* refere-se aos tipos de significados atribuídos ao trabalho, ao passo que palavra a "significativo" se refere à ‘quantidade’ de significado atribuído ao trabalho (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010). Ademais, o termo *meaning of work* é usado com mais frequência para se referir à interpretação de um indivíduo acerca do significado do seu trabalho, ou o papel que seu trabalho desempenha em sua vida. Já o termo ‘trabalho significativo’ refere-se ao trabalho que é particularmente significativo e com um significado mais positivo para os sujeitos (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010).

De modo geral, à medida que “significados do trabalho são frutos das construções elaboradas coletivamente em um contexto histórico, econômico e social, os sentidos do trabalho referem-se à apreensão individual do que foi construído coletivamente nas experiências cotidianas” (FERRAZ; FERNANDES, 2019, p. 167). Considerando tais pressupostos, para fins deste estudo, significados e sentidos do trabalho não são categorias sinônimas, ainda mais se tendo em mente as origens epistemológicas dos mesmos (TOLFO *et al.*, 2005).

Kent (2018) ressalta ainda a necessidade de se considerar o processo de criação de sentido do trabalho e a importância da avaliação de terceiros acerca do trabalho desenvolvido pelo indivíduo. Notadamente, essas avaliações possuem impactos diretos e indiretos no sujeito, dado que elas implicam significados que determinados sujeitos fazem de seus trabalhos, seus “eus” e papéis em determinado contexto de trabalho (KENT, 2018). Nesse preâmbulo, o autor assevera que

os indivíduos prestam atenção às dicas sociais em desacordo com as premissas anteriores sobre o significado de seu trabalho, avaliam se essas sugestões afirmam ou não o seu valor e respondem com base nas necessidades de manter uma autoestima positiva. Isso significa gastar tempo com atividades e colegas que fornecem afirmação e evitar aqueles que não o fazem. A este respeito, a elaboração de sentidos é orientada por motivos: frequentamos e interpretamos as pistas do local de trabalho de acordo com as necessidades pessoais. Os indivíduos geralmente ignoram pequenas violações de suas expectativas. Mas rupturas que ameaçam crenças sobre identidade ou controle motivam os indivíduos a 'repensar o sentido que já fizeram, a questionar suas suposições subjacentes e a reexaminar o curso de suas ações' (KENT, 2018, p. 6\_ Tradução nossa).

Para pensar os significados e os sentidos que determinados seguimentos de trabalho assumem na contemporaneidade deve-se, *a priori*, considerar as mudanças que as instâncias de trabalho e emprego enfrentam no contexto socioeconômico (NEVES *et al.*, 2018). Substancialmente, o cenário atual proporcionou alterações acentuadas na forma de conceber o trabalho socialmente, implicando mudanças objetivas e subjetivas para o indivíduo (OVEJERO, 2010). Nesse aspecto, as condições nas quais o trabalho é desenvolvido vêm “à baila” dada sua relevância no processo de constituição dos sentidos e significados construídos e assumidos pelo sujeito (MERLO, 2002; COUTINHO, 2009).

Assim sendo, os significados e sentidos do trabalho podem variar, no que tange à valoração individual e coletiva, assumindo um viés positivo (por exemplo, "este é um trabalho de elevado *status*" ou "este trabalho ajuda outras pessoas") ou negativo (por exemplo, "este é um trabalho de baixo *status*" ou "este trabalho prejudica outros") (KENT, 2018). Importa salientar que significados positivos ou negativos não surgem de maneira inata das características do trabalho, e sim por meio de observações e do processo de interação social. Assim, uma parte considerável dos significados e sentidos atribuídos ao trabalho são construídos cotidianamente dentro das organizações e em um ambiente mais amplo (famílias, comunidades e instituições).

Como reflexo dessa perspectiva, os significados associados a um mesmo trabalho podem variar de acordo com as organizações e contextos sociais (KENT, 2018).

Assim, alguns estudos demonstram o sentido do trabalho fluido, ou seja, ora positivo ora negativo, que o trabalho assume em dada ocupação; por exemplo, Bosmans *et al.* (2016) sublinham que trabalhadores domésticos tendem a desenvolver um sentido positivo ou um negativo do trabalho com base nas estratégias de enfrentamento utilizadas na tentativa de minimizar o estigma associado ao trabalho sujo sob o qual sua ocupação repousa. Segundo os autores, é possível identificar quatro categorias principais de estratégias de enfrentamento. Inicialmente, esse seguimento de trabalhadores tende a confrontar e/ou contrariar ações que em sua percepção contribuiriam para aumento da “mancha”, recusando-se, por exemplo, a realizar tarefas “sujas”. Outras possibilidades observadas foram táticas de ressignificação, por meio das quais os trabalhadores domésticos infundiram o estigma com valores positivos ou neutralizados, ignorando ou anulando seus valores negativos. Em alguns casos, nota-se ainda a aceitabilidade do “trabalho sujo”: trata-se de um processo de aceitação temporária, no qual o indivíduo aceita exercer determinadas atividades até encontrar outro trabalho “mais limpo”. Há de se considerar que um processo temporário de aceitação pode ser prejudicial às instâncias subjetivas do indivíduo, uma vez que, com o passar do tempo, tal estratégia precisa ser aplicada por períodos cada vez mais longos, tornando-se um expediente de enfrentamento mal adaptável, implicando, por conseguinte, um processo de negativização do sentido do trabalho (BOSMANS *et al.*, 2016).

Baran, Rogelberg e Clausen (2016), ao analisarem profissionais que atuam em matadouros de animais, teceram algumas considerações que insuflam a ideia de que esses indivíduos estariam mais suscetíveis à perda de significado do trabalho. Segundo os autores, esses trabalhadores podem intencionalmente distanciar mais seu *self* de sua ocupação do que fazem trabalhadores de outras ocupações. Essa tática poderia ser vista uma estratégia de enfrentamento para lidar com os aspectos ameaçadores da identidade e do sentido de seu trabalho (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016). Assim, ocupações desse seguimento tendem a criar uma barreira psicológica entre trabalho e vida fora do trabalho como uma estratégia para não incorporar sua avaliação acerca do trabalho que desenvolve em sua representação de si, dado que, se um trabalhador do matadouro, que percebe seu trabalho como central para sua autoestima, apresentar desafios psicológicos potencialmente

problemáticos adicionais, por exemplo, isso pode forçar esses indivíduos a reconciliarem o que fazem com quem são fora do ambiente laboral. Nesse sentido, tal reconciliação é tida como algo difícil por exigir que eles se vejam como assassinos de animais em vez de pessoas que matam animais como um trabalho (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016).

A relação entre ocupações estigmatizadas, significados e sentidos do trabalho também é abordada em estudos brasileiros. Em um estudo cujo foco é a prostituição de baixo meretrício, Pereira *et al.* (2018) apontam indícios de um processo fragmentado de construção do sentido do trabalho em função do significado que ele assume socialmente. Nesse aspecto, os autores ressaltam que há de se considerar o contexto sociocultural brasileiro que é marcado pela adversidade, preconceito, discriminação e diversas outras formas de violência contra a mulher prostituta. Nessa perspectiva, os autores salientam que o “significado do trabalho construído coletivamente contribui para expor fissuras e contradições relacionadas à importância que tal trabalho assume para as entrevistadas, desde fonte de sobrevivência (...) até fonte de sofrimento, principalmente em função do seu peculiar estigma” (PEREIRA *et al.*, 2018, p. 174). Corroborando tais apontamentos, Irigaray *et al.* (2019) sublinham que os sentidos e significados do trabalho na sociedade brasileira está em meio a um processo de reconfiguração, em especial ante a forte tendência de precarização e fragmentação das relações de trabalho, dada a observância de uma realidade social marcada por instabilidades e profundas desigualdades econômicas, como apontaram Silveira e Medeiros (2006), fazendo com que a lógica oriunda do capital sobrepuje a força humana de trabalho, desafiando e induzindo o trabalhador a sobreviver em condições instáveis e fragmentadas.

Uma visão pragmática acerca dos significados e sentidos do trabalho destaca sua relação direta com uma série de questões importantes que permeiam as relações de trabalho, por exemplo o nível de significado e sentido estaria diretamente associado à saúde ocupacional (BAUMEISTER, 1991; HILL; TURIANO, 2014), à redução de sofrimento e estresse no trabalho (KNOOP, 1994; COSTA; MARQUES; FERREIRA, 2020), à maximização da performance (HACKMAN; OLDHAM, 1980; WRZESNIEWSKI; DUTTON, 2001; SILVA *et al.*, 2019; RÓŻAŃSKI; ARDICHVILI; BYUN, 2020) e do bem-estar pessoal e no trabalho (BAUMEISTER, 1991; TOMASI, 2019), redução da objetificação do sujeito (AUZOULT, 2020), formação da identidade social (KREINER; ASHFORTH; SLUSS, 2006), desenvolvimento de carreira (WRZESNIEWSKI; DUTTON, 2001), entre outros.

Notavelmente, nos últimos anos, enquanto temática de pesquisas, os significados e sentidos do trabalho têm se mostrado um campo profícuo para estudos além de se expandir para domínios fora do convencional. A título de exemplificação, por meio de um estudo experimental, Chadi *et al.* (2017) estabelecem uma relação causa-consequência entre o sentido do trabalho e a motivação dos funcionários. Significados e sentidos do trabalho e sua relação com o “eu significativo” (identidade pessoal) e liderança foi o alvo abordado por Busse *et al.* (2018). Beukes e Botha (2013) estudaram a relação entre comprometimento organizacional, engajamento e significado e sentidos do trabalho. Ward e King (2017) sublinham as contribuições do trabalho como fonte de significado geral da vida das pessoas e identificaram uma série de experiências de trabalho específicas que realçam o significado da vida. Rosso, Dekas e Wrzesniewski (2010), por meio de uma abrangente revisão literária, demonstraram como os significados e sentidos do trabalho: moldavam a autoimagem dos indivíduos e a percepção de seus colegas de trabalho; afetavam (e são afetados por) liderança e trabalho em equipe; e estão relacionados com autenticidade, autoestima, espiritualidade e construção de sentido cultural e interpessoal.

Alguns estudos ainda vêm se debruçando em aspectos relativos ao contexto de trabalho, por ser uma questão de grande relevância para se compreender o sentido e o significado do trabalho, bem como os processos de construção identitária. Evidentemente, o contexto de trabalho é um aspecto primordial para se refletir nas relações de trabalho, principalmente quando focalizam ocupações marcadas tanto pelo estigma quanto pelo prestígio social (PEREIRA *et al.*, 2018). Nesse sentido, Irigaray *et al.* (2019) apresentam evidências de que o sentido do trabalho tem se reconfigurado em função dos novos vínculos empregatícios e os contextos de trabalho das pessoas. Ademais, alguns estudos evidenciam o fato de que sujeitos que estão inseridos em contextos de elevada sujidade e baixo prestígio social tendem a experimentar menos significado do trabalho que outros grupos de trabalhadores, o que, por conseguinte, influencia na atribuição de sentido ao trabalho e à própria vida, respectivamente (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), bem como nos processos identitários (PEREIRA *et al.*, 2018). Alguns indícios ainda são percebidos pelo fato de que esses trabalhadores tendem a recorrer frequentemente a diferentes estratégias de enfrentamento, por exemplo a criação de identidades “alegóricas” (PEREIRA *et al.*, 2018), elevado uso de álcool (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), drogas (PAIVA *et al.*, 2020) e, em alguns

casos, negar-se a realizar tarefas relacionadas ao seu trabalho em sua vida pessoal (TEIXEIRA; SARAIVA; CARRIERI, 2015). Assim, a perda ou fragilização de sentido do trabalho bem como as fragmentações identitárias podem ser vistas, em grande parte, como um reflexo da natureza do trabalho (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016).

Complementarmente ao contexto de trabalho, outro aspecto importante a ser considerado refere-se a analisar as nuances relativas aos motivos, aos meios e às possíveis implicações da construção de significados e sentidos do trabalho (sob uma perspectiva dinâmico-processual) para as pessoas em suas relações de trabalho. Miscenko e Day (2016) salientam que os processos de trabalho atuam de maneira subjacente ao contexto de trabalho, assim torna-se importante que investigações dessa natureza considerem a sobreposição da influência contextual na (re)construção de identidades, significados e sentidos do trabalho.

### **2.3 Sobre identidades e trabalho**

Recentemente, a identidade tem se tornado um tópico de grande interesse nos estudos gerenciais e organizacionais. Estudiosos de inúmeras disciplinas, incluindo psicologia organizacional e comportamento organizacional, mostraram-se intrigados com o processo de construção da identidade e a consideram um fator importante para explicar muitos comportamentos relacionados ao trabalho (MISCENKO; DAY, 2016). Há mais de um século, pesquisadores da sociologia e psicologia têm considerado vários aspectos do autoconceito do indivíduo, mas os pesquisadores organizacionais voltaram sua atenção para a temática há relativamente pouco tempo (BROWN, 2015; MISCENKO; DAY, 2016).

Assim, a identidade enquanto temática de estudos é apontada como um conceito complexo e de grande relevância para diversas áreas como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia e as Ciências Sociais (DUBAR, 2005). De fato, há mais de uma década, Sveningsson e Alvesson (2003, p. 1163) descreveram a identidade como um dos "tópicos mais populares nos estudos da organização contemporânea" e ainda na atualidade pode ser assim reafirmado (BROWN, 2015). Um fato importante acerca da identidade reside no fato de que ela não é apenas "crucial", mas também "problemática", sendo necessário um constante processo de análise para se compreender sua dinâmica e relação com o contexto sociocultural vigente (ALVESSON; WILLMOTT, 2002).

A literatura acerca da temática ainda é incipiente e de rica diversidade de descobertas, abordagens e teorizações, mas também marcada por fragmentações (BROWN, 2015). A amplitude de definições e empregos da identidade é também observada em investigações dos Estudos Organizacionais, nas quais ela é tida como uma base de construção das transdisciplinaridades entre a teoria das organizações e as demais áreas do conhecimento (MARRA; FONSECA; MARQUES, 2014). Apesar das diversas perspectivas interpretativas da identidade, nota-se uma convergência da literatura como sendo as representações que os sujeitos possuem de si mesmos, sendo elas frutos de um processo contínuo de socialização (AVELAR; PAIVA, 2010; MARRA; FONSECA; MARQUES, 2014; BROWN, 2015), à medida que procuram responder a perguntas como: como devo me relacionar com os outros?; O que devo me esforçar para me tornar?; e como tomarei as decisões básicas necessárias para guiar minha vida? (BROWN, 2015). Nesse mesmo sentido, Brubaker e Cooper (2018, p. 273) salientam que o termo identidade

é tanto uma categoria de prática quanto uma categoria de análise. Como uma categoria de prática, é usada por atores “leigos” em algumas (não todas!) configurações cotidianas de forma que tenha sentido para si mesmos, suas atividades ou as pessoas com quem eles dividem algo e de quem se diferem. É também usada por empreendedores políticos para persuadir pessoas a compreender a si mesmas, seus interesses e seus dilemas de determinado modo, para convencer certas pessoas de que elas são (para certos propósitos) “idênticas” umas em relação às outras e ao mesmo tempo diferentes de outras, e para organizar e justificar ações coletivas ao longo de certas linhas. Neste sentido, o termo “identidade” está implicado tanto na vida cotidiana quanto nas “políticas de identidade” nas suas várias formas.

Marcadamente, os estudiosos acerca da temática deleitaram-se em explorar um conceito de identidade que não aprisiona e/ou desapega pessoas de seus universos social e simbólico (DAVIS, 1991). Na literatura acerca da temática, comumente os termos “*self*” e “eu” são empregados como sinônimos de identidade (PEREIRA *et al.*, 2018), sendo todos eles utilizados para designar um olhar reflexivo que o sujeito tem de si mesmo.

O termo “identidade” também é utilizado para destacar modos não instrumentais de ação (BRUBAKER; COOPER, 2018). De acordo com os autores, o termo “identidade” tem sido empregado na literatura de diversas formas, não simplesmente heterogêneas, mas, em alguns casos, nitidamente opostas. Enquanto algumas abordagens realçam igualdades fundamentais (entre pessoas e ao longo do tempo), outras rejeitam a noção de igualdade permanente e/ou

fundamental; assim, o termo “identidade, então, carrega um fardo multivalente e até teoricamente contraditório” (BRUBAKER; COOPER, 2018, p. 279).

Dubar (2005) ressalta que o termo identidade estaria relacionado a uma tentativa de explicação do conceito de si, sendo este fruto de uma construção psicológica. Ademais, o autor ressalta que a identidade passa por um processo de construção que se estrutura, ou tenta estruturar, pela intermediação constante das identidades visadas *versus* as assumidas. Assim, a distância que se percebe entre tais tipos de identidades é o espaço de conformação do eu, ou seja, é ali que a identidade é construída. É nesse *locus* que as interações sociais serão processadas e terceiros influenciarão na construção da identidade do sujeito (DUBAR, 2005).

Nesse sentido, segundo Machado (2003, p. 53),

a dinâmica da identidade é alimentada pela busca constante de unidade subjetiva por parte dos indivíduos, pois eles adotam frequentemente padrões comportamentais direcionados para preencher as expectativas do outro sobre sua própria conduta, contrariando muitas vezes sua autodeterminação. Entretanto, se essa dissonância ocorrer com muita intensidade, pode resultar em fragilidade e em ruptura da unidade subjetiva. Construir a própria identidade é, portanto, permanente desafio no sentido de encontrar o equilíbrio entre aquilo que se é e o que os outros esperam que nós sejamos. O outro é o espelho social que permite ao indivíduo reconhecer-se, avaliar-se e aprovar-se. Sob essa perspectiva, o eu não existe, a não ser em interação com os outros.

Não desconsiderando a individualidade de cada sujeito, a construção do autoconceito é indissociável do outro, assim experiências relativas à socialização podem ser vistas como o principal ingrediente para a construção da identidade (MACHADO, 2003). Ademais, um aspecto importante para se compreender com maior amplitude o fenômeno da identidade, bem como suas interseções, relaciona-se à história de vida do sujeito. Inicialmente, tal temática se faz importante devido à relação dialética que se estabelece entre identidades, relações de trabalho e contexto sociohistórico do indivíduo. Nesse sentido, Brown (2015) salienta que as identidades podem, de certa forma, ser "inventadas" em termos de serem "criadas" e podem ser atribuídas qualidades estéticas, mas geralmente não são vistas como (inteiramente) obras de ficção. Por outro lado, as memórias podem ser distorcidas, os “fatos” reinterpretados ou esquecidos, as lacunas de significado podem ser preenchidas pela fantasia, levando o indivíduo a se iludir e entender mal seus próprios motivos (PEREIRA *et al.*, 2018).

Desse modo, a identidade é resultante de um processo de múltiplas identificações, já que, ao vivenciar suas experiências, “o indivíduo busca a noção de si, da presença subjetiva, na tentativa de definir as fronteiras de si, de preservá-las e de reencontrá-las” (MACHADO, 2003, p. 54). Assim, os processos de construção identitários são fortemente ancorados em aspectos como o momento histórico, a cultura, a forma de existir (em alguns casos, resistir) no mundo (BITENCOURT *et al.*, 2011). Sob essa perspectiva, alguns estudos apresentam indícios de que as questões de identidades normalmente se embasam na relação entre o "fato" histórico e a biografia pessoal (BITENCOURT *et al.*, 2011; LIMA *et al.*, 2013; BROWN, 2015; PEREIRA *et al.*, 2018).

Em uma perspectiva adjacente, é importante considerar ainda a identidade social do sujeito, tida como a resultante de um processo de interação de mecanismos psicológicos e fatores sociais que constrói a representação do indivíduo ao se vincular a determinado grupo (MACHADO, 2003). A identidade social é um processo dinâmico, uma vez que se constrói por semelhança e oposição, é constituída a partir da representação que o sujeito faz dele em seu ambiente social, considerando tanto seus grupos associativos (grupos de sua pertença) quanto dissociativos (grupos de não pertença), porque “a definição do outro e de si mesmo é largamente relacional e comparativa” (MACHADO, 2003, p. 55). Em síntese, a identidade social pode ser considerada

um processo de justaposição na consciência individual, uma totalidade dinâmica, em que os diferentes elementos interagem na complementaridade ou no conflito, pois o indivíduo tende a defender sua existência e sua visibilidade social, sua integração à comunidade, ao mesmo tempo que ele se valoriza e busca sua própria coerência (MACHADO, 1998, p. 55).

As diversas perspectivas teóricas disponíveis acerca do estudo de identidade corroboraram para que o campo de estudo que relaciona identidade e trabalho tenha se desenvolvido de maneira fragmentada (MISCENKO; DAY, 2016), e parece assim se manter em curso. O atual cenário deste campo é marcado por um corpo literário cada vez mais vasto, contudo, heterogêneo e fragmentado. Nesse contexto, autores que se centram em uma conceituação específica de identidade raramente consideram em seus estudos perspectivas de lentes teóricas distintas (MISCENKO; DAY, 2016), o que pode ser considerado um equívoco devido ao fato de o avanço no campo exigir conversas informadas entre fronteiras de campo e paradigmáticas (BROWN, 2015).

Nesse sentido, analisar o que os acadêmicos definem como “identidade” é uma tarefa complexa e árdua, posto que o sentido em que o termo é empregado depende, em especial, da tradição teórica e do contexto do uso em que a questão deriva. Apesar da rica ambiguidade que permeia o termo, Brubaker e Cooper (2018) ressaltam a possibilidade de identificar cinco termos-chave nas correntes teóricas que se deleitam sobre o assunto, a saber:

- I. Compreendida como aspecto fundante de ação política e social, a identidade vem à tona em contraposição à ideia de interesse, como forma de conceitualizar modos não instrumentais de ação política e social. Essa corrente interpretativa da identidade, além de ser a mais generalista de todas, envolve três contrastes basilares na tentativa de explicar e conceitualizar a ação: o primeiro, entre autointeresse e autocompreensão; o segundo, entre a universalidade e a particularidade; e o terceiro, entre duas formas de construir locação social<sup>1</sup>:
- II. Algumas correntes de pensamento utilizam o termo identidade para referir-se a um fenômeno basicamente coletivo; assim, a identidade denotaria certa uniformidade entre membros de um dado grupo social. Deste modo, ela pode ser entendida como uma unidade percebida, sentida ou experienciada (percepção subjetiva), ou basicamente como uniformidade (percepção objetiva);
- III. Analisada como aspecto central da individualidade, seja ela particular ou coletiva, a identidade é evocada para descrever uma condição fundamental do ser social, isto é, ela relaciona-se diretamente a algo fundacional, básico, permanente e/ou profundo. Ademais, essa vertente do pensamento acerca da identidade a distingue de aspectos “superficiais” do ser social, sendo valorada como algo a ser reconhecido, preservado e cultivado;

---

<sup>1</sup> “Locação social” pode assumir significados levemente diferentes. Para uma teorização identitária, isso significa a posição em um espaço multidimensional definido por atributos categoriais particularistas (raça, etnicidade, gênero, orientação sexual). Para uma teorização social, isso significa a posição em uma estrutura social universalmente concebida (por exemplo, a posição no mercado, a estrutura ocupacional ou o modo de produção) (BRUBAKER; COOPER, 2018, p. 277).

- IV. Entendida como um produto oriundo da ação política e/ou social, “a identidade é invocada para iluminar o desenvolvimento processual e interativo de um tipo de autocompreensão, solidariedade ou ‘grupalidade’ coletiva que pode tornar a ação coletiva possível” (BRUBAKER; COOPER, 2018, p. 278);
- V. A última vertente é facilmente percebida na literatura sob influência teórica de Foucault no pós-modernismo e pós-estruturalismo, na qual a identidade é tida como um produto evanescente de discursos múltiplos e, assim, ela seria a representação da natureza múltipla, fragmentada, flutuante e instável do indivíduo contemporâneo.

Acerca do estado da arte dos estudos de identidade, Miscenko e Day (2016) salientam que este está, na melhor das hipóteses, desorganizado. Assim, por meio de uma revisão de literatura, os autores estruturam sua visão acerca da temática em duas dimensões principais: (1) nível de inclusão de identidade e (2) abordagens estáticas *versus* dinâmicas de identidade. Nesse sentido, os autores sublinham alguns pontos importantes de serem destacados a seguir:

1. Os tópicos de identidade e identificação no trabalho atraíram uma atenção crescente dos estudiosos da psicologia organizacional e do comportamento organizacional nas últimas décadas (uma taxa de crescimento de mais de 600% em publicações nos últimos 20 anos). Como resultado, esse corpo de literatura é cada vez mais vasto, heterogêneo e fragmentado. 2. A literatura sobre identidade e identificação do trabalho pode ser classificada em duas dimensões: nível de inclusão de identidade (ou seja, individual, interpessoal e coletiva) e visão estática *versus* dinâmica sobre mudanças de identidade. 3. Os artigos sobre identidade de trabalho em nível individual baseiam-se em uma variedade de perspectivas teóricas (por exemplo, teoria da identidade, trabalho de identidade, identidade narrativa, análise de discurso), resultando em um fluxo de literatura desorganizada, mas também fortemente inclinada para metodologias qualitativas. 4. A literatura sobre múltiplas identidades no trabalho, que considera uma interação de diferentes identidades relacionadas ao trabalho ou identidades de trabalho e não trabalho, representa a maior categoria de revisão. Estudos sugerem que diferentes focos de identificação no trabalho têm um poder preditivo único e sinérgico dos resultados do trabalho. O foco na identidade também ajudou os pesquisadores a investigar os efeitos da diversidade no local de trabalho (MISCENKO; DAY, 2016, p. 221\_Tradução nossa).

Embora as noções de identificação e identidade não sejam recentes e tenham sido populares em importantes textos das ciências sociais desde a década de 1950 (BROWN, 2015), nas últimas três décadas, é possível notar uma transposição de tudo que este termo representa para o centro dos debates intelectuais; dessa forma, a identidade passou a ser uma “pedra angular” (CERULO, 1997) nas teorizações sociológica e psicológica contemporâneas (ELLIOT, 2001).

Uma vertente do pensamento sociológico sugere que o crescente interesse pela identidade é sintomático das intensas mudanças sociais que dissolveram estruturas tradicionais de sociedade, intensificando, por conseguinte, as chamadas ansiedades existenciais, impondo pressões crescentes sobre os indivíduos para que se construíssem 'liquidamente modernos' (BAUMAN, 2005). À luz dessa corrente de pensamento, a identidade é, pela própria natureza, intangível e ambivalente (DAVIS, 1991; BAUMAN, 2005). Interessante sublinhar aqui a ideia de “Modernidade Líquida”, proposta por Bauman (2001), como uma realidade atual na qual tudo é ilusório e fluido, em que a “vida em sociedade” é fonte geradora de insegurança, dor e angústia, assim, tal realidade exige cautela para sua interpretação. Em meio a este complexo cenário, a identidade deve ser assim também considerada, sendo inapropriada a utilização de modelos analíticos preestabelecidos para sua compreensão (BAUMAN, 2005). “Numa sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de ‘solidificar’ o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída” (VECCHI, 2005, p. 12).

À luz de correntes teóricas advindas do Interacionismo Simbólico e das teorias sociológicas relacionadas, “a identidade é formada da interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem núcleo ou essência interior que é o ‘eu’ real, mas este é formado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores” (HALL, 2006, p. 11). Em complemento, Ennes (2013) ressalta que o interacionismo simbólico permite pensar processos identitários como relações de poder de hierarquização e classificação social a partir de uma perspectiva por meio da qual o sujeito e o grupo social orientam suas ações de formas diferentes baseando-se em interações específicas em que estão inseridos. Nesse aspecto, ao refletirem sobre a realidade social com base nas relações sociais, os interacionistas centram suas análises ora na “situação” ora no “contexto” para fazer referência à materialização das interações no tempo e no espaço (ENNES, 2013). Tais considerações ensejam pensar nas relações humanas dentro do contexto de trabalho como uma lente para o desenvolvimento da compreensão de como a personalidade, as identidades, os significados, os sentidos e os construtos relacionados se desenvolvem por meio da interação. Entretanto, quando considerado que tais interações ocorrem em um contexto de grande adversidade, violência e estigmatização, uma dinâmica

diferente, provavelmente, vem à tona, sendo esse um ponto profícuo para a condução de estudos futuros, inclusive o desenvolvido e apresentado nesta tese.

Ao se pensar a relação do contexto de trabalho e a identidade, cabe considerar ainda a importância de uma dimensão temporal na construção da identidade (WILLIAMS, 2012); entretanto, ainda é rara qualquer teorização explícita acerca da relação entre tempo e identidade (PRATT, 2012, BROWN, 2015). Nesse sentido, Alvesson (2010) argumenta que a noção de que as identidades fornecem um senso de coerência temporal aos sujeitos; mas, mesmo assim, continua a ser uma questão pouco explorada pelos estudiosos. Corroborando essa perspectiva, Paiva *et al.* (2020) ressaltam que as questões temporais, por vezes, ampliam ao passo que aprofundam as ambiguidades que permeiam o trabalho de sujeitos que carregam sobre si os estigmas, nos quais as consequências se estendem para além do tempo dedicado ao trabalho, desnudando outras facetas referentes ao sofrimento no trabalho que têm sido desconsideradas nos estudos organizacionais. Algumas classes de “trabalhadores sujos”, como é o caso de prostitutas do baixo meretrício (PAIVA *et al.*, 2020), sob a lógica do capital na qual “tempo é dinheiro”, um ritmo frenético de trabalho é imprimido (LAINEZ, 2019), induzindo tais trabalhadoras a negar a vida pessoal no tempo presente e guardá-la para um futuro menos “manchado”, o que pode implicar deslocamentos psíquicos danosos aos indivíduos (BLITHE; WOLFE, 2017) em função de questões de percepções temporais distintas (GÜELL; YOPO, 2016; CARVALHO, 2018; PAIVA *et al.*, 2020). Sob essa perspectiva, é importante considerar como seus significados mudam ou, talvez, se perdem; e como diferentes identidades de trabalho e não trabalho interagem no processo de seu desenvolvimento e mudança (MISCENKO; DAY, 2016).

Em complemento à pesquisa acerca da temporalidade, importante destacar que, segundo Sennett (1998), as relações de trabalho contemporâneas exigem que os trabalhadores sejam cada vez mais flexíveis, temporalmente e espacialmente móveis. Nesse aspecto, há de se considerar uma “relação dialética entre as categorias espaço e identidade, partindo do princípio de que o espaço opera como meio de produção de identificação dos indivíduos com o seu mundo social” (PIMENTEL; CARRIERI, 2011, p. 3), bem como a observância de que a espacialidade permeia todas as relações sociais e com isso fornece bases para compreender o processo de (re)construção e (re)significação dos significados subjetivamente compartilhados

sobre si mesmo, sobre o outro, bem como sobre a própria dimensão da realidade (BERGER; LUCKMANN, 2002).

Atualmente, é possível afirmar que os fluxos dominantes da teorização acerca da identidade residem na cognição social (HOGG; TERRY, 2000; HASLAM, 2004), no trabalho psicanalítico de Freud (GABRIEL, 2000; 2012; PETRIGLIERI; STEIN, 2012) e Lacan (HARDING, 2007; DRIVER, 2009), em vertentes do poder e pós-estruturalismo (HALL, 1996; ALVESSON; WILLMOTT, 2002) e no interacionismo simbólico (BLUMER, 1969; GOFFMAN, 1990). Nesse mesmo sentido, Brown (2015) salienta que, embora esses fluxos sejam caracterizados por suposições epistemológicas e ontológicas distintas, e, por vezes, abordagens metodológicas diversas, eles não são hermeticamente fechados; pelo contrário, existem alguns interesses compartilhados e intercâmbios transfronteiriços de ideias. Importante ressaltar que o trabalho de identidade tende a ser mais necessário e intenso, ao que parece, em situações nas quais prevalece um clima de tensão, surpresas e adversidades, dado que eles têm como reflexo imediato sentimentos como a contradição, a confusão e a insegurança, que por sua vez tendem a levar o indivíduo a um autoexame (BROWN, 2015), ou seja, levar o sujeito a uma ameaça ou mesmo (re)configuração de identidade (PETRIGLIERI; STEIN, 2012).

Especificamente, os estudiosos do campo da identidade de diferentes vertentes lidam frequentemente com questões teóricas e aplicadas como até que ponto as identidades são estáveis ou dinâmicas, atribuídas ou escolhidas, fragmentadas ou coerentes e motivadas pelos desejos de significado e autenticidade positivos, ou não (BROWN, 2015). Acerca dessas teorizações, algumas tendem a ser mais significativas, com maior representatividade acadêmica. Nelas, alguns dos dilemas mais significativos são disputas centradas entre até que ponto as identidades são: I) unificadas e coerentes ou fragmentadas e possivelmente contraditórias; II) enquadradas (ou não) por um desejo de autenticidade; III) escolhidas ou atribuídas a indivíduos; IV) geralmente estáveis, evolutivamente adaptáveis ou fluidas; e V) motivadas (ou não) por uma necessidade de significado positivo (BROWN, 2015). Entretanto, é importante salientar que a maioria dos estudiosos do tema reconhece que “as identidades” são efeitos do trabalho de identidade que ocorre nos interstícios entre poder/dominação e resistência (MUMBY, 1997; TRETHERWEY, 1999).

Assim, as identidades surgem a partir de uma dialética contínua entre “estrutura” e “agência”, geralmente teorizadas como “criadas” por meio dos trabalhos de identidade que, por vezes, são pragmáticos e calculativos, embebidos de aspectos emocionais e sociais (AVELAR; PAIVA, 2010; BROWN, 2015; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016). Embora muitos estudiosos relutem em teorizar as identidades como algo que permanece em um fluxo constante, nota-se um reconhecimento crescente de que identidades raramente são constituídas (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), sendo muitas vezes instáveis (COLLINSON, 2003), múltiplas (PEREIRA *et al.*, 2018), fragmentadas (PEREIRA *et al.* 2020) e, às vezes, líquidas (BAUMAN 2000).

#### **2.4 Das sujidades às antissujidades, do estigma ao prestígio: apontamentos e implicações para o estudo da(s) identidade(s)**

Considerando as discussões traçadas neste estudo acerca da identidade, entende-se aqui que os trabalhadores dependem das visões de terceiros para constituir ou, melhor, configurar sua identidade, em especial, a de natureza ocupacional. Assim, sujidades e estigmas associados ao trabalho tendem a afetar de maneira negativa o senso de *self* dos indivíduos (PEREIRA *et al.*, 2018), como apontam alguns estudos cuja temática central é o “trabalho sujo” (LHUILIER, 2009; 2012; BOSMANS *et al.*, 2016; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016). Note-se que diversos trabalhadores buscam atenuar as sujidades de sua ocupação por meio de estratégias de enfrentamento, que atuam como mecanismos utilizados por membros de “ocupações contaminadas”, a fim de criar um sentido mais positivo de si mesmos (BOSMANS *et al.*, 2016).

Nessa direção, um dos *frameworks* de identidade, geralmente associado ao “trabalho sujo”, é o da identidade social, que busca explorar como a concepção de si surge a partir da filiação a determinado grupo (VALTORTA *et al.*, 2019). Assim, o processo de construção identitária merece atenção para sujeitos cujos trabalhos estão à margem do socialmente prestigiado e “limpo”, já que, assim como afirma Goffman (1963), o próprio estigma que recai sobre tais ocupações pode ser compreendido como uma identidade deteriorada. Evidências empíricas de tais apontamentos podem ser observadas tanto em estudos nacionais (SANTOS, 2009; ORÇO; CONRADO; IOP, 2016; PEREIRA *et al.*, 2018; BATISTA; CODO, 2018) quanto

internacionais (BOSMANS *et al.*, 2016; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016; PERRY, 2017; VALTORTA *et al.*, 2019).

O estigma é um aspecto que perpassa de maneira perceptível as relações de trabalho contemporâneas. Entretanto, há de se destacar que ele é mais fortemente percebido em algumas ocupações que em outras, bem como seu julgamento social ocorre de maneira díspar, ou seja, não considerando as mesmas bases de julgamento. Assim, o que é possível perceber são intensas ambiguidades, paradoxos e ambivalências que perpassam as relações de trabalho, em especial de suas faces marginais, quando assim consideradas. Desse modo, a postulação de identidade deteriorada de Goffman (1963) tem sido reforçada em diversos estudos (BOSMANS *et al.*, 2016; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016).

Quando abordadas categorias ocupacionais marginalizadas, por exemplo prostitutas, agentes de limpeza urbana, domésticas, entre outros trabalhadores “manchados” pelo “trabalho sujo”, assim como ressaltado anteriormente, a literatura pertinente compreende três tipos de marcas (física, social e moral) que levam à estigmatização dentro de diferentes níveis de prestígio ocupacional (KREINER *et al.*, 2006; ASHFORTH *et al.*, 2007). Isso sugere que esses trabalhadores experimentam um considerável conflito interno devido à identificação ambivalente (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), o que pode desencadear uma série de desequilíbrios psicossociais (PEREIRA *et al.*, 2018), podendo em alguns casos ser externalizados em problemas e mutilações físicas (PEREIRA *et al.*, 2020), com impactos nas suas configurações identitárias relativas ao trabalho e à profissão que exercem.

Contudo, há de se destacar que diferentes ocupações possuem diferentes sujidades (KREINER *et al.*, 2006), ou seja, algumas são marginalizadas, ao passo que outras são amplamente prestigiadas pela sociedade. Em alguns casos, as ocupações julgadas mais “sujas” assumem um caráter de perversidade, no qual o estigma é tido como algo mal que pode trazer desgraça para todos que por ele estão circunscritos, como é o caso das prostitutas, por exemplo, que no Brasil assumem esse estigma muito em função de uma lógica moral cristã (PEREIRA *et al.*, 2020). Para esses indivíduos, tem-se como resultante um efeito de ambivalência que é o estado de “ser” deteriorado entre a identificação e desidentificação simultaneamente com a ocupação (KREINER *et al.*, 2006; BARAN; ROGELBERG;

CLAUSEN, 2016), o que impacta pragmaticamente o bem-estar do sujeito (KREINER *et al.*, 2006), físico e/ou psíquico.

Contrariamente à ideia de estigma, o prestígio da ocupação é um importante aspecto para se pensar as relações de trabalho contemporâneas, dado que, no nível teórico, ele é importante para se compreender os aspectos subjetivos do sujeito devido à sua potencial função de blindagem aos efeitos da pecha atribuída pelo nível de sujidade do trabalho (ASHFORTH *et al.*, 2007). Um exemplo prático dessa relação pode ser notado quando comparado o trabalho de um médico com o de um agente de limpeza urbana. Nessa situação, as duas referidas classes profissionais são marcadas por elevados níveis de sujidade física (ASHFORTH; KREINER, 1999), entretanto a categoria dos médicos desfruta de um elevado prestígio social, ao passo que os agentes de limpeza urbana são marcados pelo estigma. Interessante ainda salientar que ambas as ocupações são envolvidas por tarefas altamente contaminantes fisicamente (resíduos urbanos, resíduos hospitalares, objetos contaminados, doenças, furúnculos, entre outros), mas o “trabalho sujo” de prestígio é impermeabilizado e, por conseguinte, seus efeitos deletérios são reduzidos. Nesse mesmo sentido, Baran, Rogelberg e Clausen (2016) argumentam que o público pode até saber que aqueles em profissões de alto prestígio conduzem o “trabalho sujo”, mas retêm algo do estigma associado a tal trabalho devido ao nível de prestígio, ou seja, é completamente diferente trabalhar com elevado nível de sujeira em profissões de alto prestígio e em ocupações de baixo prestígio, o que certamente impacta a autoimagem, os processos de identificação e a própria identidade de seus praticantes.

Findadas as considerações teóricas que suportam a discussão ora proposta, no próximo capítulo apresenta-se o percurso metodológico adotado na pesquisa de campo.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

Este capítulo explana o percurso metodológico adotado na condução da pesquisa empírica deste estudo e optou-se por apresentá-lo em uma estrutura de tópicos por permitir uma leitura mais objetiva dos principais aspectos que a norteiam.

#### **3.1 Quanto às orientações ontológicas, epistemológicas e paradigmáticas**

Inicialmente, apresentam-se as estruturas paradigmáticas que orientaram esta tese. Um paradigma de pesquisa relaciona-se a determinados pressupostos e crenças que se tem acerca da realidade, sobre como as coisas são (ontologia) e a forma por meio da qual se acredita que o conhecimento humano é construído (epistemologia) (SACCOL, 2009). Assim, o paradigma resultante de tais pressupostos orienta e guia as possibilidades metodológicas a serem adotadas para a condução da pesquisa, ou seja, a estratégia metodológica é que irá definir as técnicas de coleta e de análise de dados a serem empregadas pelo pesquisador (CROTTY, 1998).

Nesse sentido, ontologicamente, esta tese considera a interação sujeito-objeto; trata-se de uma orientação ontológica que fica entre os extremos de uma ontologia realista ou idealista. Esta orientação considera a realidade como intersubjetiva; sob tal perspectiva,

a realidade social é produto da negociação e compartilhamento de significados entre as pessoas, isto é, ela resulta de uma construção social (essa é a ontologia adotada pelo paradigma interpretativista). Assim, a realidade não é considerada nem como algo totalmente externo e independente da mente humana (objetiva), nem como fruto somente da percepção individual de cada indivíduo isoladamente (idealista, subjetiva), porém, a realidade é percebida e “criada” numa instância coletiva – as percepções do mundo que compartilhamos em sociedade (SACCOL, 2009, p. 252).

Epistemologicamente, a tese aqui apresentada se orienta à luz de uma episteme construtivista, segundo a qual significados e realidades são construídos na ação cotidiana. Sob essa corrente epistemológica, a realidade não nasce de uma construção mental apenas, e sim a partir da interação entre dado objeto e os processos mentais. “A criação de significado pressupõe intencionalidade, isto é, uma consciência que se volta a um objeto, e a partir da interação entre o sujeito e o objeto é que se constrói um significado” (SACCOL, 2009, p. 253). No construtivismo social, a construção de significados pressupõe processos de intersubjetividade

e interação social (significados criados e compartilhados de maneira coletiva) (SACCOL, 2009).

Considerando as orientações ontológica e epistemológica deste estudo, entende-se que o paradigma predominante desta tese é o interpretativismo, no qual prevalece uma lógica indutiva em que o pesquisador não impõe seus conhecimentos prévios sobre determinada situação em análise. Assim, a criação do conhecimento sob uma lógica interpretativista supõe um “mergulho” na realidade na qual os processos sociais são gerados, buscando a compreensão de como as práticas e seus respectivos significados são formados e traduzidos pela linguagem e por um conjunto de normas tácitas compartilhados em um dado contexto (ORLIKOWSKI; BAROUDI, 1991).

Por outro lado, e haja vista tais orientações ontológicas, epistemológicas e paradigmáticas, o desenvolvimento desta tese basear-se-á na comensurabilidade epistemológica de paradigmas, ou seja, por considerar que a realidade é uma composição de múltiplos planos e é possível que um estudo que busque analisá-la, em algum nível, utilize-se de paradigmas epistemológicos distintos (WILLMOTT, 1993). Tal orientação fundamenta-se na possibilidade de avaliar a realidade como um fenômeno multifacetado, favorecendo que os objetivos sejam discutidos de maneira coerente com a "realidade". Apesar de esta tese poder ser classificada como interpretativista, propõe-se desenvolver um estudo metaparadigmático que assume por definição um caráter mais holístico, que ultrapassa distinções paradigmáticas, revelando, por conseguinte, as complementariedades e disparidades dos posicionamentos epistemológicos (LEWIS; GRIMES, 2005).

### **3.2 Quanto à estratégia metodológica**

A presente pesquisa caracteriza-se como descritivo-analítica, pois o propósito deste tipo de estudo centra-se em descrever o comportamento de determinados fenômenos, identificar e obter informações pertinentes sobre o mesmo (COLLIS; HUSSEY, 2005). Nesse sentido, retoma-se o objetivo geral do estudo: analisar possíveis relações entre significados e sentidos do trabalho e identidade, percebidos entre praticantes de trabalhos “sujos” e de “prestígio”, considerando-se suas similaridades, ambiguidades e paradoxos.

Tendo em vista o progressivo reconhecimento de que, em meio às relações humanas, a “realidade” acontece dentro de contextos sócio-históricos específicos, sendo ela socialmente construída (GUBA; LINCOLN, 2005), optou-se, para este estudo, por adotar uma abordagem de pesquisa qualitativa, uma vez que se busca dar prioridade a ouvir os sujeitos e as suas respectivas experiências de vida (MARTINS, 2004; GIL, 2008). De acordo com Merriam (1998), essa abordagem de pesquisa abarca em seu conceito uma série de técnicas e pressupostos que possibilitam explicar e compreender fenômenos sociais com um nível elevado de profundidade e com o mínimo possível de ruptura com o contexto ao qual se inserem. Corroborando esse posicionamento, Mattos (2011) salienta que este tipo de pesquisa deve ser analisado, compreendido e utilizado em sua dimensão social.

Interessante salientar que, segundo Bendassolli e Falcão (2013), estudar a sujidade do trabalho implica, necessariamente, compreensão das dimensões morais, psicossociais e econômicas que envolvem o sujeito, bem como da discussão dos processos de constituição do próprio sujeito em sua dinâmica social. Tal perspectiva, por conseguinte, subsidia a estratégia metodológica aqui adotada, uma vez que o ambiente no qual os sujeitos de pesquisa desenvolvem suas ações é essencial para uma compreensão mais clara no que se refere às atividades exercidas por eles (TRIVIÑOS, 2012).

Para investigar o objeto, os temas e suas conexões focalizados neste estudo, optou-se por centrar as análises desenvolvidas em dois grupos específicos de trabalhadores, a saber:

- I. O Primeiro grupo de trabalhadores são os profissionais do sexo, terminologia reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (MTE, 2002) para referir-se aos profissionais que fazem da prostituição sua forma de trabalho. A escolha dessa categoria justifica-se uma vez que, principalmente quando considerado o contexto brasileiro, são trabalhadores marginalizados, estigmatizados e invisibilizados, tanto do ponto de vista individual quanto social (PAIVA *et al.*, 2020; PEREIRA *et al.*, 2020). Seguindo ainda a classificação que Ashforth e Kreiner (1999) estruturaram para categorizar os “trabalhadores sujos”, é possível perceber que este grupo profissional reúne os três tipos de ‘manchas’ oriundas do estigma do “trabalho sujo”, ou seja, as manchas moral, social e física. Assim, os profissionais ligados à prostituição sofrem

comumente os reflexos do estigma deste trabalho no seu bem-estar enquanto indivíduo, seja ele físico, psicológico ou social (PEREIRA *et al.*, 2020).

- II. O segundo grupo analisado nesta tese foram os profissionais da medicina, ou seja, os médicos. Tal categoria de trabalhadores foi escolhida em virtude de sua representatividade social, assumindo, por vezes, uma imagem social completamente antagônica à do “trabalhador sujo”, apesar de que em alguns casos é possível identificar sujidades relativas a ele. Há de se considerar ainda que a medicina, ao contrário da prostituição, é tida como uma profissão imperial (COELHO, 2009), assumindo no senso comum a ideia de ser “a mais bela das profissões”, tornando-se fonte de prestígio, reconhecimento e valorização social. Contrariamente a tais percepções, inúmeros estudos relacionados a esta categoria profissional asseveram que “nem tudo são flores”, uma vez que mais de 80% dos médicos brasileiros consideram a atividade como muito desgastante (NOGUEIRA-MARTINS; NOGUEIRA-MARTINS, 1998), sendo fonte de sofrimento (BARROS; HONÓRIO, 2015; SILVA; FLORES; RISS, 2017) e de diversas doenças ocupacionais (LOW *et al.* 2019; MESQUITA; CORREIA; BARBETTA, 2019).

Tendo em vista a possibilidade de ocorrência de alguns equívocos em se estudar significados e sentidos do trabalho e identidade de maneira deslocada a esfera cotidiana, como um processo externo às ações e atividades que o indivíduo realiza no seu dia a dia, torna-se importante que este tipo de estudo abarque a análise da ação dos sujeitos tendo como pano de fundo sua história de vida (SOUZA; CARRIERI, 2012; BARROS; CARRIERI, 2015). Nesse sentido, o método de coleta de dados adotado neste estudo é a história oral, pois as noções de memória e de tempo se relacionam diretamente com a identidade, o sentido e o significado que o trabalho assume para os indivíduos (RAFFESTIN, 1993). Sendo assim, este método possibilita a captação da subjetividade do indivíduo por meio dos sentimentos revelados, fatos, lembranças e experiências que exprimem vivências, podendo favorecer a compreensão de realidades como percebidas pelos sujeitos (PERAZZO; BASSI, 2004; ICHIKAWA; SANTOS, 2008).

A opção metodológica pela história oral neste estudo dar-se-á em função de algumas peculiaridades da mesma, ou seja,

Por colocar no centro as fontes orais, ela também valoriza as narrativas e, com isso, os eventos se tornam secundários em relação aos significados, uma vez que as fontes orais carregam em si a subjetividade do expositor. Além disso, não há fontes orais falsas, até mesmo afirmações tidas como erradas podem estar psicologicamente certas, pois guardam em si a construção narrativa do sujeito. Isso porque a memória não é um depósito passivo de fatos, mas sim um campo em [re]construção de significações do passado a partir do tempo presente. Outro ponto a ser considerado é que a entrevista de história oral é construída por narrador e pesquisador, de modo que aquilo que é perguntado tem interferência naquilo que é [não] dito, ou seja, não há um sujeito único, mas sim uma construção múltipla sob diversos pontos de vista (JOAQUIM; CARRIERI, 2018, p. 304).

É importante sublinhar que a história oral é um ato político, dada a provocação intencional por parte do pesquisador (MEIHY, 2011). Nessa mesma perspectiva, Meihy (2011) frisa a necessidade de uma pesquisa que se utiliza de tal método de ser elaborada com o objetivo de direcionar o pesquisador no decorrer dos encontros com os sujeitos de pesquisa, dando especial atenção ao processo de transformação do oral em escrito, além da devolutiva social da coleta de dados. No momento de transcrição das entrevistas, transformação do oral em escrito, é importante que o pesquisador tenha o cuidado de abarcar o que foi dito e o não dito (gestos, expressões, pausas e até mesmo os silêncios) durante as entrevistas (MEIHY, 2011; JOAQUIM; CARRIERI, 2018). Ademais, a etapa de conclusão de um projeto de história oral (devolutiva das entrevistas) legitima a ideia de o método relacionar-se a um discurso político, isto é, “sem destino social, coletivo, per se, o resultado das entrevistas não alça voos além de mais um documento solto. Daí a premissa justificadora do elo político intelectual: história oral quando, de quem, como e por que” (MEIHY, 2011, p. 163).

Cabe ressaltar que, por Meihy (2010), é possível identificar quatro modalidades de história oral: 1) história oral de vida, na qual o sujeito entrevistado, por meio de uma narrativa, (re)constrói suas experiências pessoais; 2) história oral temática, na qual o entrevistado emite sua opinião acerca de determinado fenômeno, tema ou acontecimento; 3) tradição oral, sendo que esta modalidade busca, por meio de entrevistas, aprofundar questões relativas a um passado longínquo, no qual a manutenção de tradição e mitos são transmitidos com o passar das gerações; 4) história oral testemunhal, esclarecendo-se que esta tradição possui uma relação com questões traumáticas; assim, os entrevistados são escolhidos por estarem vivendo (ou terem vivido) dramas em suas vidas ou relações de socialização. Considerando tais pressupostos, e pelo fato de sujeitos de pesquisa em foco neste estudo possuírem suas

histórias marcadas pelo estigma e/ou prestígio relativo aos seus respectivos trabalhos, este estudo foi conduzido por meio da tradição da história oral testemunhal.

### **3.3 Coleta e tratamento dos dados**

A coleta de dados deste estudo ocorreu entre o segundo semestre do ano de 2019 e o primeiro semestre de 2020, com a participação de 22 sujeitos de pesquisa, sendo onze profissionais do sexo e onze médicos, cujas características pessoais e profissionais são apresentadas no próximo capítulo desta tese. Os entrevistados foram inicialmente escolhidos com base no critério de acessibilidade e, na sequência, utilizando a técnica de “bola de neve”, ou seja, após o contato com os primeiros profissionais de ambos os grupos ocupacionais por acessibilidade, solicitou-se que indicassem “novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal” (VINUTO, 2014, p. 203).

No contato inicial com os entrevistados, foram explicados os pressupostos da pesquisa e as questões éticas que a envolvia. Em comum acordo para a participação no estudo, os entrevistados receberam e preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível no Apêndice A. Note-se que o sigilo garantido neste documento implicou substituição dos nomes dos entrevistados por códigos e numeração, ou seja, PS para os profissionais do sexo e PM para os profissionais da medicina, quando da apresentação e análise dos dados. Finalizado este procedimento, iniciou-se a coleta de dados propriamente dita que ocorreu por meio de entrevista com roteiro semiestruturado e observação não participante.

A entrevista com roteiro semiestruturado pode ser compreendida como o processo por meio do qual o entrevistador busca obter informações do pesquisado por meio de um roteiro de entrevistas contendo tópicos que nortearão a condução da entrevista com base na problemática central (MINAYO, 1994). “Esse tipo de entrevista privilegia a obtenção de informações através da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e transmite, através de um porta-voz, representações próprias e de determinados grupos” (LIMA; ALMEIDA; LIMA, 1999, p. 133).

As entrevistas, inicialmente, foram realizadas *in loco*, no local de trabalho do entrevistado ou em algum local indicado por ele em função de sua conveniência. Dos profissionais do sexo, quatro entrevistas foram realizadas no local de trabalho em um horário indicado pelo entrevistado: duas foram realizadas em bordéis da zona do baixo meretrício mais conhecida da cidade de Belo Horizonte, a Guaicurus, um dos espaços de prostituição mais conhecidos do país (PAIVA *et al.*, 2020); as outras duas entrevistas ocorreram em boates da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Dos profissionais médicos, duas entrevistas ocorreram nos consultórios em que trabalhavam também na cidade de Belo Horizonte. As demais entrevistas ocorreram via *softwares* de vídeo conferência como Skype, Zoom e Hangouts. Importante destacar que a opção pela realização de entrevistas virtuais se deu em função do isolamento social oriundo da pandemia do COVID-19, iniciado no ano de 2020, o que impossibilitou a realização de encontros presenciais. A duração média das entrevistas foi de duas horas e cinquenta minutos, todas foram gravadas e transcritas na íntegra para que fossem, posteriormente, submetidas à análise de dados.

Um diário de campo foi utilizado, no qual foram anotadas diversas observações pessoais que contribuiriam para a análise dos dados. Entre outros aspectos, buscou-se observar vestimentas dos entrevistados, comportamentos específicos como quantidade de cigarros fumados, interação do entrevistado com o espaço, aparentes constrangimentos comportamentais (mudanças de feições, emoções etc.), entre outros.

Finalizada a etapa de coleta, os dados foram submetidos à análise de conteúdo temática que pode ser compreendida como "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (BARDIN, 2011, p. 42). Bardin (2011) ressalta que a análise de conteúdo é um importante instrumento de cunho metodológico que está em constante aperfeiçoamento e que pode ser aplicada a discursos de grande diversificação. Sob a perspectiva de Bardin (2011), a análise de conteúdo pode ser dividida em três etapas, a saber:

1. Pré-análise: etapa por meio da qual o material é organizado para operacionalização e sistematização das ideias iniciais acerca do fenômeno em questão. Nesta parte, as

entrevistas foram transcritas e parte dos dados organizados por pergunta, para facilitar a construção de tabelas resumitivas e, daí, a identificação de categorias de análise; portanto, estas foram construídas *a posteriori*;

2. Interpretação referencial: análise aprofundada das entrevistas haja vista abordagem teórica utilizada, cuja finalidade é evidenciar pontos de convergência e divergência entre ambos. Nesta etapa, foram construídas as tabelas resumitivas, selecionados os trechos exemplificadores mais focados nas categorias, estabelecidas as conexões teóricas com os autores referenciados e, por fim, interpretados os dados;
3. Análise flutuante: análise desenvolvida a partir dos dados que emergiram em momentos nos quais não foram diretamente questionados. Neste passo, a interpretação referencial foi revisitada e foram acrescentados outros dados que, a princípio, não estavam pontualmente explanados pelos entrevistados, mas ao longo da entrevista foram mencionados.

Assim, para este estudo seguiram-se as três etapas propostas por Bardin (2011), o que permitiu desenvolver o capítulo seguinte, com a apresentação e a análise de dados na íntegra.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, os dados são apresentados e analisados à luz das abordagens teóricas, metodológicas e paradigmáticas propostas. Inicialmente, caracterizam-se os sujeitos de pesquisa, em seguida, apresentam-se e interpretam-se os dados com vistas ao atingimento dos objetivos (geral e específicos) propostos.

### 4.1 Caracterização dos entrevistados

Para este estudo, foram entrevistados 22 sujeitos de pesquisa divididos em 11 profissionais do sexo e 11 profissionais médicos. Os Quadros 2 e 3 apresentam de maneira sintética, respectivamente, dados socioprofissionais dos profissionais do sexo e profissionais médicos entrevistados.

Quadro 2 - Caracterização dos profissionais do sexo, sujeitos de pesquisa

Código	Sexo*	Nomenclatura da ocupação	Idade	Estado civil	Filhos	Naturalidade	Tempo de trabalho	Renda mensal
PS1	M	Garoto de programa	20 anos	Solteiro	Não	Rio de Janeiro, RJ	4 anos	7.000,00
PS2	M	Profissional do sexo	30 anos	Solteiro	Não	Contagem, MG	7 anos	13.000,00
PS3	M	Prostituto	21 anos	Solteiro	Não	Tutóia, MA	6 anos	6.000,00
PS4	M	Acompanhante	29 anos	Solteiro	Não	Montes Claros, MG	13 anos	15.000,00
PS5	M	Garoto de programa	33 anos	Solteiro	Não	Rio de Janeiro, RJ	3 anos	9.000,00
PS6	F	Garota de programa	25 anos	Solteira	1	Itambacuri, MG	5 anos	6.000,00
PS7	F	Acompanhante de luxo	28 anos	Solteira	1	Belo Horizonte, MG	4 anos	30.000,00
PS8	F	Garota de programa	27 anos	Divorciada	1	Montes Claros, MG	6 anos	4.000,00
PS9	F	Garota de programa	25 anos	Casada	3	Conselheiro Lafaiete, MG	4 anos	9.000,00
PS10	F	Prostituta	35 anos	Divorciada	2	Salvador, BA	13 anos	7.000,00
PS11	F	Prostituta	49 anos	Divorciada	3	Brasília, DF	2 anos	5.000,00

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: \*Sexo: M – Masculino; F – Feminino

Conforme descrito no Quadro 2, seis dos profissionais do sexo entrevistados são do sexo masculino, e cinco, feminino. Para fins deste estudo, optou-se por não entrevistar profissionais do sexo transexuais, por acreditar que questões de gênero e orientação sexual

impactariam consideravelmente a compreensão dos processos de construção de significados e sentidos do trabalho e identidades, ponto profícuo para investigações futuras.

Duas das entrevistadas (PS10 e PS11) atuam na famosa Zona da Guaicurus, localizada na região central da cidade de Belo Horizonte, em um nicho da prostituição conhecido como baixo meretrício, isto é, a prostituição barata (PAIVA *et al.*, 2020), na qual o programa pode variar de R\$ 10,00 a R\$ 50,00, e as entrevistadas realizarem em média 45 programas diários chegando, em casos extremos, 80 programas, o que acontece em torno do quinto dia útil do mês, período de pagamento da maior parte do trabalhadores, ou seja, período de maior fluxo de homens nos bordeis. Oito dos entrevistados encaixar-se-iam no chamado médio meretrício, ou seja, aquele tipo de prostituição realizado em boates de *streak tease*, *flats* e por meio de *sites* da *internet* e redes sociais virtuais, em especial, o Twitter. O preço médio desse tipo de programa pode variar de R\$ 100,00 a R\$ 300,00. Ressalta-se ainda que três dos entrevistados (PS2, PS3 e PS4) ainda atuam como atores de filmes pornográficos voltados para o público homossexual, além de realizarem apresentações de sexo ao vivo em casas noturnas. Por fim, uma entrevistada (PS7) atua no chamado alto meretrício ou prostituição de luxo, a média de valor cobrado nesse tipo de serviço é de R\$ 500,00 a hora de trabalho e, geralmente, esses profissionais são contratados para acompanhar executivos e políticos em viagens de negócios.

De maneira geral, a média de idade dos respondentes foi de 29 anos, com uma amplitude de varia de 20 a 49 anos de idade. Cabe aqui uma observação de que três dos entrevistados (PS1, PS3 e PS4) iniciaram suas atividades como profissional do sexo ainda quando “menores de idade”, ou seja, mais jovens que 18 anos de idade. No que concerne ao tempo diário em trabalho, esses profissionais destacam a necessidade de estarem disponíveis em tempo integral, dada a possibilidade de contratação dos serviços em qualquer momento do dia.

Interessante destacar a presença de diferentes nomenclaturas que os entrevistados utilizam para dar nome a sua ocupação profissional. Notadamente, o termo garota ou garoto de programa é o mais comum, seguido de prostituta ou prostituto. Os termos “acompanhante” (PS4) e “acompanhante de luxo” (PS7) podem ser vistos como uma estratégia que os entrevistados utilizam cuja finalidade é tentar minimizar as sujidades e estigmas que impregnam tal ocupação. Assim, tais nomenclaturas representariam trabalhos menos “sujos” que aqueles realizados por garotos(as) de programa e prostitutas(os).

As principais características dos profissionais médicos são apresentadas, sinteticamente, a seguir, no Quadro 3.

Quadro 3 - Caracterização dos profissionais médicos, sujeitos de pesquisa

Código	Sexo*	Especialidade	Idade	Estado civil	Filhos	Naturalidade	Tempo de trabalho	Renda mensal
PM1	M	Anestesiologia / Legista	50 anos	Casado	2	Belo Horizonte, MG	26 anos	20.000,00
PM2	F	Psiquiatria	27 anos	Casada	Não	Belo Horizonte, MG	Residente	7.000,00
PM3	F	Pediatria	27 anos	Solteira	Não	Ipanema, MG	Residente	5.000,00
PM4	F	Geriatrics	32 anos	Casada	1	Manhuaçu, MG	8 anos	16.000,00
PM5	F	Reumatologia	27 anos	Solteira	Não	Oliveira, MG	Residente	3.000,00
PM6	M	Oftalmologia	35 anos	Solteiro	Não	Itaiomi, MG	Residente	14.000,00
PM7	M	Psiquiatria	29 anos	Solteiro	Não	Perdões, MG	2 anos	15.000,00
PM8	F	Oftalmologia	43 anos	Casada	1	Manhumirim, MG	17 anos	40.000,00
PM9	M	Cirurgia Plástica	53 anos	Casado	3	Manhuaçu, MG	25 anos	20.000,00
PM10	F	Fisiatria	31 anos	Solteira	Não	Prata, MG	Residente	8.000,00
PM11	M	Generalista	27 anos	Solteiro	Não	Goiânia, GO	2 anos	8.000,00

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: \*Sexo: M – Masculino; F – Feminino

Conforme Quadro 3, dos onze profissionais médicos cujos relatos compuseram o *corpus* discursivo deste estudo, cinco são do sexo masculino, e seis, feminino. Quanto à faixa etária, a média dos entrevistados é de 35 anos de idade, com amplitude de 27 a 53 anos, o que se subentende um grupo de sujeitos de pesquisa “mais experiente” se comparado com os profissionais do sexo.

O grupo de médicos pesquisados atua em especialidades diversas, e a escolha de cada um se deu devido à prerrogativa de Lhuillier (2009) segundo a qual todo trabalho guarda em si sujidades e estigmatização, entretanto em diferentes níveis. Nessa perspectiva, um grupo de profissionais médicos mais variado no quesito atuação profissional ofereceria uma amplitude maior para se compreender os temas integrados ao fenômeno proposto. É importante destacar que dois dos médicos entrevistados declararam-se negros (PM6 e PM10), fator relevante para se analisar os significados e sentidos do trabalho e a construção de sua identidade, dada observância de que, segundo os mesmos, a medicina enquanto forma de trabalho ainda é elitizada (PM10) e um “trabalho de branco” (PM6).

A maioria dos médicos entrevistados (10) é natural de cidades do estado de Minas Gerais, incluindo a capital, a região metropolitana e o interior do estado, e um da cidade de Goiânia, estado de Goiás. Outro fator importante de ser destacado refere-se ao fato de que, dos onze entrevistados, cinco estavam no período de residência durante a coleta de dados, momento no qual as relações de poder manifestam-se intensamente e a carga de trabalho é muito exaustiva. Nesse sentido, destaca-se que todos os médicos residentes possuem como renda o valor de uma bolsa de estudos de R\$ 2.954,00, valor que é complementado pelos entrevistados por meio da realização de plantões e atendimentos de urgência/emergência.

Haja vista tais características, nas próximas seções discutem-se aspectos relevantes para se compreender os significados do trabalho, bem como seus sentidos e os processos de construção da identidade, destacando-se identidade profissional, tendo como pano de fundo as sujidades e antissujidades que envolvem as relações de trabalho.

#### **4.2 Os (des)caminhos e fatos marcantes das trajetórias de vida dos entrevistados**

As trajetórias e histórias de vida dos sujeitos podem, de fato, ser vistas como aspectos de grande relevância para explicação de diversas nuances relativas ao trabalho, à significação atribuída a ele e à identidade, em especial a profissional. Como destacado por Whetten e Godfrey (1998), o indivíduo constrói sua identidade por meio de uma complexa relação que se estabelece de maneira direta e indireta com terceiros e seu contexto social, e o mesmo acontece com o processo de construção de significados e sentidos do trabalho (COUTINHO, 2009). Assim, eventos relativos à história de vida dos sujeitos apresentam-se como pano de fundo para que se possa compreender em profundidade os significados e sentidos do trabalho, a identidade profissional e suas possíveis interrelações.

Nesse sentido, o primeiro objetivo desta tese é descrever fatos marcantes das trajetórias de vidas de praticantes de trabalhos “sujos” e de “prestígio”. De maneira geral, identificaram-se, inicialmente, quatro categorias que subsidiam os achados pertinentes a este objetivo, sendo eles: a estrutura familiar, as condições socioeconômicas, as influências marginais e as influências simbólicas. Os principais aspectos que compõem cada uma dessas categorias estão sintetizados na Tabela 1.

Tabela 1 - Fatos marcantes das trajetórias de vida dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Estrutura familiar	Família humilde	PS1, PS2, PS4, PS5, PS6, PS7, PS8, PS10, PS11	9	PM4, PM6, PM10	3	12
	Problemas familiares na infância	PS1, PS4, PS5, PS6, PS7, PS9, PS10, PS11	8		0	8
	Influências familiares	PS1, PS6, PS8	3	PM1, PM3, PM4, PM5, PM11	5	8
	Infância agradável	PS3, PS8	2	PM2, PM4, PM7, PM10, PM11	5	7
	Pai ausente	PS3, PS4, PS7, PS8, PS9	5	PM6	1	6
	Problemas com a mãe	PS6, PS8, PS9, PS10	4		0	4
	Família rica		0	PM11	1	1
Condições socioeconômicas	Sustento dos filhos	PS6, PS7, PS8, PS9, PS10, PS11	6		0	6
	Pobre não vive, sobrevive	PS1, PS5, PS7, PS11	4		0	4
	Acidente		0	PM10	1	1
Influências marginais	Drogas	PS1, PS3, PS4, PS6, PS8, PS9	6		0	6
	Barganha	PS2, PS3, PS4, PS6, PS9	5		0	5
	Abusos sexuais	PS2, PS4, PS5, PS7, PS9	5		0	5
	Agressões verbais e físicas	PS9, PS10	2		0	1
Influências Simbólicas	Um chamado		0	PM1, PM2, PM4, PM7, PM8, PM9	6	6
	O Prestígio		0	PM3, PM5, PM6, PM7, PM9	5	5
	Gostar de estudar	PS1	1	PM1, PM2, PM5, PM6	4	5
	Influências de terceiros			PM2, PM4, PM6, PM11	4	4

Fonte: Dados da pesquisa.

Inicialmente, vale destacar que, no concernente à história de vida dos entrevistados, a maior parte deles (12 entrevistados) sublinhou aspectos relativos à “Estrutura familiar” como pontos de grande relevância em suas respectivas histórias. Nesse sentido, os profissionais do sexo deixaram transparecer, no processo de reconstrução oral de fatos marcantes de suas histórias

de vida, aspectos que ensejam uma desestrutura do ambiente familiar na infância, marcada por agressões, problemas de convivência com a mãe e ausência do pai.

Então, minha infância vem de uma relação da minha mãe com meu pai, nada séria, eu nasci e fui criado por ela, na cidade bem pacata chamada de Itajaí. Estava sendo uma infância linda, fui criado no interior, então era contato com a roça, muitas brincadeiras com meus primos, mas assim com muita ausência da minha mãe, porque minha mãe trabalhava muito, então a gente ficava na casa de um e de outro, às vezes, acompanhava ela nas escolas, porque ela trabalhava como professora infantil. Com 7 para 8 anos, a gente foi para Montes Claros, que ela foi dar aula lá, foi transferida para lá. A gente foi morar na casa do meu avô materno. Quando a gente foi para lá, a gente teve um momento muito difícil, problemas familiares, muita briga, agressões, enfim, então assim, a gente teve uma infância muito complicada. Tinha um padrasto que bebia muito também, chegava a agredir minha mãe. Então, foram momentos muito difíceis, assim, depois que eu fui para lá (PS4).

Minha infância foi uma infância um pouco perturbada, digamos assim. Não fui criada com meus pais, fui criada com primeiramente duas tias, mas elas me criaram ali muito dentro do conceito da igreja, entendeu? Eu sempre fui uma menina que frequentava muito a igreja católica. Eu cantava na igreja, a minha madrinha é freira, para você ter ideia. Depois, eu fui morar com a minha avó e meu avô e continuou nesse ritmo, né? Embora, tipo assim, a minha infância foi uma infância pobre, eu recebia muito carinho dessas pessoas, entende? Aí eu vim morar na cidade grande, né? Digamos. E fui morar com minha mãe, as coisas tomaram outro rumo porque eu nunca tinha morado com a minha mãe e a convivência não era bacana, fui muito humilhada pelo meu padrasto e minha mãe me batia muito. Eu percebia que eles priorizavam muito meu irmão, que era filho dos dois, e me deixavam de lado. Assim, me tornei uma adolescente arredia que só andava de preto, ouvia muito rock melancólico, escrevia poemas e músicas só falando de tristeza e solidão. Cheguei até a tentar me matar com 14 para 15 anos (PS6).

Conforme perceptível nos dois trechos anteriores, que retratam eventos do passado de muitos dos entrevistados dessa profissão, a primeira infância foi marcada por uma realidade simples e bastante humilde, mas com um acolhimento afetivo, valores familiares e religiosos demarcados. Entretanto, em um momento específico, nota-se uma mudança no curso dessas histórias que os conduziram para uma realidade nada agradável. Nesse sentido, fatos como “a transferência da mãe no trabalho” (PS4) ou “ir para a cidade grande morar com a mãe” (PS6) passaram a representar uma fonte de angústia e sofrimento para os entrevistados, chegando a comportamentos questionáveis socialmente e, até mesmo, tentativas de autoextermínio.

Interessante perceber a relevância dada pelos profissionais do sexo entrevistados à figura materna. Notavelmente, a figura da mãe é um ponto de grande importância para se compreender a trajetória de vida dessas pessoas, seja por meio de uma influência positiva ou negativa. Quando positiva, o que se pode perceber é que “honrar a luta da mãe para criá-los”

(PS5) é vista por eles como uma das principais justificativas para ter adentrado ao mundo da prostituição.

Quando acabei de fazer meu primeiro programa, fui embora chorando muito. Cara, eu tinha 16 anos, tinha dado para um cara que me machucou bastante e me pagou 50 reais. Aí cheguei em casa e dei o dinheiro minha mãe, e ela pulou de alegria porque a gente não tinha o que comer mais na dispensa. Naquele momento, eu percebi que minha vida seria aquilo, ou eu lidava bem com isso, ou sofreria pelo resto da vida (PS1).

A gente veio de uma realidade muito pobre. Minha mãe, tadinha [*sic*], fez de tudo que uma pessoa poderia fazer para poder sustentar eu e minha irmã. Sofreu muita humilhação sendo capacho dos outros, mas ela precisava, sabe, tinha duas bocas para sustentar além dela, isso tudo sozinha. Então assim, nunca foi fácil para ela que eu fosse prostituir. Mas para mim, por mais que às vezes bate uma revolta, porque eu estudei, tentei mesmo entrar trabalhar em algo formal, eu poder honrar a história da minha mãe, o que ela fez por mim e minha irmã, meio que atenua um pouco a carga de estar vendendo o corpo, porque, acredite, às vezes, ela é muito pesada (PS5).

Nesses relatos, é possível ver a figura da mãe como um elemento fundante para a trajetória de trabalho desses sujeitos. A possibilidade de ajudá-la a dividir o “fardo” de criar a família sozinha é tida por parte dos entrevistados como uma chance de atenuar as vivências de mal-estar e sofrimento do ofício da prostituição, já desnudando possíveis sentidos desse trabalho para eles.

Em segunda instância, os relatos de PS1 e PS5 permitem identificar indícios sutis da tese da centralidade do trabalho que corroboram o processo de compreensão do mal-estar relativo às relações de trabalho contemporâneas (CLOT, 2006), principalmente, quando se trata de ocupações permeadas por adversidade, aviltamento e estigma, como é o caso dos profissionais do sexo. Nesse aspecto, pensar e refletir sobre a própria condição humana (ARENDRT, 2013) requer considerar o trabalho e toda sua centralidade na vida em sociedade que, em alguns casos, deixam mais evidentes os reflexos destrutivos, deletérios e perniciosos do trabalho (BENDASSOLLI, 2011), fato que certamente tem relação com as identidades e identidades profissionais em constante movimento de (re)construção e (re)configuração.

Vale destacar ainda que a importância da figura da mãe pode ser percebida ainda quando o convívio com a mesma se tornou um ponto negativamente ressaltado pelos entrevistados em sua infância e adolescência. Tais percepções podem ser percebidas no trecho a seguir:

Minha mãe era uma menina de 21 anos, dois filhos nas costas, que passava fome e apanhava do ex-marido todos os dias, aí conheceu um cara com uma condição financeira boa, e aquilo acabou sendo uma boa oportunidade pra ela, né? Sendo assim, eles começaram a ficar juntos, acabou que casaram. Só que meu pai acabou que, pelo fato de sobressair muito, né, de ser bem diferente, era um cara formado, estudado, tinha dinheiro, tinha condição, sempre tratou ela de maneira indiferente. Ele sempre cuidou muito bem da gente, e a minha mãe chegou um tempo em que ela começou a ter muita amargura por causa disso. De jogar na cara mesmo da gente que perdeu a vida dela para criar a gente, para colocar comida na boca da gente e a gente era ingrato, a gente era isso, era aquilo. Então, eu tive uma infância muito cobrada por uma coisa da qual eu não pedi. Então assim, toda a raiva que ela tinha, ela jogava em cima da gente, principalmente em cima de mim, porque meu irmão gêmeo era mais criado pela parte do meu pai verdadeiro, pelo fato da guarda ter sido dividida. Então, ele vinha só nas férias. E tipo, ela me batia muito, ela me agredia e sempre falava que não sabia o motivo da raiva. Dizia que tinha perdido a vida dela para viver em prol de mim e, hoje, ela não era feliz e que eu era ingrata, que eu era isso, que eu era aquilo. E na frente do meu pai era uma coisa, nas costas era outra, completamente diferente (PS9).

Consideravelmente, problemas familiares, falta ou fragilidade de uma estrutura e agressões das mais diversas naturezas foram pontos identificados nas trajetórias da maioria dos profissionais do sexo entrevistados, durante a infância e a adolescência, como marcantes e que influenciaram diretamente o curso que as vidas desses indivíduos seguiram. O sentimento de que “eu tive uma infância muito cobrada por uma coisa ao qual eu não pedi” (PS9) se fez presente na maioria dos relatos, bem como a sensação de que, futuramente, essas cobranças personificar-se-iam em comportamentos, por parte dos entrevistados, por meio dos quais eles justificam suas atuais posições e atitudes adotadas, no que se refere ao trabalho.

Evidentemente, a figura do pai foi mencionada, por cinco dos profissionais do sexo entrevistados, todos eles salientando sua ausência em sua vida. Porém, as análises dos trechos discursivos expostos aqui asseveram que o “peso/influência” da figura da mãe sobressai muito se comparada com a do pai, positiva ou negativamente. Tal fato permite reflexões que tangenciam discussões sobre gênero e o patriarcalismo no qual a sociedade, em especial a brasileira, se estrutura. Por que o “peso” da criação dos filhos recai prioritariamente sobre a figura feminina, aqui representada pela mãe? Questionamentos dessa natureza tornam-se completamente pertinentes se considerado que a figura do pai deveria ter igualdade de responsabilidade na criação dos filhos. Assim, entre esses entrevistados, parece haver uma naturalização dessa desigualdade de gênero, o que não foi observado, nesse nível, no outro grupo pesquisado.

Na outra margem, a “estrutura familiar” também é percebida como de grande relevância na trajetória de vida dos profissionais da medicina. Contudo, a estrutura familiar é apontada por todos os profissionais médicos como uma base sólida que serviu como um sustentáculo para que obtivessem “sucesso” profissional, ou seja, a mesma categoria de análise fez-se presente na trajetória de vida de todos os entrevistados deste estudo, mas com perspectivas distintas. Se de um lado, para os profissionais do sexo, a falta de estrutura familiar pode ser apontada como uma questão importante para a escolha de sua ocupação, de outro, uma estrutura familiar sólida parece não apenas sinalizar, mas também promover a opção pela medicina.

Olha, eu tenho que confessar, tive e tenho um padrão de vida muito superior a mais de 95% da população. Sei que essa não é a realidade deste país, mas é minha história. Nasci em uma família muito bem estruturada, tive uma infância leve e feliz. [...] Na adolescência, eu estudava em um colégio que preparava para ser médico, a gente ali era treinado para o vestibular de medicina, o ensino era muito bom e assim... é inegável e seria uma hipocrisia eu dizer que não tive privilégios, tive muitos, sei que vivi a minha vida em uma confortável bolha (PM11).

O trecho da entrevista de PM11 demonstra uma série de questões no que se refere à estrutura familiar. O próprio entrevistado assume, durante a entrevista, que ele tem e teve muitos privilégios que se estendem desde seu nascimento. Notavelmente, nenhum dos profissionais médicos entrevistados evidenciou problemas relativos à falta de estrutura familiar. Ao discursarem sobre as fases de sua vida da infância e adolescência, todos afirmaram que foram momentos felizes e saudáveis, sem grandes problemas ou traumas. A família humilde foi salientada por três dos médicos entrevistados, porém em nenhum dos casos a ideia de problemas familiares (comportamentais ou financeiros) foi atrelada a isso, e o valor de uma formação escolar se assemelha aos demais, ao contrário dos sujeitos de pesquisa ligados à prostituição, assim como perceptível nos relatos de TM6 e TM10, a seguir.

Como eu te falei, eu sou negro, eu sou de uma família humilde, mas não posso dizer que sou bem de uma família pobre. Minha mãe trabalhou muito para pagar escola, então a gente abria mão de alguns confortos para poder estudar. Então, por exemplo, não tinha carro, a casa, nossa casa é uma casa simples, numa comunidade um pouco mais precária também, mas isso tudo certinho, não faltou nada, sabe? Mas assim, a minha mãe sempre prezou muito pelo ensino de qualidade para gente, então eu e meus irmãos estudamos em escola particular e tudo mais, e eu sempre quis fazer medicina (PM6).

Eu nasci em Prata, né? Numa casinha bem pequena, eu morei lá por 11 anos, depois... Eu tive uma infância assim, para mim foi normal, não teve nada, nenhum trauma assim, foi bem feliz. Eu me mudei em Uberlândia por questão de trabalho dos meus pais, fiquei em Uberlândia por 11 anos; novamente, eu sempre quando

criança, no ensino fundamental eu estudei em escola particular e, quando eu mudei para Uberlândia, eu estava, ainda era fundamental, mas eu estava na 5ª série, aí eu precisei ficar numa escola pública porque a cidade era maior, não tinha tanta condição, meus pais estavam construindo, então eu estudei em escola pública (PM10).

Para o caso dos médicos, a influência de familiares pode ser vista como um ponto relevante para a opção pela medicina, apontado por cinco dos entrevistados (PM1, PM3, PM4, PM5, PM11).

Então foi uma infância muito da zona rural mesmo, de fazer piquenique na roça, de andar de bicicleta, muito tranquila e durante a minha infância e a minha adolescência. O meu avô materno era o médico da região, né? Tipo, médico, ele era farmacêutico e acabou que aprendeu com meu bisavô a prática da medicina. Então, ele fazia atendimentos, ele fazia partos, ele fazia pequenas cirurgias, e, durante toda a minha infância e a minha adolescência, eu fui vendo ele fazendo esses atendimentos e eu sempre me interessei muito por essa parte, eu sempre admirava muito ele, atendendo as pessoas, falando o que as pessoas tinham, e eu acho que foi através dele, do meu avô materno, né, que veio essa vontade de ser médica. E quando eu tinha 14 anos, eu me lembro que foi o marco assim, que foi o meu avô ajudando uma mulher, né, que estava quase ganhando neném que eu falei assim: “Poxa vida, eu quero ser igual meu avô, que quero cuidar das pessoas igual meu avô.” Desde os meus 14 anos que eu tive certeza que eu queria ser médica (PM4).

As ambições de cada criança vêm do que a gente vê, do incentivo que a gente recebe em casa. Então, eu tinha, eu tenho um tio médico na minha família e eu sempre gostei muito de estudar, de tentar entender as coisas, por que aquilo ali acontece, então desde pequena, eu não sei exatamente por qual motivo. Lembro que um dia, no primário mesmo, pré-escolar, essas coisas, perguntou assim: “Ah, o que você vai ser quando você crescer?” E eu falei que ia ser médica e assim, foi uma coisa com 6 anos de idade (PM5).

Já para o caso dos profissionais do sexo, a influência direta de alguém da família pode ser percebida no relato de três dos entrevistados (PS1, PS6 e PS8). Interessante ressaltar que diversas formas mais sutis de relacionamentos que poderiam ser consideradas análogas à prostituição são percebidas nos relatos dos entrevistados como nos exemplos:

a) das tias que se casaram por interesse, contrariamente à mãe do entrevistado que não se sujeitou a tal ato e, em consequência disso, viveu uma vida de muita privação:

Eu sou carioca, nasci no Pedro II no Rio de Janeiro e eu acredito que essa influência já na prostituição foi a minha família. A minha família é composta por quatro mulheres e um homem, na qual todas as mulheres da minha família tiveram uma boa condição porque casaram com alguém que tinha uma boa condição financeira, né? E mamãe, minha mãe foi a única que não casou por interesse, então ela não teve uma boa condição financeira como as minhas outras tias que têm casa própria também, bem estruturada financeiramente, tenho prima que é casada com um gringo no

exterior. Então, esse foi um dos fatores, foi influência, um dos fatores que me influenciou e a dificuldade também financeira foi um dos principais, né? (PS1).

b) da mãe que usava de seus atributos físicos para conseguir “presentes”:

Minha mãe ficava com alguns caras para ganhar as coisas, presentes e até compras para casa mesmo. Ela tem cada história que você morre de rir. Até hoje, ela tem uns carinhas aí que ela ilude que ama, mas no fundo, no fundo, ela só está querendo ser bancada, ganhar uns presentinhos que ela não pode comprar. Ela sempre me disse que eu era bonita e que eu não fosse boba como ela foi, que eu tenho condições de conseguir um homem rico. Toda vez, ela fala que perdeu a grande chance dela, a chance de não ser mais uma mulher pobre com três filhos para criar e que não é para eu cometer o mesmo erro dela (PS6).

c) e da mãe que em sua vida foi uma garota de programa mal sucedida:

A minha mãe é uma garota de programa mal sucedida. Foi e ainda é. Acho que hoje ainda ela é. Acho que hoje ainda ela é, faz uns babados por fora, sabe? Ela tem 46, minha mãe foi... minha mãe é da Guaicurus, ela já trabalhou lá, já, acho que ainda trabalha. Só que a minha mãe não tem nada, nada (PS8).

Note-se que, nos relatos de PS6 e PS8, a forma de prostituição de que a mãe fez uso, no discurso das entrevistadas, está relacionada ao fracasso. Com PS6, a mãe reclama com a filha por ter perdido sua chance de ter uma vida mais estável, ao passo que, com PS8, o fato de a mãe ter sido uma prostituta mal sucedida, que trabalhava na zona da Guaicurus, lugar amplamente conhecido no Brasil em função da prostituição do baixo meretrício (PAIVA *et al.*, 2020), é uma fonte de vergonha para a entrevistada. Nos três relatos, a ideia de fracasso faz-se presente, porém, em PS1, esse fracasso está atrelado ao fato de a mãe ter se recusado à prostituição sutil engendrada pelas tias, o “casar-se por interesse”.

De forma notável, os trechos até aqui expostos apresentam indícios de que, para os seus respectivos entrevistados, a prostituição é comumente relacionada a um elevado nível de sujidade, seja ele moral, físico ou social, ao passo que a medicina é atrelada a uma ideia de sucesso, esforço pessoal e prestígio, posicionando-se, inicialmente, de maneira antagônica à prostituição. Cabe aqui a ressalva de que não se pretende fazer juízo de valor de nenhum dos grupos profissionais em questão, porém as entrelinhas das próprias entrevistas revelam a ideia de que a medicina é uma ocupação superior, que traz orgulho e prestígio ao seus, ao passo que a prostituição macula, trazendo vergonha e sujidades àqueles que dela tiram seu sustento, como apontado em outros estudos (PAIVA *et al.*, 2020). Evidentemente, esta é uma

concepção sócio-histórica tanto da medicina quanto da prostituição que pode, aos poucos, ser notada nos discursos dos sujeitos entrevistados neste estudo.

Seguindo a mesma lógica da primeira categoria analisada, as “condições socioeconômicas” são fortemente percebidas e foram apontadas como um fator de grande relevância para a escolha da ocupação por sete dos profissionais do sexo entrevistados. Nesse sentido, as condições socioeconômicas dividem-se, basicamente, em dois códigos analíticos, sendo o primeiro a ‘necessidade de sustento dos filhos’, apontado por PS6, PS7, PS8, PS9, PS10 e PS11, e o segundo pauta-se na ideia de que ‘pobre não vive, sobrevive’. que aparece nos relatos de PS1, PS7 e PS11.

A necessidade de sustento dos filhos, enquanto código analítico, é também apontado como um importante aspecto para se compreender a prostituição na contemporaneidade em diversos estudos que se debruçaram sobre a temática no contexto brasileiro (OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2017; SILVA; CAPELLE, 2017; PRZYBYSZ; SILVA, 2017; ALMEIDA; LOPES, 2020; PAIVA *et al.*, 2020; PEREIRA *et al.*, 2020). No caso específico deste estudo, seis das entrevistadas relatam que garantir o sustento dos filhos é a principal justificativa para que todas as mulheres profissionais do sexo entrevistadas para fins deste estudo adentrem à ocupação, como se nota nos relatos seguintes.

Tem uma cena que nunca vou esquecer. Eu, assim que completei os 40 dias de nascida da minha filha, me arrumei e fui para a boate trabalhar. Deixei minha filha na vizinha e tive que sair porque as coisas já estavam faltando dentro de casa. O pai dela sumiu, não ajudava em porra [*sic*] nenhuma, o que eu podia fazer? Agora me fala, para onde eu podia correr? Quem eu podia pedir ajuda? Me lembro que peguei o ônibus em prantos, eu chorava tanto por ter que fazer aquilo, por deixar minha filha de 40 dias na vizinha e ter que ir para a luta, transar com pessoas que não representavam nada para mim... são ossos do ofício, né. Pensava no pai dela, me dava ódio, mas eu precisava ser forte por ela. Nas primeiras semanas que eu voltei ao trabalho, eu ia no banheiro toda hora para tirar leite do meu peito, parecia uma vaca, jogando aquele tanto de leite fora. Mas aos poucos, eu me acostumei e aprendia a lidar com a situação. Quando não se tem saída, a gente é obrigada a sobreviver, ou era aquilo, ou passar fome com minha filha (PS6).

Tenho certeza que o meu momento-chave para a prostituição foi meu filho, fazer as coisas para ele, ele era pequeno e tinha a necessidade de ter as coisas, na época eu abria a geladeira e eu ter um litro de leite ali, tipo assim... você não ter nada, só aquele litro de leite e, mesmo assim, porque eu ganhei, entendeu? A COPASA chegou a cortar água, a CEMIG, a luz. Oh gente, não vou esquecer, foi quando eu fiquei sem água, sem luz e eu tinha um litro de leite na geladeira, um litro de leite. Foi, eu pedi, foi desse jeito, desci na casa da minha avó, pedi ela R\$ 5,00 e fui comprar o Jornal Super. Bom, na época, passagem era barata, com o troco eu paguei

para poder ir para lá. Mas foi necessidade. E no primeiro dia tirei R\$ 500,00 assim, e fica deslumbrada, né? O 1º dia? É assim, eu chorei muito, né? Porque eu senti muito nojo de mim no 1º dia. Eu fiquei, o meu 1º dia foi muito triste, peguei um homem muito escroto [*sic*], sabe? Um velho nojento, que queria beijar minha boca, queria [sexo anal]. (...) E eu chorei, fazendo o programa e chorando e ele achava o máximo. Esse velho ficou comigo duas horas e meia dentro do quarto, ele gostava de me ver sofrendo, gostava mesmo. Quanto mais eu chorava, e aí acabava o tempo, e ele: “Eu quero mais tempo com ela, eu quero mais tempo com ela”. Ele estava gostando de me ver naquele desespero ali. Foi. E foi assim, eu pensei em não voltar, no outro dia. Eu fiz a minha compra da minha casa, paguei as contas que estavam atrasadas para religar, né? Água, luz na minha casa. Paguei minhas contas que estavam atrasadas e comprei umas coisas para dentro de casa, para o meu filho, né? E eu lá, eu lembro que eu tomei banho com a bucha, eu até me feri assim, sabe? De nojo de mim. Mas aí eu pensei, e aí? Me senti suja. Não queria pegar meu filho no colo, no 1º dia. E aí ele estava deitado assim, na cama, já estava quase dando a hora de eu ir trabalhar, isso no outro dia, né? E eu olhando para ele assim, pensando, se eu não for de novo, vai voltar a continuar faltando as coisas, entendeu? E aí eu peguei e falei assim, coloquei na minha cabeça que era uma profissão e fui. Para mim eu considero uma profissão (PS8).

Reporta-se, nesse sentido, às colocações de Juliano (2005) que ressalta a impossibilidade de julgar a prostituição como algo sujo sem aprofundar na realidade desses sujeitos, suas práticas sociais e aspectos experienciais. Esses achados corroboram alguns estudos que, com uma parcela considerável das mulheres prostitutas, o ofício da prostituição geralmente está atrelado à maternidade, sendo este um elemento central para se compreender sua condição enquanto profissional do sexo (JULIANO, 2005; PRZYBYSZ; SILVA, 2017). Assim, “a prática social da maternidade e maternagem<sup>2</sup> é central em suas vidas e é esta condição, na maioria dos casos, que as leva a prostituição” (PRZYBYSZ; SILVA, 2017, p. 578). Se encarada como forma de sustento, a prostituição é envolta por várias identidades e práticas sociais que trazem à tona a questão da interseccionalidade. Um componente ativo dessa intersecção que se nota nos relatos de todas as profissionais do sexo entrevistadas deste estudo é a associação da maternidade/maternagem com o estado civil, dado que todas as entrevistadas eram mães solteiras e criavam seus filhos sozinhas, sem ajuda do pai ou da família paterna da criança, o que exemplifica a realidade da maioria das mulheres em situação de prostituição no Brasil (PRZYBYSZ; SILVA, 2017). Por outro lado, retornando à experiência pessoal na infância e na adolescência, no que tange à figura materna, essa preocupação com a manutenção do lar e a criação de filhos parece se constituir uma

---

<sup>2</sup> Maternagem: “não existe um instinto materno e sim uma construção do amor entre mães e filhos, a chamada maternagem. A ideia de que todas as mulheres nascem para serem mães nada mais é do que construir um papel de gênero arraigado à mulher. [...] A maternidade e a maternagem são coisas distintas, em que a primeira é uma experiência natural e a segunda é um complexo fenômeno social e tanto uma quanto a outra são produzidas diferentemente em diferentes lugares e são indissociáveis de corpo, gênero, lugar e cultura” (PRZYBYSZ; SILVA, 2017, p. 573).

reprodução de um *modus operandi* rumo à sobrevivência, permeada de violência, de sofrimento, de autoflagelo e de autocomiseração.

Por outro lado, trechos dos relatos de PS6 e PS8 apresentam ainda indícios, mesmo que de maneira amistosa ou não violenta, das pechas que a prostituição subscreve sobre os seus. Ao afirmar que “me senti suja. Não queria pegar meu filho no colo, no 1º dia”, PS8 elucida alguns dos efeitos deletérios das sujidades, principalmente morais, do ofício da prostituição. Em contrapartida, note-se ainda um movimento de resistência do por parte das entrevistadas e o início de um processo latente de empoderamento no discurso das mesmas. Se, de uma parte, as condições socioeconômicas delas as inseriram em um contexto de escassez quanto às suas necessidades básicas, de outra, sua decisão por se prostituir é fonte de empoderamento e orgulho, por terem sido corajosas o bastante para tomar tal decisão e mudar o curso de sua vida e de seus filhos (PAIVA *et al.*, 2020), portanto, é uma forma de resistência. Assim, “tratar a prostituta sempre como vítima incapaz de tomar decisões por si mesma é subestimá-la” (OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2017, p. 147). Contudo, ignorar o viés sociocultural patriarcal, no qual mulheres são subjugadas e chegam a receber salários cerca de 30% mais baixos que os homens de mesma função, além de serem vítimas das mais variadas formas de violências, sendo, em alguns casos, afastadas até mesmo da autonomia econômica, mesmo que obrigadas a sustentar seus filhos sozinhas, é uma maneira de perpetuar as diversas formas de violências sobre as mulheres pelos homens (HIRATA, 2010).

Já o código analítico “pobre não vive, sobrevive” apresenta-se como uma crítica, por parte dos entrevistados, de que o indivíduo quando nasce em determinadas condições sociais, em dado momento da vida é obrigado a sujeitar-se a determinadas coisas, como prostituir-se. Tal apontamento pode ser identificado em relatos de quatro dos profissionais do sexo entrevistados (PS1, PS5, PS7 e PS11). Observem-se os trechos:

Eu tentei ter um trabalho normal, né? Estudei, fiz um cursinho de farmácia e enfermagem, mas sim, a vida de pobre não é fácil, não tive condições de manter os estudos e, logo aos 16 anos de idade, morava um inquilino na casa do meio. Ele então era um menino, era boy, ele se transvestiu [*sic*] e começou a descer em Santa Cruz. Na época, o programa em Santa Cruz custava R\$ 50,00 completo e R\$ 30,00 o oral. Aí ele falou comigo, né, que estava se prostituindo, que não tinha condições, a mãe dele também não tinha como pagar um curso para ele ter uma qualidade de vida, sabe? Porque pobre só sobrevive, não vive. E eu fui com ele aos 16 anos, eu me montei e desci a rua. Me desci, me transvesti [*sic*] e mudei meu nome pra Rita, de Rita Cadillac, que foi a minha inspiração. Aí dos 16 aos 17 anos, eu fiquei me

prostituindo na rua, montado. E parei de me montar e desci como boy no bairro de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro, e o programa lá podia ser um pouco mais caro, até R\$ 100,00, né? Um programa completo. E fui trabalhando dessa forma. Eu trabalhava numa lanchonete e fazia programas, que eu marcava com homens através da internet, através do chat do bate papo [nome do site] ou anúncios em site pornográficos e sites de pegação e costume de ir para rua também à noite na madrugada procurar cliente (PS1).

Interessante destacar que a ideia de que “pobre só sobrevive, não vive” (PS1), em alguns casos materializa-se como um processo de desilusão e perda de esperança por uma vida profissional “normal” ou socialmente aceita, com menor ou nenhum grau de sujidades por parte dos entrevistados.

Velho, eu já tentei de tudo que você pode pensar para conseguir seguir minha vida fora da prostituição, mas nunca dá certo para a gente que é pobre, a luta é muito grande. Hoje, eu cansei disso, faço filmes pornôs mesmo, sem peso nenhum na consciência. Aliás, perdi esse peso há muito tempo, tentei de tudo e nunca me deram oportunidade, agora foda-se [*sic*]... porque criticar aparece um tanto de gente... liguei o foda-se [*sic*] mesmo, essa é minha forma de existir hoje (PS5).

Eu era completamente iludida. Pensei que minha vida seria igual um conto de fadas, que um dia alguém ia aparecer na favela e me tirar de lá, que eu ia poder estudar e conseguir tudo que sempre quis. Mas aí você leva tanto na cara, a vida te dá tanta rasteira que você vê que isso era só o sonho de uma menina, mesmo, que a pobreza fez questão de matar (PS11).

Tais relatos elucidam as barreiras que estão presentes na vida, não apenas dos profissionais do sexo, mas certamente de trabalhadores de diversas outras categorias profissionais cujo aviltamento fazem-se presentes no cotidiano laboral (BOSMANS *et al.*, 2016; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016; LÖFSTRAND; LOFTUS; LOADER, 2016; PERRY, 2017; VALTORTA *et al.*, 2019). Cabe aqui uma ressalva de que essas barreiras impostas pelas condições socioeconômicas dos entrevistados apresentam indícios de que contribuem para seus respectivos processos de identificação, bem como de construção de significado e de sentido para seu trabalho, aspectos pautados adiante neste estudo.

Para os profissionais médicos entrevistados, a categoria “condições socioeconômicas” não se apresentou como relevante em seus respectivos discursos. Provavelmente, isso ocorreu em decorrência da condição socioeconômica privilegiada dos entrevistados, e, mesmo para os que mencionaram, em algum momento da entrevista, aspectos relativos a uma “condição de vida humilde”, isto não foi um fator preponderante em suas vidas, dada a estrutura familiar sólida que possuíam e os incentivos aos estudos formais. De todos os profissionais médicos

entrevistados, apenas no caso de PM10, uma condição social imposta foi vista pela própria entrevistada como um fator relevante para sua opção pela medicina.

Eu passei por um acidente, tive trauma importante, no acidente eu perdi a minha amiga e o pai dela, eu fiquei um tempo sem andar, fiquei uns dois meses no hospital. E nesse período, eu já estava esperando o resultado de Goiânia, na UFG, só que eu não passei e durante o processo da internação eu tive mais certeza do que eu queria, muita gente pensava que nesse momento, talvez, eu desistiria pela dificuldade, pelo trauma, meu acidente foi em autoestrada, então, o tempo todo que eu estava internada, eu tinha contato só com os meus pais, né? E com outros familiares era só por telefone mesmo. Mas aí, eu reforcei a minha vontade de fazer medicina e acho que uns dois anos depois, eu fiquei um ano parada e aí depois eu passei na UFG. Aí eu me mudei pra Goiânia, fiz medicina na Federal de Goiás e, até então, eu pensava na especialidade de pediatria e lá eu tive contato com o centro de reabilitação e eu via os pacientes que eu acho que teve interferência pelo acidente que eu passei que eu precisei fazer reabilitação motora, eu tinha uma incapacidade e consegui recuperar e aí eu tive contato com o Centro de reabilitação, e isso mudou um pouco a minha visão. Na reabilitação, eu tinha contato com crianças também, mas eu acho não por ter ficado só por isso, mas foi um dos motivos que eu escolhi a área de medicina física e reabilitação. E aí no final da faculdade, eu decidi prestar, eu prestei em alguns lugares, e entre esses lugares que eu passei o melhor optado foi a USP, pela estrutura toda do serviço, eu me mudei aqui pra São Paulo, termino a residência o ano que vem, eu estou no 3º ano, hoje, apesar de gostar muito de criança, me interessei muito mais por dor (PM10).

Considerando a forma com que os entrevistados desta pesquisa estruturaram seus discursos ao contarem suas respectivas histórias de vida, buscou-se compreender quais influências eles considerariam diretas para sua vida profissional. Nesse sentido, eles foram questionados frontalmente acerca de quais influências diretas podem perceber como importantes para enveredarem pela prostituição ou pela medicina. Assim, as respostas de tais questionamentos apresentaram-se de maneira diametralmente opostas (incluídas e perceptíveis na Tabela 1), sendo, de um lado, as “influências marginais” — que os levaram às margens das estruturas sociais, por exemplo, drogas, agressões, barganhas e abusos sexuais — que se fazem fortemente presentes nos discursos dos profissionais do sexo; na margem oposta, as “influências simbólicas” — por exemplo, o prestígio, o “chamado”, a influência de terceiros e o gosto pelos estudos — estão presentes nos relatos dos profissionais médicos.

Para o caso dos profissionais do sexo entrevistados, as “influências marginais” parecem ser parte constituinte de suas vidas. Nesse aspecto, os discursos dos entrevistados desvelam uma história de vida conturbada, principalmente na adolescência, marcada por agressões das mais diversas naturezas dentro do ambiente familiar.

Depois que minha mãe foi embora, sofri muito na casa das minhas tias. Sempre me zoavam, riam de mim falando que fui abandonada, me tratava como se eu fosse uma escrava mesmo. Nossa... só de lembrar já começo a chorar, foi tanta humilhação. Mas tinha que aceitar tudo calada, porque eu precisava comer e ter um lugar para dormir, mas não foi fácil não (PS10).

O uso de drogas ilícitas também foi mencionado por seis dos entrevistados (PS1, PS3, PS4, PS6, PS8 e PS9) como um elemento “marginal” importante em sua trajetória.

Esse caminho é muito complicado, quase todos os garotos usam drogas. Às vezes, isso vem desde quando eram mais novos. A gente acostuma com as drogas, e aquilo passa a fazer parte do seu dia, da sua vida, sabe? Quase sempre tendo que estar sobre efeito de droga, de álcool, de estimulador sexual, enfim. [Você usou muitas drogas?] Sim, todos os dias, a droga, ela era constante na minha vida. Eu usava droga desde a hora em que eu acordava, até a hora em que eu fosse dormir. [E que tipo de droga, principalmente?] Drogas químicas como cocaína, LSD, êxtase, lança-perfume, maconha, eu cheguei até a usar crack uma época, de prostituição de rua quando eu fiz. Mas droga era constante na minha vida. [Você acha que a utilização de droga como o crack foi em função do trabalho?] Foi também, drogas e prostituição andam lado a lado, de mãos dadas, porque é um público totalmente diferente do que eu tinha costume de atender, eu estava envolvido com outros tipos de pessoa também, que fazia programa, e, a rua, acho que chama mais pra essas coisas, sabe? E foi por influência até mesmo de uma pessoa que trabalhava na rua, eu não conhecia o crack, fui conhecer através dela. A gente tinha feito programa a noite inteira, ela me pediu dinheiro emprestado, pediu para me levar nesse lugar e nesse lugar ela me apresentou o crack. Na verdade, ela colocou na minha boca e fez eu usar, e dentro disso eu fiquei três dias usando crack, mas era tão sujo, essa droga é tão suja que, após eu usar, depois que eu caía na realidade, eu falava: “O que eu estou fazendo? Eu vou me acabar nessa droga” e aonde eu decidi não mais usar, mas as outras drogas eu tive constantemente uso. É tanto que a cocaína... eu tive duas overdoses de cocaína, uma com 16 para 17 anos e outra com 19, mas eu precisava estar sobre efeito de droga, senão eu não conseguia atender essas pessoas. E uma parcela de uns 50%... 55% dos meus clientes gostavam de usar, e eu era pago também para usar junto (PS4).

Vale destacar que o uso de drogas por parte dos profissionais do sexo ora é feito como um aspecto inerente ao trabalho, à sua realização em si (como mencionado no trecho de PS4), dado que todos os entrevistados destacam que o consumo de drogas é muito comum entre os clientes, ora é como uma forma de atenuar e, em alguns casos, fugir da realidade em que o indivíduo se encontra.

Eu fumo maconha o tempo todo, acho que deu para você perceber, né? É que isso me deixa muito mais agradável, mais, digamos assim... deixo de ser eu (PS1).

Hoje, eu vejo que preciso de um *beck* [cigarro de maconha], fumar um sempre, todo dia fumo. É que ele deixa as coisas mais fácil para mim (PS3).

Fumo meu chá todo dia mesmo [cigarro de maconha], fico brisada mesmo. Hoje, tenho a plena consciência que, às vezes, faço isso para fugir da minha realidade, e funciona (PS6).

Outro fato que chamou atenção foi que, para os profissionais do sexo, nota-se a presença de dois códigos analíticos que refletem questões traumáticas relativas à trajetória de vida dos entrevistados. O primeiro, aqui denominado “barganha”, foi percebido no discurso de cinco dos entrevistados (PS2, PS3, PS4, PS6 e PS9). Trata-se de uma pessoa “qualquer” que passou pela vida dos entrevistados e que concedeu “presentinhos” ou uma qualidade de vida que eles não possuíam. Uma qualidade de vida melhor, por exemplo, foi a força motriz de PS6 para sair de casa e ir morar com um homem mais velho, do qual ela não gostava, porém lhe proporcionava uma vida mais estável.

Com 18 anos, eu decidi sair de casa, eu saí de casa para morar com namorado. Esse namorado tinha uma condição de vida bem melhor, sabe? Uma condição financeira excelente, ele era rico, muito rico. Aí ele podia me proporcionar coisas que nem eu imaginava, só que esse relacionamento durou pouco tempo, durou dois anos. Então, depois disso, eu fiquei meio sem rumo, sabe? Eu já não tinha mais o amparo financeiro dele, eu tive que me virar e eu também não tinha coragem mais de morar com minha mãe de novo, então eu... eu senti que, a partir dali, eu tinha que me virar sozinha. Aí eu fiquei um tempo procurando emprego, trabalhando assim, de carteira assinada, eu ganhava muito pouco, pagava aluguel, era tudo muito difícil e aí eu decidi que eu queria fazer faculdade, queria crescer na vida mesmo, entendeu? E eu não vi outra oportunidade que fosse mais fácil do que fazer isso, entendeu? Não que eu quero dizer que é fácil fazer isso. Mas financeiramente, foi a melhor coisa. Naquele momento, para mim, entendeu? E tem sido até hoje. [E como foi o momento assim, que você decidiu a escolher a fazer programa? Como foi isso na sua cabeça?]. Olha... Para mim, eu já... Eu ficava um pouco receosa porque eu achava que era muito errado, sabe? Eu achava que eu estava desrespeitando meu corpo. Eu tinha muitas crenças que eu fui desconstruindo ao longo do tempo. Mas de certa forma, eu já meio que fazia isso, porque, quando eu saí para morar com o cara mais velho, eu não tinha atração por ele, é como se eu tivesse me vendido naquele momento. Para mim, na verdade, não foi o momento da prostituição, não foi o crucial, foi o momento que eu conheci esse cara. Porque eu era uma menina muito boba do interior criada com avó, então, quando eu aceitei a proposta de morar com ele, porque ele estava me bancando, ali meio que eu já me senti uma prostituta, entendeu? Ali, meio que eu quebrei muito da minha inocência nesse relacionamento e, quando eu saí dele, eu já estava meio que disposta a qualquer coisa, sabe? Então, eu só queria crescer, só queria manter aquilo que eu tinha vivenciado (PS6).

Apesar de sempre consciente de ambas as partes, o processo de barganha se desenrolava de diferentes maneiras: em alguns casos, ele se dava entre indivíduos “maiores de idade” e, portanto, responsáveis e conscientes de seus atos (como exposto no relato de PS6); em outros casos, o processo discorria de maneira violenta e sórdida, envolvendo entrevistados (PS3 e PS4, por exemplo) “menores de idade” na época, configurando abusos e, portanto, crime contra a dignidade humana, previstos na legislação brasileira.

Vindo para São Paulo, eu fazia 16 anos, aí eu completei o ensino médio aqui. Nesse período, tinha um cara, quando trabalhei como jovem aprendiz no [loja de uma rede internacional de *fast food*] e tipo daí, tinha um cara que me dava um monte de coisa, falava que não era legal eu trabalhar, esse negócio, aí ele que gostava de ficar comigo. Nossa, ele me dava um monte de coisas, daí, fazendo, fazendo, fazendo. Ele tinha uns amigos que era garoto de programa, ele ia junto e tal, e foi... E até hoje eu estou aqui (PS3).

Com 13 anos de idade, eu passei por um abuso sexual. Um policial que fazia ronda de bairro, isso era comum em cidades de interiores, os policiais fazerem essa ronda, e era contínuo o que eles faziam. E por não ter tido convívio com meu pai, eu sentia uma carência paterna de um homem, e esse cara demonstrava ser muito carinhoso e eu não tinha maldade, 13 anos não tinha maldade nenhuma. Sabia desde criança que eu era *gay*, mas assim, não tinha maldade. E com 13 anos eu fui abusado por esse cara, ele me... primeiro ele me induziu a... me comprando com guloseimas, doces e presentes. Num dia, me levou num parque abandonado e eu sofri esse abuso. Foi uma dor muito grande que eu levei, por anos, ficou sequelas por muito tempo ainda em mim, não só psicológicos, mas físicos. É tanto que eu não conseguia ter relação anal, porque eu sentia muita dor, acho que pelo fato de ter sido abusado. E depois desse fato, eu, com 14 anos de idade, assumi minha condição sexual para minha família. Não que o abuso sexual me condicionou a ser *gay*, eu desde criança, minhas brincadeiras eram desenhar roupa para boneca, enfim eu já me sentia, eu já sabia o que eu era, desde de criança. Mas com 14, eu decidi assumir com minha família extremamente machista, interiorana, com criação extremamente rígida. Foi umas das fases mais difíceis da minha vida porque eu vivi sobre uma pressão familiar muito pesada, por ser homossexual, eles não aceitaram, sofria agressão física, psicológica, muito assim... palavras maldosas. A única pessoa que me apoiou foi uma tia minha, irmã da minha mãe, que ela chegou a falecer em 2008, mas uma das pessoas que me apoiava. E nessa fase eu saí de casa, de 14 para 15 anos eu saí de casa e fui viver minha história (PS4).

A composição de um crime de abuso sexual contra um menor pode ser percebida em ambos os relatos destacados. Entretanto, chama-se atenção para o trecho de PS4, no qual o abusador, um policial que era responsável pela ronda de segurança do bairro, utilizou-se de artifícios vis para atrair a confiança da criança e estuprá-la. Notavelmente, esse acontecimento mudou completamente a vida do entrevistado, que enuncia claramente os reflexos deletérios desse abuso sobre ele no decorrer de toda a entrevista: em vários momentos, o entrevistado PS4 resgatava e revivia o acontecido, como uma tentativa de justificar para si mesmo sua atual condição psicossocial. Cabe aqui destacar que o abuso sexual em homens há tempos é visto à luz de uma relação causal direta com a prostituição, dado que relatos desta natureza são cada dia mais comuns no meio da prostituição masculina (LIMA, 2016).

Em alguns casos, o abuso pode ser ainda percebido como uma prática infantil, uma brincadeira “inocente” entre integrantes de uma mesma família, como observável no relato de PS8, a seguir.

Para me ligar a exatamente isso [prostituição] assim, não exatamente, mas eu tive por exemplo, quando eu acho que eu e/stava lá com os meus 9 anos, mais ou menos, eu tive um primo que me levou para o quarto dele uma vez, e a gente brincando, ele foi e falou assim: “Deixa eu te ensinar a beijar.” Enfiou a língua na minha boca. Primeira vez que eu beijei, nem sabia o que era beijo. [Se lembra da idade desse primo?] Pela nossa diferença de idade, ele devia ter em torno dos 20, 21 anos (PS8).

Já em outros, o abuso materializa-se com muito mais força e requintes de crueldade, incluindo uma condição de inconsciência em decorrência de álcool por parte da abusada e trazendo consequências duradouras para ela.

Então, quando eu saí de casa com 17 anos e meio, eu era professora de balé, estudei balé minha vida toda, desde os 4 anos, e comecei a dar aula numa escola muito grande lá em Conselheiro Lafaiete. Saía de domingo a domingo. Porque desde que eu conheci a farra, a balada, eu vi que era tudo que eu gostava, entendeu? [...] Não é um assunto que eu nem queria abordar não, mas eu acho que é interessante para sua pesquisa. Assim... sempre gostei de sair, mas nunca gostei de me envolver com ninguém, não era à toa que com mais de 23 anos eu ainda era virgem. E num belo dia, quando eu estava voltando da balada, tinha um cara que eu tinha dado uns beijos, e só isso porque ele era da minha turma no vestibular, enfim a gente tinha ficado algumas vezes, ficado de beijo, porque também como eu não conhecia muito essa parte sexual, eu sempre fui muito amedrontada dentro de casa, que a gente pegava doença, qualquer coisa a gente ia pegar doença, qualquer coisa, porque eu fui uma criança criada para ser casada virgem. Então, eu não era muito... na verdade eu odiava sexo, porque o que me remetia na cabeça era uma coisa ruim, da forma que eu fui criada. E aí um dia, eu estava muito bêbada, sempre fui de beber muito, muito mesmo, não sei o bem que a bebida me faz, mas me faz muito bem, me deixa com Alzheimer, fazer esquecer tudo que está acontecendo de ruim. Então, meio que para mim é bom. E um dia, eu com umas amigas minhas, um grupo de amigas onde elas eram namoradeiras. Na balada, chegava na balada, eu era a que bebia, saía tonta, caindo aos pedaços e elas que sempre arrumavam macho. Eu estava muito bêbada, senti lá na porta de uma pizzaria, e o pessoal da pizzaria já me conhecia porque eu já tinha me visto com ele [o cara que ela ficava, às vezes]. Falou: “Ah, sua amiga está passando mal lá fora.” E comecei a vomitar, passar mal horrores e tal. “Não, eu levo ela para casa. Eu levo ela para casa. Sei onde ela mora. Eu levo ela para casa. Preocupa não”. E eu lembro no outro dia eu acordando gozada dos pés à cabeça. A única coisa que eu lembro no outro dia foi isso. Eu acordei gozada do pé à cabeça. Não tinha onde ter mais espermatozoide no meu corpo. E eu acordei naquela situação meio sem saber o que estava acontecendo. Antigamente, antigamente que eu falo uns 5, 6, 7 anos atrás o abuso não era uma coisa tão falada, não era uma coisa tão... Era uma coisa vergonhosa. E aí com o tempo, com o tempo, eu percebi que eu tinha sofrido um abuso. Só que a sociedade sempre coloca que a responsabilidade é nossa, né? “Ah, mas ela estava bêbada” (PS9).

A entrevistada afirma ainda que não sabe quantas pessoas a estupraram naquela noite e que, além de ter perdido sua virgindade, ela engravidou: seu primeiro filho, criança que ela rejeitara, foi criada pela avó e sem nenhum contato com ela. PS9 afirma que paga a pensão para que o filho tenha de tudo, mas simplesmente não consegue conviver de maneira nenhuma com ele.

Note-se ainda, no relato de PS9, o processo de banalização da violência contra a mulher, como a culpabilização que sente por ter sido estuprada, pois ela estava bêbada. Assim, aos olhos das sociedades patriarcais e machistas, o fato é visto como uma forma de punição pelo seu “comportamento desviante” (PEREIRA *et al.* 2018). Já por parte da entrevistada, uma estratégia notada é a utilização em excesso do álcool como uma forma de suspender, mesmo que temporariamente, sua condição enquanto uma mulher prostituta que foi abusada sexualmente, e tal estratégia é notadamente percebida no trecho que reflete sua continuidade até os dias de hoje: [o álcool] “me deixa com Alzheimer, faz esquecer tudo que está acontecendo de ruim. Então, meio que para mim é bom” (PS9).

Na outra extremidade, a categoria “influências simbólicas” é fortemente notada nos relatos dos profissionais médicos entrevistados deste estudo. O prestígio da medicina associado à construção simbólica de que ela é “a mais bela das ocupações” e o gosto pelos estudos permeiam as construções discursivas dos entrevistados quando questionados diretamente sobre o motivo pelo qual eles a escolheram enquanto profissão.

A minha irmã mais velha é médica. Já tinha uma, essa história já é uma, né? Permeou a minha adolescência. E eu era mais ligado a essa área de biológicas mesmo, e assim... E eu estudava num colégio que fui colega da [ex-aluna de destaque na sua área profissional], onde a performance exigida era realmente muito elevada, e isso permitiu que eu me habilitasse naquela altura para qualquer carreira, né? Como eu gostava muito dessa área de biológicas, me sentia muito mais à vontade, e realmente medicina é uma profissão que tem um certo, a gente sente um chamado, né? Acho que a medicina, ela chama, um pouco de dedicação, e como eu estava na condição de me habilitar para a profissão, aconteceu (PM1).

Eu acho que a história da minha mãe, a vontade de cuidar tem uma certa influência. Mas também tem uma certa influência nos benefícios que a carreira de médico no nosso país assim, considerando as profissões, pode garantir (PM7).

A ideia de fazer medicina era a influência muito grande da minha vida no interior, porque no interior o médico é visto com muito bons olhos, é respeitado é um profissional que todo mundo tem uma grande admiração. Inclusive meu pai. Meu pai era funcionário público e ele sempre elogiava os médicos de Caratinga, sempre me falava. Papai foi um grande admirador da minha opção em fazer medicina, porque ele estava sempre elogiando, sempre falando bem, né? E expondo que era bonito ser médico (PM9).

Consideravelmente, os holofotes sob os quais a medicina reside são fatores preponderantes para que, via de regra, a maioria dos médicos optem pela profissão. Quando questionados

frontalmente sobre quais acontecimentos em sua história de vida eles julgam serem importantes/marcantes para sua opção pela medicina, identificaram-se apenas vivências positivas nos discursos dos médicos, ao passo que, para a maioria dos profissionais do sexo entrevistados, as vivências são negativas. Observe-se: o gosto pelos estudos foi mencionado apenas por um dos profissionais do sexo entrevistados (PS1) e, mesmo assim, com a ressalva de que gostava muito de estudar, mas não teve oportunidade de fazê-lo. Já para os profissionais médicos, o gosto pelos estudos foi sempre atrelado a uma estrutura familiar e de vida que o viabilizasse.

Para se analisar a trajetória de vida dos participantes deste estudo, buscou-se ainda identificar como eles se veem, cada um em sua devida profissão, em pleno ano de 2020. As análises das respostas apontam, para a maioria dos profissionais do sexo entrevistados, ora a necessidade de anonimato, ora um latente processo de empoderamento. Já as respostas dos profissionais médicos direcionam novamente para a ideia de prestígio, bem como suas percepções acerca de um processo de desvalorização da profissão. As respostas dos entrevistados que sugerem essas categorizações estão explicitadas na Tabela 2, na sequência.

Tabela 2 - O ser profissional do sexo/médico, no Brasil em 2020, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Empoderamento	Determinação e coragem	PS1, PS5	2			2
	Foco	PS1	1			1
	Sobrevivência	PS2, PS5, PS8	3			3
	Necessidade	PS4, PS8, PS10	3			3
	Vitoriosa	PS11	1	PM10	1	2
	Lutadora	PS6, PS11	2			2
	Preconceito racial			PM6	1	1
Anonimato	Não sou nada, sou dona de casa	PS7	1			1
	Anônimo	PS7, PS9, PS10, PS11	4			4
Processo de desvalorização	Difícil			PM6	1	1
	Profissão desvalorizando-se			PM2	1	1
	Você é substituível facilmente			PM2	1	1
	Insegurança			PM3	1	1
Prestígio	Heróis			PM4	1	1
	Confortável			PM5, PM9, PM10	3	3
	Acolhedor			PM7	1	1
	Nível profissional ideal			PM8	1	1
	Processo de valorização			PM1	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

As respostas acerca do que é ser um profissional do sexo ou da medicina no Brasil, em pleno ano de 2020, categorizam-se de maneiras diametralmente opostas. Note-se que a maioria dos profissionais do sexo apresentam em suas falas um processo latente de empoderamento, associando estar em seu ofício com sentimentos que exprimem coragem, força, persistência e ambição.

Cara, é ser uma pessoa de muita determinação, coragem. É ser uma pessoa que tem objetivo e foco na vida (PS1).

É a realidade do país, eu acho que também nem me coloco na situação que eu estou. Eu me sinto uma lutadora como várias outras que estão na mesma condição, porque, às vezes, não estão tendo oportunidades melhores no país, entendeu? Mas eu não

vou mentir não, talvez, se eu fosse para outro país, eu faria prostituição para ganhar mais dinheiro lá também, entendeu? Não posso culpar só... A minha ambição também tem uma culpazinha (PS6).

Assim, pode-se dizer que, apesar de todos os percalços que os entrevistados listaram até aqui acerca de suas respectivas histórias na prostituição, a coragem de assumirem-se como tais e a tentativa de mudar o curso de suas vidas é uma fonte concreta de empoderamento, tanto para homens quanto para mulheres. Tais achados corroboram os de Paiva *et al.* (2020), segundo os quais a vida marcada pela adversidade no contexto prostituição, por vezes, cria um processo de empoderamento como uma forma de existir e resistir. Esse empoderamento ainda pode ser notado pela ótica dos códigos analíticos “necessidade” e “sobrevivência”, conforme exposto nos relatos seguintes.

Assim como todos, é sobreviver. É sobreviver da melhor forma, igual eu te falei. Não foco tanto no programa, então por isso eu foco mais nas gravações [dos filmes pornográficos em que atua]. Eu tenho que sempre, para mim, que estar gravando, entendeu? Então, eu dentro dos vídeos, dos filmes, o dinheiro ainda está de boa. Mas dentro do programa, realmente fica ruim (PS2).

É viver pela necessidade. Mas também é superar o que foi imposto para mim e ligar o foda-se [*sic*] para essa sociedade hipócrita (PS10).

Esse processo de empoderamento também pode ser percebido no relato de dois dos médicos entrevistados (PM6 e PM10). Marcadamente, para um deles, esse processo se dá frente à superação diária de ser um dos poucos médicos negros que conhece no país.

É difícil, é bem difícil. É difícil, mas ao mesmo tempo é muito bom. É muito bom. Porque eu, pelo menos, eu sinto que eu estou mostrando do que um negro é capaz. Eu acho que eu mostro, para um negro que eu atendo na periferia, ele também pode, sabe? Eu acho que eu mostro para o branco que nunca imaginou que ver um negro atendendo, fazendo o que eu faço, eu acho que mostra para ele assim: “a gente tá chegando”, e eu acho que, nossa, é tanta coisa. Por exemplo, eu já fui demitido por ser negro. Eu já ouvi de paciente, assim, que não era certo eu estar atendendo ali, porque, ou então que o paciente não esperava ser atendido por um médico negro, esperava um médico branco. Eu já ouvi de criança falando assim: “Minha mãe falou que é errado você fazer isso.” Aí eu perguntei para ela: “O que eu estou fazendo de errado?” Aí ela falou: “É porque a minha mãe falou que não era você que ia atender a gente não.” Sabe? Uma coisa assim, já ouvi de A ou B, por exemplo, um exemplo que já aconteceu algumas (...). O rapaz entrou com a mãe dele e a mãe dele numa situação mais grave, desacordada, e eu fui atender, fui perguntar, fui ver o que estava acontecendo, e ele chegou assim: “Não, neguinho, tira a mão da minha mãe, chama um médico.” Então é isso não é difícil de acontecer. Eu já fui chamado de “negão filho da puta”. Isso não me deixa triste, isso me deixa motivado, sabe? Algumas pessoas usaram isso como: “Nossa, que saco.” “Nossa, tá difícil.” “Nossa, não vale a pena.” Eu não! Eu encaro isso: “Pode mandar mais porque eu estou aqui e atrás de mim estão vindo mais. Fica tranquilo que está chegando mais gente.” Sabe?

Então, eu acho que, ao mesmo tempo é difícil, porque tudo para gente dessa forma é um pouco mais difícil, para alguns muito mais ainda. Mas é muito bom, sabe? Ser médico na sociedade hoje. É muito bom ser (PM6).

O relato de PM6 assevera o preconceito estrutural que compõe a estrutura do país. Interessante destacar nesse sentido que, no caso de duas entrevistas com profissionais médicos deste estudo (PM6 e PM10), um discurso com um tom de denúncia contra o racismo fez-se fortemente presente. Ambos os entrevistados deixam claro em seus relatos como é mais complicado ser um(a) médico(a) negro(a) no Brasil, cuja estrutura social ainda é fortemente alicerçada no preconceito, desmerecendo, por vezes, uma dívida histórica do país para com a população negra. Cabe ainda uma ressalva de que, para o questionamento aqui em pauta, tal empoderamento esteve presente no discurso apenas dos dois únicos médicos negros do grupo pesquisado, nos quais o orgulho e o sentimento de que é possível mudar uma realidade adversa faz-se parte integrante dos relatos.

Olha, é uma vitória. Eu acho que é assim, eu vejo como uma vitória mesmo, onde eu cheguei e acho que é questionador para o outro, para sociedade, porque não é uma coisa comum, então eu acho que é muito importante para sociedade que existam em todas as profissões que talvez eles dão mais prestígio e eles veem melhor que seja assim, que a sociedade veja. Mas eu acho que em todas as esferas de poder precisam ter, que sejam mulheres, mas que tem que ter mulheres negras para mostrar que é possível. Porque, às vezes, é uma coisa tão distante da realidade que acaba sendo marginalizado, se fosse uma coisa que é tão comum, não era para se marginalizar (PM10).

Se, para eles, a profissão é um dos fatores de desmarginalização e visibilização, para a maioria dos profissionais do sexo a categoria “anonimato” foi identificada em seus relatos. Essas evidências de que o anonimato é importante para os profissionais do sexo traz em seu bojo o juízo de valor de que a prostituição é um trabalho ruim que envergonha aqueles que dele sobrevivem. Nesse aspecto, a importância do anonimato na prostituição lança luzes sobre as sujidades que a sociedade lança sobre tal ocupação.

No Brasil, hoje eu vou dizer que não sou nada, sou uma dona de casa (PS7).

Na verdade, a Mirela [nome fictício utilizado pela entrevistada no seu trabalho], ela é a Mirela só da porta para dentro do trabalho. Da porta para fora, na sociedade, ninguém conhece, a não ser que frequente lá dentro. E a visão do homem não pode ser a mesma do povo aqui de fora. Mas desde que você saiba qual é o seu lugar, não seja vulgar e não se escandalize perante a sociedade, é tranquilo. E sempre vai ser tranquilo, porque, tipo, é igual eles falam, desde que o mundo é mundo existe prostituta, eu acho que sempre vai existir. Eles falam que é a profissão mais velha do

mundo, né? Então, é tranquilo. Eu acho que cada um tem que saber o seu lugar, só isso (PS9).

Destaca-se que, na tentativa de relacionar a prostituição à necessidade de anonimato, a entrevistada PS7 traz ainda, em seu trecho discursivo, uma referência ao trabalho doméstico, o qual muitas vezes é alinhado ao “trabalho sujo” como marcado pela mancha social, ou seja, o aviltamento por meio da invisibilização, como é o caso de empregadas domésticas (ASHFORTH; KREINER, 1999; TEIXEIRA; SARAIVA; CARRIERI, 2015).

Ademais, o anonimato pode ser visto como uma forma de preservar a identidade pessoal do profissional do sexo. Em termos gerais, essa inferência apresenta indícios da complexidade que circunda o processo de construção da identidade, inclusive a profissional, tendo em vista ocupações marcadas por sujidades, adversidades e, em alguns casos, marginalização.

Destaca-se que, para três dos profissionais médicos, atualmente a medicina passa por um processo de desvalorização. Evidentemente, esse processo é percebido por parte dos médicos entrevistados quando comparado o atual cenário da medicina no país com o de outrora, quando tal área era supervalorizada e altamente prestigiada.

Eu acho que já foi mais fácil e mais talvez rentável e mais é... Prestigiado (risos). Mas eu acho que ainda é muito bom, mas eu acho que é difícil assim, porque o número de médicos cresceu demais, né? Então assim, a profissão foi muito desvalorizada por quem contrata assim, né? Talvez não socialmente para quem está de fora, mas em hospitais, em plantões e tal, tipo assim, você é muito substituível. Antigamente não era tanto isso, tipo assim, e acho assim, agora está um pouco melhor, mas tinha uma certa guerra contra os médicos assim, socialmente falando, sabe? Como se todo médico fosse, sei lá, tivesse só querendo ganhar em cima dos outros, né? É... nossa, eu lembro, quando eu estava na faculdade, tudo era culpa dos médicos no Brasil (PM2).

Eu acho que dá um pouco de medo assim, de projetar o que vai ser o nosso futuro, porque o nosso presente está muito incerto, eu trabalho mais com o SUS, então aí a gente vê que os investimentos estão caindo, e a gente está perdendo área de trabalho, acho que é isso, que é uma insegurança assim (PM3).

Por outro lado, mesmo frente a esse processo de desvalorização da força de trabalho, que assola a maioria das profissões no Brasil, a medicina ainda é vista pelos entrevistados como um trabalho que traz segurança e prestígio aos seus praticantes. Assim, em alguns relatos, nota-se certo conforto em ser médico, no país na atualidade.

Olha assim, é... Não é uma coisa para mim absurda não. Mas é uma coisa ok, né? Assim, que eu falo não é uma coisa gigantesca para mim, sabe? É até de certa forma confortável? É uma coisa ok. Mas, assim, até porque se a gente fosse parar para analisar assim, né? Às vezes, com 27 anos, se eu estivesse fazendo outra coisa, eu talvez estaria ganhando mais do que eu ganho hoje. Entendeu, então assim, acaba que para mim assim é uma coisa, eu sou uma pessoa muito feliz, né? De ter formado e de estar fazendo o que eu faço agora, mas não é uma coisa assim também absurda sabe? Para mim falar assim: “Ah, nossa, eu sou médica.” Porque tem muita gente que é assim. “Ah, você é médica... Não tem não sei quantos anos, nossa. Que legal.” Para mim é normal (PM5).

Na verdade, assim, eu tenho amigos meus que ganham três vezes mais do que eu, mas não tem a vida que eu tenho. Então, eu acho que eu consigo, que eu hoje, hoje eu acho que eu atinjo assim, o nível profissional ideal. Você consegue conciliar tudo. Atividade física, trabalho, social, tudo na medida certa. Eu acho que isso faz bem, né? (PM8).

Então, o Brasil, eu acho que eu estou muito bem no cenário geral da população brasileira, né? Eu só tenho que agradecer pela profissão que eu tenho, pelos meus pacientes, pelo estilo de vida que eu tenho, né? (PM9).

Em contrapartida, na tentativa de explicar o que é ser médica no país atualmente, PM4 associa a imagem dos médicos ao arquétipo do herói, ou seja, aquele que existe em função do outro, de um bem maior.

Ser médico nesse país é ser herói, é lutar com poucas armas em uma guerra sem fim (PM4).

Notadamente, a autoimagem dos entrevistados enquanto trabalhadores, sejam eles profissionais do sexo ou da medicina, apresenta nuances de como os possíveis significados e sentidos do trabalho são percebidos por ambos os grupos ocupacionais. Nessa direção, o próximo tópico desta análise busca identificar e compreender tais significados e sentidos, considerando, para tal, a trajetória de vida dos entrevistados e seus respectivos processos de socialização.

#### **4.3 Os significados e sentidos do trabalho dos entrevistados**

A análise de aspectos sociais que envolvem a categoria trabalho tem se mostrado um campo profícuo de investigações acadêmicas (CARDOSO, 2013). Nesse contexto, reporta-se às colocações de Bauman (2001), segundo o qual o significado do trabalho estaria diretamente relacionado à construção do futuro, por ser um mecanismo de elevada relevância para o controle e a organização social. Tendo por base tais pressupostos, buscou-se neste estudo

descrever significados e sentidos atribuídos ao trabalho por praticantes de trabalhos “sujos” e de “prestígio”.

Nesta pesquisa, optou-se por compreender significado e sentidos do trabalho como categorias complementares, mas não sinônimas. Assim, em um primeiro momento, buscou-se identificar, sob a ótica dos entrevistados, qual a percepção deles quanto ao significado que seu trabalho possui para a sociedade. Suas respostas foram organizadas em três categorias, todas elas apresentando uma estreita relação com os aspectos de sujidades ou antissujidades (prestígio) relativas à profissão dos entrevistados. Aspectos de sujidade social, sobretudo, apresentaram maior concentração de códigos analíticos, seguidos pelos aspectos de sujidade moral e, por fim, os aspectos de sujidade física, que foram mencionados apenas por um dos entrevistados. A Tabela 3 apresenta uma síntese das respostas dos entrevistados que promoveram tal categorização.

Tabela 3 - Os significados do trabalho, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Aspectos de sujidade social	Sociedade hipócrita	PS2, PS5, PS6, PS7, PS8	5			5
	Preconceito	PS2, PS6, PS9	3	PM6, PM10	2	5
	Prestígio			PM2, PM4, PM6, PM8	4	4
	Vida fácil	PS7, PS10, PS11	3			3
	Dinheiro			PM8, PM9, PM11	2	2
	Trabalho de branco			PM6, PM10	2	2
	Banal	PS4	1			1
	Refinada			PM1	1	1
	Glamour			PM2	1	1
	Pedestal			PM5	1	1
	Excesso de prestígio			PM5	1	1
	Respeito			PM7	1	1
	Valorização			PM7	1	1
Aspectos de sujidade moral	Errado/Visão má	PS4, PS5, PS6, PS8	4			4
	Mercenário	PS5	1	PM9, PM10	2	3
	Bandido	PS3, PS4, PS5	3			3
	Vagabundo	PS1	1			1
	Oportunista	PS2	1			1
	Objeto Sexual	PS3	1			1
	Coisa repugnante	PS2	1			1
	Traçoeiro	PS3	1			1
Aspectos de sujidade física	Visão de sujeira			PM1	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Considerando a categoria “aspectos de sujidade social”, uma polarização das respostas da maioria dos entrevistados é identificada. Note-se que os pontos negativos dos aspectos de sujidade social são basicamente salientados pelos profissionais do sexo entrevistados, ao passo que a ideia de prestígio (antissujidades) se faz presente nos relatos dos profissionais médicos.

A “sociedade hipócrita” foi um ponto recorrente nas respostas dos profissionais do sexo entrevistados. Para eles, seu trabalho é visto socialmente com um elevado grau de

negatividade, sendo constantemente associado a adjetivos que expressam aviltamento, mas que decorre de fissuras da mesma sociedade que o condena.

Olha... a imagem que a sociedade tem de mim? Péssima, que sou uma vergonha e mais um tanto de asneiras. Mas quer saber a verdade? Estou pouco me lixando para o que essa sociedade hipócrita pensa ao meu respeito. Sabe por quê? Tentei de tudo que alguém pode fazer para seguir um caminho diferente desse, tudo, tudo, tudo... Mas isso nunca foi o suficiente. Então assim, a sociedade julga muito e discrimina muito, mas as pessoas que fazem isso não têm que chegar em casa e ver seu armário vazio, ver sua mãe, depois de trabalhar uma vida inteira, não ter dinheiro para comprar um remédio sequer. Então hoje, eu mando todo mundo se foder, quer julgar o garoto de programa, mas não dá oportunidade. Fala que tenho que seguir um caminho diferente, eu tentei, Deus sabe como tentei. Por essas e outras que eu liguei o foda-se [*sic*] (PS5).

A sociedade é muito hipócrita nesse sentido, porque a sociedade julga, julga, julga, mas está lá, né? O mesmo que julga, às vezes, até o pastor está lá na igreja falando mal, está lá dentro [no local de prostituição], né, fingindo de santo. Tem muito caso assim. Mas a sociedade vê super mal, né? (PS8).

Notavelmente, sob a perspectiva desse grupo de entrevistados, os significados que seu trabalho assume são fortemente marcados pelas “manchas” do trabalho sujo. O que se percebe é que, apesar de todo o processo de marginalização que envolve esta profissão, trata-se de um nicho de trabalho socialmente necessário (ASHFORTH; KREINER, 1999) e amplamente difundido pelas e nas camadas sociais. Nesse contexto, reside um dos grandes paradoxos da profissão: por ser um trabalho amplamente difundido na esfera social, nota-se uma necessidade latente do mesmo, ou seja, os profissionais do sexo atuam como agentes sociais, prestando serviços “indesejados” e “indesejáveis” para suprir uma demanda; e, em contrapartida, o mesmo trabalho sofre um processo de aumento do nível de sujidade e marginalização (HUGHES, 1962; LHUILIER, 2012), na medida em que tais aspectos são recorrentemente reproduzidos na sociedade. De modo geral, o mesmo ambiente social que cria a demanda para que possam existir os chamados “trabalhos sujos” também priva seus trabalhadores de um *status* social que se estende para além das fronteiras do seu ambiente de trabalho (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013).

Como resposta a esse cenário, nota-se uma tentativa de desfiliação de alguns entrevistados da estrutura social dominante e/ou que lhe é mais próxima. Tal percepção pode ser identificada, por exemplo, no trecho discursivo “liguei o foda-se” do entrevistado PS5, repetido em vários pontos de sua entrevista.

É o que eu falei, a sociedade é hipócrita. Então, isso foi uma coisa que eu, meio que, fui desassociando com o tempo. Porque eu já era uma pessoa um pouco antissistema, quando comecei a fazer programa, entendeu? Eu já não me identificava muito com algumas coisas dentro do sistema, então, eu não me preocupei muito com que o sistema ia me julgar. O que mais me abalou foi o sistema religioso, o julgamento religioso que era a base que eu tinha, mas eu também fui desconstruindo depois. Hoje, é tranquilo essa parte. [Você acha que a sua ocupação também não está dentro do sistema?] Está dentro do sistema, não tem como sair do sistema, né? Se eu for sair do sistema eu ia morar lá nas montanhas, sei lá (risos), que estaria dentro ainda, né? Eu estou dentro, mas eu me sinto resistente a ele porque eu acho que a prostituição é uma forma de resistência, então, entendeu? Porque você é subjugado, entendeu? (PS6)

O “preconceito” também foi um código analítico relevante para se compreender o fenômeno do significado do trabalho tanto dos profissionais do sexo quanto de alguns médicos com características específicas (a cor da pele, por exemplo). De um lado, os profissionais do sexo parecem já ter se acostumado com o preconceito que vivenciam cotidianamente, entendendo a tentativa de desfiliação social como uma forma de resistência.

Preconceito sempre vai ter, desde que o mundo é mundo, né? Mas é igual eu falei, a sociedade tem preconceito, e eu tenho o foda-se [*sic*] ligado. Então, para mim está tudo tranquilo (PS9).

Na outra margem, para os profissionais médicos entrevistados, o preconceito foi evidenciado por dois dos entrevistados (PM6 e PM10), justamente os dois médicos que se autodeclararam negros. Interessante salientar que, para eles, o significado do trabalho do médico está socialmente envolto por um elevado prestígio, porém, mesmo assim, eles sofrem preconceitos e, em alguns casos, discriminação em função de sua cor de pele.

Eu acho que a sociedade me percebe de dois modos: O primeiro modo é a sociedade que não esperava me ver nesse lugar, que existe essa parcela que ainda se assusta quando me vê no trabalho, me vê no posto. E a sociedade que espera, que me vê nesse lugar e fica: “Putá que pariu, que legal.” Sabe? E que incentiva, não que a outra não incentive, a outra acaba me incentivando que me dá mais vontade de fazer ainda e de puxar mais gente, mas não sei, para muitos a medicina ainda é um trabalho de branco (PM6).

É muito sutil que talvez duvidem um pouco de você quando eu não for um pouco mais incisiva. Talvez, eles confiem mais numa médica branca do que na médica negra. E geralmente, em relação com colegas de serviço, por exemplo, isso é uma das coisas que eu já percebi, é diferente se eu estiver com o jaleco em que claramente está escrito doutora ou, então, o nome e escrito “médica”, porque eu sempre sou confundida com qualquer outro profissional de saúde, e não médico. Isso já aconteceu e diversas vezes acontece, muito frequente de me perguntarem: “Você é da enfermagem?” “Você é do serviço social?” “Você é da psicologia, da nutrição?” Mas nunca a primeira pergunta é: “Você é médica?”, “Você é a médica?”. Então por parte disso, até mesmo dos pacientes, principalmente, mas de profissionais colegas

mesmo, a primeira opção à vista, mesmo se você estiver com o jaleco branco e tiver outra pessoa do lado de jaleco branco e for uma pessoa branca, eles vão achar que o branco é o médico e a pessoa preta é outro profissional de saúde, não desmerecendo em nenhum momento os outros profissionais de saúde, mas tem essa dificuldade (PM10).

Haja vista que o significado do trabalho, entre outros aspectos, é estruturado com base em uma perspectiva histórico-cultural (KENT, 2018), as violências simbólicas e o preconceito vivenciados pelos profissionais do sexo e médicos negros parecem ser legitimados por uma sociedade preconceituosa, que julga e avilta o outro com base em sua ocupação e/ou cor de pele. Essa questão, do preconceito a características pessoais, impacta a percepção social da profissão, como “um trabalho de branco” (PM6), sendo sua identidade profissional questionada recorrentemente em decorrência de sua cor de pele.

As manchas que incidem sobre os trabalhadores com elevados níveis de sujidade social, como os profissionais do sexo, também são percebidas por meio de jargões sociais, por exemplo a ideia de ser uma “mulher de vida fácil”.

Então, a sociedade, é complicado falar pela sociedade, né? Sociedade pensa que o dinheiro de uma acompanhante é muito fácil. [...] Eu já tive caso de estar com uma pessoa, e ela estar pagando ali as minhas horas e ela ter coragem de virar e falar assim: “É um absurdo, eu estudei a vida inteira, e você vem aqui, fica poucas horas e ganha mais do que eu.” Eu já escutei isso demais. Você não tem estudo, o máximo que você faz é abrir as pernas. Eu já escutei isso. Hoje eu falo assim: “Que cada um, né, tem o que merece, né, meu amor? Continue estudando para você continuar pagando, porque, se você não pagar, nem mulher você pega.” Eu sou bem atrevida, sou bem escrotinha [*sic*], acostumei, né? Já engoli sapo demais, hoje já não engulo muito mais não (PS7).

Cabe aqui destacar que a alcunha de “mulher de vida fácil” é uma construção sócio-histórica que marginaliza ao passo que inferioriza moralmente a mulher prostituta (PAIVA *et al.*, 2020). Nesse mesmo sentido, a ideia de “vida fácil” reflete uma série de preconceitos contra a mulher, que não necessariamente é percebida sobre a figura masculina (profissional do sexo). Neste estudo, por exemplo, nenhum dos profissionais do sexo homens entrevistados percebe sobre eles a ideia de “vida fácil”. Essa constatação sugere o traspasse de uma questão de gênero, que pode ser aprofundada em estudos futuros. Por outro lado, um ponto a ser salientado no relato de PS7 é o já mencionado processo latente de empoderamento do sujeito que, acostumado com a adversidade, usa do cinismo e da ironia como forma de se impor frente a terceiros, de resistir à inferiorização de seu trabalho e do seu próprio eu, o que está diretamente relacionado com o sentido que o profissional atribui ao seu trabalho.

Já os aspectos de sujidades sociais do trabalho dos profissionais médicos apontaram, na maioria dos relatos, às aqui denominadas antissujidades. Com exceção dos entrevistados PM6 e PM10, os médicos que se autodenominaram negros, os demais, em seus relatos, expuseram aspectos de antissujidades ligados ao prestígio social da ocupação. Assim, o “respeito”, o “*glamour*”, o “dinheiro” a “valorização” e a ideia de ser “refinada” apresentaram-se como pontos importantes para se compreender o significado do trabalho do médico. Observe-se:

Para mim é muito confortável, porque sejamos realistas, que outra profissão é vista como tão bem como a do médico? Muita gente vê na medicina o sinônimo de dinheiro, e de fato, se comparada com a maioria das profissões, ela realmente te dá uma condição financeira bem mais elevada (PM11).

Ainda assim, as entrelinhas de alguns relatos deixaram transparecer a perda de valor social da profissão, questionando ou mesmo alterando seus significados.

Eu acho que existe um certo respeito. Eu acho que é uma profissão valorizada. Eu acredito que a maioria dos médicos que você conversa talvez tenham a opinião um pouquinho diferente assim, mas é porque eu acho que a gente tem vivido uma mudança muito grande assim, social mais ainda. Porque antes, o médico, ele tinha o padrão social mais elevado, um respeito mais elevado, era uma coisa maior. Mas eu ainda acredito que assim, considerando as condições do país, né, e comparando com as diferentes classes sociais, diferentes profissões, eu ainda acredito que seja uma profissão bastante... que tem um retorno. E que é bem vista socialmente sim, apesar de, em alguns lugares assim, esse respeito seja um pouquinho maior (PM7).

Eu estou numa cidade pequena, né? Acho que a visão é um pouco diferente, né? Cidade pequena ainda tem, as pessoas ainda valorizam, eu acho. Acho que cidade grande está muito chutado as coisas, né? Muito médico mal formado, né? Aqui também está começando a aparecer médico mal formado, né? Mas assim, eu acho que cidade pequena... a cabeça de cidade pequena ainda é diferente, né? As pessoas ainda acham que: “Ah, quero ter filho para fazer medicina. Porque médico ganha muito dinheiro”. Não é bem assim mais, né? Agora, a vida é diferente (PM8).

Em alguns casos ainda, os entrevistados salientam o excesso de valor social da figura do médico, ou seja, uma valorização exacerbada do significado do que é ser médico.

Eu acho que quem está um pouquinho mais distante vê assim, com talvez, com essa certa glamourização assim, da profissão. Não sei se as pessoas percebem o tanto que a gente sofre assim, sabe? Tipo, mentalmente, emocionalmente, fisicamente para dar conta de tudo, mas eu acho que ainda é visto como uma coisa assim, bacana, útil, legal. Algo de prestígio. Ainda tem um certo prestígio, não acho que é aquela coisa do tipo achar que é um deus igual já foi achado, né? O médico tinha a palavra final; hoje em dia, o médico é muito mais questionado, né? As pessoas se informam, mas eu acho que ainda tem um certo prestígio sim (PM2).

Eu acho que a sociedade acaba colocando o profissional médico num pedestal assim, né? Num setor mais assim, como se fosse uma profissão de extrema importância e acaba enaltecendo um pouco além (PM5).

Notavelmente, a imagem social da figura do médico é reconhecida por eles com um considerável valor e prestígio social, ao contrário dos profissionais do sexo. Ou seja, os inseridos em contextos de “trabalho sujo” comumente experienciam significados negativos relativos à sua ocupação, ao passo que aqueles inseridos em contextos de trabalhos de prestígio, como os médicos, tendem a assumir significados positivos. Ademais, o que se percebe ao comparar os discursos dos profissionais médicos e do sexo é que o primeiro grupo tende a usufruir de benefícios em diferentes níveis, como renda, processos de socialização e autoestima (LHUILIER, 2012).

A segunda categoria que emergiu no que se refere a significados do trabalho foram os “aspectos de sujidade moral”. Conforme exposto na Tabela 3, as sujidades morais foram identificadas, em sua maioria, nos discursos dos profissionais do sexo. Assim como discutido em linhas anteriores, os profissionais do sexo tendem a assumir em sua ocupação significados carregados de aspectos negativos, além de ser senso comum que os profissionais do sexo sejam vistos sob a lente do erro e do pecado, ou seja, por uma visão cristã que os estigmatiza, ao passo que os marginaliza socialmente (PEREIRA *et al.*, 2020). Nesse sentido, aspectos relativos a uma “visão má” (como se fosse um trabalho errado) é percebida claramente nos discursos associado a uma imagem de “bandido(a)”, “mercenário(a)”, “vagabundo(a)”, “oportunista”, “traíçoeiro(a)”, “objeto sexual” e “coisa repugnante”, refletindo, por conseguinte, o significado do trabalho do profissional do sexo sob a perspectiva dos mesmos, assim como perceptível nos relatos a seguir.

Olha, as pessoas que não têm costume de chamar garotos de programa consideram vagabundagem, oportunismo. Os clientes já entendem que é uma profissão, você está ali como um objeto sexual, simplesmente para satisfazê-los (PS1).

O garoto de programa também já foi visto, ainda é visto como uma coisa repugnante. Hoje muitos, vão por realmente necessidade, não porque quer ter isso (PS2).

Eu acho que, fora as pessoas que utilizam esse serviço, para o restante da sociedade vê como se fosse algo muito banal, muito errado, sabe? A sociedade não tem uns bons olhos para a prostituição, né? Acha que todo garoto de programa é bandido,

que é drogado, enfim que é doente, então eu acredito que para uma parcela é mal visto e para outra não (PS4).

Sob uma vertente moral, o significado do trabalho do profissional do sexo sofre forte influência da pecha de pecado sob a qual a ocupação repousa (PEREIRA *et al.*, 2020). Vale destacar que, por vezes, uma visão menos negativa é percebida pelos entrevistados quando o sujeito social em questão é um cliente que faz uso desse tipo de serviços regularmente. Nesses casos, o que parece é que a visão de imoralidade tende a diminuir, mas não se extingue; em outras palavras, o significado negativo relativo ao seu trabalho varia de acordo com o público que o observa, mas nunca deixa de ser negativo, apenas atenua suas sujidades.

Como reflexo deste contexto, nota-se o que Lhuilier (2009) classifica como patologia da atividade aprisionada e impedida. Adiantando um dos achados desta tese, é possível identificar alguns transtornos tanto físicos quanto psíquicos por parte dos profissionais do sexo entrevistados. Infere-se, nesse aspecto, que alguns desses transtornos nascem ou se agravam em função do significado deste trabalho. Alguns desdobramentos também são perceptíveis em função da patologia da atividade “impedida” (CLOT, 2010), o que em linhas seguintes será discutido, já que um dos reflexos deste cenário é a fragmentação dos processos de personalização e subjetivação associados ao bloqueio da atividade (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011), o que conduz a um processo grave e contínuo de desvalorização pessoal e enfraquecimento ou, em casos mais graves, de aniquilação do poder de agir do sujeito (LHUILIER, 2009). Deste modo, o significado do trabalho mantém relação direta com a percepção do eu desses sujeitos, ou seja, com suas identidades.

Cabe aqui ressaltar que alguns dos profissionais do sexo entrevistados expõem o fato de que a imagem de bandido e/ou golpista que eles possuem, em especial os homens, é subsidiada pelo comportamento de alguns garotos de programa que têm a prática de furtos como algo comum ao seu trabalho, consolidando, por conseguinte, parte da imagem negativa, moralmente falando, dos profissionais do sexo.

Também tem muito garoto de programa que é uma bosta, que roubam de cliente, tipo, e isso também prejudica o nosso meio, sabe? Para ficarem falando mal, tem horas que rouba muito, é traiçoeiro e passa a perna. E isso tem como as pessoas ficarem falando mal de vários garotos de programa, entendeu? É muito comum ter muito garoto de programa que rouba (PS3).

Eu nunca peguei nada que não fosse meu, sou um cara honesto, não é porque sou *boy* [profissional do sexo] que vou roubar, mas o que mais você vê aí é isso. Tem muitos garotos que usam drogas com os clientes, quando eles estão doidões, vai lá e rouba um tanto de coisa, eu nunca fiz isso, já tive muitas oportunidades, mas nunca fiz (PS5).

Ademais, foi possível ainda identificar certo cinismo como estratégia para manter a integridade por parte dos profissionais do sexo sujeitos deste estudo. Essas “doses” de cinismo podem ser percebidas nos discursos da maioria dos entrevistados ao negarem veementemente que a imagem que a sociedade construiu sobre sua profissão e sobre eles enquanto indivíduos não importa. Entretanto, os mesmos entrevistados, em vários outros pontos de seus relatos, asseveram o quanto aspectos relativos ao significado de seu trabalho podem vir à baila, apresentando consequências deletérias ao bem-estar do sujeito.

Pouco me ligando para o que você acha. Eu vivo para mim, hoje, amanhã, vivi o ontem, estou em busca de depois de amanhã. Então, eu nunca importo, eu sou uma pessoa que não importo com aquilo que falem ou que liguem. Porque na necessidade, na angústia, eu tenho que passar sozinho, e a sociedade não vai vir me consolar, então julgar vai, então deixa que vai ser sempre julgado mesmo, ou não (PS2).

Aprendi a duras penas a não ligar para o que pensam ou falam ao meu respeito. Hoje, não estou nem aí para porra nenhuma de ninguém falando mal de mim, fodase [*sic*]. Só eu sei das minhas dores e não aceito ninguém me julgar por isso (PS11).

Mas, por meio da análise flutuante dos dados coletados, cabe destacar que, em outro momento das entrevistas, os mesmos entrevistados deixam transparecer os efeitos maléficos do significado negativo do trabalho que praticam. Observem-se os paradoxos verbalizados pelos mesmos entrevistados mencionados no exemplo anterior:

Dói muito, sabe, você fazendo tudo para sobreviver e, de repente, você é destrutado por alguém por saber com o que trabalha. Porque para a sociedade, a gente sempre vai ser indigno, é complicado às vezes lidar com isso, às vezes dou uma surtadinha básica (risos) (PS2).

Procuro tomar sempre que posso uns remedinhos para ficar mais de boa. Tento não ligar para muita coisa, mas algumas é difícil de engolir (PS11).

Uma visão moral negativa por parte dos médicos só foi salientada por dois entrevistados (PM9 e PM10) que afirmam que, algumas vezes, o médico é visto como um mercenário, no sentido de só se importar com o dinheiro, deixando em segundo plano o compromisso ético assumido no exercício da profissão.

Porque às vezes, o cirurgião plástico é visto como mercenário, falam: “Ah! É a especialidade que o cara, ele opera por dinheiro, ele quer ganhar dinheiro (PM9).

O médico já foi visto, ainda é, para muitas pessoas como, ah fugiu a palavra... mercenário. Porque antigamente, o médico não ganhava muito bem, ela não era valorizada, ela não tinha nome importante, e, com o passar do tempo, essa ideia passou de pessoa para pessoa, então muita gente acha que o médico realmente ganha muito bem. Não que ele não ganhe, é uma das profissões que tem uma certa garantia de emprego logo que você forma, mesmo que for para receber pouco, mas... E pouco entenda, pouco talvez para o que, para responsabilidade que você tem. [...] Hoje, atualmente, por causa da pandemia talvez tenha aberto um pouco os olhos da importância, no geral, que todos os profissionais de saúde, mas também para o médico, mas eu acho que ainda assim, é uma coisa momentânea. Essa valorização, importante do médico que está na linha de frente. Se não tiver uma ressignificação da sociedade, eu acho que vai voltar ao pensamento de que o médico só quer dinheiro, ele está lá para isso, então, o médico tem que fazer tudo que o paciente quer (PM10).

Importante salientar, nesse sentido, que esse significado negativo associado à ocupação do médico reflete, em termos, aquela visão de trabalho em que prevalece a lógica econômica sobre as demais (SILVA; FREITAS, 2016), semelhante à prostituição. Além disso, considerando a esfera social do trabalho, note-se a lógica pecuniária, em alguns casos, imprime certo estigma aos sujeitos, mas, na maioria das vezes, dá grande prestígio e distinção social (SILVA; FREITAS, 2016), como pode ser notado no trabalho do médico. Vale destacar que o estigma do mercenário também pode ser identificado no relato de um dos profissionais do sexo (PS5), entretanto com um cunho mais pejorativo do que o dos médicos.

A gente é visto, às vezes, quase sempre, como um mercenário. Alguém que ilude, rouba e faz tudo pelo dinheiro, com se a gente não tivesse escrúpulos nenhum (PS5).

Tendo por base os relatos de PM9, PM10 e PS5, cabe aqui sublinhar a conflituosa relação que se estabelece entre as sujidades percebidas no trabalho e o sujeito executor de tais tarefas. Note-se que, apesar do fato de a mesma sujidade poder ser identificada em duas ocupações distintas, o baixo (ou nenhum) prestígio dos profissionais do sexo reflete em um estigma que é perpetrado sobre o sujeito atribuindo a ele uma pecha de perversão e impureza (BOSMANS *et al.*, 2016; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016).

Notavelmente, o julgamento social se dá de maneira díspar, trazendo consigo um conjunto de ambiguidades e paradoxos que perpassam as relações de trabalho. Se, de um lado, o estigma do “mercenário” relaciona-se a uma supervalorização de um trabalho, no caso dos médicos,

na outra margem, este mesmo estigma é assumido como algo maléfico que traz aviltamento e desgraça a todos que nele circunscrevem-se. Em termos gerais, no concernente aos significados do trabalho, os dados ratificam o pressuposto de que é fundamentalmente diferente assumir o estigma de um “trabalhador sujo” em uma ocupação de prestígio e em uma ocupação marginalizada/estigmatizada (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016).

A última categoria que se refere ao significado do trabalho relaciona-se aos “aspectos de sujidade física” que foram salientados por apenas um dos entrevistados (PM1). Evidentemente, a sujidade física foi verbalizada pelo mesmo, dada a especialidade em que atua, na medicina legal. Segundo o entrevistado, o fato de ser um legista, por vezes, é fonte de um processo de estigmatização devido à imagem de sujeira física que suas atividades laborais possuem no senso comum; entretanto, esta visão não é comungada pelos profissionais da medicina, que atribuem a esta especialidade um elevado prestígio.

O médico legista é assim, fora da área médica tem uma visão assim de sujeira, de cadáver, de podre, então passa um pouco dessa visão, né? Dentro da área médica, a gente tem... a impressão que eu tenho é que a gente é percebido como uma especialidade a mais bem refinada. Agora, fora da área médica, eu acho que a visão é um pouco complicada, estereotipada. [Porque você escolheu ser legista?] Porque alguém tem que fazer o trabalho sujo né, apesar de todos os mitos e estigmas que rondam a medicina legal, ela é fundamental para a sociedade, é a partir dela que podemos fazer justiça de muitas coisas, vejo como uma forma de dar voz àqueles que já não mais podem ser ouvidos (PM1).

Interessante salientar que o estigma de trabalho fisicamente sujo que é impresso, no senso comum, no trabalho do médico legista, não está diretamente relacionado à associação da ocupação a significados negativos do trabalho. A literatura acerca da temática destaca uma tendência de que sujidades relativas ao trabalho conduzam o indivíduo a um processo de identificação ambivalente (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), uma vez que a identidade do indivíduo se estrutura em um cenário de significação negativa. Contudo, tal processo não pode ser percebido para o caso do legista integrante do grupo de médicos deste estudo. Uma possível explicação para este fenômeno reside no fato de que o entrevistado em questão reconhece seu papel como fundamental para o bom funcionamento da sociedade. Assim, apesar de ser um trabalho com um considerável nível de sujidade física, a relação do trabalho desenvolvido pelo legista com o desenvolvimento psicológico e a qualidade da entrega (trabalho bem feito) (BENDASSOLLI; FALCÃO (2013) estabelecem-se de maneira positiva. Para este caso, o real da atividade (LHUILIER, 2006) cumpre seu papel no

desenvolvimento psicológico (CLOT, 2008), criando um elevado grau de significância e sentido para o trabalho desenvolvido pelo sujeito (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013).

Assim, na tentativa de se compreender os sentidos do trabalho para os profissionais entrevistados, questionou-se qual a representatividade do mesmo em suas vidas. Nesse aspecto, os códigos analíticos identificados foram organizados em três categorias: aspectos pessoais, sociais e financeiros, conforme apresentado na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 - Os sentidos do trabalho, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Aspectos Pessoais	Ajuda ao próximo			PM1, PM4, PM5, PM6, PM10, PM11	6	6
	O que eu sou	PS1, PS6	2			2
	Cuidado e zelo			PM6, PM7	2	2
	Diversão	PS3, PS9	2			2
	Maior parte da minha vida			PM3	1	1
	Um trabalho frio	PS1	1			1
	Coragem	PS2	1			1
	Representatividade			PM6	1	1
	Sonho			PM6	1	1
	Profissão humana			PM7	1	1
	Satisfação Pessoal			PM9	1	1
	Realização pessoal			PM10	1	1
	Resiliência			PM10	1	1
Arte de curar			PM9	1	1	
Aspectos Financeiros	Dinheiro	PS5, PS6, PS8, PS9, PS10	5			5
	Personagens	PS4, PS5, PS6, PS11	4			4
	A gente se acostuma	PS3	1			1
	Acomodação	PS3	1			1
	Necessidade	PS4	1			1
	Troca Pesada	PS4	1			1
Aspectos Sociais	Uma profissão	PS7	1			1
	Vida de menina rica	PS7	1			1
	Aumento de valor social			PM2	1	1
	Perda de valor social			PM1	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apresentado, quando questionados acerca do que seu trabalho representa para eles, em suas vidas, os entrevistados, em sua maioria, salientam questões relativas aos “aspectos pessoais” como fatores que dão sentido ao trabalho. Notadamente, a relevância desses aspectos pode ser percebida principalmente no meio dos profissionais médicos, enquanto os profissionais do sexo tendem a salientar mais veemente os “aspectos financeiros” como provedores de sentido ao trabalho. Complementando a tríade, os “aspectos sociais” apresentados descrevem variáveis importantes para se compreender o processo de criação de sentido ao trabalho desenvolvido.

Interessante ressaltar que o código analítico “ajuda ao próximo” foi o mais recorrente entre os médicos entrevistados, sugerindo que a representatividade de seu trabalho em suas vidas reside, basicamente, na possibilidade de fazer o bem a alguém.

Bom, para mim, ser médico, a representatividade que tem é de uma pessoa que ajuda o próximo. Acho que a maior representatividade que eu vejo na minha é de poder ajudar uma pessoa enferma a recuperar. Igual na minha área, né? No atendimento de emergência, tanto no atendimento de geriatria, a gente conseguir salvar uma pessoa, estabilizar ela de uma patologia. Eu acho que isso é a maior gratificação que tem. A gente poder ajudar e contribuir para saúde do próximo, o bem-estar do próximo, né? (PM4).

Associado à possibilidade de ajudar ao próximo, outros médicos entrevistados destacam aspectos relativos a “realização pessoal”, “satisfação pessoal”, “cuidado e zelo” e o fato de ser considerada uma “profissão humana”.

Ser médico para mim representa cuidado, né? Eu acho que, além da parte claramente científica, vamos dizer assim, biológica e etc. Eu acho que é uma profissão bastante humana, isso me atrai a ser médico (PM7).

A gente já vive uma época que a medicina se segmentou, né? Com aquela, que são múltiplas especialidades, e hoje, é impossível um médico deter todo o conhecimento da medicina, por isso que foram se especializando e na especialidade que eu escolhi a satisfação... ela é muito grande do ponto de vista da satisfação do paciente. O que torna a gente satisfeito na minha especialidade é você ver que seu paciente ficou satisfeito (PM9).

Por meio desses e de outros trechos discursivos, os “aspectos pessoais” emergiram na tentativa de se compreender os sentidos do trabalho dos médicos e vão ao encontro de colocações de Lhuilier (2012) e Bendassolli e Falcão (2013). Apesar das poucas sujidades,

principalmente físicas, que envolvem a medicina, o real da atividade é fonte de grande orgulho dos entrevistados, ao contrário de categorias de trabalho sujo marginalizadas (CLOT, 2008), como os profissionais do sexo. Assim, o que se nota são indícios de que o real da atividade, para o caso dos médicos, é fonte de desenvolvimento psicossocial, isso associado à ideia de qualidade da entrega (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013), ou seja, o fato do serviço prestado ser reconhecido como de valor para o paciente. Arelado a esse contexto, note-se que o sentido do trabalho dos médicos entrevistados sofre influências de um processo de valoração tanto individual quanto coletiva, atribuindo, por conseguinte, um sentido positivo do trabalho, fato evidenciado por meio dos aspectos pessoais salientados pelos médicos entrevistados neste estudo (KENT, 2018).

Na outra margem, na perspectiva dos profissionais do sexo, é interessante destacar que os aspectos pessoais salientados ora estão relacionados a um sentido negativo, um processo de esvaziamento íntimo (como algo vazio e/ou frio) do trabalho, ora a um sentido positivo, um processo de empoderamento do sujeito. Quanto aos primeiros, os relatos são frequentes, como os que se seguem:

A prostituição hoje para mim representa o que eu sou. O [nome do entrevistado] que eu vejo hoje em dia. Um trabalho frio (PS1).

Representa uma personalidade que eu criei, representa... me representa, digamos hoje. Uma pessoa materialista e quase insensível (PS6).

Destaca-se nesse sentido, ao que parece, uma influência considerável das sujidades da prostituição no processo de constituição de sentido ao trabalho dessas pessoas. Interessante salientar ainda um sentimento de vazio expresso não só nesses relatos apresentados, como nas entrevistas de maneira geral. Tal percepção leva a se pensar, *a priori*, em um ‘esvaziamento’ de sentido do trabalho para os profissionais do sexo abordados neste estudo. Mediante esse contexto, há de se destacar o já mencionado latente processo de empoderamento de alguns entrevistados como tentativa de amenizar os efeitos deletérios desse processo, como uma estratégia para tentar manter a sanidade e o controle psicológico.

Você vê, a primeira palavra: coragem. A gente sabe, é muita coragem. Eu falo coragem em tudo, principalmente da vida, do que pode acontecer, o que pode representar no momento. Uma pessoa que tenha coragem, que realmente ela decidiu ganhar dinheiro em troca do sexo, pela forma com uma pessoa que ela não conhece,

sabendo que vai ser sempre julgada de maneira ruim, mas é coragem. Eu já vi muita situação muito periclitante (PS2).

Nessa direção, para o grupo dos profissionais do sexo, os aspectos pessoais quando positivos relacionavam-se à diversão, em função do consumo do álcool e do clima boêmio da vida noturna. Entretanto, o que se percebe é que isso pode assumir, por vezes, uma tentativa de refúgio da “realidade” que vivenciam.

É porque eu sempre fui muito baladeira, muito da noite. Sempre gostei muito. Então, tem vez que eu vou na boate só... Nossa, eu quero curtir, quero aproveitar. E não fico muito preocupada, sabe? Com o trabalho. Ah, com isso, com aquilo. Quando eu estou mais tranquila. Então eu vou lá. Eu adoro música alta, então eu vou lá, eu ouço música alta, eu vejo luzes, eu fico rindo dos outros, eu vejo as coisas acontecendo, eu rio de clientes e tal. Eu divirto, porque eu não tenho amizade nenhuma fora. Todo o meu contato é com pessoas dentro da boate e com a família do meu marido. Somente, mais ninguém. Então, isso para mim é... Às vezes, eu vou lá, pelo que eu passo com marido, com filho e com tudo, lá para mim é um refúgio (PS9).

O “refúgio”, ou a tentativa dele, também pode ser percebido em práticas observadas nos demais profissionais do sexo entrevistados, por exemplo, no consumo de drogas lícitas (antidepressivos e ansiolíticos em sua maioria) e ilícitas (em especial maconha, cocaína, ecstasy e LSD).

Ainda no concernente aos aspectos pessoais relativos à representatividade e significância do trabalho em suas vidas, cabe destacar alguns aspectos como “sonho de ser médico”, “resiliência” e “representatividade” salientados por PM6 e PM10. De forma marcada, o sonho de ser médico e a resiliência para tal foram pontos marcantes na trajetória de ambos os entrevistados, sendo fatores que, associados ao fato de se incluírem em um grupo restrito de médicos negros no país, influenciam diretamente no sentido que trabalhar com a medicina assume em suas vidas, conforme notado no relato seguinte.

Eu escolhi a medicina para, ah... eu acho que, primeiro, pelo sonho mesmo de poder, o sonho de ser um médico, sabe? De ser linha de frente, de tentar ajudar, de tentar mudar um pouco aquilo que a gente vê de errado na sociedade. Para poder, sabe? Tentar contornar um pouco isso. Sempre quis ser médico. Só acho, eu não me vejo, na verdade eu não me enxergo fazendo outra coisa, então, desde pequeno. Então, eu não sei falar assim, o porquê, sabe? Mas eu não me enxergo sendo, fazendo outra coisa a não ser medicina, como exercício profissional. Mas eu sou o único médico da minha família. E a minha família é muito grande, né? A minha família tem, só de irmãos, a minha mãe tem 19 irmãos e o meu pai tem 7 irmãos, 6 irmãos, então assim, a minha família é muito grande, e eu sou o único médico, e ser médico negro no Brasil hoje, sabe? É uma questão de representatividade (PM6).

Assim, o significado de ser o único médico de uma família grande influencia diretamente na forma com o que o entrevistado cria ou atribui sentido para sua profissão. Interessante salientar ainda a forma com que as barreiras do preconceito e discriminação que são comuns aos negros, ao fim e ao cabo, contribuem para um sentido mais valorativo da profissão da medicina, quando comparado aos outros entrevistados. Tal observância é respaldada por Tolfo e Piccinini (2007), segundo os quais o sentido do trabalho é constituído considerando o contexto social do sujeito, dependendo, diretamente, das relações sociais que envolvem o indivíduo. Portanto, alguém que vivencia cotidianamente o preconceito e discriminação racial tende a construir sentido ao seu trabalho considerando tais aspectos, dado o processo de institucionalização na esfera social (SILVEIRA; MEDEIROS, 2016).

A categoria de “aspectos financeiros”, por sua vez, foi percebida apenas nos relatos dos profissionais do sexo, deixando clara a forte influência da questão econômica para esses trabalhadores. Uma possível inferência ao fato de tais aspectos não terem sido apontados nos discursos dos médicos pode relacionar-se à questão de que a medicina tende a dar segurança e estabilidade financeira, daí sua “desconsideração” nos relatos dos abordados desse grupo. Quando questionados sobre o que o seu trabalho representa em suas vidas, a maioria dos profissionais do sexo entrevistados salientou o “dinheiro” como um dos principais aspectos.

Hoje assim, a minha visão está bem diferente do que para mim era antes, sabe? Eu já tive uma visão, já conversei muito com pessoas também da área que, igual eu te falei. Para mim isso aqui é só dinheiro, você acha que se não fosse dinheiro eu estaria aqui? Claro que não. Estou nessa vida por dinheiro, para ganhar dinheiro apenas, então ser prostituta não representa muita coisa além de dinheiro para mim (PS8).

Assim, o dinheiro aparece no discurso de alguns entrevistados como uma justificativa para suportar a vida na prostituição. Cabe aqui uma ressalva de que, apesar de, em alguns momentos, os entrevistados exporem aspectos positivos do trabalho como profissional do sexo, todos destacam que não permaneceriam nessa profissão caso tivessem outra oportunidade de trabalho com a qual pudessem manter uma qualidade de vida estável.

Só dinheiro mesmo para me fazer ter que vestir um personagem que está longe de ser eu e suportar tudo que suporte (PS5).

Não falo mal da prostituição, porque é daqui que tiro o meu sustento. Mas vou te falar uma coisa, não é fácil ser puta, ter que aguentar tanta coisa de homem escroto

[sic], por causa de 20, 30 reais. Mas assim, preciso sobreviver e sustentar minha família, preciso de dinheiro. Para te falar a verdade, o sentido disso daqui é dinheiro, por causa dele suporte tanta coisa que você nem faz ideia, eu não né a [nome utilizado pela entrevistada no seu trabalho], ela que é minha linha de frente aqui, senão a gente surta (risos) (PS11).

Relatos como os anteriores podem ser considerados evidências de uma estreita relação entre o sentido do trabalho executado e as identidades que eles constroem, trazendo consigo indícios de um movimento tensionado entre sentidos do trabalho e a configuração de identidades profissionais para dar suporte à sanidade psicológica do sujeito. Nesse aspecto, uma visão fluida do sentido do trabalho (BOSMANS *et al.* 2016) é notada, que, por sua vez, impacta diretamente o que Ibarra (1999) denomina como processo de evolução da identidade que, para o caso dos profissionais do sexo entrevistados, vem à baila por meio da transição de papéis (BROWN, 2015), uma espécie de negociação de identidades (FREITAS, 1985), “uma troca pesada” (PS4), conforme relato a seguir.

A prostituição hoje, eu tenho uma visão diferente do que a sociedade impõe, eu acho que são muitos relatos, muitas histórias e, dentro da prostituição, tem sempre muitas histórias. Eu conheci muitas vidas, muitas pessoas passaram pela minha vida assim, muito rápido, mas eu consegui conhecer a história delas, entendeu? E às vezes, fico me perguntando qual o sentido disso. Muitas pessoas estão ali por intermédio de precisão, muitas de prazer, muitas por gostar, mas... Eu acho que a prostituição, posso dizer é uma troca, é uma troca. Ali você dá prazer em troca de dinheiro, sabe? Igual eu te falei, muitos por intermédio de precisão, muitos por gostar, mas eu acho que é uma troca. Uma troca bem pesada. Eu acho que é um trabalho até, às vezes, gratificante, como eu te falei, você tem que formalizar em vários personagens para estar bem ali e atender bem as pessoas. Eu atendi pessoas extremamente depressivas, depressão mesmo, que eu era pago somente para não ter prazer sexual com elas, mas ao menos uma conversa. Muitos caras com problemas sexuais, porque já sabiam que eram *gays*, mas enfim, foi forçado pela família, por intermédio de uma criação a ser o que não era. Então, ali eu tinha que criar vários personagens para estar ali com essas pessoas. Então, eu acho que a prostituição é isso, uma troca, e ao mesmo tempo que uma troca ruim, mas eu acho também que é uma troca boa (PS4).

Essa troca ressaltada por PS4 reflete uma ideia de sentido do trabalho completamente fluido. O caso desse entrevistado, por exemplo, na maior parte da entrevista, ressalta os fatores danosos da prostituição em sua vida, bem como o esvaziamento de sentido deste trabalho. Em outros momentos, ele se apega ao fato de poder ter contribuído positivamente para a vida de alguém como uma forma de criar um sentido positivo para sua profissão, mesmo que momentâneo, deixando em segundo plano suas vivências de sofrimento na prostituição, inclusive no que tange ao esforço de criar “vários personagens”, ou seja, cambiar aspectos de sua identidade e de sua identidade profissional em decorrência e na perspectiva de manutenção de algum sentido para o seu trabalho.

Considerando todo esse contexto de sentido fluido de trabalho e negociação da identidade, a criação de múltiplas identidades se, por um lado, pode representar a fragmentação do “eu”, por outro, pode ser vista como uma estratégia de enfrentamento para lidar com os aspectos que ameaçam sua identidade e o sentido de seu trabalho (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016). Os dados reforçam os postulados de Baran, Rogelberg e Clausen (2016) que ressaltam que é comum indivíduos que estariam, teoricamente, mais susceptíveis à perda de sentido do trabalho, como é o caso dos profissionais do sexo, intencionalmente distanciar mais seu *self* de sua profissão do que aqueles trabalhadores socialmente prestigiados, como os médicos.

Com base nos dados oriundos das entrevistas com os profissionais do sexo, destaca-se que a maioria deles foram levados à prostituição por uma “necessidade” latente de sobrevivência, mas, com o passar do tempo, acabaram se “acostumando” e “acomodando” com aquela realidade, a princípio vista por eles como hostil, chegando até, em casos específicos, a sentirem prazer por estar ali.

Nossa, eu nunca imaginava que eu ia ser garoto de programa, porque, tipo, porque a minha família toda é adventista, tipo, de Deus, sabe? E para mim é hilário. Foi uma coisa assim, muito forte para eles assim. Aliás, forte quando eu me assumi *gay* e, tipo, mais forte quando soube que eu era garoto de programa, tipo, e eles ficaram sabendo que eu era garoto de programa e ator pornô. Passei por umas coisas pesadas, ainda passo, às vezes, mas a gente acostuma com tudo, né? Faz essas coisas, sabe como? Se acomoda, sabe? Acomodação. Hoje, se eu quiser fico deitado o dia todo, acordo a hora que quiser. Eu atendo na hora que apontar um cliente. Se eu não tiver com vontade de trabalhar, hoje, eu não trabalho. Tipo, é uma coisa boa, quem não ia querer isso? Acaba que, quando vejo por esse lado, tipo, eu gosto de ser garoto de programa. Eu gosto. Vejo meus filmes pornô que faço e fico até orgulhoso, gosto mais de ser ator que GP [garoto de programa]. Ah, porque tipo, às vezes, eu não gosto de atender cliente, sabe? Não, porque, tipo, tem aquele momento que a gente, tipo, não está bem e tem que atender o cliente. Outra coisa, tem cliente que só procura para trazer droga, para ficar usando droga, e eu tenho que usar também, até sem querer. É a prostituição, boa e ruim, mas existe, mas é “da hora” [algo positivo, legal] (PS3).

Por fim, os “aspectos sociais” também emergiram nesta pesquisa como significativos para se compreender o sentido do trabalho da parte dos profissionais médicos entrevistados. Assim como já mencionado anteriormente, os “aspectos pessoais” assumiram protagonismo para se entender o sentido do trabalho dos médicos, porém os aspectos sociais também puderam ser notados como importantes nesse processo, focalizando dois aspectos:

a) a perda de valor social:

Então hoje, o que representa lá, meu trabalho como médico é um pouco menos do que representou há alguns 10 anos atrás, mas, mesmo assim, ainda é muito representativo, tanto para mim quanto para a sociedade (PM1).

b) e o aumento do valor social da figura do médico:

Olha... Eu acho que hoje em dia é melhor, está assim, cada vez crescendo mais essa representatividade, sabe? Por exemplo, quando você se identifica com uma pessoa que faz psiquiatria, recebe um *feedback* legal das pessoas, assim: “Ah, nossa, bacana, meu marido precisa...”. Está crescendo, algo do tipo (PM2).

Frente a tais colocações, pode-se inferir que o sentido do trabalho do médico sofre influência direta do significado desse trabalho, ou seja, do *status* social que é percebido pelos entrevistados. Tal inferência é possível já que, em diversos momentos das entrevistas como um todo, apontamentos relativos à diminuição ou aumento do valor (*status*) social da imagem do médico se fizeram presentes, o que leva a se considerar que o grau de valorização social deles é um fator primordial para as relações que estabelecem e, daí, a criação de sentido para este trabalho. Em outras palavras, percebem-se sinais de que o sentido do trabalho para os médicos entrevistados perpassa, em especial, o prestígio da profissão, corroborando, por conseguinte, as colocações de Wrzesniewski e Dutton (2001) e Kreiner, Ashforth e Sluss (2006), que apresentam indícios de que o sentido do trabalho estaria diretamente relacionado com a possibilidade de desenvolvimento de carreira e de formação de uma identidade social, respectivamente.

A necessidade de valoração social também foi percebida quando o objeto de análise em questão eram os profissionais do sexo. Contudo, para esses casos, essa valoração estaria ligada à possibilidade de ascensão social do sujeito, conforme exposto no relato de PS7:

Para mim, a prostituição é uma profissão como outra qualquer. Já devia dar um jeito aí que eu quero é assinar a minha carteira, logo. Eu não tenho vergonha de assumir para as pessoas quem eu sou e o que faço. Muitas vezes, eu não assumo pelo meu relacionamento e pelo meu filho, mas eu não tenho vergonha da minha profissão. É uma profissão antiga, a mais antiga. Eu não tenho vergonha da minha profissão. Eu não estou matando, eu não estou roubando. E a pessoa está comigo porque ela quer, eu não coloquei uma faca no pescoço dela para ela ficar comigo. [Então, atualmente você gosta de trabalhar como acompanhante?] Sim, eu sinto falta. Agora, eu estou parada na questão da quarentena. Era para mim ter feito uma viagem e não pude fazer porque está tudo parado, aeroporto fechado, né? E era para eu ter feito uma outra viagem e não fiz e eu estou sentindo falta porque eu gosto das minhas viagens,

eu gosto de viver no meu mundinho de luxo quando eu estou na Europa. Ser acompanhante, para mim, representa a vida da menina rica, né? Porque lá dá para viver muito bem. Aqui no Brasil, não, chego no Brasil eu tenho um milhão de problemas... A minha mãe é uma garota de programa mal sucedida. [Sua mãe também foi garota de programa?] Foi e ainda é, acho que hoje ainda ela é. Acho que hoje ainda ela é, faz uns babados por fora, sabe? Minha mãe foi e minha mãe é da Guaicurus (PS7).

Para o caso de PS7, o sentido do trabalho estaria diretamente associado aos “aspectos sociais” ligados à sua possibilidade de ascensão para viver o “sonho da menina rica”. Além disso, a trajetória pessoal sinaliza a reprodução de uma escolha profissional, porém, nitidamente colocada como mais bem sucedida que sua mãe. Nesse sentido, nota-se que a ascensão social para a entrevistada é um fator de grande relevância para se compreender o sentido do trabalho por ela executado, estando este sentido ligado diretamente à sua autoestima, à sua autorrealização (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010) e à superação de limites sociais, ou seja, o ser melhor que a própria mãe, mesmo que de maneira temporária, durante uma viagem à Europa, por exemplo.

Esses dados corroboram os pressupostos de que uma parte considerável, tanto dos significados quanto dos sentidos do trabalho, é construída cotidianamente nas relações de trabalho, variando de acordo com o contexto social em que cada profissão é exercida (KENT, 2018). Em função disso, a maior parte, senão todos os aspectos identificados relativos aos sentidos dos trabalhos dos profissionais médicos e do sexo se posicionam de maneira diametralmente oposta: o primeiro grupo tendendo a experienciar sentidos positivos; já o segundo, negativos ou fluidos (BOSMANS *et al.*, 2016).

Os entrevistados ainda foram questionados diretamente sobre qual seria o sentido de seu trabalho para eles. Assim, como destacado pela corrente teórica considerada para fins deste estudo (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010; WARD; KING, 2017), os dados apontaram para duas categorias antagônicas de sentidos do trabalho. De um lado, nota-se uma tendência de os profissionais da medicina pontuarem sentidos positivos relativos ao seu trabalho; de outro, os profissionais do sexo, em sua maioria, apontaram sentidos negativos ao trabalho por eles desenvolvidos, conforme perceptível na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 - Essências dos sentidos do trabalho, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Sentidos positivos	Ajudar o próximo			PM3, PM8, PM9, PM10, PM11	4	4
	Sentir-se útil			PM2, PM11	1	1
	Realização pessoal			PM7, PM9	2	2
	Libertação			PM1	1	1
	Amor			PM4	1	1
	Responsabilidade			PM4	1	1
	Preenchimento pessoal			PM5	1	1
	Alegria			PM6	1	1
	Eu sou capaz			PM10	1	1
	Conquista	PS6	1			1
	Superação	PS6	1			1
	Independência	PS9	1			1
	Sentidos negativos	Não tem sentido	PS1, PS4, PS5, PS10	4		
Sobreviver		PS7, PS11	2			2
Apenas usar		PS1	1			1
Não sei o que pensar		PS2	1			1
Dinheiro		PS3	1			1
Seguir em frente		PS3	1			1
Não descobri o sentido		PS8	1			1

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados expostos na Tabela 5 expõem com nitidez as essências dos sentidos que, para os profissionais médicos entrevistados, voltam-se para um viés positivo e focalizado na possibilidade de ajudar o próximo, ser útil na vida de alguém.

Eu acho que esse sentido é o mesmo que esse propósito, mesmo assim, de me sentir útil perante o outro, de sentir que eu gasto meu tempo fazendo algo que ajuda, não é voltado só para mim. Quer dizer que é prazeroso também, lógico. Acho que é isso (PM2).

Olha, eu acho que o que eu gosto na medicina é que, por mais que você não faça isso intencionalmente, é muito difícil você ser médico e nunca ajudar ninguém. A não ser que eu faça um esforço para ser um péssimo profissional. Eu acho que o sentido pessoal para mim, para o meu trabalho, eu acho que é isso que todos os dias eu tenho a oportunidade de ajudar alguém, me deixar alguém em ensinar alguma coisa (PM3).

Acho que é como se fosse uma prova, porque eu sou capaz. Para mim, é muito bom estar ali. Eu gosto muito de ser médica, eu acho que é eu poder ajudar. Acho que a importância que tem para mim quando eu sinto, nossa, é muito bom quando alguém me pergunta alguma coisa, e eu consigo ajudar ela e eu sei, com a medicação, às vezes, só conversando, para mim é uma realização pessoal assim, muito importante na minha vida (PM10).

Conforme transcrito nos trechos de PM2, PM3 e PM10, é possível identificar um forte sentimento de orgulho por parte dos médicos entrevistados, sendo esse um importante fator para se compreender o sentido do trabalho em suas perspectivas. Interessante ressaltar que esse sentimento de orgulho foi um fator presente durante todas as entrevistas realizadas, mesmo quando os mesmos estavam se queixando de alguns aspectos de sua profissão. Notavelmente, esse orgulho vem atrelado ao *status* e ao prestígio que a medicina possui perante a sociedade, bem como para seus praticantes, os próprios entrevistados. Evidencia-se aqui o sentido do trabalho como uma questão triplamente orientada: (I) para o sujeito, por considerar os “eus” e papéis que ele desenvolve em seu contexto de trabalho (KENT, 2018); (II) para o real da atividade, dada a influência de se fazer algo que pragmaticamente possua valor (CLOT, 1999); e (III) para a sociedade, devido aos impactos que o significado e o prestígio da medicina, no âmbito social, possuem na criação de sentido ao trabalho (BOSMANS *et al.*, 2016).

Este estudo ainda apresenta evidências empíricas de que o sentido positivo que o trabalho do médico possui para eles tende a suprimir as vivências de sofrimento e tristeza que ocasionalmente possam existir em seu cotidiano de trabalho. Assim, por mais que essas vivências sejam comuns ao cotidiano médico, sentimentos de “libertação”, autonomia, independência, “amor”, “alegria” diante do resultado real da atividade, bem como a ideia de “preenchimento pessoal”, ou seja, realização, reforçam a ideia de um sentido positivo do trabalho.

Ah, isso eu te falei, o sentido é libertação, é inserção. É inserção no sistema que a gente vive. O sentimento que eu tenho é de libertação. Eu estou trabalhando para o bem e consigo me relacionar bem, percepção de ganho razoável. Consigo ter família, custos, gastos e tudo mais. Primeiro, é o senso de libertação (PM1).

O sentido do meu trabalho é trabalhar com amor e responsabilidade (PM4).

De preenchimento pessoal. Eu acho que eu nunca parei realmente para analisar dessa forma. Eu acho que não... no final das contas é uma coisa que forma quem eu sou também, sabe? É meio que uma ideia de construção. Eu não consigo ser, por

exemplo, uma [nome da entrevistada] sem ser médica, faz parte de mim, entendeu? Não consigo me imaginar não sendo médica, por exemplo (PM5).

Com base nesses relatos, é possível notar uma estreita relação entre o sentido do trabalho do médico com o que Busse *et al.* (2018) denomina como “eu significativo”, ou seja, com a identidade pessoal do sujeito, em outras palavras, o sentido positivo de seu trabalho tende a maximizar sua autoconfiança e orgulho próprio, por ser alguém que faz a diferença na vida de outrem. Assim, para além das relações trabalhistas, um sentido positivo do trabalho contribui substancialmente para realçar o sentido geral da vida das pessoas (WARD; KING, 2017).

Na margem oposta, os sentidos negativos podem funcionar como bússolas que localizam os sujeitos no outro lado da “face da mesma moeda” e, também, os direcionam para possíveis ressignificações, de si mesmo e de seu trabalho, com vistas à manutenção de sua integridade física e psíquica, de seus níveis de bem-estar (BOSMANS *et al.* 2016).

Nessa direção, os relatos dos profissionais do sexo tendem a exaltar os sentidos negativos do seu trabalho. Para as duas únicas entrevistadas que sublinharam aspectos positivos (PS6 e PS9), é importante destacar que eles refletem um processo ressignificação rumo a um empoderamento por parte dessas entrevistadas, que buscam alterar o curso de suas vidas mesmo em um trabalho marginalizado como a prostituição, superar limites percebidos como historicamente colocados no seu caminho e alcançar sua independência em variadas instâncias (financeira, emocional etc.).

Para mim, é o sentido de conquista, de vencer na vida, de me superar, entendeu? Mostrar para mim mesma que eu consigo superar os limites que sempre me foram impostos na minha vida (PS6).

É, eu tenho, para mim, pessoal é eu ser uma mulher independente. Como qualquer trabalho que a mulher ganhasse bem. Ser uma mulher independente e saber que eu posso falar com o cara assim: “Não dependo de você para nada”. E eu literalmente não precisar depender de ninguém, para nada. Isso para mim é o ápice, assim, da minha personalidade estar completa, de eu estar completa e eu poder saber que eu não dependo de ninguém para nada (PS9).

Tais colocações demarcam uma estratégia cujo foco reside na tentativa de minimizar as sujidades associadas ao trabalho do profissional do sexo. Segundo Bosmans *et al.* (2016), tal estratégia é deliberada por meio de ressignificação da atividade, processo pelo qual as entrevistadas parecem infundir as sujidades oriundas de seu trabalho de valores positivos e de empoderamento, na tentativa de minimizar e/ou anular os sentidos negativos dessa ocupação.

Considerando a categoria “sentidos negativos” associados ao trabalho, nota-se, primordialmente, a ideia de esvaziamento de sentido salientada pela maioria dos profissionais do sexo entrevistados.

Não tem sentido. É só usar. [Não tem sentido?] Não tem sentido. É só usar (PS1).

Na verdade, não tem sentido, porque na verdade eu nunca quis estar ali. Igual eu te falei, comecei gostar, mas eu nunca quis estar ali, foi por precisão do momento, mas depois eu vi que não tinha sentido algum para mim estar ali (PS4).

Que sentido tem você transar com um tanto de gente que não está nem fodendo para você? Ali, eu sou uma pessoa descartável, sou pago para gemer ou fazer alguém gemer, gozar e nada mais. É uma coisa muito vazia (PS5).

Em alguns casos, apesar do sentimento de esvaziamento de sentido, destaca-se a importância do trabalho em dois vieses com traços de resignificação, a saber:

a) nos processos de amadurecimento enquanto ser social, sinalizando possíveis resignificações:

Qual o sentido? De verdade, até hoje eu não descobri o sentido, mas assim, eu acho que veio para fazer várias mudanças, várias mudanças na minha vida. Talvez, para trazer lições para mim, como eu ser, como ser uma pessoa melhor, talvez. Então assim, o sentido exato ainda até hoje eu não descobri, queria muito saber exatamente o porquê disso tudo, porque eu entrei nessa vida, mas eu não sei te explicar exatamente (PS8).

b) bem como para a sobrevivência do entrevistado e de sua família:

Acho que só, cara, guardar dinheiro e ir para frente, sabe? É mais uma questão de sobrevivência mesmo (PS3).

Sentido? Nossa que pergunta difícil. O sentido que meu trabalho tem? Oh, hoje sem meu trabalho eu não sobrevivo não. Hoje, nessa atual circunstância, tipo assim, ele é para mim a base de tudo, hoje para mim. Ele é a base do que eu, tipo assim, do que eu vivo. Entendeu? Ele é o que segura (PS7).

Tais relatos corroboram os achados de Baran, Rogelberg e Clausen (2016), segundo os quais os trabalhadores que se encontram em contextos de elevado nível de sujidades estariam mais susceptíveis à perda ou ao esvaziamento do sentido do trabalho. Nessa direção, um ponto

importante de ser salientado é que, comumente, esses trabalhadores intencionalmente distanciam seu *self* do cotidiano de trabalho de sua profissão, como uma tentativa de minimizar ou conter aspectos ameaçadores à sua identidade (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), o que será aprofundado na seção seguinte.

#### **4.4 Sobre identidade e identidade profissional dos entrevistados**

Assim como discutido na seção anterior, foi possível identificar indícios de uma estreita relação entre significados e sentidos do trabalho com a identidade e identidade profissional dos sujeitos entrevistados. A partir dos dados, percebeu-se um sensível afunilamento na questão da identidade profissional; deste modo, inicialmente, buscou-se compreender qual a imagem que os entrevistados possuíam de si mesmo, dado que, *a priori*, a identidade profissional está atrelada à pessoal (IBARRA 1999; BICKMEIER; LOPINA; ROGELBERG, 2015; BROWN, 2015). Ademais, a literatura sobre o tema é profícua em demonstrar que o processo de construção da identidade pessoal é um fator a ser considerado para explicar diversos comportamentos relacionados ao trabalho (MISCENKO; DAY, 2016; PEREIRA *et al.*, 2020).

Partindo desses pressupostos, no concernente à identidade, inicialmente, questionou-se de maneira direta ao entrevistado quem era ele. Interessante salientar que os entrevistados deste estudo engasgaram ou tiveram dificuldades de responder quem são eles, como se enxergam frente no mundo. As respostas a tal questionamento foram aqui organizadas em três categorias, a saber: características pessoais, sociais e profissionais. Note-se, portanto, que, ao refletirem sobre seu “eu”, em alguns momentos, os entrevistados verbalizavam: suas características individuais, as que os torna quem são; suas características em relação ao outro, fruto de um processo de socialização; e suas características profissionais, apresentando indícios de que quem são enquanto sujeitos é fortemente influenciado por seu trabalho. A Tabela 6 sintetiza as respostas que conformaram tais categorias.

Tabela 6 - Identidades pessoais, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Características Pessoais	Pragmático, que faz o que é necessário	PS1, PS5, PS6, PS8, PS11	5			5
	Sonhador	PS7, PS8	2	PM6	1	3
	Familiar	PS2, PS11	2	PM9	1	3
	Justa	PS9	1	PM6	1	2
	Otimista			PM9, PM10	2	2
	Cheio de histórias	PS2	1			1
	Nem eu mesmo sei	PS1	1			1
	Variação constante	PS3	1			1
	Mistério	PS4	1			1
	Vitorioso	PS4	1			1
	Forte	PS4	1			1
	Geminiana	PS9	1			1
	Bipolar	PS9	1			1
	Resiliente			PM10	1	1
Egoísta e individualista	PS9	1			1	
Características Profissionais	Médico			PM3, PM4, PM8, PM11	4	4
	Uma versão diferente para cada um que me conhece	PS6, PS10	2			2
	Gosto pelo sexo	PS3	1			1
	Ambicioso, alguém que quer vencer na vida	PS6	1			1
	Muito do que a profissão molda			PM1	1	1
	Realizada			PM4	1	1
	Exigente			PM7	1	1
	Em processo de descoberta			PM3	1	1
	Fragilidade			PM1	1	1
Características Sociais	Gosto por ajudar			PM5, PM10	2	2
	Identidade atrelada a alguém			PM2	1	1
	Mãe			PM4	1	1
	Gosto por gente			PM7	1	1
	Privilegiado			PM11	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Em termos gerais, os médicos tenderam a atribuir para a explicação do seu *self*, principalmente, características profissionais e sociais, ao passo que os profissionais do sexo priorizaram suas características pessoais. Diante de tal observação, é possível inferir que a autoimagem do médico é subsidiada, a princípio, por seu trabalho e seu processo de

socialização, sendo plenamente compreensível, uma vez que a figura do médico no âmbito social é fonte de distinção, *status* e prestígio, ou seja, trata-se de um trabalho significativo ao sujeito (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010). Contrariamente, os profissionais do sexo parecem mascarar, em especial, as características sociais de seu processo de construção identitária. Este estudo apresentou uma série de evidências empíricas acerca dessa questão, já que, em vários momentos durante as entrevistas, era comum que os profissionais do sexo tentassem afastar e/ou desvincular o seu “eu” no trabalho do seu “eu” pessoal/social. Essa tentativa pode ser compreendida como uma estratégia de enfrentamento dos efeitos deletérios da sujidade à identidade do sujeito (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), pois, quanto menos de si o “trabalhador sujo” vê no seu trabalho, menos as manchas de tal profissão tendem a afetá-lo em seu nível mais pessoal, íntimo.

Essa tentativa de ruptura da identidade pessoal da profissional também foi percebida em outros estudos que se centram em profissionais do sexo, realizados tanto no âmbito nacional (BARROS, 2005; PEREIRA *et al.*, 2018; CARVALHO; PASSOS, 2019; PEREIRA *et al.*, 2020) quanto internacional (BENOIT, 2018; OSELIN, 2018). Vale destacar ainda que esse distanciamento também apresenta evidências de um processo latente de despersonalização ou cinismo, uma das três dimensões consideradas nos estudos clássicos — e também nos recentes — acerca da síndrome de Burnout (MASLASH; JACKSON, 1981), que, apesar de não ser foco desta tese, é um campo cuja interface se mostrou profícua de estudos e merece aprofundamento em investigações futuras.

Conforme observável na Tabela 6, o ponto mais recorrente da categoria “características pessoais” foi destacado por cinco profissionais do sexo (PS1, PS5, PS6, PS8 e PS11), referindo-se a ser alguém que faz o que é necessário, demarcando principalmente que, para o caso deles, a identidade pessoal está fortemente atrelada às condições que lhe foram impostas, àquelas a que se perceberam submetidos e sem visíveis opções de mudança, em conformidade com os relatos a seguir.

Eu? Boa pergunta, nem eu mesmo sei. [Nem você sabe?] Eu sou o [nome do entrevistado], eu sou aquele que faz o que é necessário. O que é preciso (PS1).

Sou alguém que tentou muito, muito seguir outro caminho, mas não consegui por causa dessa sociedade podre e hipócrita. Hoje, eu faço o que for preciso e foda-se [*sic*] para o resto (PS5).

Eu não sou quem eu quis ser na minha vida, eu sou quem eu consegui ser. Hoje, eu vejo que nada do que um dia eu planejei eu me tornei. Não que essa [nome da entrevistada] que eu sou hoje eu não goste, eu gosto de ser quem eu sou, mas eu tinha uma visão um pouco mais romântica de como minha vida ia ser. Então assim, a gente não é o que quer ser, a gente é o que a gente consegue ser (PS6).

Eu sou uma pessoa muito pé no chão, eu vou de acordo com a minha realidade, eu não sou muito sonhadora, sonhos às vezes frustram. Mas eu tenho sonhos a realizar, mas eu tenho muito meu pé no chão de como que realmente são as coisas (PS8).

Sou alguém que tenta sobreviver e faço o que é preciso para isso, para ter um pouquinho de... Nossa, que coisa complicada isso, sou alguém que se submeteu a fazer muita coisa, muita coisa. Mas não me arrependo, gosto de que eu sou, era o que eu podia fazer, o que eu podia ser. Pois é, sou essa (PS11).

Considerando os relatos anteriores, reporta-se, inicialmente, às colocações de Alvesson e Willmott (2002) segundo os quais a identidade, além de ser algo crucial da vida de maneira geral do indivíduo, também é bastante problemática, dada sua dinamicidade e por ser fruto de processos de socialização (AVELAR; PAIVA, 2010; MARRA; FONSECA; MARQUES, 2014; BROWN, 2015). Sob uma ótica reflexiva de si (PEREIRA *et al.*, 2018), é possível identificar por meio de trechos das entrevistas, como “a gente não é o que quer ser, a gente é o que a gente consegue ser” (PS6), que a identidade é construída a partir de uma relação entre identidade visada *versus* identidade assumida, sendo que nesse *gap* ocorre a conformação do “eu” (DUBAR, 2005).

Tais relatos denotam ainda que a identidade assumida para esses entrevistados tende a apresentar algumas fissuras que se tornam visíveis em trechos como: “eu sou aquele que faz o que é necessário” (PS1), “hoje eu faço o que for preciso e foda-se [*sic*] para o resto” (PS5), “sonhos às vezes frustram” (PS8) e “era o que eu podia fazer, o que eu podia ser” (PS11). Nesse mesmo sentido, Machado (2003) salienta que é comum no processo de dinâmica identitária que os sujeitos adotem padrões de comportamento que visam preencher as expectativas de terceiros sobre sua conduta, indo em alguns casos de encontro à autodeterminação. Ademais, se essa dissonância se der com um grau de intensidade muito elevado, pode resultar em fragilidade e, em casos extremos, na ruptura da unidade subjetiva (MACHADO, 2003). Nuances de tais fenômenos podem ser percebidos nos discursos dos entrevistados.

Outras características pessoais foram demarcadas e explicitadas na Tabela 6, referindo-se a sentimentos positivos associados à identidade. A ideia de ser “sonhador” e “otimista” relacionado a acreditar em um futuro melhor, ser “justo”, “resiliente” e alguém “familiar” também emergiu no estudo como características importantes para os entrevistados no processo da conformação de seu “eu”. PS2, por sua vez, destaca o fato de ser uma pessoa “cheia de histórias” e que estas, de certa forma, moldam sua identidade.

No âmbito individual, notam-se ainda características que indicam uma possibilidade da existência de identidades múltiplas, característica que é mais facilmente percebida quando analisadas a influência das características profissionais na construção identitária dos profissionais do sexo, aspecto a ser discutido posteriormente. Entretanto, por meio do relato de PS3, a seguir, tais percepções fazem-se presentes também no nível individual.

Ai mano, tipo, eu já passei por muitas coisas aqui em São Paulo sozinho. Aí tipo, eu fico assim meio que variando, sou um tanto de pessoa em uma só. Eu vejo como se cada dia eu fosse uma pessoa diferente, hoje alguém muito diferente de ontem, amanhã diferente de hoje e vai por aí (PS3).

A análise do relato de PS3 evidencia empiricamente a noção de identidade dinâmica, por meio da qual a identidade é vista por uma perspectiva interacionista, ou seja, ela está associada ao desempenho de uma variedade de papéis que se articulam por meio de experiências específicas de vivências em ambientes sociais particulares (STRAUSS, 1999). A ideia de uma identidade dinâmica, ou em alguns casos multifacetada, neste estudo, é reforçada no relato de PS9, a seguir, no qual os adjetivos “geminiana” e “bipolar” refletem uma identidade fluida, ou seja, que não segue padrões ou estruturas rígidos.

Eu sou uma pessoa cheia de defeitos, tenho muito defeitos e eu não sei se acredito em signo, mas eu sou geminiana, eu acho que isso influencia muito, sou uma pessoa totalmente bipolar, sou uma pessoa totalmente estressada, nervosa, sou uma pessoa totalmente com senso de justiça enorme e isso me prejudica muito, porque assim, eu acabei me tornando uma pessoa sozinha (PS9).

Somando-se esse depoimento ao anterior, de PS3, retorna-se à questão da desfiliação social como estratégia de manutenção de integridade, sugerindo uma identidade centrada no próprio sujeito, nem sempre por opção pessoal, mas como consequência de eventos que lhe são externos e hostis. Nessa direção, para a entrevistada PS9, o seu trabalho e sua convivência

familiar a tornou uma pessoa “egoísta e individualista”, chegando a causar sofrimento e algumas patologias a ela.

Eu sou egoísta. Eu sou individualista demais. É eu e meus filhos. O resto é resto. Então, eu acabei me tornando uma pessoa muito individualista. Até porque o meu trabalho exige isso e meu pai também é assim. Egoísta, até porque meu pai também era assim. Tipo, eu tenho um senso de justiça que chega a ser ruim: “ah, mas fulano está precisando disso?”. Problema é dele, ele está ali porque ele quer. Porque eu tive que me virar na vida, por que ele não consegue se virar? Então pelos traumas que eu passei, por tudo que eu passei, eu acho que a pessoa tem que ser tão forte como eu fui e isso é ignorância. Então, eu acabei me tornando uma pessoa muito ignorante. Nossa, uma pessoa com todos os defeitos possíveis. Mas ao mesmo tempo, eu sou uma pessoa com ótimo coração. Eu... Aí entra a parte bipolar, porque eu não me entendo, entendeu? Eu não me entendo, eu não me reconheço e eu também não sei definir quem sou eu. Só que eu sofro muito, porque às vezes eu acho que eu sou uma pessoa ruim, do mesmo jeito que, na verdade, eu acho que eu forço a barra demais com as pessoas e que as pessoas evoluam, que as pessoas cresçam, amadureçam, que as pessoas passem pelas coisas da forma que eu passei e ajam da forma que eu agi, entendeu? Que as pessoas vençam, mas acaba que eu machuco elas por causa disso. Porque nem todo mundo é igual, não, ninguém é igual. E hoje eu sou uma pessoa, eu adquiri uma depressão muito grande, eu desenvolvi uma depressão muito grande dentro de mim. Eu tenho uma depressão muito grande e eu tento lidar com ela todos os dias da minha vida. Tento lidar com ela todos os dias da minha vida (PS9).

A entrevistada evidencia em seu discurso uma série de comportamentos ligados à sua identidade pessoal, a maneira pela qual ela se vê, que, a princípio, são paradoxais e contraditórios para ela. Interessante destacar aqui a influência declarada de sua história de vida e das características de sua ocupação profissional em um latente processo de crise identitária que se estende para além das questões psicológicas. Nessa perspectiva, verifica-se que, para o caso da entrevistada em questão, o processo de construção identitária está nitidamente ancorado em aspectos históricos, bem como na maneira de existir e resistir à adversidade de sua vida (BITENCOURT *et al.*, 2011). Notavelmente, os impactos dessas crises identitárias podem ser reverberados tanto no sentido de uma fragmentação do *self* (MISCENKO; DAY, 2016) quanto na manutenção da integridade física e psíquica do sujeito (BRUBAKER; COOPER, 2018), sendo esta relação importante para aprofundamento em estudos posteriores.

Contudo, ideias controversas acerca da identidade pessoal, bem como não saber se definir, foi um ponto comum durante as entrevistas realizadas com a maioria dos profissionais do sexo. Entretanto, tais controvérsias desembocam em empoderamento vivenciado por parte desses entrevistados, que se colocam na vida, de modo geral, em posição de enfrentamento às

situações difíceis que já vivenciaram, fato que os faz se enxergarem como “vitoriosos” e “fortes”.

Eu acho que eu sou um mistério. Eu sou um mistério, eu sou um labirinto de emoções, de sentimentos, movidos a qualidades, a defeitos, mas eu me sinto hoje um cara muito vitorioso. Muita coisa na minha vida teve que ser com muita luta, com muita... Tive que cavar muito, para chegar aonde eu cheguei, vitorioso porque eu passei por vários momentos de chegar a estar à beira de morte, estar a par de várias situações, então eu vi pessoas morrendo do meu lado, do meu lado, sendo assassinados, enfim... Uma vida muito obscura, então após ter passado por tudo isso, você sente vitorioso, mesmo ainda não estando realizado em algumas situações. Mas eu me sinto vitorioso, não forte, eu busco a minha força mediante a minha fé, não sou uma pessoa forte. Eu busco lá no meu fundo, no meu interior a fortaleza, e o meu passado me traz muita força, porque quando eu olho para trás, eu vejo o quanto eu lutei eu não posso desistir, então é o que me dá força para eu prosseguir, as pessoas que eu amo, as pessoas que eu ainda preciso ajudar. Então, eu sou essa pessoa, eu sou força, eu sou amor e eu sou um mistério (PS4).

Assim, para o caso dos profissionais do sexo, sua identidade pessoal parece se estruturar em uma relação dialética com seu passado, sofrendo especial influência dos fatos marcantes de suas histórias de vida (discutidos anteriormente). Identificam-se, assim, nuances de que a identidade pessoal poderia ser representada como o produto de discursos e representações múltiplas, flutuantes, fragmentadas e instáveis do ser social (BRUBAKER; COOPER, 2018).

Já a segunda categoria apresentada na Tabela 6 demonstra a influência das “características profissionais” na constituição do “eu” pessoal do sujeito. Substancialmente, nessa categoria preponderaram os discursos dos profissionais médicos entrevistados que, na maior parte das vezes, referiam-se ao seu trabalho na medicina como um fator fundante de seu *self*, mesmo quando afirmam que ainda estão envoltos em processos de descoberta de si mesmos.

Nossa, difícil demais essa, hein? Ah, não sei, eu acho que eu estou descobrindo ainda. Acho que hoje eu sou uma, acho que eu sou parte de uma família, uma pessoa que é parte de uma família unida, eu sou pediatra. Eu acho que isso faz metade da minha vida, né? Fui dedicada a me tornar isso (PM3).

Eu sou muito séria no que eu faço. Eu sou muito preocupada com meu paciente, com o próximo. Eu sou muito preocupada, então assim, eu acho que preocupo mais com meus pacientes do que eles mesmos (PM8).

O forte vínculo estabelecido entre a identidade profissional do médico e seu *self* também pode ser percebido em outros discursos nos quais os entrevistados apresentavam adjetivos como

“realizada” e “exigente” para se caracterizarem, reafirmando a forte influência do significado de ser médico em quem são, nas suas próprias percepções.

Nesse sentido, é possível perceber, por meio dos dados das entrevistas, que a identidade pessoal do médico tende a ser menos fragmentada e estar fortemente atrelada à sua identidade profissional. Evidentemente essa questão também é observada nos discursos dos profissionais do sexo, porém este grupo, por sua vez, parece minimizar e/ou tentar anular a influência de seu trabalho em sua identidade pessoal, certamente em decorrência das sujidades em que a profissão repousa (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), ou seja, uma tentativa de manter-se “íntegro”, já que denegação, recalçamento e negação são “recusas”, fronteiras que são erguidas para proteger o “eu” (LHUILIER, 2009). Para o caso da maioria dos médicos abordados, nota-se considerável orgulho em assumir que é “fruto do que a profissão molda”, entretanto, PM1 assevera alguns dos efeitos negativos e/ou “fragilidades” de se trabalhar em uma profissão de elevado nível de sujidade, apesar de seu prestígio enquanto médico.

Eu acho que eu sou muito do que a minha profissão molda. Acho que é tão intenso, sobra pouco de pessoa nisso. A medicina legal, ela é uma coisa que realmente suga muito, acho que é um pouco do que, daquela frase, né? Alguém tem que fazer o trabalho sujo. E é, acho que ela suga um pouco, suga um pouco daquela inocência, suga um pouco da... do acreditar. A medicina legal, ela é algo que muda o profissional, então eu acho que, eu sou uma pessoa hoje que vive medos de muitas coisas, que sente a fragilidade do ser humano numa forma muito íntima, muito transparente, né? A gente vê, por exemplo: uma pessoa está dirigindo o carro e tem um acidente grave, morre, vai lá para o IML. Você fica com aquele corte na história, na vida muito estanque. Então, isso gera uma fragilidade. A maioria das pessoas pensa que gera uma frieza, um endurecimento, mas eu acho que exatamente o contrário. Você sente o quão frágil é o nosso organismo, nosso sistema e como a gente está exposto às coisas. Então eu acho, eu me sinto muito assim. Frágil, por sentir que a gente tem uma vivência frágil (PM1)

Apesar de todo prestígio que envolve o trabalho do médico, o relato de PM1 assevera o que Lhuilier (2009) designa como negativo da ocupação. Nesse sentido, mesmo em um trabalho como a medicina, “alguém tem que fazer o trabalho sujo” (PM1); note-se, assim, que o trabalho negativo não se desenvolve apenas no nível da subjetividade do sujeito, ele também está a serviço de sistemas defensivos coletivos, como uma ligação entre subjetividades singulares, de processos e de formação social (LHUILIER, 2009). Curioso notar que, no caso específico de PM1, o destaque conferido ao exercício da medicina legal sobrepuja e, praticamente, anula a atuação desse profissional como anestesiológico, denotando uma identificação mais sensível ao trabalho como legista e com impactos mais demarcados dessa

face de sua profissão na atribuição de significados e sentidos ao trabalho e na sua configuração identitária, pessoal e profissional.

O negativo da ocupação de Lhuilier (2009) também pode ser percebido quando o público focalizado é o de profissionais do sexo, contudo, para este grupo, a situação é mais crítica, dado que a maioria deles não se reconhece em tal profissão, e a impossibilidade de se reconhecer profissionalmente é uma questão mais central que a falta de reconhecimento social. Para Lhuilier (2009), o “trabalho sujo” só é sustentável psicologicamente se os trabalhadores puderem subvertê-lo para realizar um bom trabalho, um trabalho estimado, assim como percebido por meio de vários trechos do discurso do profissional da medicina PM1.

Analisando as “características profissionais” elencadas pelos profissionais do sexo entrevistados, a ideia de múltiplas identidades emerge como um fator importante para se compreender a identidade pessoal (ou identidades) desses sujeitos.

Ah, eu sou um ser humano aí, procurando vencer na vida, tenho minhas qualidades. Eu acho que as minhas qualidades superam os meus defeitos, sou uma pessoa que, apesar de estar no mundo da prostituição, eu busco muito a espiritualidade, eu busco muito evoluir com as experiências que eu vivo lá dentro também e é isso, sou mãe, sou filha, sou garota de programa, mas sou amiga, sou tudo ao mesmo tempo. Sou uma versão diferente para cada pessoa que me conhece (PS6).

Eu sou várias dentro de mim. Menino, vou te falar a verdade, é tanta gente aqui dentro que você pira (risos). Então assim, eu sou várias... acho que a vida que eu levo, quero dizer, o trabalho que eu faço me fez ser isso aqui (PS10).

O discurso de PS6 desvela algumas questões que para a entrevistada são contraditórias e, em alguns aspectos, até paradoxais. Ao afirmar que “[...] sou uma pessoa que, apesar de estar no mundo da prostituição, eu busco muito a espiritualidade, eu busco muito evoluir com as experiências que eu vivo lá dentro também e é isso [...]”, o termo “apesar” refrata no discurso as pechas que a profissão possui até mesmo para a entrevistada, bem como o quanto pode ser complexo estruturar uma identidade pessoal minimamente íntegra, no sentido de coerente, atuando em uma profissão extremamente estigmatizada e marginalizada como a prostituição. Assim, o próprio discurso da entrevistada apresenta indícios, no texto silenciados, de um trabalho negativo (LHUILIER, 2009), em outros termos, de como as sujidades perpetradas em sua profissão foram internalizadas de forma que até mesmo ela tem dificuldade de percebê-

las. Tais indícios são reforçados por meio do discurso de PS10, que ainda chancela a influência de seu trabalho para que configure uma “identidade líquida” (BAUMAN, 2005), com faces intangíveis e ambivalentes (DAVIS, 1991; BAUMAN, 2005).

Por fim, as “características sociais” foram identificadas apenas nos relatos dos profissionais médicos entrevistados. Aspectos como “gostar de ajudar” e “gostar de gente” se fizeram presentes no sentido de asseverar a relevância da socialização na constituição do “eu” indivíduo e médico. Interessante ainda notar que esse processo é marcado, em especial, pela positivação do trabalho, ao contrário dos profissionais do sexo.

Ah, eu sou uma pessoa que gosta de gente, né? Inclusive é a razão que eu escolhi fazer psiquiatria. Então, eu gosto de ter contato com as pessoas (PM7).

Eu, eu acho que sou... Eu sou uma pessoa muito otimista, muito resiliente e que quero muito ajudar os outros. Eu acho que tenho uma missão. Acredito, por tudo que passei, eu acho que eu tenho algo grande para fazer, e isso, acho que ajudou muito na hora de querer ser médica (PM10).

Ressalta-se ainda, em alguns casos, a ideia de uma identidade vinculada a alguém, sendo:

a) ora um filho, demonstrando como a maternidade atrelada ao fato de ser médica são consideravelmente relevantes para a identidade da entrevistada PM4:

Bom, quem eu sou? Hoje, eu me defino como médica, bem realizada profissionalmente. Amo minha profissão. E mãe, eu acho que a minha melhor representação hoje é a de mãe. Depois que eu fui mãe, eu me redescobri, minha vida é outra, sou uma pessoa muito agradecida a Deus pela oportunidade de ter um filho e eu sou uma pessoa muito feliz, tanto na minha família quanto na minha profissão (PM4).

b) ora a membros da família, os quais foram e são referência para ser quem é:

É, eu sou a [nome da entrevistada], eu acho que eu sou assim... Engraçado, eu não me identifico para as pessoas em primeira pessoa, geralmente como médica, né? Engraçado, em geral, eu me identifico mais assim, ou eu sou a filha da [nome da mãe], dependendo do lugar, ou eu sou a noiva do [nome do noivo], dependendo do lugar, ou eu sou a [nome da entrevistada], assim, filha do [nome do pai], então assim, eu acho que eu tenho muito essa identidade, assim atrelada a de onde a gente veio, ou então a [nome da entrevistada] de Juiz de Fora, dependendo de quem eu estou conversando, porque eu fiz faculdade lá (PM2).

Tais relatos vão ao encontro de correntes teóricas que discutem identidade sob uma perspectiva interacionista, ou seja, de que a identidade se constitui a partir da interação do sujeito com o meio, considerando fortemente o núcleo familiar em tal processo (HALL, 2006). Focalizando o relato de PM2, é possível pensar ainda os processos identitários por meio das relações de poder que são postas em jogo (ENNES, 2013), por exemplo, o fato de que atrelar sua identidade a alguém, o ser “filho de alguém” pode significar, em alguns aspectos, uma legitimação de quem se é em um contexto social específico. Tal perspectiva também é fortalecida por meio do relato de PM11 que expõe claramente os privilégios sociais que ele teve.

Não sou hipócrita e odeio gente hipócrita. Se eu te dizer que eu não sou um privilegiado, seria muita hipocrisia da minha parte. Eu venho de uma família rica, fui criado para ser médico, estudei nos melhores colégios, nunca tive problemas de falta de grana para as coisas. Olha, a minha vida inteira eu fui criado dentro de uma bolha, protegido de tudo que me cercava. Se eu for me comparar com o pessoal da faculdade de medicina, por exemplo, é latente que eu sou, sim, alguém cheio de privilégios e aprendi a gostar disso. Então assim, é muito confortável ser quem eu sou e ocupar a posição que eu ocupo. Sou médico, e a única preocupação que eu tenho é com o combustível do meu carro, nunca precisei ajudar em nada em casa e sei que essa realidade é minha e de um grupo muito seletivo de pessoas, então assim, se eu disser que não tenho privilégios, que sou médico por mérito seria muita hipocrisia (PM11).

O relato de PM11 se expõe a ponto de escancarar que sua identidade tanto pessoal quanto profissional foi moldada em função dos privilégios sociais que ele teve e tem na vida, ou seja, sua identidade e o sentido do trabalho para ele advêm de um processo de socialização marcado por privilégios sociais, por abundância de recursos, contrariamente à maioria dos profissionais do sexo aqui entrevistados que foram expostos e se expõem a processos de socialização marcados por adversidade e marginalização, o que faz com que esse segundo grupo seja inclinado a tentar negar e/ou ocultar os impactos negativos de seus processos de socialização na construção de seu “eu” (MISCENKO; DAY, 2016).

Notavelmente, ao se questionar os entrevistados acerca de quem são eles no âmbito individual, uma série de aspectos relativos à identidade(s) profissionais também se fizeram presentes. Assim, na sequência, buscou-se tentar compreender a constituição do “eu profissional” dos entrevistados. Nesse sentido, as respostas acerca de tal questionamento foram aqui organizadas considerando três categorias: “alguém que se expõe”, “alguém que encena” e “alguém que se protege”, conforme demonstrado na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 - Identidades profissionais, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Alguém que se expõe	O mesmo que sou na vida pessoal			PM5, PM6, PM9, PM11	4	4
	Sério			PM4, PM7	2	2
	Acolhedor			PM2, PM7	2	2
	Gentil			PM2	1	1
	Organizada			PM3	1	1
	Alguém que perde um pouco a identidade			PM1	1	1
	Realizada			PM4	1	1
	Dedicado			PM8	1	1
	Alegre			PM10	1	1
	Espontânea			PM10	1	1
	Carinhosa			PM10	1	1
Alguém que encena	Aquilo que o cliente quer	PS6, PS7, PS8, PS11	4			4
	Vários personagens	PS4, PS9	2			2
	Uma alegoria	PS10	1			1
	Puto	PS3	1			1
	Atriz	PS7	1			1
	Profissional	PS7	1			1
	Falsa	PS9	1			1
Alguém que se protege	Uma máquina	PS1	1			1
	Alguém que se protege	PS2	1			1
	Metódica			PM3	1	1
	Médica			PM4	1	1
	Sigo protocolos			PM9	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Baseando-se nos dados apresentados na Tabela 7, inicialmente, é importante destacar algumas percepções gerais acerca dos mesmos. Notadamente, a categoria “alguém que se expõe” apresenta dados que corroboram o fato de alguém cujos processos de identificação e construção da identidade profissional pautam-se em exposição pública e assunção dos bônus e dos ônus desta identidade, exclusivamente identificados nos relatos dos profissionais médicos. A segunda categoria, por sua vez, “alguém que encena”, apresenta indícios de identidades múltiplas, multifacetadas e/ou fragmentadas, e foi percebida apenas nos relatos dos

profissionais do sexo. Por fim, a categoria “alguém que se protege” emergiu em ambos os discursos de maneira quase equiparada.

Nesse sentido, aprofundando na categoria “alguém que se expõe”, a maioria dos entrevistados médicos salientam não haver diferença entre sua identidade profissional e a pessoal. Assim, as características de uma estariam aninhadas às da outra de maneira indissociável, conforme relatos a seguir.

Ah, eu acho que não é muito diferente também não. Eu acabei falando quem sou eu na vida e quem sou eu no trabalho. No trabalho, eu sou da mesma forma assim, eu gosto muito de conversar, então eu sempre tento conversar com a equipe com quem eu trabalho, com os meus pacientes, gosto de tentar entender tudo que acontece ali, envolvendo, é... envolvendo o ambiente de trabalho. De verdade, não consigo pensar em nada que seja diferente não (PM5).

No trabalho, vamos lá, acho que não sou diferente. Eu no trabalho, eu sou uma pessoa muito séria, mas uma pessoa muito aberta, eu prezo muito pelo bem-estar dos meus pacientes e também de meus colegas, lógico. Mas eu levo muito a sério o que eu faço e principalmente o que o paciente vai levar daquilo dali (PM6).

Assim como perceptível nos relatos anteriores para o caso dos profissionais médicos, no âmbito do discurso do sujeito, a identidade profissional está ancorada à pessoal. Há de se considerar aqui a identidade coletiva do médico como uma identidade estável, com baixo (ou nenhum) nível de fragmentação e elevado *status* social. Nesse aspecto, ela tende a trazer uma valoração positiva ao sujeito, afinal, quem não teria orgulho de associar seu “eu subjetivo” a de um “eu profissional” de tanto prestígio?

Destaca-se ainda que, por mais que não seja capaz de isolar identidades pessoais de coletivas, dado que elas se constituem de maneira recíproca (STRAUSS, 1999), o fato de, por exemplo, a maioria dos profissionais do sexo entrevistados silenciar, em vários momentos em seus discursos, a relação entre identidade pessoal e seu “eu profissional” pode ser visto como uma estratégia para manter sua integridade psicológica (BROWN, 2015). Já para os profissionais médicos, é mais facilmente perceptível o alinhamento da identidade profissional ao *self* do indivíduo, por ele trazer sentido tanto ao trabalho quanto à vida do sujeito, agindo como fonte de distinção social. Assim, foi comum nos discursos dos médicos entrevistados a presença de alguns adjetivos, como sério, acolhedor, gentil, organizado, dedicado, alegre, espontâneo, carinhoso, que visam positivar ainda mais sua identidade profissional.

Eu sou assim, acolhedora e gentil, mas ao mesmo tempo brava, porque tem assim, eu sou brava, mas sem deixar de ser doce assim, com os pacientes, né? Quando exige. E, em geral eu sou assim, muito responsável, muito pontual, meio obsessiva com meu trabalho, mas também tem assim, um bom relacionamento, né? (PM2)

(...) Eu sou uma pessoa que gosta de levar um pouco do ambiente familiar para o ambiente de trabalho. Gosto de combinar um dia de ir tomar um café junto, um dia de cada um levar um lanche, eu acho que eu sou essa pessoa no trabalho, que fica sempre querendo unir todo mundo (PM3).

Eu no trabalho, eu sou alegre, espontânea, eu tento ser o mais carinhosa possível, e não... Sou uma pessoa que tenta ajudar sempre no que eu posso, eu reclamava muito, mas eu venho trabalhando isso para evitar, porque eu acho que isso interfere no nosso dia a dia, no [nome da entrevistada] médica, nos resultados que a gente tem (PM10).

Apesar da identidade profissional positivada asseverada nas entrelinhas dos discursos da maioria dos entrevistados, há de se considerar que PM1 expõe o início de um processo de dissociação da identidade pessoal em função do trabalho por ele realizado.

Nós médicos, a gente às vezes perde um pouco a identidade, porque a gente trabalha num serviço aí como tem em vários outros, não só médicos, corpo de bombeiro, o próprio policial, ele é um pouco da identidade daquela pessoa que está procurando ajuda naquele momento, então a gente é... eu, por exemplo, que sou legista, às vezes acho que me perco no meio de um emaranhado de sentimentos. Às vezes, se você me perguntar quem é o [nome do entrevistado] pessoa, eu não sei te falar. Aí eu tenho que parar e refletir um pouco e tentar resgatar aquilo que sou, quem eu gosto de ser (PM1).

O relato de PM1 permite identificar nuances de um processo de fragmentação e crise de identidade, características mais comuns quando o grupo em análise é o dos profissionais do sexo, nesta pesquisa. Contudo, essas notáveis características de crise identitária não foram percebidas nos relatos dos demais médicos; uma possível explicação para tal pode margear a própria estrutura do “trabalho sujo” (ASHFORTH; KREINER, 1999; BROWN, 2015). Assim como salientado anteriormente, o real da atividade do médico legista (como é o caso do entrevistado PM1) quando se compara à dos demais profissionais médicos entrevistados é aquela possui maiores níveis de sujidades, o que leva a pensar em uma possível relação entre trabalho sujo e fragmentação identitária, no nível pessoal e também no profissional. Expor-se identitariamente em um ambiente de elevada sujidade pode incorrer em uma série negativas não só do sentido do trabalho, bem como do *self* do sujeito (LHUILIER, 2009),

mas, como relatou o próprio entrevistado, em diversos momentos da sua entrevista, “alguém tem que fazer o trabalho sujo”, mesmo em uma profissão “limpa” e prestigiada.

A identidade pode significar uma série de aspectos diacronicamente falando, principalmente, sob uma perspectiva interacional dinâmica (STRAUSS, 1999). Nesse sentido, o relato de PM1 coaduna com as colocações de Brown (2015), segundo o qual os trabalhos de identidade tendem a possuir maior intensidade em contextos nos quais prevalecem adversidades e sujidades, dado que seu reflexo imediato relaciona-se a crises identitárias, materializadas em sentimentos como insegurança, confusão e contradição, o que leva o indivíduo frequentemente à autorreflexão (BROWN, 2015), ou seja, transformar o seu modo de ser temporariamente em objeto de análise na tentativa de fazer correções e realinhar seu *self*. Assim, a autoavaliação cerca-se de um “halo de ‘pode’ e ‘não pode’, ‘quer’ e ‘não quer’, ‘deve’ e ‘não deve’” (STRAUSS, 1999, p. 51), conduzindo, por conseguinte, o sujeito a uma ameaça e, até mesmo, a uma (re)configuração de identidade (PETRIGLIERI; STEIN, 2012).

Retornando à Tabela 7, em termos gerais, a facilidade de ser alguém que se expõe no caso dos médicos pode, a princípio, estar associada à ideia de prestígio e limpeza da profissão, trazendo-lhe, em alguns momentos, uma ideia de heroísmo e sacralidade, ao contrário, por exemplo, dos profissionais do sexo que tendem a ter sua imagem demonizada socialmente (PAIVA *et al.*, 2020), induzindo o sujeito a, no contexto profissional, tornar-se “alguém que encena”, sendo este ato uma estratégia que visa proteger sua unidade subjetiva e, por conseguinte, sua identidade. Desse modo, os discursos produzidos visam, por sua vez, mascarar, ou pelo menos tentar dissimular, uma realidade a ser ignorada, além de oferecer referência a uma ordem legitimadora da existência desses indivíduos (LHUILIER, 2009). Sob essa perspectiva, a categoria “alguém que encena” traz à baila estratégias que visam mascarar, ao passo que também protegem a identidade e os processos de identificação do profissional do sexo. A estratégia mais apontada pelos entrevistados refere-se à criação de vários personagens, várias identidades, a começar pelos próprios nomes sociais ou nomes “de guerra” que alguns utilizam, e que se alteram ao gosto do cliente.

Lá eu sou outra pessoa, eu sou ambiciosa, sou fogaosa, falo que amo, sou romântica, também sou isso, sou um pouco daquilo que eu percebo que a pessoa quer que eu seja. Eu sou aquilo que o cliente quer que eu seja. Então, eu analiso ele, eu vejo se ele é um cara mais carente, se ele for carente, eu vou ser mais carinhosa, se ele for

turrão, eu vou ser pior que ele, porque ele gosta de ser desafiado. Então, a [nome social utilizado no trabalho] é muitas coisas, entende? (PS6).

A [nome social utilizado no trabalho] é super profissional, ela é a garota, a mulher que qualquer homem quer ter na cama. Muito profissional. Eu incorporo uma atriz. Sou do jeito que você quiser, se você quiser que eu seja safada, eu sou safada, se você quiser que eu seja tímida, eu sou tímida. Eu sou uma atriz mesmo, eu olho o perfil do cliente, analiso e incorporo a mulher que eu tenho que ser. Às vezes, uso batom vermelho, que é para clientes que gostam, às vezes não, entendeu? Depende do que o cara quer. Se ele quer, eu faço (PS7).

A [nome social utilizado no trabalho]? A [nome social utilizado no trabalho] é uma mulher muito sedutora, muito sedutora. Uma mulher encantadora. Ela é o que o cliente quiser que ela seja. A [nome social utilizado no trabalho], ela é assim, se o cliente quer uma amiga, ela vai ser uma amiga, se o cliente quer uma mulher safada, ela vai ser safada, quer uma mulher muito sensual, ela também vai ser, então a [nome social utilizado no trabalho] vai muito de acordo com o cliente, mas a [nome social utilizado no trabalho] sabe ganhar o cliente. Ela não apenas só quer o dinheiro dele, mas ela quer fidelizar aquele cliente (PS8).

A [nome social utilizado no trabalho] é várias, não tem como dizer quem ela é. Ela é meio que um camaleão, muda de forma, muda de comportamento, muda de identidade. Pagando, meu filho, ela é o que você quiser (PS11).

Os nomes sociais utilizados no trabalho ou “nomes de guerra”, expressão comumente utilizada pelos profissionais do sexo para referir-se a um pseudônimo de sua escolha, materializam a identidade profissional criada pelo entrevistado, uma forma de lançar luzes sobre atributos de um personagem criado sob medida para o cliente ao passo que lança na escuridão a identidade pessoal do sujeito, com a finalidade, consciente ou não, de preservá-la.

Notavelmente, os relatos anteriores elucidam a ideia de volatilidade associada à identidade profissional do trabalhador da prostituição, ao contrário dos profissionais médicos. Trata-se de identidades que são criadas para o trabalho e não possuem, na maior parte das vezes, nenhuma coerência uma com as outras criadas pelo mesmo indivíduo. São identidades múltiplas e altamente dinâmicas, por vezes, antagônicas, contraditórias e ambíguas. Relevante salientar que todos entrevistados referem-se à sua(s) identidade(s) profissional(is) na terceira pessoa (ele/ela), o que pode ser visto como uma estratégia discursiva que busca afastar seu “eu pessoal” do(s) “eu(s) profissional(is)”. Tal fato, mais uma vez, refrata no discurso a ideia de impureza associada à profissão, uma vez que o distanciamento visa, *a priori*, manter a integridade psíquica e identitária. Movimentos similares também podem ser identificados em outros estudos que se debruçaram sob algumas categorias de ocupações marcadas pelo elevado nível de sujidades e baixo prestígio (FREITAS, 1985; BARROS, 2005; JULIANO,

2005; LHUILIER, 2009; PETRIGLIERI; STEIN, 2012; BROWN, 2015; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016; BOSMANS *et al.*, 2016; LIMA, 2016; MISCENKO; DAY, 2016; OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2017; PERRY, 2017; SILVA; CAPELLE, 2017; OSELIN, 2018; CARVALHO; PASSOS, 2019; VALTORTA *et al.*, 2019; ALMEIDA; LOPES, 2020; PAIVA *et al.* 2020; PEREIRA *et al.* 2020).

Em um segundo momento, merece destaque a observação de um processo de comercialização das identidades percebido em todos os relatos apresentados e exposto taxativamente no trecho “[...] pagando, meu filho, ela é o que você quiser” (PS11). Segundo Freitas (1985), no curso de suas interações cotidianas, os profissionais do sexo negociam uma ordem com os atores de seu ambiente — clientes, familiares, colegas, cafetinas, polícias e, em um nível abstrato, a sociedade — por meio de comunicações ritualizadas, identidades que não incorporam as precariedades, sobretudo morais, que sua condição laboral impõe.

Retornando à discussão dos “nomes de guerra” utilizados pelos profissionais do sexo entrevistados, é possível destacar que eles também se subscrevem em importantes aspectos relativos à sua identidade profissional e, em alguns casos, pessoal. O que se pode identificar é que os nomes utilizados em alguma instância representam características projetadas pelos entrevistados que não são assimiladas por seu “eu pessoal”.

O [nome social utilizado no trabalho] na verdade é várias pessoas, né? Ele era um personagem com várias identidades, porque para cada pessoa você tem que agir de uma forma, você tem que ser de uma forma, eu não podia ser o [nome do entrevistado], mas o [nome social utilizado no trabalho]. Então, ele era um personagem com várias identidades. Como se fosse uma pessoa que tivesse transtorno de identidade, entendeu? Então, várias vezes eu tive que me modelar à uma pessoa que eu não era. Para atender essas pessoas, para estar com essas pessoas, então assim, o [nome social utilizado no trabalho] é muito forte, muito audacioso, bem mais do que eu, nisso tenho até um pouco de inveja dele, não consigo ser tão forte na minha vida real como ele é na dele (PS4).

Strauss (1999) ressalta que a dominação distintiva pela qual uma pessoa se torna conhecida, o nome, desvela muitas coisas tanto de quem o porta quanto de quem o deu — no caso aqui apresentado, são a mesma pessoa —, o portador do nome também é o que o escolheu. Para o autor, os nomes adotados de maneira voluntária revelam um vínculo indissolúvel entre a autoimagem e o nome, em outras palavras, entre o *self* e a representação dele. Nesse sentido, às vezes, o fenômeno da “passagem” (mudança de um nome para outro), para além de uma

estratégia defensiva, pode significar que “dissimulamos quem fomos ou somos a fim de parecer o que desejamos ser” (STARUSS, 1999, p. 36). Em alguns casos, ainda este nome pode estar atrelado a uma identidade que se pretende ter, em função da mobilidade social ou grupos sociais de aspiração, como identificável nos trechos do relato de PS5 a seguir.

[Qual sua idade?] Minha ou do [nome social utilizado no trabalho]? [Tem alguma diferença?] Sim, eu [nome do entrevistado] tenho 34 anos, o [nome social utilizado no trabalho] tem 27, por que garoto de programa com mais de 30 já começa ser colocado para escanteio, a gente começa a perder valor, o programa fica mais barato. Então, eu me cuido muito fisicamente para que o [nome social utilizado no trabalho] possa ter 27 por muito tempo ainda. [...] Eu gosto mais de ser passivo na hora do sexo, o [nome social utilizado no trabalho] já é ativo. [Por quê?] Porque garoto de programa que ativão, dominador ganha mais, os clientes, na maioria das vezes, quer ser passivo e, então, ele faz a linha ativão bruto, já eu gosto do contrário (PS5).

Note-se, portanto, que, para o caso aqui exposto, a escolha do nome está associada a uma transição de personalidade, na qual os “nomes de guerra” assinalam uma passagem para novas autoimagens (STRAUSS, 1999). O ato de nomear também é evocado pelo autor como uma questão importante de ser considerada, dado que nomear não é apenas indicar e sim identificar algo como parte de um dado contexto, localizar. Assim, localizar denota definir e determinar as fronteiras de algo; nos entremeios dos processos de identidade, nomear estaria associado ao ato de constituir física e simbolicamente o “eu”, seja ele pessoal ou profissional, frente à sua realidade social (STRAUSS, 1999). Para o caso dos profissionais do sexo entrevistados, em alguns momentos, associam ao “eu profissional” adjetivos pejorativos de maneira indiscriminada, dado o distanciamento entre sua identidade profissional e a pessoal.

Na hora de trabalhar, o [nome social utilizado no trabalho] é... Ai, safado (risos). Puto. Ele é muito puto, sabe? Ele faz a linha putão mesmo, safado, sem pudor de nada, faz show de sexo ao vivo, todo mundo vê. Ah, faz putaria, ele tem as caras disso [coragem]. [Mas você gosta?] Nossa... não sei, mas acho que estou aprendendo a gostar (PS3).

Eu sou totalmente diferente da [nome social utilizado no trabalho]. Eu sou... Eu tenho várias versões. Igual eu brinco muito com as meninas: “Aí, é eu olho para cara da pessoa, para cara do cliente, você tem filho?” “Tenho um.” Dependendo do cliente eu falo: “Tem filho?” “Tenho, tenho três, estão precisando de leite, podia me ajudar”. Com os clientes, eu sou extremamente falsa. Isso é nítido. Só que aquela dissimulada, aquela falsa convincente, que eles acreditam. Só que eu sou sem paciência também. Então, acaba que às vezes eu arrumo muito conflito com o cliente, porque eu não, independente de onde eu esteja, eu não aceito que me falte o respeito. Então, pelo fato de eu ser muito autoritária, eles também já sabem onde eles pisam (PS9).

Por fim, mas não menos importante, outra forma identificada de se colocar profissionalmente no concernente à identidade é enquanto “alguém que se protege”, utilizando, para tal, estratégias de afastamento do “eu profissional” do “eu pessoal”, como a mecanização das ações relativas ao trabalho.

Olha, eu sou aquela pessoa que vou botar ali para funcionar o momento de prazer para o cliente, não só o prazer sexual, porque muitas vezes também nos procuram somente para transar, às vezes, para conversar, desabafar, falar mal da esposa em casa, mas acredito no meu momento de trabalho, sou aquela pessoa que só sirvo para levar o prazer à pessoa, seja ele sexual, psicológico, né? O prazer emocional. Como uma ferramenta mesmo, um robô, uma máquina que está ali para fazer bem feito o trabalho dele (PS1).

Essa mecanização pode ser vista, sobretudo, como uma forma de distanciamento do *self* e o real da atividade, funcionando como uma maneira de atenuar ou, em alguns casos, silenciar os efeitos maléficos de uma profissão marcada por sujidades na constituição da identidade profissional do indivíduo (BOSMANS *et al.*, 2016). A mecanização do sujeito frente ao real da atividade pode ser vista ainda como uma forma de despersonalização, apresentando de novo indícios da prevalência dessa dimensão da síndrome de Burnout (MASLASH; JACKSON, 1981) nos profissionais do sexo abordados neste estudo. Outrossim, a pluralização das identidades também emergiu nessa categoria de análise da identidade profissional como uma forma de proteger o sujeito dos efeitos negativos de seu trabalho, conforme exposto no relato seguinte.

Porque o [nome social utilizado no trabalho], ele é uma pessoa que foi direcionada para programas e filmes pornô, para trabalhos. Mas o dia a dia, a personalidade é do [nome do entrevistado], entendeu? O sexo é o [nome social utilizado no trabalho], na hora que eu vou trabalhar, na hora que eu estou fazendo as minhas coisas é o [nome social utilizado no trabalho]. [Quem é o [nome social utilizado no trabalho]?] Aí, você está fazendo uma coisa difícil, espera aí (risos). É tudo do [nome do entrevistado], só que porém é uma pessoa que pensa mais nela, sabe? É mais egoísta, uma pessoa que tem que proteger o [nome do entrevistado]. Hoje, ele é a linha de frente do [nome do entrevistado]. Ele que vai nos caminhos do [nome do entrevistado], ele que pensa no [nome do entrevistado], ele que faz tudo para o bem do [nome do entrevistado], entendeu? Só que é uma pessoa que assumiu o sexo para o mundo que se chama [nome social utilizado no trabalho]. Mas sempre vai ser... Acho que a pessoa que faz pelo [nome do entrevistado] aquilo que ele não dá conta sozinho (PS2).

Nesse sentido, a criação de identidades múltiplas, como identificável por meio do relato de PS2, pode ser vista como uma forma de construir um sentido mais positivo de si mesmo frente a profissões contaminadas pelo estigma e sujidades (BOSMANS *et al.*, 2016). Em

termos gerais, a criação de múltiplas identidades profissionais pode, de alguma forma, representar uma tentativa de minimizar os efeitos de uma identidade deteriorada (GOFFMAN, 1963) no bem-estar psicossocial do indivíduo. No caso em questão, a identidade profissional (ou identidades profissionais) atua(m) como um mecanismo de regulação da unidade subjetiva do indivíduo (MACHADO, 2003) que permeia(m) a relação entre identidade visada e identidade assumida (DUBAR, 2005). Caso esse processo apresente fissuras, pode-se incorrer, em casos extremos, na fragilização e/ou ruptura da unidade subjetiva, o que comprometeria diretamente a estrutura psicológica do sujeito (MACHADO, 2003).

Reporta-se, portanto, às colocações de Hughes (1956) a respeito do “trabalho sujo”, ressaltando que a natureza do ofício é um dos elementos centrais para que sejam construídos julgamentos sobre qualquer um e, certamente, exerce uma influência consideravelmente grande no autojulgamento e na identidade social do sujeito. Nesse aspecto, a criação de uma identidade profissional que assumiria as pechas do estigma e das sujidades de uma profissão como a prostituição parece, em nível subjetivo, uma estratégia sedutora para higienização, positividade e tentativa de manter uma identidade minimamente íntegra, contribuindo para o bem-estar de seu praticante.

Para o caso dos profissionais médicos, nota-se a utilização de aspectos relativos ao coletivo de trabalho como uma forma de proteger seu *self* e sua identidade profissional de demandas externas negativas. Assim, a ideia de ser “metódica” e “seguir o protocolo” é uma forma de o trabalhador, respaldado por um coletivo de trabalho estruturado e forte como o da medicina, resguardar sua identidade enquanto médico.

Profissionalmente, eu sou médica né? Aquela do tipo que segue passo a passo, tudo para garantir a saúde e o bem-estar do meu paciente. Sou muito cautelosa para isso e acho muito importante para qualquer médico (PM4).

Eu sigo um protocolo, né? Profissionalmente, eu tenho que seguir um protocolo de segurança para os meus pacientes. Quando a gente vai operar, você tem que fazer uma avaliação muito sucinta para o seu paciente, saber se ele não tem nenhuma doença de base. Primeiro, se ele está numa idade, se ele tem uma idade acima de 60/65 anos, os cuidados têm que ser maiores. Se você tem alguma doença associada, tipo, diabetes, pressão alta, doença que são facilmente tratáveis, né? Que tem doença que eu contraíndo a cirurgia. A gente sempre segue um trabalho, eu sempre tive um protocolo rígido, de avaliação do paciente, e o paciente só vai operar se ele tiver dentro desses pré-requisitos (PM9).

Considerando certas incompatibilidades teóricas acerca da identidade, cujas abordagens denotam ser um fenômeno multivalente e até teoricamente contraditório (BRUBAKER; COOPER, 2018), transitando entre o individual e o coletivo, a identidade única e as múltiplas identidades, neste estudo questionou-se, de maneira direta, aos entrevistados, se eles acreditavam que profissionalmente possuíam uma única ou mais de uma identidade. Notavelmente, as respostas se concentraram em dois polos, quais sejam: de um lado, os profissionais do sexo apresentam tendências de apresentar múltiplas identidades; na outra margem, os profissionais médicos se posicionam com identidades únicas, às vezes, multifacetadas. Observem-se as respostas que promoveram tal interpretação, sintetizadas na Tabela 8.

Tabela 8 - Identidade única x identidades múltiplas, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Várias identidades	Vários personagens	PS3, PS4, PS5, PS6, PS7 PS9	6			6
	Ela se adapta ao momento	PS6, PS8, PS9, PS10	4			4
	Mais de uma identidade	PS2, PS11	2			2
	Trabalho é trabalho, vida pessoal é vida pessoal	PS8	1			1
Única identidade	Uma única identidade	PS1	1	PM2, PM6, PM7, PM8, PM9, PM11	6	7
	Traços de mais de uma personalidade			PM3, PM4, PM5, PM10	4	4
	Facetas de uma mesma identidade			PM1, PM7	2	2

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apresentado, as respostas da maioria dos profissionais do sexo entrevistados (com exceção de PS1) apontaram para a existência de múltiplas identidades e personalidades profissionais. Seis desses entrevistados, e em vários outros momentos de seus discursos, salientam a criação de vários personagens como uma questão quase que inerente ao ofício.

Eu costumo dizer assim: “Qual o [nome social utilizado no trabalho] que você quer conhecer?” Porque ele pode ser quem você quiser que ele seja, tudo a gosto do cliente (PS5).

São várias [nome social utilizado no trabalho, no plural]. Não existe isso. Muitas vezes, tipo assim, se for só eu, ele vai enjoar, entendeu? Tem que ser toda vez uma mulher diferente. E cada homem é cada homem. Um gosta de uma mulher mais para frente, um gosta de mulher de cabelo anelado, cacheado, outro gosta de liso, maquiada. Igual batom vermelho, uma coisa que eu não uso, mas esse cara atualmente que eu estou, ele é apaixonado com batom vermelho, então eu sempre estou de batom vermelho quando eu estou perto dele, entendeu? (PS7).

Interessante destacar ainda que a criação dessas várias identidades profissionais assevera, sob a ótica dos entrevistados, a noção de identidade líquida exposta por Bauman (2005), que por vezes se apresenta naturalmente de maneira intangível e ambivalente (DAVIS, 1991).

Como eu te disse, a [nome social utilizado no trabalho], ela é múltiplas pessoas, porque ela se adapta ao momento, ao cliente, então ela não tem uma personalidade definida (PS6).

Sim, posso dizer que sim, porque são vários papéis a interpretar e ser uma pessoa, como eu te falei, né? Ela é o que o cliente quer que ela seja, então, vai ser vários papéis que ela vai ter que interpretar para ser ali, naquele momento, que ganha o cliente que acredite naquilo que ela está passando (PS8).

O ponto central aqui é a observância de várias identidades profissionais que, aparentemente, são desconexas entre si devido à necessidade de adaptação às realidades/demandas que lhes são impostas em seu cotidiano de trabalho. Em termos gerais, o cliente torna-se o agente que molda a identidade profissional do sujeito, mesmo que de maneira transitória, obrigando o trabalhador a iniciar seguidamente diversos processos de construção/desconstrução identitários, em decorrência da necessidade de o ‘show ter que continuar’ (PEREIRA *et al.*, 2018). Nesse contexto, cabe destacar que o estigma facilmente perceptível no “trabalho sujo”, por exemplo, é reconhecidamente nocivo para os processos subjetivos individuais, desafiando a identidade dos trabalhadores, o seu sentido de ambos "quem eu estou no trabalho" e "quem sou", fundamentalmente (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), podendo incorrer em crises e desestruturação do *self*, assim como notado nas entrelinhas dos relatos de PS2 e PS6 a seguir.

Eu, às vezes, tenho dúvidas de quem eu sou de fato, da minha identidade. Você não consegue ver. É, porque, tipo assim, vou falar uma resposta meio incerta, para quem é o [nome social utilizado no trabalho] e quem é o [nome do entrevistado], realmente eu também tento diferenciar. Eu só vejo, tipo, o [nome social utilizado no trabalho] tem muito ciúmes do [nome do entrevistado]. Eu falo assim, pela trajetória do [nome do entrevistado] criar o [nome social utilizado no trabalho] e chegar aonde chegou foi um desafio, tem uma história. Tem muita dor, tem muita alegria, tem muita mágoa, muita. Então ele veio, não é só uma forma de abraçar e falar, calma, agora eu te protejo, você realmente vai ter o sexo, mas, porém, vai realmente valer a

pena por aquele sexo. Você vai viver bem desse dinheiro que eu fizer para você. Mas, quando eu comecei a trabalhar, realmente a gente tem que ter um nome artístico e foi até legal porque, quando as pessoas comessem a me ver, eu não queria que ninguém me procurasse em tudo e qualquer rede social o nome [nome do entrevistado], entendeu? Eu queria que as pessoas procurassem o [nome social utilizado no trabalho] e saber, não [nome social utilizado no trabalho] é uma pessoa do trabalho dele. Só que, tipo assim... com o passar do tempo, eu comecei a ter um pouco de dificuldade de diferenciar o [nome do entrevistado] do [nome social utilizado no trabalho], mas acho que isso é normal (PS2)

Olha, eu era uma menina do interior criada nos moldes de uma menina da igreja por duas tias que morreram virgens. Aquela menina tinha o sonho de ser cantora, de fazer sucesso, e hoje, depois de tudo que ela teve que passar, que viver, acho que ela não existe mais. Olho para trás e não consigo mais ver aquela menina inocente e sonhadora, não vejo mais nada dela em mim e isso, às vezes, me faz cair numa *bad* pesada [tristeza e/ou depressão], às vezes, me tranco nessa casa e choro horrores. Então eu vejo assim: as coisas que precisei fazer, as personagens, as identidades que tive que criar, os sonhos que não consegui realizar, me fez meio que me... acho que me perdi no meio disso tudo, sabe? Nunca pensei que seria assim, mas foi, é assim (PS6).

Segundo Alvesson (2010), a noção de identidade fornece um senso de coerência temporal aos sujeitos. Assim, o que se pode notar, nos depoimentos anteriores, é que as múltiplas identidades, com o passar do tempo, podem instaurar um processo reverso de desestruturação, deterioração e intensas crises do *self*. Nesse sentido, os aspectos temporais relativos às identidades múltiplas, por vezes, ampliam ao passo que aprofundam os paradoxos e ambiguidades que permeiam as relações de trabalho marcadas por sujidades, trazendo consequências que se estendem para além das fronteiras da ‘vida no trabalho’ (PAIVA *et al.*, 2020). Reporta-se, portanto, às colocações de Vecchi (2005), ao considerar o caráter incerto e transitório das identidades sociais, culturais e sexuais, sugerindo que qualquer tentativa de solidificar o que se tornou líquido é um beco sem saída.

Desse modo, o que se percebe é que a questão das múltiplas identidades parece ser algo quase inerente à ocupação dos profissionais do sexo pesquisados. A exceção à regra pode ser identificada no relato de PS1 que afirma não criar personagens e/ou identidades paralelas para atenuar a carga de seu trabalho.

O [nome do entrevistado] da vida pessoal faz a mesma coisa que o [nome do entrevistado] garoto de programa faz também. Não existe diferença, isso não adianta de nada (PS1).

Cabe aqui destacar que, assim como destacado pelo entrevistado PS1 em outras passagens de sua entrevista, ele não gosta de utilizar subterfúgios como a criação de personagens, por

exemplo, na tentativa de atenuar as sujidades perpetradas sobre ele por meio de sua profissão. De acordo com o entrevistado, ele é um “desiludido da vida” que recorre ao uso de drogas, em especial a maconha, para se tornar alguém mais afável e sociável. O sentimento que se pode perceber nessa entrevista é o da completa fragmentação e desestruturação do *self* (BROWN, 2015; MISCENKO; DAY, 2016), a barreira (distanciamento do “eu pessoal” do “eu profissional”) que, por vezes, é utilizada por “trabalhadores sujos” como estratégia para que as sujidades oriundas do real da atividade não “contaminem” o sujeito (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), ou seja, as sujidades são frontalmente combatidas e há consequências para isso, atenuadas pelo uso de drogas ilícitas.

Marcadamente, a categoria “única identidade” foi composta, em sua maioria, por profissionais médicos. Contrariamente aos profissionais do sexo que possuem as múltiplas identidades quase como uma condição para a execução de seu trabalho, os médicos, por sua vez, asseveram possuírem:

a) apenas uma identidade profissional:

Identidades eu acho que não, eu acho que seria uma só. Não sei se é o que parece ou o que eu deixo parecer ou uma coisa a mais. Mas, não, eu acho que é uma identidade só. Eu acho que sou o mesmo em todos os momentos da minha vida (PM6).

Sou sempre a mesma pessoa. Sempre fui. Sempre. Sempre fui. A gente muda com o tempo que você é médico. Eu mudei muito no sentido de ser menos ansiosa, menos apavorada, até em esperar a resposta ao tratamento, né? É questão de maturidade, eu acho, profissional. Você vai aprendendo a esperar mais, a ter mais paciência, eu acho que é questão de maturidade no geral, né? Não só profissional, né? Eu acho que a gente vai envelhecendo, a gente fica mais maduro e com isso aprende a ficar menos ansioso, mas não que tenha mudado minha essência ou algo do tipo (PM8).

b) uma identidade única, mas com traços de personalidades adjacentes:

Eu acho que sou educada e exigente. Acho sou essas duas personalidades me compõem, compõe o jeito [nome da entrevistada] de ser (PM4).

Eu acho que eu consigo ser médica, mas ao mesmo tempo eu consigo ser amiga, eu consigo ser... Impor a minha opinião, se eu achar que eu não concordo, mesmo que às vezes com algum chefe, eu tento respeitosamente, mas eu sou uma pessoa um pouco mais incisiva. Diferente de quando eu estou com o paciente, eu sou incisiva só se for muito necessário. Mas assim, eu não vejo isso como várias identidades (PM10).

c) uma identidade única, mas multifacetada:

Eu sinto essas mudanças como uma faceta, não como mais de uma identidade ou muitas caras. Não, eu não sinto isso. Eu acho que a gente pode, por exemplo, eu estou aqui na iniciativa privada, procuro fazer o melhor para o paciente. Lá no IML não me comporto com aquele estereótipo de funcionário público. Então, eu procuro fazer lá o que eu faço aqui e fazer aqui o que eu faço lá. Então, apesar de militar nesses dois ambientes, no público e no privado, eu procuro me comportar da mesma maneira, ou seja, uma pessoa envolvida no processo ao qual eu sou incluído e prestador de serviço (PM1).

Eu não acho que tenha variação de identidade, né? Porque, querendo ou não, eu sou o mesmo, né? Que está trabalhando. Mas existem diferenças de tipo de atendimento que se adequa a cada ambiente, né? Então, eu não diria de identidade, mas talvez tenha a modificação, sim, dos estilos de atendimento de acordo com o ambiente, sim. Não é de personalidade, mas, se você tem uma consulta eletiva dentro de um consultório, é um atendimento diferente de, por exemplo, uma consulta de urgência num hospital. Então as consultas, por exemplo, de urgência num hospital, elas tendem a ser mais rápidas, não é aquela, não é um paciente que, grande parte das vezes, você não vai fazer um acompanhamento dele. É só uma atenção ali assim, aguda. Então, pode ser que numa urgência, eu faça um atendimento mais breve porque é o que se adequa mais àquela realidade que tem um número maior de pacientes e etc., do que um atendimento eletivo em que se tem mais tempo e também porque é mais necessário, você tem que aprofundar em determinadas questões. Então assim, não acho que seja uma mudança de identidade assim, não. São tipos diferentes de prestar o serviço, mas com a mesma personalidade, é o mesmo [nome do entrevistado] (PM7).

Com base nos relatos dos médicos entrevistados, nota-se que seus processos de construção da identidade profissional tendem a apresentar maior solidez se comparados aos dos profissionais do sexo. Os resultados desta pesquisa apresentam, sobretudo, indícios de que este processo é amplo e complexo, sendo fortemente influenciado pela história de vida dos sujeitos, passando pelos significados que suas profissões assumem, bem como a maneira pela qual esses aspectos são internalizados a ponto de construir sentido ao sujeito. Assim, as identidades pessoal e profissional são forjadas considerando o constante movimento dialético que se estabelece entre sujeito e o contexto ao qual se insere (MACHADO, 2003; AVELAR; PAIVA, 2010; BITENCOURT *et al.*, 2011; MARRA; FONSECA; MARQUES, 2014; BROWN, 2015). Nesse sentido, identificar as aproximações e os afastamentos entre os significados e os sentidos do trabalho e as identidades profissionais de praticantes de profissionais do sexo e médicos, apresentados na próxima sessão, fornece consideráveis avanços teóricos para a discussão da temática no campo dos estudos organizacionais.

#### 4.5 Aproximações e afastamentos teórico-empíricos

A presente pesquisa debruçou-se em discutir os significados e sentidos do trabalho e as identidades, inclusive profissionais, tendo como pano de fundo o *framework* do “trabalho sujo”, considerando, para tal, profissões marcadas fortemente por sujidades e estigmas (profissionais do sexo) e antissujidades e prestígio (profissionais médicos). Essa sessão, por sua vez, centrou suas análises nas aproximações e afastamentos que podem ser notados ao considerar a abordagem teórica adotada, bem como os grupos ocupacionais analisados e seus respectivos contextos de trabalho. Nesse sentido, inicialmente, buscou-se compreender os aspectos relativos a um trabalho marcadamente prestigiado, sob a perspectiva dos entrevistados. Assim, a Tabela 9, a seguir apresenta de maneira sintética os valores que eles entendem que balizam sua avaliação do que seja um trabalho de prestígio.

Tabela 9 - O trabalho de prestígio, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Valor social	Reconhecimento	PS6, PS7, PS11	3	PM3, PM4, PM7, PM10, PM11	5	8
	Financeiramente atraente	PS6, PS9, PS10	3	PM1, PM7	2	5
	Bem feito	PS2, PS3	2			2
	Respeitado	PS8	1	PM8	1	2
	Referenciado	PS5	1	PM4	1	2
	Traz realização	PS4	1			1
	Diferenciado			PM5	1	1
	Agregue valor aos outros			PM2	1	1
Valor pessoal	Que você goste	PS7	1	PM6, PM9	2	3
	Sinta bem			PM2, PM10	2	2
	Tenha qualidade de vida	PS6	1			1
Ausência de valor	Trabalho não tem prestígio	PS1	1			1

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir do exposto, a ideia de prestígio para a maioria dos entrevistados está vinculada a uma percepção de “valor social” que o indivíduo possui acerca de dada ocupação. Importante destacar que os termos-chaves identificados nos relatos dos entrevistados, de maneira geral, estão essencialmente relacionados a terceiros; em outras palavras, um trabalho de prestígio estaria, *a priori*, ligado a instâncias externas ao sujeito. Interessante salientar que o termo mais

frequente nos relatos é o “reconhecimento” e que todos os demais códigos analíticos sublinhados nesta categoria estão relacionados a ele de alguma forma:

a) tanto na perspectiva de profissionais do sexo abordados na pesquisa de campo:

Um trabalho de prestígio é um trabalho que é valorizado pela sociedade e pelas pessoas em geral, entendeu? E que também te proporciona uma vida financeira bacana, uma condição de vida boa, entendeu? (PS6).

Meu trabalho é de prestígio (risos). É um trabalho onde você... Acho que um trabalho de prestígio seria um trabalho onde você é reconhecido, né? Eu sou bem reconhecida. Os meus clientes me reconhecem bem, me elogiam, fala que é maravilhoso, que foi espetacular, que eu sou uma mulher incrível. Isso para mim é... É um prestígio. É um prestígio você ser elogiada, é muito bom, pelo seu trabalho, entendeu? Porque eu vou lá para trabalhar, então vou lá, dou meu melhor e você receber o elogio no final, muitas vezes, um agrado financeiro que eles dão, um agrado, um presente. Muitas, oh... Já saí com um cara assim que, vamos supor, nunca nem me viu pessoalmente, só por foto e eu chegar lá ter uma bolsa me esperando, sabe? Um perfume, então assim, a pessoa já ganha assim, a pessoa nem te viu e já está te dando, agradando, prestigiando. Isso para mim é um prestígio, uma pessoa que nunca te viu te dar um presente (PS7).

b) quanto sob a ótica dos profissionais médicos entrevistados:

Acho que é um trabalho que você se sente bem com ele, você recebe um reconhecimento, né? Tanto da sociedade quanto financeiro. Acho que médico é um profissional ainda de prestígio (PM3).

Ah, eu acho o meu trabalho um trabalho de prestígio. Eu acho. Hoje. Hoje, né? Eu acho que é um trabalho onde você é muito respeitado, por exemplo, tem o [órgão público], aqui tem o [órgão público], né? Eu já escutei várias vezes isso, quando bate um laudo meu no [órgão público], meu, geralmente eles não fazem nem exame. Ou quando bate um laudo meu na perícia do [outro órgão público], já passa direto. Eu escuto isso direto no consultório: “Doutora [nome da entrevistada], eu fui fazer perícia, quando médico viu que era seu laudo ele nem falou mais nada”. Porque sabe que eu não vou dar nenhuma informação que não seja correta, né? Então eu acho que isso é muito importante (PM8).

Apesar das diferenças que são identificadas entre ambas as ocupações, nota-se que a ideia de prestígio de ambas está relacionada ao fato de agregar valor a alguém. Sob essa perspectiva, a condição *sine qua non* para um trabalho ser classificado como de prestígio reside no reconhecimento, ou seja, no valor social que ele pode gerar. Há de se considerar aqui que essa ideia vai de encontro à teoria acerca do “trabalho sujo”, transparecendo a concepção de que categorias ocupacionais que ele abarca não podem ser prestigiadas uma vez que o mesmo é tido como degradante e repugnante (HUGHES, 1956; LHIILIER, 2009; BARAN;

ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), podendo gerar sofrimento físico, psíquico e exclusão social ao trabalhador (DIUANA *et al.* 2008; LHUILIER, 2012; BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013).

Contudo, é importante retornar ao relato de PS7 que declara que sua profissão enquanto profissional do sexo é, sim, prestigiada. Tal consideração também pode ser percebida, por meio de uma análise flutuante, em outros trechos discursivos de vários outros profissionais do sexo entrevistados que, em algum momento, sublinham que a profissão é, por vezes, reconhecida por alguns clientes. Essa interpretação corrobora uma vertente do “trabalho sujo” ressaltada por Bendassolli e Falcão (2013), segundo os quais alguns trabalhadores marcados por sujidades tendem a ressignificar seu trabalho a ponto de mitigar as negatividades associadas a ele, se chocando, por exemplo, com a vertente de que apenas as profissões de prestígio possam permitir o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

A segunda categoria apresentada na Tabela 9, “valor pessoal”, esteve presente no relato de dois profissionais do sexo e quatro médicos entrevistados. Tal categoria evidencia uma ótica mais subjetiva acerca do que seria um trabalho de prestígio. Para tais entrevistados, o prestígio de uma profissão estaria ligado à possibilidade de um trabalho trazer valor e desenvolvimento psicológico para quem o pratica, assim como exemplificado nos relatos que se seguem.

Trabalho de prestígio? É um trabalho que você goste, que você se dê bem com ele, que renda para você pessoalmente, porque não adianta você trabalhar com serviço que vai te dar muito dinheiro, mas que você não sabe fazer ou que você não goste, porque senão ele não vai render, não adianta. Eu sou muito essa visão de que o trabalho de prestígio é independente do trabalho que você esteja fazendo, todos os trabalhos são dignos, todos os trabalhos são dignos, então se você está bem, se você se sente bem com o que você está fazendo, esse trabalho é um trabalho de prestígio (PS8).

É o meu trabalho, ele é de prestígio. É o trabalho que as pessoas reconheçam o seu valor, reconheçam a importância que você tem e que você tenha prazer em realizá-lo. Não adianta todo mundo valorizar muito o seu trabalho, mas você não ter prazer em fazê-lo (PM10).

Notavelmente, a concepção de trabalho de prestígio está associada a uma abstração de higienização do real da atividade, isto é, na limpeza e/ou camuflagem de sujidades que “contaminam” uma profissão (LHUILIER, 2009). Sob essa perspectiva, o prestígio estaria

relacionado ao significado desse trabalho na esfera social. Entretanto, há de se considerar que, para alguns entrevistados, o ideal de prestígio estaria associado, em primeira instância, ao sujeito, ou seja, ao valor pessoal que ele pode gerar para o próprio indivíduo, independentemente de manchas que o possam macular socialmente.

A terceira categoria destacada na Tabela 9, “ausência de valor”, emergiu neste estudo como um “ponto fora da curva”, ou seja, uma perspectiva completamente antagônica às demais até aqui apresentadas. Para o entrevistado PS1, a própria essência do trabalho, independentemente da profissão, refuta a ideia de prestígio; assim, seria impossível um trabalho possuir prestígio em qualquer nível.

Um trabalho de prestígio... Olha, não vejo nenhum trabalho de prestígio. Trabalho para mim é trabalho. Trabalho para mim não é prestígio, prestígio para mim é você ficar em casa deitado com dinheiro na conta e empregados. Isso para mim é prestígio. Trabalho é trabalho. Seja ele médico ou catador de lixo, para mim trabalho é trabalho, e todos eles não têm prestígio por igual (PS1).

A hipótese de “ausência de valor” salientada pelo entrevistado PS1, de certa forma, remonta a sua história de vida, ao significado e ao sentido do seu trabalho e à identidade do mesmo. Observações pessoais associadas à análise flutuante do discurso desse entrevistado permitem inferir que, ao asseverar a ausência de prestígio relativo a qualquer ocupação, ele possivelmente externaliza sentimentos de vazio e frieza, que deixam transparecer em todo seu discurso, ao longo de sua entrevista, que por sua vez mostram-se como reflexo da internalização dos efeitos deletérios das sujidades associadas ao trabalho dele enquanto garoto de programa (LHUILIER, 2009).

Os entrevistados foram questionados ainda acerca do que seria considerado para que dado trabalho fosse classificado como uma profissão de prestígio. Nesse sentido, os relatos foram categorizados considerando as antissujidades inerentes ao real da atividade, assim como destacado na Tabela 10.

Tabela 10 - Aspectos preponderantes de um trabalho de prestígio, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Antissujidades sociais	Dinheiro	PS5, PS7, PS8	3	PM2, PM3, PM6, PM10	4	7
	Poder	PS10, PS11	2	PM3	1	3
	Números	PS8	1			1
	Visão externa			PM1	1	1
	Preconceito			PM4, PM7	1	1
	Questão histórico-cultural			PM7	1	1
	Englobar outras pessoas	PS1	1			1
	Respeito	PS2	1			1
	Fazer a diferença	PS9	1			1
Antissujidades morais	Ética	PS6	1	PM2, PM11	2	3
	Limpo			PM11	1	1
	Trabalho bem feito	PS3	1			1
	Moral	PS4	1			1
Antissujidades físicas	Vestimenta			PM1	1	1
	Ambiente de trabalho			PM1	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base nesses dados, os fatores preponderantes para que um trabalho seja considerado de prestígio pautam-se em antissujidades sociais; desse modo, para a maior parte dos entrevistados, o prestígio de uma ocupação concentra, em especial, julgamentos sociais, ou seja, o significado trabalho. Na sequência, aspectos relativos às antissujidades morais emergiram nos relatos de cinco entrevistados, seguidos das antissujidades físicas que se fizeram presentes apenas no relato de PM1.

Notadamente, a categoria de “antissujidades sociais” apresentada neste ponto do estudo pode ainda ser classificada considerando três eixos distintos. O primeiro relaciona-se a uma visão pecuniária que permeia as antissujidades sociais, ou seja, para nove dos entrevistados, aspectos como “dinheiro” e “poder” estariam ligados à essência do prestígio relativo ao trabalho.

Eu acho que o prestígio está muito nos números, né? Conta bancária, números, muito que é visto em propaganda, na sociedade, assim em geral, que as pessoas levam de mais (PS8).

Prestígio hoje é dinheiro, se você tem dinheiro, você tem tudo. Até um bandido se conseguir muito dinheiro, muito poder para fazer o que ele quiser, ele consegue ter prestígio, respeito, ele vai ser visto de outra forma, pode ter certeza (PS11).

Para mim, está ligado basicamente a dinheiro e poder e só (PM3).

Eu acho que, hoje na nossa sociedade, eu acho que é mais o lado de remuneração, sabe? O lado de, por exemplo, o ser médico em si, né? Que a gente já existe, a gente vê como uma profissão que gera esse tipo de prestígio, vai dar dinheiro (PM6).

O segundo eixo relaciona-se a uma questão histórico-cultural que, com o passar do tempo, moldou as relações de trabalho na sociedade contemporânea. Nesse sentido, esse eixo tende a considerar uma visão externa do trabalho, esbarrando, por conseguinte, no preconceito.

Eu penso que as pessoas têm um preconceito, né? Sobre o nível de instrução de cada um. Às vezes, ela olha: “Ah, o médico estudou mais, tem mais dinheiro, então ele é melhor do que um gari, por exemplo, que é uma pessoa que trabalha na rua”. Mas talvez não sabe que essa pessoa não teve uma oportunidade de estudar em escolas boas e ter a oportunidade mesmo de levar adiante os estudos, não teve a oportunidade na vida de seguir um caminho diferente. Então, as pessoas têm uma tendência a recriminar o nível social das pessoas, elas acham que pela pessoa ganhar mais, tem mais dinheiro, ela tem mais prestígio né? Então, a sociedade, antes de saber o caráter de uma pessoa, só dela ser médica, ela já tem uma credibilidade maior mediante as pessoas. Não que eu concorde com isso, tá [*sic*]? Eu não concordo com essas rotulações que as pessoas têm até quando as pessoas perguntam na rua, igual aqui a cidade é pequena, às vezes eu vou em alguma loja, em alguma coisa, já fui sem falar, sem ninguém me conhecer, e as pessoas me trataram mal e depois fica sabendo que eu sou médica e me trataram super diferente. Eu acho isso péssimo, eu odeio isso, sabe? Eu acho que a pessoa não é o que ela tem, né? Mas sim o que ela representa, o que ela faz de bom, o que ela pode te oferecer de bom. Se ela é médica ou se ela é doméstica ou se ela é enfermeira, independente do que ela for, se ela tiver um bom coração e uma boa índole, eu acho que é isso que vale (PM4).

Por fim, o terceiro eixo das antissujeidades sociais estaria vinculado à relação que o sujeito estabelece no seu âmbito social; assim, se tal relação for de valor para terceiros, ele será, consequentemente, prestigiado.

Tem que englobar outras pessoas, como o trabalho de um médico, por exemplo, né? Que é salvar vidas. Acredito que esses são os prestígios cobrados pela sociedade. De estar fazendo pelo meio ambiente, pelas pessoas de uma forma geral na sociedade (PS1).

Eu acho que o prestígio está na diferença que ele vai fazer para alguém, né? Tipo, eu já tive relacionamento, ali dentro que. Agora, vamos falar dos solteiros, que eu vi a diferença que eu fazia na vida daquela pessoa. Seja por amizade, seja por uma palavra amiga, que extrapolasse os limites sexuais, então assim, isso para mim era

prestígio. Eu de uma simples prostituta, que é como a sociedade julga, nada nem ninguém, virar, tipo, amiga do cara, dar uma palavra amiga, fazer com que ele voltasse com a mulher dele, dar um conselho, algo do tipo. Então, eu acho que prestígio para mim é se sentir útil para alguém de alguma forma. É igual médico. Hoje, hoje nesse caso os médicos, eles são prestigiados pelo fato deles estarem lá salvando vidas, deles serem úteis perante a sociedade, entendeu? Então eu acho que o prestígio vem de você conseguir ser útil para alguém, importante para alguém, de alguma maneira (PS9).

Considerando os três eixos encontrados na categoria “antissujidades sociais”, nota-se que o primeiro deles está fortemente alicerçado em uma lógica do capital, na qual o trabalho deixa de ser visto como algo que compõem a sobrevivência humana e que possa prover sentido a quem o realiza, assumindo uma lógica econômica de acúmulo de dinheiro (MELLO; MARÇAL; FONSECA, 2009), como forma de promover distinção no meio social (SILVA; FREITAS, 2016). Tal eixo ainda subsidia o segundo apresentado, uma vez que a “visão externa” que se refere o entrevistado PM1 é construída com base no significado do trabalho que, por sua vez, é maculado pelo preconceito e a discriminação. Por fim, o terceiro eixo das antissujidades sociais relaciona-se com o sentido que este trabalho pode trazer ao sujeito associado a uma maneira de manter uma identidade social positiva do sujeito (MACHADO, 2003), assim o prestígio de um trabalho estaria ligado a uma forma positiva por meio da qual o indivíduo é visto pelos grupos aos quais se vincula.

A segunda categoria apresentada na Tabela 10 associa a ideia do trabalho prestígio com as “antissujidades morais”. Assim, um trabalho de prestígio seria aquele que coadunasse com concepção de moral e ética da sociedade. Tal percepção pode ser identificada nos trechos dos discursos expostos a seguir.

Acho que o prestígio que trabalha muito com a moral das pessoas, porque é julgada e ali existe várias pessoas honestas, enfim... Ser humanos, né? Acho que sim, mexe com a moralidade das pessoas (PS4).

Para ser considerado um trabalho de prestígio? Ah... Primeiro eu acho que a sociedade valoriza muito o esforço, essa, essa moral falida. Então pelo fato de: Ah, chegou lá e abriu as pernas, então eles acham que é, tipo, muito fácil, então não tem prestígio. Já o médico, estudou muito para chegar lá, então já tem um prestígio. É a posição, por exemplo, é... O médico ajuda as pessoas que estão morrendo, a prostituta, tipo, transa com um homem casado, entendeu? Então, tudo isso conta (PS6).

Olha, comparando o meu trabalho com outros... a gente tem muito sobre a gente a ideia de ser um trabalho bonito, a mais bela das profissões de ser... Estar fazendo algo pelo outro, pelo bem da sociedade como se fosse um ato total de altruísmo, de

filantropia mesmo, sabe? Então assim, para mim, muito dessa ideia de prestígio, ela parte de um alinhamento com o que as pessoas, a sociedade diz que é moral, que é ético, bonito e tal (PM11).

À luz da perspectiva das antissujidades morais, o trabalho de prestígio seria aquele trabalho que traz “respeito” e distinção aos seus, ou seja, que comungasse de uma lógica moral que é legitimada pelo ambiente social em que uma certa pessoa se insere. Sob essa ótica, o trabalho dos profissionais do sexo reitera-se como sujo e desprestigiado, pois “ir lá e abrir as pernas é muito fácil [...] além de estar transando com homem casado” (PS6). O que se pode notar é uma lógica higienista que polariza os julgamentos acerca do trabalho no ambiente social classificando-o em “caixas” das categorias do limpo e do sujo, do bem e do mal, do puro e do impuro, da ordem e da desordem que determinam os campos da mácula e da transgressão como ameaças à ordem social simbólica (LHUILIER, 2009), como é postulado, principalmente, pela concepção de moral cristã (PEREIRA *et al.*, 2020).

As “antissujidades físicas”, por sua vez, estiveram presentes apenas no relato de um dos entrevistados (PM1) que destaca a importância de aspectos físicos, da imagem que se vê propriamente dita, na concepção do que seria um trabalho de prestígio.

Eu acho que é muito, o prestígio no trabalho é muito de como as pessoas se portam ali, a outra que está fora que está vendo, né? Aquela que está trabalhando naquele ponto com prestígio, ou seja, tem um pouco da vestimenta, a roupa branca do médico... Do ambiente onde ela está, se é na UPA de um bairro, no IML ou se é no hospital Albert Einstein... Do cargo que ela usa, das coisas que ela consegue adquirir com aquele trabalho (PM1).

Por meio do relato de PM1, a concepção de que o prestígio de um trabalho estaria relacionado a uma tentativa de higienização de tudo que o cerca, como propõe Lhuilier (2009), torna-se clara empiricamente. Nesse contexto, os aspectos físicos, como o jaleco branco do médico, assume um valor simbólico diferenciado que impõe respeito e prestígio para aqueles que o vestem. Na outra margem, a imagem física do profissional do sexo, por exemplo, é predatoriamente estereotipada como vulgar, reafirmando, de maneira sutil, a pecha de impureza e sujeira simbólica sob a qual sua imagem física repousa. Considerando as antissujidades físicas, a concepção de prestígio no trabalho também sofre considerável influência de aspectos visuais que remeteriam à limpeza e pureza.

Considerando a dicotomia sujidades e antissujidades relativas ao trabalho, neste estudo buscou-se compreender ainda, sob a perspectiva dos entrevistados, o que eles entenderiam por um “trabalho sujo”. Os resultados deste questionamento foram sintetizados na Tabela 11, na sequência.

Tabela 11 - O “Trabalho sujo”, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Sujidade moral	Prejudicial	PS4, PS5, PS7, PS9	4	PM6, PM7, PM10	3	7
	Imoral	PS2, PS5, PS6	3	PM3, PM9	2	5
	Ilegal	PS10, PS11	2	PM2, PM3, PM7	3	5
	Sem respeito	PS2	1	PM11	1	2
	Trabalho ruim	PS2	1			1
	Coisas errada	PS3	1			1
	Cobrar por algo que não fez	PS1	1			1
	Passar por cima dos outros	PS6	1			1
	Política	PS7	1			1
	Sórdido	PS8	1			1
	Passar a perna no outro			PM2	1	1
	Infringe a ética			PM3	1	1
	Iludir as pessoas			PM4	1	1
	Trabalho errado			PM5	1	1
	Falcatrua			PM5	1	1
	Corrupção			PM5	1	1
	Visa lucro apenas			PM6	1	1
	Desonesto			PM8	1	1
Mal			PM8	1	1	
Sujidade física	Sujeira material			PM1	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir da sistematização da Tabela 11, percebe-se que os entrevistados relacionaram o trabalho sujo, primordialmente, como um trabalho que provoca malefícios a outrem. Em termos gerais, tais achados apresentam evidências empíricas de que a própria estrutura lexical do termo “trabalho sujo” remeta a algo ilegal e imoral. Contrariamente aos achados quando questionados acerca do prestígio relativo ao trabalho, as sujidades sociais não se fizeram presentes nos relatos dos entrevistados e as sujidades físicas emergiram apenas no relato de um dos entrevistados (PM1).

Notavelmente, o termo “trabalho sujo” remonta para os entrevistados à concepção de um trabalho que é desenvolvido contrariamente aos padrões de moralidade de uma sociedade. Nesse sentido, vários foram os termos-chave utilizados como tentativa de discutir a questão, mas todos eles, em alguma instância, faziam referência a ser algo mal, ou seja, um trabalho mau, prejudicial a alguém.

Um trabalho sujo é levar uma maquininha que aceita pagamento por aproximação e passar o cartão do cliente e aproximar um cartão de um cliente, cobrar ele por um serviço que você diz que vai prestar, mas não presta, entendeu? (PS1).

Ah, um troço aí, fazer as coisas tudo errado. Fazer bosta, ser um bosta, alguém que não tem dignidade (PS3).

Trabalho sujo quando eu acho que... Quando você prejudica alguma pessoa, enfim... quando esse trabalho vai de certa forma prejudicar, seja uma pessoa, seja algo, enfim... Eu acho que isso (PS4).

Para mim, um trabalho sujo é um trabalho imoral, aonde você tem que, sei lá, que fazer coisas passando por cima dos outros. Eu sou do tipo de pessoa que pensa o seguinte: eu posso fazer mal, mas que seja para mim mesma, nunca para os outros. Então, lá dentro eu busco trabalhar com ética com as pessoas (PS6).

Trabalho sujo é um trabalho em que você faz alguma coisa que vá talvez prejudicar claramente várias pessoas. Trabalho sujo para mim é um trabalho que é ilegal (PM7).

Nesse sentido, apesar da capacidade do trabalho sujo em “manchar” o indivíduo física, social e moralmente (ASHFORTH; KREINER, 1999), para o grupo aqui observado as sujidades morais emergiram como centrais para se compreender o pré-julgamento acerca das profissões que por esta categoria de trabalho são amplamente circunscritas. Há de se destacar ainda que o “trabalho sujo” pode estar presente em diversas profissões, em diferentes níveis e formas de sujidades (KREINER *et al.*, 2006). Nesse sentido, reporta-se às colocações de alguns entrevistados que destacam que o “trabalho sujo” pode se fazer presente, independentemente da profissão, não apenas aquelas marginalizadas, mas também naquelas consideradas de grande prestígio, por exemplo a medicina.

Trabalho sujo é de qualquer pessoa, de qualquer classe profissional fazendo um trabalho errado, fazendo trabalho que envolva, sei lá, falcaturia e corrupção e assim, mas de qualquer classe profissional, né? O que a gente vê de médico desrespeitoso e pilantra aí não está no gibi (PM5).

Então, um trabalho sujo é um trabalho desonesto, na minha opinião. Eu sempre ligo a ideia de trabalho sujo a algo desonesto, algo que é mal. É desonesto. É, desonesto, aquele, você vê, paciente vê, vendendo carro para fazer procedimento oftalmológico menores sem a menor indicação. Trabalho sujo (PM8).

Notoriamente, o “trabalho sujo” enquanto estrutura pode ser encontrado em diversas profissões, senão em todas. Contudo, o que se percebe é que os efeitos deletérios oriundos dele são mais facilmente perceptíveis em algumas profissões, em especial aquelas marginalizadas e estigmatizadas, ao passo que em outras, aquelas de prestígio, seus efeitos tendem a ser mitigados, senão anulados. Para o caso dos profissionais do sexo, em observação neste estudo, as sujidades desta profissão assumem um caráter de perversidade, fortemente ancorada em uma lógica moral cristã, característica da cultura nacional, como aquela que traz desgraça e aviltamento para todos aqueles que dela se embebem (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016; PAIVA *et al.*, 2020; PEREIRA *et al.*, 2020). Para aqueles abarcados por esse contexto, notem-se reflexos de um efeito ambivalente do “ser” deteriorado entre a identificação e desidentificação simultaneamente com a profissão (KREINER *et al.*, 2006; LHUILIER, 2012; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), o que impacta pragmaticamente vários níveis da vida do sujeito (KREINER *et al.*, 2006), assim como observado nos relatos de vários profissionais do sexo participantes deste estudo.

Retornando à Tabela 11, a segunda categoria identificada refere-se às “sujidades físicas” que permeiam as relações do “trabalho sujo” e que estiveram presentes de forma consideravelmente frequente no discurso do entrevistado PM1, e em mais um trecho exposto a seguir.

Pois é, quando eu falo isso, assim, o sujo não é o amoral, né? O sujo é aquilo do lixeiro, de varrer rua, de mexer com cadáver podre, isso suja, da sujeira física mesmo, da sujeira material. Não da sujeira moral. Sujo pode ser usada as duas partes sim, tanto na moral quanto na física. O meu trabalho, por exemplo, eu acho... Eu não tenho a menor dúvida que ele é sujo. [E você lida bem com isso?] Não, não, no início é difícil, né? Pegar cadáver podre, sair larva, derretendo, é sujo! Entendeu? É como se entrasse no esgoto para desentupir o esgoto. É sujo. Tem uns que vai falar que: “o esgoto lá de casa é limpinho”, não é. Mas alguém tem que fazer o trabalho sujo, né? (PM1).

Interessante destacar que as sujidades físicas puderam ser identificadas apenas no relato do entrevistado PM1, do mesmo modo que, ao abordar o prestígio da ocupação, as antissujidades físicas foram salientadas apenas por este entrevistado. Tal fato pode ser dar em função de

características específicas de uma face de sua profissão de maior identificação pessoal que, apesar de todo o prestígio que envolve a figura do médico, atuar como legista lhe incorre em uma série de pré-julgamentos por lidar com corpos em estados degradantes. Reporta-se, nesse sentido, às colocações de Lhuilier (2009), segundo a qual, em uma cultura social higienista, a mancha do sujo, do mau cheiro, do contato com corpos mortos, gangrenados por doenças maculam tanto o trabalhador quanto seu ambiente de trabalho, mesmo que o trabalhador em questão seja um médico.

Na sequência do estudo, os profissionais entrevistados foram questionados acerca de quais seriam os fatores preponderantes, sob a perspectiva deles, que são considerados para uma profissão ser vista como suja e, por conseguinte, estigmatizada e aviltada. A Tabela 12 sintetiza as respostas dos entrevistados, organizadas a partir das três categorias correntes, a saber: sociais, morais e físicas.

Tabela 12 - Aspectos preponderantes de um “trabalho sujo”, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
		Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Aspectos sociais	Dinheiro	PS5, PS11	2	PM2, PM3, PM6, PM11	4	6
	Marginalização	PS6	1	PM5	1	2
	Machismo	PS7	1			1
	Padrão social			PM2	1	1
	Questão cultural			PM2	1	1
	Escolaridade			PM2	1	1
	Qualificação			PM6	1	1
Aspectos morais	Roubos	PS3, PS5, PS7, PS9, PS10	5			5
	Destrução da família	PS2, PS8	2			2
	Sujeira moral	PS6	1			1
	Falta de coragem	PS1	1			1
	Gera tristeza	PS2	1			1
	Parte ruim do trabalho	PS9	1			1
Aspectos físicos	Sujeira física			PM5	1	1
	Lado penoso			PM1	1	1
	Desgastante			PM6	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Inicialmente, uma observação faz-se importante para esta parte deste estudo: conforme apontado em análise anterior, os entrevistados consideraram as sujidades moral e física como fatores que caracterizariam um trabalho como sujo. Entretanto, ao serem questionados a respeito de quais seriam os fatores preponderantes para que um trabalho qualquer fosse classificado como sujo, os “aspectos sociais” emergiram como a categoria de maior reincidência nos relatos coletados. Nesses termos, um “trabalho sujo” seria aquele trabalho imoral, que degrada a imagem do sujeito, mas seu julgamento como tal é explicado, em especial, pelos aspectos sociais, seguidos de aspectos morais e físicos.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 12, sob o ponto de vista dos entrevistados, os principais aspectos que contribuem para a consolidação do “trabalho sujo” como tal originam-se no âmbito social, asseverando, mais uma vez neste estudo, a influência de tais aspectos para se compreender as manchas, os julgamentos e efeitos deletérios que recaem sobre os trabalhadores maculados por essa pecha. Assim como para se compreender o prestígio de um trabalho, a questão financeira emergiu nos relatos de seis dos entrevistados como o fator de maior relevância para que um trabalho seja estigmatizado e, por vezes, marginalizado.

Com certeza, o dinheiro manda muito nisso. Na verdade, o dinheiro manda em tudo na sociedade hoje né? Tudo gira em torno dele. Então assim, quem são os trabalhadores marginalizados? Aquele que são pobres, que não têm dinheiro, até porque se eles fossem ricos ninguém o julgaria e dificilmente ele estaria nessa condição, ou você acha que se eu fosse rico eu ia ser GP [garoto de programa]? Transar com um tanto de homem que eu não sinto nada? (PS5).

Oh [nome do pesquisador], não sejamos hipócritas para acreditar nessa lenga-lenga de meritocracia. Eu por exemplo, sou um cara legal, pelo menos eu acho, mas vim de uma vida onde tudo foi mais confortável que da maioria dos brasileiros. Eu tenho essa cara de bosta, de menino mimado, de riquinho, mas não sou um cara hipócrita. Eu tenho e tive muitos privilégios em minha vida, seria péssimo da minha parte não assumir isso. Eu fui criado a minha vida inteira dentro de uma bolha, agora ela é menor, mas ainda estou dentro dela e está confortável para mim. Fui criado para ser médico, você acha que teria alguma chance de eu ser rebaixado, estigmatizado por alguém? Então assim, eu acho que o estigma, a marginalização está na contramão do dinheiro (PM11).

Ademais, para os entrevistados, a estigmatização do “trabalho sujo” ocorre em função de padrões sociais que são estabelecidos por vieses histórico-culturais, nos quais algumas profissões assumem o palco, ao passo que outras permanecem nos bastidores das relações de trabalho (BORGES; MOURÃO, 2013).

Eu acho que é assim, uma posição que culturalmente aquele trabalho foi colocado na sociedade, sabe? Como algo inferior, como algo assim, ou que ganha menos, ou que a algo que lida com algo, tipo assim, por exemplo, prostituta mesmo, que você citou, né? Que lida com o sexo fora ali do padrão, do aceitável socialmente ou então, sei lá, profissões que exigem muito pouco de escolaridade, ou de informação, tipo assim, a pessoa sei lá, faz faxina, ou então ela limpa a rua. Sei lá, coisa assim, eu acho que isso é colocado, às vezes, como inferior na sociedade, sabe? Ah, isso aí não exige tanto, ganha pouco, é coisa de gente que estuda pouco então é inferior assim, sei lá (PM2).

Interessante salientar na fala de PM2 a ideia de posição que culturalmente determinados grupos assumiram na sociedade, fator importante para se compreender o “trabalho sujo” na sociedade brasileira uma vez que, conforme explicitou PS5:

É muito difícil lutar contra questões pré-definidas, contra estruturas que você, te foram meio que impostas desde seu nascimento. Então assim, a pessoa nasce em um contexto e, às vezes, tenta a vida toda sair dele e não consegue, mas não por falta de esforço, entende? São coisas muito maiores que ele (PS5).

Significativamente, os aspectos culturais e sociais expostos remontam a fatos marcantes da história de vida dos entrevistados, haja vista que, de maneira geral, todos os profissionais do sexo entrevistados expuseram claramente várias fissuras em suas respectivas histórias de vida que possivelmente estariam relacionadas à escolha da profissão em que trabalham. Na outra margem, todos os profissionais médicos expuseram, por sua vez, a família como um fator estrutural importante para terem se tornado médicos. Considerando tais prerrogativas, reporta-se às colocações de Souza e Carrieri (2012), segundo os quais analisar os processos de identidade e construção de sentido do trabalho sem considerar a história de vida do indivíduo seria um grande equívoco.

A segunda categoria apresentada na Tabela 12, “aspectos morais”, considerou as sujidades morais que emergiram nos discursos como fatores preponderantes para a estigmatização do “trabalho sujo”. Nesse sentido, questões relativas a “roubos” e “destruição da família” fizeram-se presentes, bem como outros aspectos que denotam a ideia de um “trabalho mau”.

Ah, cara, tipo, sei lá, são várias coisas. Por exemplo, o que eu acabei de falar em relação ao meu trabalho, de... meio que induzir a traição, né? É o que dizem. Já é uma coisa que faz o meu trabalho ser julgado e também mais aquela coisa do sujo. Ah, ela está transando com vários homens, Ah, é sujo, entendeu? Também (PS6).

Tem muita menina errada nesse mundo nosso, não vou falar que todas são certas, mas tem muita menina ruim, né? Tem inveja, inveja nesse meio nosso. Então, quer

fazer mal para a outra. Eu já vi conversas, entendeu? De menina planejando de roubar outra porque trabalhou mais, entendeu? O próprio assim, né? O próprio meio, sabe? Isso é, você está doido? Coisa ridícula no meio da nossa própria profissão, sabe? Planejando de cortar cabelo, de fazer e acontecer: “Ah, porque roubou cliente meu.” Gente, não existe isso não. Nesse mundo nosso, não existe cliente meu. Faça um bom trabalho, e você vai prender ele por muito tempo (PS7).

Eu acho que, quando você usa a parte ruim, é eu acho que é quando você usa a parte ruim dele, um exemplo, quantos médico aí dão atestados falsos? Coisa boba. Sim, mas é uma parte ruim de um médico. Mas quantos médicos salvam vidas? É uma parte boa. Então, eu acho que quando você usa o trabalho de uma forma ao qual todos julgam ruim, isso faz com que ele seja marginalizado. Um exemplo da vida da prostituta, tem garota de programa que rouba do cliente, agora tem garota de programa que dá um conselho para um cliente. Então, o prestígio vem de você ajudar e marginalizar vem de você desprestigiar os outros que estão fazendo o mesmo que você, entendeu? Porque acaba que todas as justas pagam pelas pecadoras nesse momento (PS9).

Pertinente destacar que os aspectos morais como fatores preponderantes para estigmatizar um trabalho como sujo emergiram apenas nos relatos dos profissionais do sexo entrevistados, fato que reflete o impacto das sujidades morais (“manchas” as quais recaem sobre eles cotidianamente em seu trabalho) em seus julgamentos acerca do trabalho sujo, isto em função de os “trabalhadores sujos” serem comumente “contaminados” pelo julgamento e pelas sujidades aos quais estão expostos (NASCIMENTO *et al.*, 2019). Nesse mesmo sentido, é plausível destacar que boa parte das sujidades morais que repousam sobre os profissionais do sexo provém, assim como observado anteriormente, de uma conduta ética, moral e cristã que lança no limbo todos aqueles comportamentos desviantes, assumindo, no senso comum, o estigma sob a alcunha de “destruidores de famílias” (PEREIRA *et al.*, 2020) e/ou homens e mulheres de vida fácil (PAIVA *et al.*, 2020).

Por fim, os aspectos físicos emergiram no discurso de três dos médicos entrevistados como uma possível explicação para estigmatização e aviltamento de determinadas categorias de trabalho.

Aí é ao contrário, tudo o que tem de ruim, de desconhecido, de ruim naquele trabalho, né? Que tem de penoso naquele trabalho, de aparentemente sujo, até fisicamente, naquele trabalho (PM1).

Eu acho que é, por exemplo, igual eu dei exemplo de gari, de lixeiro, né? Eu acho que o próprio conteúdo do que eles trabalham, né? Se a gente for pegar, parar para pensar que é coisa suja, né? Eu acho que até isso faz parte dessa marginalização, sabe? (PM5).

A baixa remuneração, a baixa qualificação para aquele tipo de profissional, sabe? O quão físico aquele trabalho desgasta, não nessa questão, tem médico também que trabalha para caramba, mas eu acho que o braçal, sabe? Que exige força física para exercer. Tem aquele também que não tem uma aparência agradável aos olhos da sociedade, que lida com aquilo que geralmente dá nojo e repugnância, mexer com lixo, esgoto, essas coisas (PM6).

Tais apontamentos corroboram diversos achados acerca da marginalização que é imputada sobre o “trabalho sujo” (KREINER *et al.*, 2006; ASHFORTH *et al.*, 2007; DIUANA *et al.*, 2008; RENAULT, 2008; LHUILIER, 2012; BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013; BOSMANS *et al.*, 2016; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016; NASCIMENTO *et al.*, 2019). Destaca-se que a sujeira física, externa ao indivíduo, parece perpassar os níveis subjetivos do sujeito trazendo a ele problemas relacionados à identidade pessoal, profissional e aos sentidos do trabalho (LHUILIER, 2009). Nesse sentido, Hughes (1956) salienta que delegar um trabalho sujo a alguém é uma prática comum no ambiente social. Assim, muitos tabus concernentes à limpeza, bem como vários escrúpulos morais, dependem, na prática, do sucesso pelo qual a atividade tabu foi empurrada sobre qualquer outro indivíduo (HUGHES, 1956).

Considerando os aspectos relativos ao prestígio e à estigmatização discutidos neste estudo, buscou-se identificar, pela ótica dos entrevistados, se eles percebem sujidades e/ou antissujidades relativas às suas práticas cotidianas de trabalho. Suas respostas foram sintetizadas e organizadas na Tabela 13, considerando-se os aspectos sociais, morais e físicos, bem como os níveis de sujidade em cada um deles.

Tabela 13 - Níveis de sujidades e antissujidades de categorias do trabalho, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão

Categorias	Níveis	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total	
			Entrevistados	Total	Entrevistados	Total		
Aspectos Sociais	Sujidade	Psiquiatria não é médico			PM2, PM7	2	2	
		Mulher burra	PS4	1			1	
		Mulher preguiçosa	PS4	1			1	
		Vida fácil	PS4	1			1	
		Pela sociedade sim, por mim não	PS7	1			1	
		Estranho			PM1	1	1	
		Fisiatria não é médico			PM10	1	1	
		Maternalidade			PM3	1	1	
		Inteligente			PM5	1	1	
		A geração futura vai manchar a medicina			PM8	1	1	
	Antissujidade	Para quem é adepto	PS2, PS3, PS4, PS7, PS9	5				5
		Reconhecimento Financeiro			PM2, PM8	2	2	
		Reconhecimento social			PM2, PM3	2	2	
		Profissão mais clássica			PM2	1	1	
		Fama			PM4	1	1	
		Estudo			PM5	1	1	
		Tratamento de doutor			PM6	1	1	
		Relação de poder			PM7	1	1	
		Tempo livre	PS1	1			1	
		Os clientes me elogiam	PS7	1			1	
		Personagem bom	PS8	1			1	
		Salva casamentos	PS9	1			1	
Aspectos Morais	Sujidade	Furtos	PS1, PS2, PS3	3			3	
		Mercenário	PS5	1	PM9	2	3	
		Trabalho antiético			PM4, PM6	2	2	
		Mulher safada	PS4, PS10	2			2	
		Pessoas não confiáveis	PS2	1			1	
		Gosta de dar para todo mundo	PS4	1			1	
		Pessoas sujas	PS8	1			1	
		Preconceitos	PS11	1			1	
		Falsas	PS9	1			1	
	Antissujidade	Herói			PM11	1	1	

(cont.)

Tabela 13 – Níveis de sujidades e antissujidades de categorias do trabalho, na percepção dos sujeitos da pesquisa, por profissão (cont.)

Categorias	Níveis	Respostas	Profissionais do Sexo		Profissionais Médicos		Total
			Entrevistados	Total	Entrevistados	Total	
Aspectos Físicos	Sujidade	Estereótipo da puta	PS6, PS10, PS11	3			3
		Doenças	PS1, PS4	2			2
		Trabalho sujo	PS4	1	PM1	1	2
		Sujeira	PS4	1			1
		Violência	PS1	1			1
	Antissujidade	Vestimentas			PM9, PM11	2	2
		Aparência física			PM9	1	1
		O tipo de trabalho			PM9	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apresentado, os aspectos de sujidades, sendo expostos em maior (sujidades) ou menor nível (antissujidades), relativos à profissão dos entrevistados que apresentaram maior incidência no discurso dos mesmos, relacionavam-se a questões sociais, transparecendo, por conseguinte, sua importância para discutirem-se as temáticas focalizadas nesta tese. As questões morais também emergiram significativamente no concernente às sujidades relativas ao trabalho, e outra observação importante é que tais aspectos são percebidos, prioritariamente, no discurso dos profissionais do sexo, refletindo, o peso de tais aspectos nesta profissão. Por fim, os aspectos físicos, assim como em todo o estudo, apresentaram menor representatividade para se compreender as sujidades e antissujidades relativas ao trabalho de profissionais do sexo e médicos, se comparados com outros apontados na literatura.

Assim sendo, neste estudo, as sujidades e antissujidades percebidas na profissão, sob a perspectiva dos entrevistados (Tabela 13), serão discutidas nos dois subtópicos que se seguem, com destaque para as interpretações possibilitadas pela terceira etapa da análise de conteúdo, a análise flutuante de dados no discurso dos sujeitos de pesquisa (SILVA; GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO, 2000).

#### 4.5.1 Tangências entre significados e sentidos do trabalho e as identidades profissionais

Assim como salientado em linhas anteriores, especificamente, esta tese tem como um de seus objetivos identificar pontos de tangência entre os significados e sentidos do trabalho e as identidades, inclusive profissionais, considerando, para tal, os profissionais do sexo e médicos.

Ao serem questionados acerca das suidades percebidas na ocupação, nota-se, por meio dos relatos dos profissionais do sexo entrevistados, inicialmente, um dos primeiros pontos de tangência entre significados e sentidos do trabalho e identidades, inclusive profissionais. Para o caso desses trabalhadores, percebe-se uma forte influência de suidades e estigmas morais e sociais oriundos, entre outros aspectos, do significado dessa ocupação, na (des)construção da identidade (ou identidades) dos entrevistados.

As principais manchas da prostituição? Têm, têm sim. Têm doenças, furtos, esses tipos de coisas. Violência, acaba sempre ocorrendo, são as duas coisas mais fortes assim nesse trabalho, porque todo mundo sempre acha que todo garoto de programa é ladrão e que é doente, né? É julgado assim pela sociedade. Hoje em dia, eu acho que as pessoas estão quebrando esse paradigma, mas ainda tem muito cliente que ainda hoje tem receios de levar garotos de programa para suas casas porque já teve objetos furtados, já sofreu agressão e tal (PS1).

A gente socialmente não existe, né? Muita gente tenta esconder a gente, como se a gente não estivesse ali. Então assim, você me fazendo essas perguntas todas me fez pensar que a gente é visto meio que como o lixo mais podre da sociedade. Porque, afinal, a gente não tem moral, né? Deita com qualquer um, a gente rouba, trapaceia, tudo com Aids, sífilis, gonorreia e por aí vai. Ah, tem também que a gente é um bando de pecador que vai arder no fogo do inferno, a gente existe para trazer a desgraça para a terra, corromper, trazer luxúria e pecado. Já ouvi tudo isso e muito mais, muito mais. Então assim, hoje eu estou pouco me fodendo para tudo isso, pelo menos hoje tento ser assim, mas tem dia que isso bate e é difícil para caramba, é aí que muitos igual eu vai procurar refúgio nas drogas (PS5).

A análise de tais relatos sublinha, em primeira instância, uma forte mácula do trabalho do sexo na sociedade, e, assim como salienta Borges e Mourão (2013), os próprios trabalhadores acabam sintetizando tais estigmas e incorporando-os em seu *self*, ou seja, quem se é passa a ser um “eu” deteriorado, fragmentado e, por vezes, contraditório e ambivalente.

A identidade profissional dos profissionais do sexo é fortemente influenciada pela mácula desta ocupação, em especial moral e social. Ou seja, trata-se de uma identidade quase que

imoral, ruim e manchada, trazendo consigo um estado de negatização não só ao sentido do trabalho (LHUILIER, 2009) como também à vida extratrabalho do sujeito (WARD; KING, 2017). Como ressaltado por Goffman (1963), o estigma que repousa sobre esses indivíduos pode e deve ser visto como uma identidade deteriorada, uma vez que é uma sujidade que corrompe e destrói a identidade de indivíduos que são depreciados em função de atributos, neste caso, a natureza do trabalho que exercem, criados por um grupo social dominante que julga ser privilegiado por se encaixar em padrões morais, éticos e, às vezes, estéticos vigentes na sociedade (GOFFMAN, 1963; SUTTON; CALLAHAN, 1987; HUDSON, 2008; DEVERS *et al.*, 2009).

Os relatos dos profissionais do sexo expostos neste estudo lançam luzes sobre as sujidades e processo de marginalização desses trabalhadores. O que se percebe é que, para esses trabalhadores, o estigma parece compor sua vida integralmente, sendo quase que indissociável de seu *self*, seja ele pessoal ou profissional. Assim, pensar na prostituição, em especial no contexto brasileiro, incorre em um latente processo de normalização das discriminações, preconceitos, violências físicas e simbólicas. Recorre-se aqui ao pensamento de Gibbs *et al.* (2011), segundo os quais os estigmas são muito mais comuns hoje do que em outrora; atualmente, eles são experienciados de maneiras mais intensas, porém sutis, no cotidiano dos estigmatizados, dos “trabalhadores sujos”. Um exemplo disso reside no próprio discurso popular que revela diversas formas de violências contra os profissionais do sexo que parecem estar normalizadas no *habitus* social, pela utilização de termos como “filho da puta”, “vai para a puta que te pariu” para aviltar, xingar e inferiorizar alguém, no caso, por analogia indireta a uma profissional do sexo (PAIVA *et al.*, 2020). Tais sujidades também foram identificadas nos relatos dos profissionais do sexo entrevistados.

Ah, primeiro que eles pensam que a mulher que trabalha com programa é uma mulher burra, que não tem mulher estudada, acha que é mulher preguiçosa, que quer a vida fácil. Nem sempre eles entendem que as pessoas não tiveram outra oportunidade e acha que é a mulher safada, que a mulher está lá porque gosta de dar para todo mundo, entendeu? Tem muito isso (PS6).

A marginalização dessa ocupação esbarra por sua vez em um processo de desvalorização constante do significado social dela; trata-se de um trabalho pouco ou nada significativo para a maior parte da sociedade.

Pela sociedade, a gente é muito estigmatizada sim, por mim não. Para você ver, no convívio mais próximo com os clientes e tal não, né? Ah, os clientes querem que você sai disso, né? O papo é sempre o mesmo: “Você é tão bonita, por que você faz isso?” Por isso mesmo, porque eu sou bonita, se eu fosse feia, eu não ia conseguir trabalhar, né? Então eu uso essa resposta, essa resposta já virou, já virou... “Ah por que?”, eu falo: “Por causa do dinheiro”. “Ah, você é tão bonita, você precisa casar”. Todo mundo acha que a gente quer casar, gente, eu não quero casar, eu quero só o dinheiro mesmo. Quando eu decidir casar, que eu decidir casar no papel, que eu nunca casei, né? Que eu casar no papel mesmo, aí eu caso e paro de trabalhar (PS7).

Por meio do relato de PS7, é possível identificar um latente processo de subjugação da identidade da prostituta em função do significado do trabalho com o sexo. Notavelmente, o trabalho cujo real da atividade envolve o sexo, além de ser um tabu, sofre tanto com a tentativa de invisibilização devido a “pouca vergonha” da profissão sob a ótica social (PAIVA *et al.*, 2020) quanto com a desmoralização dos seus trabalhadores, decorrente da lógica religiosa cristã que atribui uma pecha de pecado a tais profissionais (PEREIRA *et al.*, 2020).

Neste estudo, as sujidades impostas aos profissionais do sexo emergiram ainda como causa de vários problemas e distúrbios relativos à saúde física e psíquica do sujeito. Interessante destacar que o “esvaziamento de sentido do trabalho” parece estar ligado a vários processos de despersonalização, degradação de si, mutilações físicas e simbólicas e, em casos extremos, de luto, conforme descrito nos relatos seguintes.

Eu mesmo tive um problema de distúrbio alimentar, na época emagreci 40 quilos, 46 quilos. Muito que eu quase morri. Então, como as pessoas sabiam que era garoto de programa, algumas pessoas não tinham o entendimento, o porquê eu tinha emagrecido, não sabiam por que, dentro desse problema todo, eu tinha depressão, síndrome do pânico, enfim... um monte de situação, e as pessoas julgaram que eu estava doente, que eu estava com HIV. Só por causa da prostituição [Qual foi a causa desses distúrbios e complicações de saúde que você teve?] meu trabalho né? Era exaustivo, e eu não via nada ali que eu gostava, sabe? Tipo, eu fazia algo que não tinha nenhum sentido, quanto mais eu trabalhava, mais eu me sentia sozinho e perdido e triste, aí foi começando entrar em depressão, e tudo foi consequência disso (PS4).

Eu tenho, ou melhor, tive uma amiga que se matou por causa da depressão. Aí vem uns filhos da puta de chama isso de mimimi. Você olhava para ela na rua e não percebia nada, parecia alguém comum, mas eu que era mais próxima ela vivia reclamando, do quanto era doloroso para ela ter que trabalhar dando para um tanto de gente. Eu falei várias vezes que ela tinha que sair dessa vida, ela até tentou, mas assim... E como ela ia comer? Cuidar da família? E é foda porque a gente sempre acha que aguenta mais um dia, mais um mês, mais um ano aí quando vê não aguenta. Olha, hoje eu rezo para que ela esteja descansando e principalmente em paz, ela era uma menina muito perturbada, a vida foi muito injusta com ela, desde muito cedo. Para falar a verdade, a vida é muito injusta com essas meninas todas que a gente vê nesses corredores tendo que transar com um bando de macho escroto [*sic*] por causa de 20 reais (PS11).

Ambos os entrevistados expõem situações nas quais o “esvaziamento de sentido do trabalho” emerge como um fator primordial para o adoecimento crônico e o luto. Nesse aspecto, infere-se que a negatização do sentido do trabalho pode acarretar consequências devastadoras para o sujeito, principalmente, quando considerado que um dos pontos-chave para se investigar o “trabalho sujo” reside no fato de que seus trabalhadores tenderem a incorporar em seu *self* as sujidades de sua ocupação (ASHFORTH; KREINER; 1999; LHUILIER, 200; BENDASOLLI; FALCÃO, 2013; LHUILIER, 2012; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), trazendo consequências que se estendem para além das relações de trabalho (BOSMANS *et al.*, 2016; KENT, 2018). Este estudo ainda sublinhou a existência de fortes indícios, em vários profissionais do sexo entrevistados, da deterioração da identidade pessoal e profissional em função do significado negativo de seu trabalho, podendo incorrer, por conseguinte, em graves impactos físicos e emocionais tanto para o trabalhador quanto para seu grupo de interação (LINK; PHELAN, 2001). Há de se considerar ainda a mecanização das relações sociais e a despersonalização como indícios de estratégias de enfrentamento das sujidades inerentes à profissão, bem como de esvaziamento e negatização de sentido do trabalho.

Não tem sentido nenhum nisso aqui. É só usar, se eu pudesse eu queria estar longe dessa vida, vivendo o [nome do entrevistado] de verdade (PS1).

Olha, pensando bem, aqui a gente é meio que uma boneca, daquelas inflável. Eu sou paga para ser o que o cliente quer, mas sem me deixar a [nome da entrevistada] exposta, sabe? É complicado isso, sabe? Eu sou um tanto de gente e ao mesmo tempo não sou nada, ninguém, um zero à esquerda. Enceno um tanto de papel e não faço ideia de quem é a atriz (PS10).

As identidades fragmentadas e múltiplas aqui emergem como uma espécie de constatação resultante de uma afiliação negativa entre sujeito e trabalho, na qual o sentido deixa de existir em detrimento dos significados maculados pelas sujidades do trabalho em questão. Nesse preâmbulo, notam-se estigmas e sujidades que são impressos sobre aqueles envolvidos por categorias de “trabalho sujo” (HUGHES, 1956; ASHFORTH; KREINER; 1999; LHUILIER, 2009), por exemplo os profissionais do sexo aqui em questão, implicando claramente em marginalização, aviltamento e um significado negativo associado ao trabalho (BOSMANS *et al.* 2016; KENT, 2018). Como reflexo desse contexto, são percebidas evidências de um processo contínuo e circular de “esvaziamento de sentido” e/ou criação de sentidos do

trabalho negativos (LHUILIER, 2009; BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016) que, por sua vez, impactam diretamente a forma com que o sujeito se vê pessoalmente e/ou profissionalmente, ou seja, na identidade do indivíduo, que por vezes (des)estrutura-se de maneira ambígua e ambivalente (PEREIRA *et al.*, 2020), fragmentada (MACHADO, 2003; MISCENKO; DAY, 2016) multifacetada (BRUBAKER; COOPER, 2018) e, em alguns casos, múltiplas (BROWN, 2015).

Na outra margem, as sujidades do trabalho são dificilmente notadas pelos profissionais médicos entrevistados. Em alguns casos, as sujidades relatadas por eles são facilmente confundidas com antissujidades, pois trazem consigo a ideia de prestígio associado à figura de alguém.

Acho que na pediatria tem esse estigma de maternalidade, né? Aquela coisa maternal, ligada à criança e tal. Às vezes, a gente se encaixa nas situações e, às vezes, não (PM2).

Estigma, eu acho que tem, por exemplo, estigma de que todo médico é inteligente, né? Apesar de que eu não acho isso e para mim inteligências são múltiplas, mas, né? Todo mundo parte do pressuposto que, quando você fala que a pessoa é médica, que a pessoa é sabichona, né? Sabe tudo, mas não acho que seja verdade, acho que esse é o maior estigma (PM5).

Note-se ainda que as sujidades, sejam elas física, social e/ou moral, são pouco observadas na medicina devido ao prestígio que tal profissão assume no ambiente social e, mesmo quando percebidas, são tidas como eventuais, frutos de um insucesso em algum procedimento realizado ou de um trabalho que não atendesse às normas éticas da profissão.

O estigma do meu trabalho, ele é eventual, igual eu te falei, quando acontece alguma tragédia, aí vai: “Ah, cirurgião plástico, mercenário”. Ah sei lá, “cirurgião plástico faz tudo por dinheiro, são inconsequentes, são imprudentes”, mas, se está tudo nos conformes, isso não acontece (PM9).

Segundo três dos entrevistados, a medicina em si é vista de maneira muito positiva pela sociedade, sendo seus estigmas minorizados devido seu prestígio. Entretanto, esses entrevistados salientam uma questão latente de relações de poder dentro da própria classe médica que estigmatiza algumas especialidades, em especial a radiologia, a fisioterapia e a psiquiatria, como não sendo médico.

O pessoal brinca que psiquiatra não é médico, tipo... Como é que é? Tem várias especialidades que... tipo, ortopedista, mas um ortopedista ainda tem um certo *glamour* assim, mexe com esporte, aquela coisa... Mas tem umas especialidades que o povo brinca que não é médico, né? E psiquiatra é uma delas, né? Radiologista também o pessoal fala que não é médico, porque realmente é muito diferente da medicina clínica assim, básica, que a gente aprende na faculdade, o beabá que todo mundo sai sabendo, né? De clínica e tal (PM2).

Eu acho que ser médico tem prestígio na sociedade. Mas a psiquiatria é completamente estigmatizada. Então, não necessariamente o psiquiatra. Apesar do psiquiatra, por exemplo, também acreditar que existe prestígio por ele ser médico e etc. Existe muito estigma em ser o paciente da psiquiatria. Como se fosse algo inferior ou alguma coisa desse tipo, então assim, a gente ainda tem essa visão estigmatizada e errada em relação à saúde mental. Quando a gente está na faculdade, por exemplo, é comum ouvir algumas piadinhas, tipo, “psiquiatra nem é médico”, acho que isso ocorre por causa de uma ideia muito ultrapassada que saúde mental é mimimi, que é frescura. Engraçado que a gente cansa de ver isso na sala de aula, e mesmo assim esse estigma ainda perdura muito (PM7).

Como as pessoas não entendem o que a gente faz, porque o normal das pessoas entenderem é que, por exemplo, o oftalmo cuida do olho, nefro cuida dos rins, não tem um médico que cuida de tudo, né? Ele é estigmatizado não pela questão, é pela questão de ser importante essas que são valorizadas e, muitas vezes, é porque acabam confundindo com um item único de fisioterapia. Então, muitas vezes, não é reconhecido. E eu acho que é estigmatizado. [...] Acho que passo que às vezes como ortopedista, que os ortopedistas já têm o estigma também, é como se não fosse médico, porque eles só cuidam de osso. E eles acabam, não diretamente, mas muito tem o mesmo pensamento, o pessoal da fisioterapia é como se fosse fisioterapeuta, então não é médico (PM10).

Apesar de tais estigmas relativos a algumas especialidades médicas, as antissujidades assumem o palco quando a questão é o trabalho do médico. Uma análise holística dos dados apresentados na Tabela 13 evidencia que as antissujidades estão, em sua maioria, relacionadas com o trabalho dos profissionais médicos, ao passo que as sujidades são mais comuns de serem observadas no trabalho dos profissionais do sexo.

Notadamente, assim como discutido anteriormente neste estudo, o trabalho dos profissionais médicos, de maneira geral, é permeado por significados positivos que trazem valorização e prestígio para os indivíduos nele circunscritos. Essa profissão traz consigo a ideia de ser um trabalho limpo, bonito, nobre, altruísta, intelectualizado.

A gente sempre escuta “ah, ser médico, nossa... estudou muito, né?” Não sei essa coisa de tem um certo prestígio acadêmico/social assim, profissão mais clássica, mais nobre, não sei (PM2).

Ah, a gente vê o prestígio, o respeito das outras pessoas quando te procura, sabe? É, te tratam com mais enfoque, né? Mais sério, tratando como doutor ou senhor, acho que, acho que é mais ou menos isso (PM6).

O médico tem muito aquela visão do herói relacionado a ele, que se arrisca para salvar o outro. A pessoa pode não valer nada, mas, se for médico, todo mundo te trata e te olha diferente. Você é visto como um sujeito do bem, que salva vidas e isso, perante a sociedade é lindo, né (PM11).

Nesse sentido, as antissujidades da profissão podem ser vistas como fatores preponderantes para a consolidação do sentido do trabalho para tais indivíduos, bem como da construção da identidade pessoal e profissional. Assim, o sentido do trabalho e a identidade profissional de tais indivíduos estruturam-se em um contexto de valoração positiva e prestígio ocupacional, mesmo quando o real da atividade está permeado por sujidades, como é o caso do médico legista aqui entrevistado, por exemplo. Tais percepções emergem como evidências da tese de que é totalmente diferente desenvolver um trabalho com elevados níveis de sujidades em ocupações de elevado prestígio e de elevada estigmatização (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016), ou seja, no contexto das relações de trabalho, o prestígio ocupacional parece desenvolver uma função de blindagem aos sujeitos acerca dos efeitos deletérios do “trabalho sujo” (ASHFORTH *et al.*, 2007), contribuindo, conseqüentemente, para que a profissão traga sentido e uma identidade profissional mais coerente, coesa e íntegra aos seus.

#### **4.5.2 Similaridades, ambiguidades e paradoxos**

Por fim, as análises até aqui desenvolvidas permitiram identificar algumas similaridades, ambiguidades e paradoxos que permeiam os grupos observados nesta tese, sendo tais itens discutidos nesta seção.

Assim como destacado anteriormente, as histórias de vida dos entrevistados asseveram pontos diametralmente opostos que devem ser sublinhados. Se, do lado dos profissionais do sexo, suas histórias revelam a desestrutura do ambiente familiar como fator relevante para sua atual escolha e sua condição de trabalho, do outro, um ambiente familiar estruturado por valores e padrões éticos serviram também de embasamento para as carreiras dos profissionais médicos. Assim, a estrutura do ambiente familiar emergiu neste estudo como um fator preponderante para se compreender trajetórias de vida e os pontos que, sob a ótica dos entrevistados, teriam contribuído para suas escolhas profissionais.

Nesse contexto, há de se considerar ainda que a análise da história de vida dos entrevistados permitiu identificar a influência de terceiros que podem ser vistos como “gatilhos” para o curso que seguiu a vida ocupacional dos mesmos. Esse gatilho para os profissionais médicos, em sua maioria, apresentou-se como um familiar cuja figura foi preponderante para despertar o interesse do entrevistado na medicina.

Na minha família, tem alguns médicos. A minha tia é uma médica renomada aqui em Goiás, então assim, desde criancinha, eu tive todo um, uma preparação para ser médico. Não que eles teriam me dito que eu deveria ser médico, mas eu tive referências muito fortes para isso (PM11).

Para os profissionais do sexo, o “gatilho” emergiu como uma influência marginal, pela figura de um homem que introduziu precocemente o indivíduo entrevistado na vida sexual. Importante destacar que, ao contarem suas histórias de vida, os profissionais do sexo atribuem a culpa “do rumo que a vida tomou” (PS4) a essa figura. Vale destacar ainda que, em nenhum dos casos de violência sexual sublinhado, houve qualquer tipo de denúncia e que o peso da culpa e as consequências do ato, geralmente, recaíam sobre a vítima, o próprio entrevistado.

Olha, eu sempre penso naquele policial, aquele que me estuprou em troca de balas quando eu tinha 12 para 13 anos. Tenho muita raiva dele, já tive mais e, às vezes, eu quando estou mal culpo ele por tudo, do rumo que minha vida tomou, dos demônios que eu criei e sustentei a vida toda (PS4).

Mas mesmo você bêbada, ninguém tem o direito de encostar em você. Principalmente você bêbada, ninguém tem o direito de encostar em você e foi com o tempo que eu percebi isso. E até então, eu que me culpava. Até que um belo dia, eu fui fazer uma apresentação, porque eu era contratada da prefeitura. Minha escola era contratada da prefeitura para as apresentações em público que tinha, e aí eu tive uma queda e aí eu sangrei. Me levaram para o hospital, como eu não tinha nada, nada de vida sexual ativa, nada, nada. Eu perdi a virgindade, mas para mim foi uma coisa assim, insignificativa, para mim não fazia diferença na minha vida o sexo. E aí o médico foi fazer o exame e descobriu que eu estava grávida. Isso para mim foi desesperador, porque... Os meus pais eram extremamente militaristas, quando eu saí de casa, eles falaram que eu podia morrer, que eles não queriam mais olhar na minha cara. Se eu queria seguir a minha vida, eu ia seguir sozinha que eu não precisasse contar com eles para mais nada. E eu segui a minha vida, mas de repente eu me vejo grávida, sem emprego, porque eu não poderia mais dançar. Me vejo grávida, sem emprego, de cama, por causa da queda, porque eu tive descolamento de placenta. Eu não tinha maldade, porque de coração, hoje, se eu estivesse a maldade, que... Maldade que eu falo é maturidade mesmo. Naquela época, eu teria tirado o bebê. Eu não... Mas eu era totalmente leiga, leiga de tudo. Para mim eu... Nossa... Nem fazia ideia na vida como se fazia um aborto, que no mais era pedir Deus para que não viesse. E mesmo assim, não é da vontade dele, né? E tipo, eu me vi totalmente perdida. Sozinha, perdida, sem emprego, foi o pior momento da minha vida. (...) Aí

vem alguém que não passou por um terço do que eu fui obrigada a passar e quer me julgar... Ah mando tudo tomar no cú sem dó (PS9).

Note-se, a partir do relato dos três entrevistados (PM11, PS4 e PS9), que eles justificam parte de seus *selves* profissional e pessoal em função desses “gatilhos” que marcaram suas vidas. Aqui reside uma das similaridades percebidas entre os sujeitos de pesquisa deste estudo, a influência desses “gatilhos”, que, apesar de ocorrer em sentidos diferentes (avaliação positiva para os profissionais médicos e negativa para os profissionais do sexo), influenciaram, de maneira considerável, o processo de construção da identidade, seja ela pessoal ou profissional, da maioria dos entrevistados.

A análise da história de vida dos entrevistados asseverou ainda a relevância do contexto social para estudos que abordam como temática os significados e sentidos do trabalho e a identidade, com destaque para o nível profissional, dado que, assim como ressaltado por Barros e Carrieri (2012), analisar tais temáticas descoladas da perspectiva histórica do sujeito seria um equívoco, por tais fenômenos se construírem em uma relação dialética com o contexto social. Corroborando tais pressupostos, no presente estudo, o contexto social emergiu como basilar para se compreender os fenômenos focalizados. Interessante ressaltar ainda que os entrevistados organizam suas memórias e as expõem de maneira a entender que, para todos os profissionais médicos, variáveis históricas contribuíram de maneira positiva para seu desenvolvimento profissional.

Olha, eu tive uma vida bastante confortável, meus pais tinham uma qualidade de vida boa e com certeza isso me ajudou muito ser médica. Por exemplo, tive amigos da minha sala que passavam a magrela para estar estudando medicina, que tinham que lutar contra muita coisa que era imposta a eles para estar ali. Mas temos que assumir, a medicina é muito elitizada ainda, essas pessoas são ainda minoria no curso (PM2).

Eu fui criado a minha vida inteira dentro de uma bolha. Teve uma época que tentei sair dela, acho que durante a faculdade, mas aí percebi que aqui dentro é bem mais confortável. Eu confesso, vivo dentro de uma bolha até hoje, mas ela diminuiu bastante e... Eu acho que nunca vou sair dela, está confortável demais aqui (PM11).

Já para os profissionais do sexo, a organização temporal de suas memórias dá a entender que o contexto social era marcado pela adversidade, obrigando-os a recorrerem a “medidas desesperadas” (PS1).

[Pensando na sua vida você consegue perceber algo que você acha que te influenciou escolher esse trabalho?] Na minha infância, talvez uma coisa. Pelo fato de eu ter tido uma infância pobre e eu fui muito humilhada, já passei muitas situações que eu queria vencer na vida, sabe? Tipo, dar a volta por cima. Quando eu vim para cá [Belo Horizonte], eu sempre tive na cabeça que a qualquer custo eu tinha que dar a volta por cima, entendeu? Eu nunca podia voltar para o interior da mesma forma que eu saí. Que para as pessoas lá, ninguém sabe o que eu estou passando, mas eu sempre faço questão de mostrar que eu estou sempre bem, melhor que quando eu saí de lá, você me entende? Então, talvez esse seja um motivo aí do subconsciente (PS6).

Que saída eu tinha? Com filho precisando de leite, água e luz cortada, nada para comer na geladeira. Eu já estava em ponto de fazer uma loucura, mas, se eu fizesse, quem ia cuidar do meu filho? Foi aí que eu me endureci e fui para o jogo, fui para a vida. Tá [*sic*] que eu fui contra tudo que eu acreditava, contra tudo que me falaram ser certo na minha vida toda. Mas hoje meu filho tem de tudo, tem a vida de um menino riquinho, não falta nada para ele e nem para mim. Então assim, não era nem de longe o meu emprego dos sonhos, mas foi o que me salvou na época, tudo que eu tenho agradeço à prostituição (PS7).

As histórias de vida dos profissionais do sexo são remontadas por eles de maneira a entender que, no concernente à sua ocupação, eles possuíam duas “saídas” para manter uma identidade profissional e pessoal minimamente coesa e íntegra, ou usa-se de estratégias, até mesmo discursivas, que os levam ao empoderamento, ou escondem-se nas ambiguidades e paradoxos que permeiam seu trabalho na tentativa de passar despercebidos pela sociedade, isto é, ou empoderam ou invisibilizam. Tais estratégias são notadas claramente nos seus relatos ao reconstruírem discursivamente suas histórias de vida, ponderando aspectos relativos aos sentidos do trabalho e processos de construção da identidade(s).

As estratégias relacionadas ao empoderamento tornam-se evidentes em diversos momentos durante a realização das entrevistas e verbalizadas em passagens como: “ninguém vai me julgar” (PS2); “eu mudei o curso da minha vida e do meu filho” (PS7); “foi aí que eu me endureci e fui para o jogo, fui para a vida” (PS9); “você precisa de muito mais que isso para me humilhar” (PS6); “eu sou um vitorioso, um sobrevivente” (PS5) e diversos outros momentos que desvelam um latente processo de empoderamento, o qual perpetra uma forma de criar sentido não só ao trabalho que realizam, que, para o caso dos profissionais do sexo, é indissociável em todas as instâncias da vida pessoal, como para a própria vida e, por conseguinte, para as identidades construídas. Tais percepções podem ser observadas por meio do relato de PS6 a seguir.

Eu estava trabalhando em uma casa em São Paulo esses dias, e chegou lá um cara milionário. A dona da casa ficou louca, porque era o melhor cliente dela. Precisava ver, as meninas todas apreensivas e fazendo de tudo por causa dele. Aí ele gostou de mim, quando eu estava indo com ele para o quarto, a dona me chamou e falou que era para mim dar o meu nome, porque o cara era, tipo, muito importante em São Bernardo [São Bernardo do Campo, São Paulo]. Menino, na hora que ele estava me comendo, ele começou a fazer umas coisas estranhas, tipo, cuspir em mim. Aí eu parei e perguntei “que isso?” Ele pegou e falou assim “isso o que?” “Você cuspiando em mim”. Aí ele falou assim “é que eu gosto de humilhar as meninas que fico, estou fazendo isso para te humilhar”. Menino, eu dei uma gargalhada e falei “amorzinho, você precisa muito mais do que isso para me humilhar, você não faz ideia” (risos). Menino, acredita que ele brochou na hora? Aí a gente deitou na cama e começamos a bater papo, e ele começou a rir e falou assim “mineira, você é muito diferente, você é muito louca”, e ainda me deu R\$ 300,00 de caixinha [valor extra ao acordado no programa], e detalhe, me manda mensagem toda semana perguntando quando vou voltar lá. Então assim, se tem uma coisa que aprendi na prostituição é não deixar ninguém tentar me rebaixar por eu ser prostituta. Ele, por exemplo, que estava tentando me humilhar, o problema não sou eu, não é comigo, é com ele, ele tem uma coisa mal resolvida com ele mesmo e passa isso para frente. Aí quando encontrou alguém que se impôs, ele acuou, e nessa vida se impor é o principal, e isso a [nome social utilizado no trabalho] faz muito bem (PS6).

Ademais, o processo de empoderamento percebido pode ser visto como uma tentativa de alinhar o contexto de trabalho aos objetivos pessoais do sujeito, dado que o sentido do trabalho estaria ligado à justificação do significado e o grau em que tal significado está associado às atividades de trabalho (AUZOULT, 2020), ou seja, o empoderamento pode ser visto como uma forma de deixar o trabalho mais significativo para si (ROSSO; DEKAS; WRZESNIEWSKI, 2010), ao passo que assume um caráter de resistência.

Porque, vamos sei lá, vamos voltar o tempo onde as mulheres tinham que ser submissas aos homens e casar e ficar em casa e não ter sua liberdade. Então, por mais que eu estou na prostituição, eu moro sozinha, eu tenho minha liberdade, eu sustento a minha filha sozinha, então eu estou totalmente fora do sistema, mãe solteira. Então, eu me considero uma resistência porque é através de lá que eu ganho o meu sustento e eu posso falar para quem eu quiser que ninguém paga as minhas contas. Então, é por isso que eu acho que é uma resistência para as mulheres que lutam, tem a história parecida com a minha, não tem que se submeter a humilhações, a várias coisas simplesmente por trabalho, entendeu? (PS6)

Na outra margem, em alguns casos as estratégias de invisibilização assumem o foco como uma tentativa de mitigar os efeitos deletérios do significado da prostituição, enquanto profissão, na identidade pessoal dos entrevistados. Tal aspecto pode ser observado em trechos discursivos como: “fora daqui, eu sou uma pessoa comum” (PS11); “lá fora, eu não tenho amizades com outras garotas [referindo-se a outras profissionais do sexo]” (PS9); “às vezes, eu só tento não ser visto” (PS5); “ninguém precisa saber o que eu faço para ganhar a vida” (PS4); “depois de muito tempo, eu percebi que é mais fácil quando eu sou invisível para as

peças lá fora” (PS10), entre outros. Marcadamente, a tentativa de invisibilização pode ser vista, segundo a perspectiva de Bosman *et al.* (2016), como uma forma de confrontar e/ou contrariar aspectos que, para os entrevistados, em um dado momento, contribuiria para o aumento de sua “mancha” perante a sociedade, por exemplo ter amizades com outros profissionais do sexo fora do ambiente de trabalho, interferindo negativamente na sua identidade visada (DUBAR, 2005). Essa confrontação ainda pode ser vista como uma forma de distanciar o *self* da profissão como uma tentativa de lidar com aspectos ameaçadores da identidade, uma vez que esses trabalhadores estariam mais susceptíveis à perda de sentido de seu trabalho (BARAN; ROGELBERG; CLAUSEN, 2016).

Um dos paradoxos que merece atenção neste estudo relaciona-se à ideia de “sujeira” que permeia o trabalho dos profissionais do sexo. A maioria dos profissionais do sexo entrevistados destacam que a “sujeira”, seja ela física, social ou moral, não provém dele, e sim dos clientes ou da sociedade, de modo geral. Contudo, a contaminação da identidade profissional e pessoal recai sobre a figura do profissional, e nunca do cliente. Tal paradoxo pode ser observado por meio do relato dos entrevistados PS1, PS4 e PS10 que o sublinham considerando as máculas moral, física e social, respectivamente, do “trabalho sujo”.

Já recebi proposta, existia um cara, ele me ofereceu mil reais para comer o filho dele de 13 anos que já tinha trejeitos de homossexual, né? Ele estava me contando que ele já estava acostumado a fazer isso. O filho dele, ele mandou fotos do filho, né? Deu para ver que a criança realmente já tinha trejeitos de homossexual mesmo com a pouca idade e que já estava habituada àquela situação. Mas eu acabei recusando porque eu fiquei com medo e também estava com o dinheiro no bolso, mas pelo fato de já está com o dinheiro no bolso, mais do que só para a comida, senão a gente não botava gente desconhecida na nossa casa. [Você acha que se você estivesse sem dinheiro, você toparia isso?] No momento de desespero, sim. No momento, como diz o velho ditado: “No momento de desespero, atitudes desesperadas.” Não é... Entendeu, tem uma frase bonita, né? [“Os tempos desesperados exigem medidas desesperadas” – Suzanne Collins, *Catching Fire*]. [Mas você acha que isso te causaria mal depois?] Não, porque eu acredito que naquela idade, tanto pela parte do pai quanto pela parte da criança, os dois têm noção do que está sendo realizado ali, do que está sendo feito. E porque como eu te falei, eu sou apenas um objeto que fui preparado para o que vai ser feito, eu sou apenas uma máquina para servir tudo aquilo que o cliente pede. Não cabe a mim julgar ou condenar a atitude da pessoa, apenas fazer (PS1).

Trabalhava com muitos fetichistas né, clientes pediam para defecar e urinar neles, cuspir, escarrar na cara deles, ficar sem tomar banho e sem trocar a cueca dois dias para eles ficarem cheirando e mais um tanto de coisa suja, nojenta. Eles ainda pagavam muito bem por isso, oferecia mil, mil e quinhentos reais para fazer essas coisas. Eu tenho nojo demais disso, mas o cliente pede, você precisa, a gente segura a onda e faz. Então assim, eu sou um cara super asseado, a sujeira vem muito deles, dos clientes (PS4).

Os próprios clientes que vêm aqui na zona discriminam a gente quando saem, no dia a dia deles. É meio que sempre foi assim e sempre vai ser, sabe? É como se eu falasse mal dos porcos, mas, quando ninguém está vendo, eu vou lá chafurdar na lama com eles, mas fora de lá ,eu sou o cara da imagem intacta, afinal é ele que está pagando, né? (PS10).

Reporta-se, nesse sentido, às colocações de Ashforth e Kreiner (1999), segundo os quais um dos maiores paradoxos que permeiam o “trabalho sujo” reside no fato de que o estigma e as sujidades que repousam sobre essa categoria de trabalho são constituídos considerando atividades socialmente prestigiosas. Aquelas atividades tidas como “marginais, sujas e impuras”, como dos profissionais do sexo, são assim consideradas dada a ausência de atributos considerados de primeira classe (BATISTA; CODO, 2018), como é o caso dos profissionais da medicina. Nesse preâmbulo, o trabalho, que deveria ser fonte de dignidade e respeito, exerce uma função oposta, a de marginalização, mesmo que ele seja a única fonte de subsistência de famílias inteiras (VERIGUINE; BASSO; SOARES, 2014). Apesar das demais variáveis que incidem nesse processo, por exemplo o empoderamento, os efeitos deletérios desse paradoxo sobre o sujeito são facilmente observáveis na saúde física, psíquica e na identidade de tais trabalhadores, como asseverado por meio do relato de PS4, a seguir.

O programa para mim nunca foi por prazer sexual, mas foi mais pelo dinheiro, pelo poder que eu tinha, você sabe? Que eu atraía as pessoas através do corpo, do rosto, então isso mexia muito comigo. Mas, quando eu vi, eu estava num quadro depressivo, sem amigos, sem pessoas, sem família, eu terminava o atendimento ali, tudo bem mas, quando eu chegava em casa, eu estava sozinho, aonde eu comecei a recorrer em festas e drogas para poder preencher esses vazios que eu tinha. E teve época de eu tomar tanto nojo do que eu fazia que eu comprava caixas de álcool para mim poder tomar banho de álcool de tanto que eu sentia nojo de mim. Quanto assim, esfregava a minha pele, já cheguei a tirar sangue da minha pele esfregando, do suor de pessoas que suavam em cima de mim. Às vezes, eu ouvia até voz, gemido, quando eu dormia a noite de pessoas gemendo. Então assim, foi algo muito forte e presente na minha vida isso (PS4).

O trecho discursivo de PS4 evidencia momentos em que as sujidades do seu trabalho assumem um nível de profundidade tão elevado que contaminam o sujeito em sua integralidade, ou seja, são máculas que deterioram a constituição do trabalhador enquanto indivíduo. Bendassolli e Falcão (2013) salientam que um dos principais impactos do “trabalho sujo” incide sobre a saúde do trabalhador, uma vez que questões psicológicas associadas a esta categoria de trabalho são apontadas por diversos estudos como fator de adoecimento do sujeito. Assim, as manchas do sujo, por vezes, impactam os trabalhadores para além dos

aspectos profissionais, o mal-estar gerado é percebido em todas as instâncias da vida do sujeito, seja ela profissional, pessoal e/ou social (LHUILIER, 2009).

Considerando os relatos apresentados até aqui, é possível notar que o trabalho dos profissionais do sexo é permeado por grandes ambiguidades que refletem a inconstância dos processos identitários e de construção de sentido, como relatado por PS11, diferentemente da estabilidade, do ritmo adequado ao trabalho e da linearidade (ascendente) que os profissionais da medicina entrevistados verbalizaram, como sugerido por PM3.

Aqui dentro, tem hora a gente está muito bem, do nada fica tudo muito ruim e dá uma vontade as sair correndo, sei lá... aqui é meio que um momento de cada vez, é tudo tão, como posso te dizer? Tudo tão sem forma sabe, tipo, não tem, não é constante, é uma coisa de louco mesmo (PS11).

No trabalho, eu sou a pessoa organizada, metódica, gosto de fazer tudo bem devagarzinho, bem certinho... (PM3).

Tal observância corrobora os apontamentos de Santos (2009), segundo o qual a construção identitária se estrutura a partir das contradições sociais, sendo que, no contexto da prostituição, se expressar, por vezes, assume um caráter político de resistência e implica sobreviver e estar no mundo em posições, condições e lugares diferentes (SANTOS, 2009). Observa-se ainda que as ambiguidades e paradoxos inerentes ao trabalho, por vezes, se materializam em medos futuros para alguns dos profissionais do sexo entrevistados.

Meu maior medo hoje é de ficar veado, velho, sozinho e pobre. Principalmente pobre (PS1).

Desses modos, os processos de atribuição de sentido ao trabalho e de construção identitária, para o caso específico deste estudo, mostraram-se mais fragmentados e susceptíveis às crises para os profissionais do sexo do que para os profissionais da medicina. Em síntese, isso pode ser percebido desde a forma com que as histórias de vida foram reconstruídas nos discursos até os paradoxos e ambiguidades que se articulam entre o contexto ocupacional, os significados e sentidos do trabalho e as identidades pessoal e profissional. Evidentemente, características do “trabalho sujo” podem ser percebidas de maneira clara em ambas as ocupações, entretanto, uma parece possuir uma blindagem maior em função de seu prestígio frente à sociedade. A respeito desse *gap*, Baran, Rogelberg e Clausen (2016) salientam um

importante paradoxo associado ao trabalho sujo, que aqui também foi constatado, o fato de que, se estiver em pauta ocupações marcadas por sujidades, mas com níveis de prestígio diferentes, a de menor prestígio social tende a experienciar menos sentido no trabalho e, conseqüentemente, apresentar uma identidade profissional mais instável. Nesta percepção, encaixam-se os relatos de trabalho vazio e de desfiliação social, focalizados nitidamente apenas pelos profissionais do sexo.

Além disso, o que se pode identificar é que o prestígio associado ao trabalho tende a mitigar os efeitos deletérios das sujidades nele presentes. Para o caso dos profissionais médicos, seu elevado prestígio funciona como uma espécie de cortina cuja função é invisibilizar as sujidades da profissão, percebidas, neste estudo, apenas nos relatos de um dos médicos entrevistados. Note-se aqui uma relação diretamente proporcional entre trabalho de prestígio, independentemente do nível de sujidade do mesmo, e sentido do trabalho, e inversamente proporcional entre “trabalho sujo” (estigmatizado) e sentido do trabalho. Percebem-se aninhadas a tais fenômenos relações de poder que estão imbricadas em aspectos culturais que marginalizam alguns grupos comparativamente a outros e que valorizam alguns outros grupos a despeito dos esforços realizados para se entregar um trabalho de qualidade em outras categorias profissionais.

A gente pode pegar alguns extremos assim, é porque não é uma... Culturalmente falando assim, uma pessoa com prestígio, ela muitas vezes vai ter uma condição financeira melhor, mas não é necessariamente uma pessoa que não recebe muito que ela não tem prestígio, né? Aliás, não é que ela não tenha prestígio, que ela seja estigmatizada. Na verdade, eu não entendo assim, o estigma para mim é porque tem mais um tom pejorativo, mas não enxergo tão necessariamente como o contrário do prestígio o estigma. Mas eu entendo assim, agora que você está fazendo eu pensar nisso, mas eu não colocaria essas duas palavras tão claramente como antagônicas. Porque eu relaciono muito o estigma como preconceito. Então, quando você me pergunta mais de profissões em que, ou de carreiras que teriam um estigma, eu penso muito mais socialmente já com preconceito, já com uma visão ruim preestabelecida. Aí você me perguntou de alguma. O que você acha preponderante para determinada ocupação ser estigmatizada? O que é mais preponderante? Eu não lembro se é mais a questão financeira e etc. Eu acho que é aquilo que eu te falei, é cultural/histórico – histórico/cultural (PM7).

Considerando-se fenômeno focalizado nesta tese, ambas as classes de trabalhadores analisados são marcadas por níveis de sujidades, os profissionais médicos expostos principalmente a elevadas sujidades físicas por estarem envolvidos em tarefas altamente contaminantes fisicamente (resíduos hospitalares, objetos contaminados, doenças, entre outros) e os profissionais do sexo a elevadas sujidades morais; entretanto, o lado sujo de um

trabalho de prestígio é impermeabilizado por aspectos culturais e sociais (ASHFORTH; KREINER, 1999). Interessante destacar que, para o entrevistado PM11, a própria vestimenta branca do médico (cor característica da medicina) seria uma forma de invisibilizar as sujidades físicas a que a ocupação está exposta.

Você me perguntando isso tudo me faz pensar que até o branco do médico, o jaleco branco é uma forma de mostrar que aquela profissão é limpa, sabe? Que é pura. É uma forma de distanciar a imagem do sujo da medicina. É e assim, de fato tem uma relação de poder por trás disso tudo (PM11).

E tais relações de poder são culturalmente incorporadas à formação médica e percebidas em ações cotidianas desses sujeitos.

Eu procuro estar sempre bem vestida, bem arrumada e bem vestida no consultório. Sempre, sempre. Todos os dias. Eu trabalho de jaleco branco sempre, mas meus jalecos são sempre jalecos bonitos, diferentes, bordados. Sempre de roupa bonita com um jaleco lindo por cima. [Você acha que tem alguma simbologia por trás do branco, hoje para o médico?] Ah, eu acho, eu acho que o branco, branco, todo branco, a roupa toda branca hoje, significa muita coisa, né? Traz aquela ideia de pureza. Mas eu acho que um jaleco bonito branco, eu acho que o branco traz sim alguma coisa. Eu não conseguiria atender sem o jaleco branco, não. E se eu não tiver de jaleco branco, parece que eu não entrei ainda, sabe? Para mim, o branco, eu acho que me traz, acho importante, acho importância. Eu acho que me deixa mais importante. Na prática, eu acho. Mais alinhada, mais importante, não sei, talvez (PM8).

Nesse sentido, nota-se que, além de aliviar a mancha de sujidade física da ocupação, a cor branca para os profissionais médicos é um importante atributo da composição de sua identidade profissional, ou seja, do “eu” médico, dado que, no senso comum, é quase impensável ser médico e não usar branco. Do outro lado, os aspectos físicos dos profissionais do sexo são marcadamente taxados como vulgar, principalmente, das mulheres. Surge nesse contexto o estereótipo da “puta”, ou seja, um estigma que associa a figura da prostituta a algo publicamente desnudado, vulgar e repreensível.

Acho que todas as garotas [garotas de programa] têm associado com elas a imagem daquela puta barata de beira de estrada, com roupa curta, quase pelada e saltão, aquele, como eu posso falar? Aquele estereótipo da puta, que também é uma forma de julgar a gente, marginalizar e tal (PS6).

Aqui dentro, eu trabalho assim, de lingerie, várias meninas nos outros quartos trabalham peladas e tal. Isso é muito da imagem da puta mesmo... De ser baixa, de fazer qualquer coisa que o homem quiser. Mas, quando desço as escadas e vou embora, mudo completamente, roupa super discreta, nada de decotes e saia curta. Lá

fora sou eu, aqui dentro é a personagem, a [nome social utilizado no trabalho] (PS10).

Assim, é possível notar que a imagem física, as sujidades e antissujidades que envolvem tanto um médico quanto um profissional do sexo são atributos importantes para se analisar a identidade profissional de ambos, uma representando o distanciamento das sujidades inerentes à profissão (médico), ao passo que a outra aproxima (profissional do sexo). Reside aqui uma das ambiguidades acerca da identidade na sociedade contemporânea, por tratar de maneira direta da ambivalência humana, ora ela está associada a demandas por uniformidade e igualdade, ora a demandas de liberdade e exclusividade (BURITY, 1999).

O presente estudo ainda lança luzes sobre o paradoxo de que, apesar de toda a atividade laboral possuir sua parcela de sujidades (LHUILIER *et al.*, 2009), mesmo assim, algumas categorias menos prestigiadas ou desprestigiadas sofrem mais com os efeitos degradantes do “trabalho sujo”, em outras palavras, mesmo que o “trabalho sujo” esteja presente em qualquer profissão, umas são mais impregnadas por suas sujidades e pelos julgamentos oriundos delas do que outras.

Por fim, retoma-se o argumento de tese proposto na Introdução deste estudo, a saber: **os processos envolvidos na atribuição de significados e sentidos ao trabalho e na construção identitária, inclusive profissional, interpenetram-se, tanto na percepção de indivíduos praticantes de trabalhos percebidos como “sujos” quanto na daqueles de “prestígio”, porém guardam disparidades em termos dos significados e sentidos em si e das consequências no nível de bem-estar dos sujeitos.** Considerando as discussões até aqui traçadas, construiu-se o Quadro 4, no qual esse argumento de tese está destrinchado (na primeira coluna) e partes sucintas das evidências empíricas expostas.

Quadro 4 - O argumento da tese e algumas evidências empíricas

Argumento de tese	"Trabalho sujo" – Profissionais do Sexo	Trabalho de prestígio – Profissionais médicos
Atribuição de significados	Sociedade pensa que o dinheiro de uma acompanhante é muito fácil. (...) que somos um bando de vagabundas que gosta de dar para todo mundo (PS7).	(...) sociedade acaba colocando o profissional médico num pedestal (...), como se fosse uma profissão de extrema importância e acaba enaltecendo um pouco além (PM5).
Sentidos ao trabalho	Não tem sentido. É só usar. Não tem sentido. É só usar (PS1).	(...) me sentir útil perante o outro, de sentir que eu gasto meu tempo fazendo algo que ajuda, não é voltado só para mim (PM2).
Construção identitária, inclusive profissional	Eu sou o [nome do entrevistado] que faz o que é necessário, o que é preciso (PS1). Eu sou aquilo que o cliente quer que eu seja (PS6).	Hoje eu me defino como médica, bem realizada profissionalmente (PM4). Eu sou uma pessoa muito otimista, muito resiliente e que quero muito ajudar os outros (PM10).
Interpenetram	A gente socialmente não existe, né? Muita gente tenta esconder a gente, como se a gente não estivesse ali. Então assim, você me fazendo essas perguntas todas me fez pensar que a gente é visto meio que como o lixo mais podre da sociedade. Por que afinal a gente não tem moral, né? Deita com qualquer um, a gente rouba, trapaceia, (...) a gente é um bando de pecador que vai arder no fogo do inferno, a gente existe para trazer a desgraça para a terra, corromper, trazer luxúria e pecado. Já ouvi tudo isso e muito mais, muito mais (PS5).	Eu acho que eu sou muito do que a minha profissão molda. Acho que é tão intenso, sobra pouco de pessoa nisso. (...) Alguém tem que fazer o trabalho sujo. (...) A medicina legal, ela é algo que muda o profissional, então eu acho que, eu sou uma pessoa hoje que vive medos de muitas coisas, que sente a fragilidade do ser humano numa forma muito íntima, muito transparente, né? (...) A maioria das pessoas pensa que gera uma frieza, um endurecimento, mas eu acho que exatamente o contrário. (...) Frágil, por sentir que a gente tem uma vivência frágil (PM1).
Disparidades de significados e sentidos	Acho que todas as garotas [garotas de programa] têm associado com elas a imagem daquela puta barata de beira de estrada, com roupa curta, quase pelada e saltão, (...) que também é uma forma de julgar a gente, marginalizar e tal (PS6). (...) a gente é meio que uma boneca daquelas inflável. Eu sou paga para ser o que o cliente quer, mas sem me deixar a [nome da entrevistada] exposta sabe? É complicado isso, sabe? Eu sou um tanto de gente e ao mesmo tempo não sou nada, ninguém, um zero à esquerda. Enceno um tanto de papel e não faço ideia quem é a atriz (PS10).	Ah, a gente vê o prestígio, o respeito das outras pessoas quando te procura, sabe? (...) Mais sério, tratando como doutor ou senhor (...) (PM6). O médico tem muito aquela visão do herói relacionado a ele, que se arrisca para salvar o outro. A pessoa pode não valer nada, mas, se for médico, todo mundo te trata e te olha diferente. Você é visto como um sujeito do bem, que salva vidas e, isso, perante a sociedade, é lindo, né? (PM11).
Consequências no bem-estar dos profissionais	Eu mesmo tive um problema de distúrbio alimentar, na época emagreci 40 quilos, 46 quilos (...), quase morri. (...), eu tinha depressão, síndrome do pânico, (...) e as pessoas julgaram que eu estava doente, que eu estava com HIV. Só por causa da prostituição. (...) eu fazia algo que não tinha nenhum sentido, quanto mais eu trabalhava, mais eu me sentia	Para mim é muito confortável, porque sejamos realistas, que outra profissão é vista como tão bem como a do médico... (...) de fato, se comparada com a maioria das profissões, ela realmente te dá uma condição financeira bem mais elevada (PM11).

	sozinho e perdido e triste (...) (PS4).	
--	---	--

Fonte: Dados da pesquisa.

Considera-se, portanto, como válido empiricamente o argumento da tese proposta, e, finalizadas esta apresentação e análise de dados, no próximo capítulo traçam-se as considerações finais do estudo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese foi desenvolvida com o objetivo de analisar possíveis relações entre significados e sentidos do trabalho e identidades, percebidos entre praticantes de trabalhos “sujos” e de “prestígio”, considerando-se suas similaridades, ambiguidades e paradoxos.

Para que pudesse alcançar tal objetivo, desenvolveu-se uma argumentação teórica abarcando três temáticas, a saber: trabalho e seus aspectos de sujidade, discutindo o trabalho tido como “sujo” na sociedade contemporânea; os significados e sentidos do trabalho, seção na qual buscou-se discutir, teoricamente, como tais questões podem influenciar em aspectos profissionais e subjetivos do sujeito; por fim, traçou-se focalizou-se o fenômeno da identidade, em diversos níveis de análise, bem como sua importância para a vida do trabalhador e os estudos organizacionais.

Para o desenvolvimento metodológico do estudo, ontologicamente levou-se em conta a interação sujeito-objeto, que considera a realidade como intersubjetiva. Epistemologicamente, o estudo se orientou à luz de uma episteme construtivista, segundo a qual significados e realidades são construídos na ação cotidiana. Nesse mesmo sentido, o paradigma predominante deste estudo foi o interpretativismo, que pressupõe um “mergulho” na realidade na qual os processos sociais são gerados, buscando a compreensão de como as práticas e seus respectivos significados são formados e traduzidos pela linguagem, por um conjunto de normas tácitas compartilhados em um dado contexto (ORLIKOWSKI; BAROUDI, 1991). Como estratégia metodológica, desenvolveu-se um estudo descritivo-analítico de abordagem qualitativa, utilizando, para tal, o método de história oral testemunhal. Após leitura e preenchimento de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, iniciou-se a coleta de dados, de fato, e foram realizadas 22 entrevistas com um roteiro semiestruturado, por meio do qual os sujeitos de pesquisa foram estimulados a reconstruir suas histórias de vida e refletirem sobre as temáticas em questão. Num diário de campo, anotações foram realizadas durante as entrevistas, pautadas em uma observação não participante. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas à técnica de análise de conteúdo temática.

Entre os principais resultados, destacam-se as diferenças crassas no concernente à história de vida de ambos os grupos de entrevistados. De um lado, a história de vida dos profissionais

médicos é marcada por uma estrutura robusta de valores familiares, na qual é perceptível que o apoio da família desde cedo foi uma variável importante para o caminho trilhado. Na outra margem, as histórias de vida dos profissionais do sexo, em sua maioria, são marcadas por pobreza atrelada à desestrutura familiar. De maneira notável, os profissionais do sexo desde sua infância foram socializados em um contexto visivelmente adverso e marginal. Assim, os próprios entrevistados criaram em seus discursos um fio condutor entre as brigas, problemas familiares graves e abusos sexuais que vivenciaram na infância e adolescência, e possíveis conexões com sua opção pelo trabalho e profissão atuais. No caso da prostituição, ela emergiu como a “única saída” para a sobrevivência dos profissionais do sexo, e não uma opção de vida, ou seja, para os entrevistados, eles não escolheram a prostituição, mas foi o trabalho que lhes restou em prol de sua sobrevivência e de seus familiares. No caso da medicina, a estrutura familiar e influências simbólicas foram decisivas e facilitadoras para uma escolha profissional cujo percurso formativo, para a maior parte dos entrevistados, não apresentou limitações notáveis.

Visando atingir o primeiro objetivo específico, foi pedido aos entrevistados que contassem suas respectivas histórias de vida e demarcassem os fatos que eles julgavam serem marcantes para sua trajetória profissional, a maioria dos profissionais médicos reconstruíam suas memórias de maneira mais sucinta e breve, salientando nas entrelinhas uma ideia do “sonho da medicina”, ou seja, de como desde jovens aspectos relativos à medicina criavam certo fascínio sobre eles. Por outro lado, os profissionais do sexo tendiam a apresentar suas memórias com riqueza de detalhes, dando especial ênfase ao fato de que nunca foi fácil ser quem são e de que a vida, em alguns momentos, tornou-se para eles um verdadeiro pesadelo. A ideia de pesadelo é reafirmada ao descreverem sua entrada para a prostituição, assim, paradoxalmente, seu trabalho assume um caráter ruim, negativo, mas um mal necessário.

O segundo objetivo específico referiu-se aos significados e sentidos do trabalho para os pesquisados, de ambas as profissões. No concernente ao significado do trabalho, mais uma vez, houve um afastamento diametral entre os grupos ocupacionais abordados. A medicina, enquanto profissão, traz consigo uma série de significados positivos que denotam uma ideia de forte prestígio associado a este trabalho. Notadamente, seu significado é permeado pelo arquétipo do herói, abarcando uma ideia de nobreza, vocação, altruísmo e distinção. No caso da prostituição, seus significados são antagônicos: a mácula da perversão, do “trabalho sujo” e

pecaminoso, moralmente questionado por uma lógica social cristã, cria um conjunto de significados negativos cujas marcas implicam uma série de efeitos deletérios sobre o sujeito.

Associados aos significados do trabalho, nota-se que os sentidos são construídos — e em alguns casos desconstruídos — em relações diretas, ou seja, significados positivos constroem sentidos valorosos e positivos. Em contrapartida, significados negativos implicam sentidos ruins, muitas vezes ressignificados, em alguns aspectos, e incidindo em vitimização em alguns casos e situações; em outros momentos em empoderamento e, ainda, em esvaziamento do sentido do trabalho, dando lugar, por conseguinte, a processos de despersonalização e de mecanização do trabalho em última instância. Para os profissionais médicos, os sentidos do trabalho identificados refletem o prestígio associado ao médico na sociedade contemporânea, da mesma forma que os sentidos do trabalho para os profissionais do sexo lançam luzes aos estigmas pejorativos associados à profissão. Assim, os primeiros demonstram fortes laços entre “eu” pessoal do “eu” profissional, cujos processos de identificação se reforçam mutuamente; já os segundos desenvolvem estratégias de resistência deliberadas para implementarem um movimento em direção oposta, ou seja, distanciam o “eu” pessoal do “eu” profissional, visando à manutenção de sua integridade física e psíquica.

Diante disso, as identidades profissionais emergem como fruto da interação entre a unidade subjetiva do indivíduo e contexto de trabalho em que ele está inserido. Os dados permitem destacar que a identidade profissional, por vezes, é o reflexo das ambiguidades, paradoxos e ambivalências das relações de trabalho que permeiam as profissões abordadas. Na perspectiva dos profissionais médicos, a identidade profissional, por vezes multifacetada, apresenta uma relação muito próxima com o *self* dos entrevistados, impregnando o cotidiano dos seus praticantes. No que tange à identidade pessoal dos entrevistados, o “ser médico” é um fator basilar, sugerindo que os entrevistados não conseguem e nem desejam descolar o “eu” profissional do pessoal. Entretanto, para os profissionais do sexo entrevistados, a situação se inverte, e notam-se vários expedientes voltados para sua configuração identitária, cuja finalidade é tentar mitigar os efeitos degradantes, físicos e psíquicos, das variadas sujidades observadas em seu trabalho. A estratégia mais comum percebida para este grupo refere-se à criação de múltiplas identidades, concretizadas em seus nomes sociais ou nomes “de guerra”, utilizados nos seus ambientes de trabalho. Com eles, personagens com estruturas e formatos totalmente desvinculados do *self* do sujeito ganham vida, promovem sua sobrevivência

financeira e tentam proteger o “eu” pessoal do profissional, assim como invisibilizar o sujeito mediante a atuação dos personagens por ele mesmo criados. Assim, percebem-se nuances de processos de adoecimentos, crises e fragmentação identitária pessoal, que tendem a ser ora refratados ora silenciados no discurso dos entrevistados.

Diversos pontos de tangência podem ser observados entre os significados e sentidos do trabalho e as identidades profissionais, considerando as homogeneidades percebidas no interior dos grupos profissionais, sendo um marcadamente prestigiado e outro estigmatizado. Assim, para este estudo, nota-se uma complexa relação que se estabelece entre o contexto, as sujidades e antissujidades do trabalho, os significados deste trabalho, a forma com que os sujeitos apreendem questões relativas a ele e criam ou esvaziam de sentido o seu trabalho e a maneira por meio da qual todas essas relações são externalizadas na identidade profissional. Essa relação pode ser transcrita como um movimento tensionado para lidar com o significado atribuído por terceiros e o sentido atribuído pelo próprio sujeito com o intuito de manter uma identidade profissional minimamente íntegra em termos do bem-estar físico e psicossocial. Isto também se verifica no caso dos médicos, cujo senso de responsabilidade pela vida de terceiros é elevado e traz, em seu bojo, responsabilidades que também afetam negativamente as diversas faces de sua saúde.

Por fim, foi possível observar alguns paradoxos e ambiguidades que permeiam o fenômeno em pauta, sob a perspectiva de profissionais médicos e do sexo. Via de regra, o grupo de profissionais médicos estão, de maneira geral, mais expostos às sujidades físicas, nem sempre verbalizadas de modo explícito nas entrevistas, ao passo que os profissionais do sexo se submetem às sujidades morais e sociais, em maior escala. Entretanto, mesmo quando analisada a perspectiva física da ocupação (sujidades e antissujidades), o primeiro grupo tende a experienciar distinção, prestígio e *status* em função de sua vestimenta (na cor branca) que o afasta da ideia de “trabalho sujo”. Do outro lado, o estereótipo da “puta” aproxima os profissionais do sexo, em especial das mulheres, às maculas de sua ocupação. Nesse sentido, esses profissionais deixam de ser indivíduos que trabalham em um contexto de “trabalho sujo” e tornam-se “trabalhadores sujos”, isto é, sujeitos impregnados e perversificados pelas sujidades de sua profissão; o contrário parece acontecer com a maioria dos médicos entrevistados: eles relatam como os significados e sentidos atribuídos ao “jaleco branco” se relacionam com suas identidades pessoais e profissionais, conferindo o tom de limpeza e

pureza ao seu trabalho, mesmo em especialidades desmerecidas por colegas de profissão. No entanto, movimentos de empoderamento de alguns profissionais do sexo foram externalizados, usualmente vinculados ao trato não submisso com clientes e à independência financeira e à liberdade que seu trabalho lhe proporciona, reduzindo o impacto de certos significados em seus sentidos e identidades. Ao fim e ao cabo, as relações que se estabelecem no contexto do “trabalho sujo” são julgadas considerando dois pesos e duas medidas, variando de acordo com o prestígio ou estigma da profissão focalizada.

### **5.1 Contribuições do estudo**

Como contribuições teórico-conceituais deste estudo, destaca-se a realização de uma análise integrada que envolve os construtos significados do trabalho, sentidos do trabalho e identidades, com ênfase no nível profissional. Destaca-se ainda que tais construtos foram analisados à luz das peculiaridades de duas categorias de trabalho marcadas por sujidades e níveis de prestígio e estigmatização diferenciados.

Já as contribuições pessoal-sociais provenientes deste estudo circundam as possibilidades de aprofundamento da compreensão de processos subjetivos que sustentam seus comportamentos e têm sensíveis impactos nas vidas pessoais dos sujeitos, bem como a manutenção da integridade psíquica dos entrevistados, o que inclui relações entre os construtos centrais da tese, no nível individual, e na relação com terceiros, no nível social, tendo em vista as elaborações provocadas no próprio ato da entrevista, mencionadas por vários dos entrevistados. Além disso, esta tese lança luzes em categorias de trabalho que ainda se circunscrevem em verdadeiros tabus sociais, discutindo os efeitos deletérios de preconceitos, prejulgamentos e estereotipagens nas vidas dos sujeitos de pesquisa. Assim, pessoalmente, este estudo contribuiu para a criação de uma nova visão das relações de trabalho, considerando seu prestígio, estigma e sujidades.

Como contribuição pragmático-profissional do estudo, sublinham-se as possibilidades de melhorias na atuação profissional dos entrevistados, tendo em vista a elaboração acerca da profissão e de si mesmo, na própria entrevista, e nas análises realizadas nesta tese.

## 5.2 Limitações do estudo

Entre as principais limitações deste estudo, sublinha-se o fato de que parte da coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas on-line, utilizando *softwares* que permitiam a realização de videoconferências. Essa estratégia foi adotada em função do isolamento social oriundo da Pandemia Covid-19, que se iniciou logo após o início da coleta de dados. Certamente essa mudança resultou em impactos significativos em termos dos agendamentos e das condições de realização das entrevistas, bem como nos dados coletados, tendo em vista uma menor interação pessoal entre entrevistador e entrevistado, assim como nos dados advindos da observação não participante (anotados no diário de campo).

## 5.3 Sugestões de futuros estudos

Inicialmente, para estudos futuros, sugere-se ampliar o estudo para outras categorias profissionais que guardam similaridades quanto à sujidade física e social, como empregadas domésticas, trabalhadores de limpeza urbana, trabalhadores de saneamento básico, entre outros, e ao prestígio, por exemplo outras "profissões imperiais" (engenheiros, advogados), como enuncia Coelho (2009), e outras com reconhecimento social, como as do campo da saúde e da educação, por exemplo.

Apesar das três “manchas” que podem classificar um trabalho como “sujo” (ASHFORTH; KREINER, 1999), para o caso deste estudo, as sujidades moral e social mostraram-se mais preponderantes nos processos de reconhecimento e valorização, por um lado, e de estigmatização e aviltamento do trabalhador, por outro. Considerando tal perspectiva, sugere-se a condução de estudos futuros que aprofundem nas três formas de sujidades a fim de discutir o porquê de umas possuírem efeitos mais perniciosos que outras. Nesse mesmo sentido, destaca-se que os aspectos físicos, assim como em todo o estudo, apresentaram menor representatividade para se compreender as sujidades e antissujidades relativas ao trabalho de profissionais do sexo e dos médicos, se comparados com a literatura levantada. Sugerem-se, então, futuros estudos com trabalhadores marcadamente “sujos” fisicamente.

Além disso, principalmente quando considerados os profissionais do sexo, notou-se em diversos momentos das entrevistas indícios de questões características e sintomas da síndrome

de Burnout, como a despersonalização, a baixa realização pessoal e elevado nível de exaustão emocional (MASLACH; JACKSON, 1981). Deste modo, sugerem-se pesquisas futuras que abordem a relação que se estabelece entre os construtos discutidos nesta tese e a Síndrome de Burnout.

Esta tese ainda permitiu perceber que as sujeidades de uma ocupação, por vezes, são mais intensamente vivenciadas por mulheres do que por homens, isto é, seus efeitos deletérios e processo de marginalização e aviltamento são mais latentes entre elas, comparativamente aos pares do sexo masculino. Diante disso, recomendam-se investidas em estudos que adotem em sua concepção outras perspectivas de gênero e de orientação sexual, abarcando, por exemplo, profissionais do sexo transexuais.

Sugerem-se ainda estudos comparativos que adotem os construtos aqui discutidos com outras formas de trabalho marcados por sujeidades e prestígio social, contudo cujas relações de trabalho são fontes de intensas relações de poder, como é o caso dos profissionais da medicina e da enfermagem, assim como outros que compõem as equipes multidisciplinares de saúde, nas mais diversas formas e estruturas organizacionais.

Por fim, tendo como base todo o caminho percorrido até aqui, pode-se afirmar que a tese que este estudo se propôs defender foi considerada teórica e empiricamente válida, podendo-se afirmar que os processos envolvidos na atribuição de significados e sentidos ao trabalho e na construção identitária, inclusive profissional, interpenetram-se, tanto na percepção de indivíduos praticantes de trabalhos percebidos como “sujos” quanto na daqueles de “prestígio”, porém guardam disparidades em termos dos significados e dos sentidos em si e das consequências no nível de bem-estar dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, J. Cleaning up the dirty work: Professionalization and the management of stigma in the cosmetic surgery and tattoo industries. **Deviant Behavior**, v. 33, n. 3, p. 149–167, 2012.

ALMEIDA, G. D. S.; LOPES, S. A. T. Sobre as deusas, putas e odiadas: a presença da prostituta em Cais da Sagração de Josué Montello. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**, v. 5, n. 15, p. 77–95, 2020.

ALVESSON, M.; WILLMOTT, H. Identity regulation as organizational control: producing the appropriate individual. **Journal of Management Studies**, 39, p. 619–644, 2002.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho (3ª ed., Coleção Mundo do Trabalho). São Paulo: Boitempo, 1999.

ARDICHVILI, A.; KUCHINKE, K.P. International perspectives on the meanings of work and working: current research and theory. **Advances in Developing Human Resources**, v. 11, n. 2, p. 155–167, 2009.

ARENDT, H. **The human condition**. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

ASHFORTH, B. E.; KREINER, G. E. ‘How can you do it?’: Dirty work and the challenge of constructing a positive identity. **The Academy of Management Review**, v. 24, n. 3, p. 413–434, 1999.

ASHFORTH, B.E. *et al.* Congruence work in stigmatized occupations: A managerial lens on employee fit with dirty work. **Journal of Organizational Behavior**, v. 38, n. 8, p. 1260–1279, 2007.

AUBERT, N. **La société hypermoderne**: Ruptures et contradictions. Paris: L’Harmattan, 2010.

AUBERT, N.; ROUX-DUFORT, C. **Le culte de l’urgence**. Paris: Flammarion, 2004.

AUZOULT, L. Can meaning at work guard against the consequences of objectification?. **Psychological reports**, v. 123, n. 3, p. 872–884, 2020.

AVELAR, V. L. L. M.; PAIVA, K. C. M. Configuração identitária de enfermeiros de um serviço de atendimento móvel de urgência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 6, p. 1010–1018, 2010.

BARAN, B. E.; ROGELBERG, S. G.; CLAUSEN, T. Routinized killing of animals: Going beyond dirty work and prestige to understand the well-being of slaughterhouse workers. **Organization**, v. 23, n. 3, p. 351–369, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, L. A. Mariposas que trabalham: uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte. **Jus Navigandi**, v. 8, n. 1, 2005.

BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, p. 151–161, 2015.

BARROS, N. M. G. C.; HONÓRIO, L. C. Riscos de adoecimento no trabalho de médicos e enfermeiros em um hospital regional mato-grossense. **REGE-Revista de Gestão**, v. 22, n. 1, p. 21–39, 2015.

BARROS, V. A.; SILVA, L. R. Trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. **Psicologia em Revista**, v. 10, n. 16, p. 318–333, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMEISTER, R. F. **Meanings of life**. New York: The Guilford Press, 1991.

BATISTA, A. S.; CODO, W. Trabalho sujo e estigma. Cuidadores da morte nos cemitérios. **Revista de Estudios Sociales**, v. 63, p. 72–83, 2018.

BENDASSOLLI, P. F. Mal-estar no trabalho: do sofrimento ao poder de agir. **Revista Subjetividades**. v. 11, n. 1, p. 65–99, 2011.

BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 14, n. 1, p. 59–72, 2011.

BENDASSOLLI, P. F.; FALCÃO, J. T. R. Psicologia social do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. **Universitas Psychologica**, v. 12, n. 4, p. 1155–1168, 2013.

BENDASSOLLI, P. F.; GONDIM, S. M. G. Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 32, n. 1, p. 131–147, 2014.

BENOIT, C. *et al.* Prostitution stigma and its effect on the working conditions, personal lives, and health of sex workers. **The Journal of Sex Research**, v. 55, n. 4–5, p. 457–471, 2018.

BERGER, P. L., LUCKMANN, T. **A construção social da realidade** (21. ed.). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BICKMEIER, R.; LOPINA, E.; ROGELBERG, S. ‘Wellbeing and Performance in the Context of Dirty Work’, in M. Van Veldhoven and R. Peccei (eds) **Wellbeing and Performance at Work: The Role of Context**, p. 37–52. New York: Psychology Press, 2015.

BILLIARD, I. **Santé mentale et travail**. l’émergence de la psychopathologie du travail. Paris: La Dispute, 2001.

BITENCOURT, B. M. *et al.* Para além do tempo de emprego: o sentido do trabalho no processo de aposentadoria. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 30–57, 2011.

BLITHE, S. J.; WOLFE, A. W. Work–life management in legal prostitution: Stigma and lockdown in Nevada’s brothels. **Human Relations**, v. 70, n. 6, p. 725–750, 2017.

BLUMER, H. **Symbolic interaction**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1969.

BORGES, L.O.; ALVES-FILHO, A.; TAMAYO, A. Motivação e significado do trabalho. In: SIQUEIRA, M. M. M. (Org.). **Medidas do comportamento organizacional: ferramentas de diagnóstico e de gestão**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 215–248p.

BORGES, L.O.; MOURÃO L. **O trabalho e as organizações: atuação a partir da psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BOSMANS, K. *et al.* Dirty work, dirty worker? Stigmatisation and coping strategies among domestic workers. **Journal of Vocational Behavior**, v. 92, p. 54–67, 2016.

BRASIL. Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) - **Relatório de família, ano 2002**. Brasília: Ministério do Trabalho, 2002.

BROWN, A. D. Identities and Identity Work in Organizations. **International Journal of Management Reviews**, v. 17, n. 1, p. 20–40, 2015.

BRUBAKER, R.; COOPER, F. Para além da “identidade”. **Antropolítica Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 45, p. 266–324, 2018.

BURITY, J. A. Identidade e cidadania: a cultura cívica no contexto de uma nova relação entre sociedade civil, indivíduos e Estado. **Cadernos de Estudos Sociais. Recife**, n. 2, p. 223–253, 1999.

CARDOSO, L. A. A centralidade da categoria trabalho: uma análise crítica do debate sociológico contemporâneo. **Confluências - Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 10, n. 1, p. 11–41, 2013.

CARTON, A. M. “I’m not mopping the floors, I’m putting a man on the moon”: How NASA leaders enhanced the meaningfulness of work by changing the meaning of work. **Administrative Science Quarterly**, v. 63, n. 2, p. 323–369, 2018.

CARVALHO, E. R. Norbert Elias and the philosophical controversy surrounding the nature of time. **Time & Society**, v. 27, n. 2, p. 155–175, 2018.

CARVALHO, C. C. F.; PASSOS, L. A. Mulheres e travestis em situação de prostituição: experiências fronteiriças abissais que se erguem nas ruas. **Revista Ñanduty**, v. 7, n. 11, p. 190–207, 2019.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social** (I. D. Poletti, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1995), 1999.

CLOT, Y. **La fonction psychologique du travail**. Paris: PUF, 1999.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLOT, Y. **Travail et pouvoir d’agir**. Paris: PUF, 2008.

CLOT, Y. **Le travail à coeur**. Paris: La Découverte, 2010.

COELHO, E. C. **As Profissões Imperiais: Medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822–1930**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COSTA, S. D. M.; MARQUES, E. M. I.; FERREIRA, A. C. C. Entre sentidos do trabalho, prazer e sofrimento: um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhadores-estudantes. **Revista Gestão Organizacional**, v. 13, n. 1, p. 64–85, 2020.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégias de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 12, n. 2, p.189–202, 2009.

CROTTY, M. **The foundations of social research: meaning and perspective in the research process**. London: Sage, 1998.

DAVIS, F. Identity ambivalence in clothing: the dialectic of the erotic and the chaste. In: MAINES, D. (ed). **Social organization and social processes: Essays in honor of Anselm Strauss**. New York: Aldine de Gruyter, p. 105–116, 1991.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1998.

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

DEVOTTA, K. *et al.* Enriching qualitative research by engaging peer interviewers: a case study. **Qualitative Research**, v. 16, n. 6, p. 661–680, 2016.

DIUANA, V. *et al.* Saúde em prisões: representações e práticas dos agentes de segurança penitenciária no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 8, p. 1887–1896, 2008.

DRIVER, M. Encountering the Arugula leaf: the failure of the imaginary and its implications for research on identity in organizations. **Organization**, v. 16, p. 487–504, 2009.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 351–367, 2012.

EHRENBERG, A. **Le culte de la performance**. Paris: Calmann-Lévy, 1995.

EHRENBERG, A. **La société du malaise**. Paris: Odile Jacob, 2010.

ELLIOT, A. **Concepts of the self**. United Kingdom: Policy, 2001.

ELY, R. J.; MEYERSON, D. E. An organizational approach to undoing gender: The unlikely case of offshore oil platforms. **Research in Organizational Behavior**, v. 30, p. 3–34, 2010.

ENNES, M. A. Interacionismo simbólico: contribuições para se pensar os processos identitários. **Perspectivas**, v. 43, p. 63–81, 2013.

FARIA, J. H.; MENEGHETTI, F. K. O sequestro da subjetividade. **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**, v. 1, p. 45–67, 2007.

FERRAZ, D. L. S.; FERNANDES, P. C. M. Desvendando os sentidos do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 22, n. 2, p. 165–184, 2019.

FIFE, B. L.; WRIGHT, E. R. The dimensionality of stigma: a comparison of its impact on the self of persons with HIV / AIDS and Cancer. **Journal of Health and Social Behavior**. v. 41, n. 1, p. 50–67, 2000.

FREITAS, R. S. **Bordel, bórdeis**: negociando identidades. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

GAULEJAC, V. **La société malade de la gestion**. Paris: Seuil, 2005.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**. Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

GABRIEL, Y. **Storytelling in organizations**: facts, fictions, fantasies. Oxford: Oxford University Press, 2000.

GABRIEL, Y. Organizations in a state of darkness: Towards a theory of organizational miasma. **Organization Studies**, v. 33, p. 1137–1152, 2012.

GEERTZ, C. **The interpretation of cultures: Selected essays**. Basic books, 1973.

GIBBS, D. A. *et al.* Dynamics of stigma for alcohol and mental health treatment among army soldiers. **Military Psychology**, v. 23, n. 1, p. 36–51, 2011.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GILL, F. The meaning of work: Lessons from sociology, psychology, and political theory. **Journal of Socio-Economics**, n. 28, p. 725–743, 1999.

GOFFMAN, E. **Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity**. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1963.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life**. Harmondsworth: Penguin Books, 1990.

GÜELL, P.; YOPO, M. The subjective texture of time: An exploratory and empirical approach to time perspectives in Chile. **Time & Society**, v. 25, n. 2, p. 295–319, 2016.

HACKMAN, J. R.; OLDFHAM, G. R. **Work redesign**. Reading, MA: Addison-Wesley, 1980.

HALL, S. Who needs ‘identity’? In: HALL, S; du GAY, P. **Questions of cultural identity**. London: Sage, 1996, p.1–17.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDING, N. On Lacan and the Becoming-ness' of Organizations/Selves. **Organization Studies**, v. 28, p. 1761–1773, 2007.

HASLAM, A. **Psychology of organizations**. London: Sage, 2004

HILL, P. L.; TURIANO, N. A. Purpose in life as a predictor of mortality across adulthood. **Psychological Science**, v. 25, p. 1482–1486, 2014.

HOGG, M.; TERRY, J. Social identity and self-categorization processes in organizational contexts. **Academy of Management Review**, v. 25, p. 121–140, 2000.

HUGHES, E. C. **Men and their work**. The Free Press of Glencoe. United States of America, 1958.

HUGHES, E. C. Good people and dirty work. **Social Problems**, v. 10, n. 1, p. 3–11, 1962.

IBARRA, H. Provisional selves: experimenting with image and identity in professional adaptation. **Administrative Science Quarterly**, v. 44, p. 764–791, 1999.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: GODOI, C.K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A.B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

IRIGARAY, H. A. R. *et al.* Vínculos profissionais e sentido do trabalho: uma pesquisa com professores do ensino superior. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 20, n. 1, p. 1–27, 2019.

HIRATA, H. Emprego, responsabilidades familiares e obstáculos sócio-culturais à igualdade de gênero na economia1. **Índice**, v. 45, 2010.

JENA, L. K.; BHATTACHARYYA, P.; PRADHAN, S. Am I empowered through meaningful work? The moderating role of perceived flexibility in connecting meaningful

work and psychological empowerment. **IIMB Management Review**, v. 31, n. 3, p. 298–308, 2019.

JOAQUIM, N. F.; CARRIERI, A. P. Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 85, p. 303–319, 2018.

JORDAN, J. V. A relational perspective for understanding women's development. In JORDAN, J.V. (Ed.), **Women's growth in diversity: More writings from the Stone Center**. New York: Guilford, p. 9–24, 1997.

JULIANO, D. El trabajo sexual en la mira: polémicas y estereotipos. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 79–106, 2005.

KANG, S. K. *et al.* Whitened Résumés: Race and Self-Presentation in the Labor Market. **Administrative Science Quarterly**, v. 61, n. 3, p. 469–502, 2016.

KENT, D. Giving meaning to everyday work after terrorism. **Organization Studies**, v. 40, n. 7, p. 975–994, 2019.

KIM, J. *et al.* How CSR impact meaning of work and dysfunctional customer behavior. **Journal of Service Theory and Practice**, 2018.

KNOOP, R. Relieving stress through value-rich work. **The Journal of Social Psychology**, v. 134, p. 829–836, 1994.

KUNST, J. R. *et al.* Coping with islamophobia: the effects of religious stigma on muslim minorities' identity formation. **International Journal of Intercultural Relations**. v. 36, n. 4, p. 518– 532, 2012.

KURZ, R.; LOHOFF, E.; TRENKLE, N. **Manifeste contre le travail**. Éd. Léo Scheer, Paris, 2002.

LAINEZ, N. Treading water: Street sex workers negotiating frantic presents and speculative futures in the Mekong Delta, Vietnam. **Time & Society**, v. 28, n. 2, p. 804–827, 2019.

LEWIS, M. W.; GRIMES, A. J. Metatriangulação: a construção de teorias a partir de múltiplos paradigmas. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p. 72–91, 2005.

LHUILIER, D. **Cliniques du travail**. Paris: Érès, 2006.

LHUILIER, D. Travail, management et santé psychique. **Connexions**, v. 91, p. 85–101, 2009.

LHUILIER, D. Travail du négatif-travail sur le négatif. **Éducation permanente**, n. 179, p. 39–58, 2009.

LHUILIER, D. A invisibilidade do trabalho real e a opacidade das relações saúde-trabalho. **Trabalho & Educação**, v. 21, n. 1, p.13–38, 2012.

LIMA, M. E. A. A polêmica em torno da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. **Destarte**, v. 2, n. 2, p. 161–194, 2003.

LIMA, M. E. A. Trabalho e identidade: uma reflexão à luz do debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. **Educação & Tecnologia**, v. 12, n. 3, 2007.

LIMA, M. P. *et al.* O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 2, p. 42–68, 2013.

LIMA, A. E. **Homossexualidade, prostituição e estupro**: um estudo à luz da dignidade humana. Saraiva Educação AS, 2016.

LIMA, M. A. D. S.; ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, C. C. A utilização da observação participante e da entrevista semiestruturada na pesquisa de enfermagem. **Revista gaúcha de enfermagem**, v. 20, n. especial (1999), p. 130–142, 1999.

LÖFSTRAND, C. H.; LOFTUS, B.; LOADER, I. Doing ‘dirty work’: Stigma and esteem in the private security industry. **European journal of criminology**, v. 13, n. 3, p. 297–314, 2016.

LOPES, N. “Prostituição sagrada” e a prostituta como objeto preferencial de conversão dos crentes. **Religião & Sociedade**, v. 37, n. 1, p. 34–46, 2017.

LOSINA, E. *et al.* Physical activity and unplanned illness-related work absenteeism: Data from an employee wellness program. **PLoS One**, v. 12, n. 5, 2017.

LOW, Z. X. *et al.* Prevalence of burnout in medical and surgical residents: a meta-analysis. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 9, 2019.

MACHADO, H. V. A Identidade e o Contexto Organizacional: Perspectivas de Análise. **Revista de Administração Contemporânea – RAC**, p. 51–73, 2003.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação & Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289–300. 2004.

MARRA, A. V.; FONSECA, J. A.; MARQUES, A. L. O processo de identificação organizacional ante a reforma administrativa: um estudo exploratório. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 1, 2014.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of organizational behavior**, v. 2, n. 2, p. 99–113, 1981.

MATOS, T. M. *et al.* O sentido do trabalho dos garis coletores de resíduos domiciliares. **Revista Gestão Organizacional**, v. 10, n. 2, p. 125–143, 2018.

MATTOS, P. L. C. L. “Os resultados desta pesquisa (qualitativa) não podem ser generalizados”: pondo os pingos nos is de tal ressalva. **Cadernos Ebape.BR**, v. 9, p. 450–468, 2011.

MAZZIEIRO, J. B. Sexualidade criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos-São Paulo 1870/1920. **Revista Brasileira de História**, v. 18, n. 35, p. 247–285, 1998.

MEANING OF WORK INTERNATIONAL RESEARCH TEAM – MOW. **The meaning of working**. London: Academic Press, 1987.

MÉDA, D. **La fin de la valeur travail?** In Revista Esprit, Agosto/Setembro, Paris, 1995a.

MÉDA, D. **Le travail – une valeur en voie de disparition**. Éd. Alto/Aubier, Paris, 1995b.

MEIHY, J. C. S. B. História oral testemunhal, memória oral e memória escrita e outros assuntos: Entrevista. **Revista História Agora**, n. 9, 2010.

MEIRY, J. C. S. B. História oral: a interlocução necessária com Daphne Patai. **Oralidades**, v. 5, n. 10, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **Prostituição à brasileira**: cinco histórias. Editora Contexto, 2015.

MELLO, S. C. B.; MARÇAL, M. C. C.; FONSÊCA, F. R. B. Os sentidos do trabalho precarizado na metrópolis: fato e ficção! **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 49, p. 307–323, 2009

MERLO, A. R. C. Discursos e sintomas sociais: uma reflexão sobre as relações trabalho e saúde. **Educação, Subjetividade & Poder**, Porto Alegre, v. 5, n. 5, p. 84–91, 1998.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education. Revised and expanded from "Case study research in education"**. Jossey-Bass Publishers, 350 Sansome St, San Francisco, CA94104, 1998.

MESQUITA, E. T.; CORREIA, E. T. D. O.; BARBETTA, L. M. D. S. Perfil dos Cardiologistas Brasileiros: Um Olhar sobre Liderança Feminina na Cardiologia e sobre o

Estresse-Desafios para a Próxima Década. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 113, n. 1, p. 69–70, 2019.

MILLS, C. W. **A nova classe média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MISCENKO, D.; DAY, D. V. Identity and identification at work. **Organizational Psychology Review**, v. 6, n. 3, p. 215–247, 2016.

MONTEIRO, D.F.B. “Se não fosse o coveiro, como é que o povo ia cair lá pra dentro?": o frio ofício de ser sepultador em Belo Horizonte/MG. In: IX Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, **Anais...** Belo Horizonte, MG, Brasil, 9, 2016.

MORIN, E. M. Os Sentidos do Trabalho. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, 2001.

MORIN, E. M. The meaning of work in modern times. Conference: **10th World Congress on Human Resources Management**, Rio de Janeiro, Brasil, 2004.

MORSE, N. C.; WEISS, R. S. The function and meaning of work and the job. **American Sociological Review**, v. 20, n. 2, p. 191–198, 1955.

MTE – Ministério de Estado do Trabalho e Emprego. **Portaria nº 397**, de 09 de outubro de 2002. Aprova a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO/2002, para uso em todo território nacional e autoriza a sua publicação. Disponível em <<http://portalfat.mte.gov.br/programas-e-acoes-2/classificacao-brasileira-de-ocupacoes/legislacao/>>. Último acesso em 04/02/2021.

MUMBY, D. K. The problem of hegemony: Rereading Gramsci for organizational communication studies. **Western Journal of Communication**, v. 61, p. 343–486, 1997.

NASCIMENTO, R. L. *et al.* O sentido do trabalho para o agente funerário. **Revista de Ciências da Administração**, v. 21, n. 53, p. 112–128, 2019.

NEVES, D. R. *et al.* Sentido e significado do trabalho: Uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 16, n. 2, p. 318–330, 2018.

NOGUEIRA-MARTINS, L. A.; NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. O exercício atual da medicina e a relação médico-paciente. **Rev bras clín ter**, v. 24, n. 2, p. 59–64, 1998.

OFFE, C. Trabalho: categoria-chave da Sociologia? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 10, 1989.

OLIVEIRA, S.; REZENDE, M. S.; BRITO, J. Saberes e estratégias dos operadores de telemarketing frente às adversidades do trabalho. **Política Editorial**, v. 31, n. 114, p. 125–134, 2006.

OLIVEIRA, T. Z.; GUIMARÃES, L. V.; FERREIRA, D. P. Mulher, Prostituta e Prostituição: Da História ao jardim do Éden. **Teoria e Prática em Administração (TPA)**, v. 7, n. 1, p. 139–169, 2017.

ORÇO, C. L.; CONRADO, L. S.; IOP, E. Perspectiva sobre o sentido do trabalho para catadores de material reciclável em duas associações na cidade de Xanxerê. **Unoesc & Ciência - ACHS**, v. 7, n. 2, p. 209–218, 2016.

ORGANISTA, J. H. C. **O debate sobre a centralidade do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

ORLIKOWSKI, W.; BAROUDI, J. Studying information technology in organizations: research approaches and assumptions. **Information Systems Research**, v. 2, n. 1, p.1–28, 1991.

OSELIN, S. S. Challenging stigma: Identity talk among male sex workers in a recovery program. **Sociological Perspectives**, v. 61, n. 2, p. 240–256, 2018.

OVEJERO, A. B. Efeitos da globalização no trabalho. In: OVEJERO, A. B. **Psicologia do trabalho em um mundo globalizado**: como enfrentar o assédio psicológico e o stress no trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 37–52.

PAIVA, K. C. *et al.* Mulheres de vida fácil? Tempo, prazer e sofrimento no trabalho de prostitutas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, n. 3, p. 208–221, 2020.

PAIVA JÚNIOR, F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190–209, 2011.

PASSMORE, S. *et al.* The relationship between hope, meaning in work, secondary traumatic stress, and burnout among child abuse pediatric clinicians. **The Permanente Journal**, v. 24, 2020.

PERAZZO, P. F.; BASSI, C.S. Possibilidades do método de história oral nos estudos em Administração. In: Encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade, 1, 2007, Recife. **Anais...** Recife: EnEPQ, 2007.

PEREIRA, J. R. *et al.* “O show tem que continuar”: enalços e percalços do ser/estar prostituta. **Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 16, n. 3, p. 151–180, 2018.

PEREIRA, J. R. *et al.* Entre o sagrado e o profano: identidades, paradoxos e ambivalências de prostitutas evangélicas do baixo meretrício de Belo Horizonte. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, n. 2, p. 391–405, 2020.

PERRY, S. E. **Collecting Garbage**: dirty work, clean Jobs, proud people. London: Routledge, 2017.

PETRIGLIERI, G.; STEIN, M. The unwanted self: Projective identification in leaders' identity work. **Organization Studies**, v. 33, p. 1217–1235, 2012.

PIMENTEL, T. D.; CARRIERI, A. P. A espacialidade na construção da identidade. **Cadernos Ebape.BR**, v. 9, n. 1, p. 1–21, 2011.

PRATT, M. G. Rethinking identity construction processes in organizations: Three questions to consider. In SCHULTZ, M.; MAGUIRE, S.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. (eds), **Constructing identity in and around organizations**. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 21–49.

PRZYBYSZ, J.; SILVA, J. M. Espacialidades e interseccionalidades na vivência de mulheres prostitutas mães na cidade de Ponta Grossa-PR. **GEOUSP Espaço E Tempo (Online)**, v. 21, n. 2, p. 570–585, 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, C. O mal-estar fora dos muros: a “humanidade em trânsito” sob a lógica capitalista da “acumulação por despossessão”. **Instituto Fox de Pesquisa em Psicanálise**, 2015.

RENAULT, E. **Souffrances sociales: Philosophie, psychologie et politique**. Paris: La Découverte, 2008.

RODRIGUES, A. L.; BARRICHELLO, A.; MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: um estudo multimétodos. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 2, p. 192–208, 2016.

ROSSO, B. D.; DEKAS, K. H.; WRZESNIEWSKI, A. On the meaning of work: A theoretical integration and review. **Research in organizational behavior**, v. 30, p. 91–127, 2010.

RÓŻAŃSKI, A.; ARDICHVILI, A.; BYUN, S. W. Ten years later: changes in the meaning of work among Polish managers. **European Journal of Training and Development**, 2020.

RUIZ-QUINTANILLA, S. A. Introduction: the meaning of work. **European Work and Organizational Psychologist**, v. 1, n. 3, p. 81–89, 1991.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da UFSM**, v. 2, n. 2, p. 250–269, 2009.

SANTOS, P. R. Ambiguidades no corpo e na alma: problematizando os limites dos gêneros. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, p. 54–75, 2009.

SENNETT, R. **The corrosion of character**. New York: Norton, 1998.

SILVA, K. A. T.; CAPPELLE, M. C. A. O trabalho na prostituição de luxo: Análise dos sentidos produzidos por prostitutas em Belo Horizonte - MG. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, p. 23–39, 2017.

SILVA, C. B. D. S.; FLORES, C. R.; RISS, L. A. Saúde mental de médicos clínicos gerais em unidades básicas de saúde. **Revista Psicologia em Foco**, v. 9, n. 13, p. 2–21, 2017.

SILVA, A. L.; FREITAS, M. E. Para além dos critérios econômicos do trabalho de baixa renda no brasil. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 76, p. 37–56, 2016.

SILVA, E. B. *et al.* Meteoro da ilusão: sentidos do trabalho para jovens gerentes de bancos públicos. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 17, p. 765–782, 2019.

SILVEIRA, R. A.; MEDEIROS, C. R. O. O herói-envergonhado: tensões e contradições no cotidiano do trabalho policial. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 10, n. 2, 2016.

SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P. Identidades, práticas discursivas e os estudos organizacionais: uma proposta teórico-metodológica. **Cadernos Ebape.BR**, v. 10, n. 1, p. 40–64, 2012.

SLUTSKAYA, N. *et al.* Masculinity and class in the context of dirty work. **Gender, Work & Organization**, v. 23, n. 2, p. 165–182, 2016.

SRINIVAS, N. Could a subaltern manage? Identity work and habitus in a colonial workplace. **Organization Studies**, v. 34, n. 11, p. 1655–1674, 2013.

STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa**. São Paulo: Autêntica, 2013.

STRAUSS, A. L. **Espelhos e máscaras: a busca de identidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

SVENINGSSON, S.; ALVESSON, M. Managing managerial identities: organizational fragmentation, discourse and identity struggle. **Human Relations**, v. 56, p. 1163–1193, 2003.

TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Os lugares das empregadas domésticas. **Organizações & Sociedade**, v. 22, n. 72, p. 161–178, 2015.

TOLFO, S. R. *et al.* Revisitando abordagens sobre sentidos e significados do trabalho [CD-ROM]. **Anais do Fórum CRITEOS**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 28–46, 2007.

TOMASI, M. *et al.* O sentido do trabalho para bombeiros pós-evento crítico. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 22, n. 2, p. 143–163, 2019.

TOSI, L. Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos Pagu**, n. 10, p. 369–397, 1998.

TREIMAN, D. **Occupational Prestige in Comparative Perspective**. New York: Academic Press Inc, 1977.

TRETHEWEY, A. Disciplined bodies. Women's embodied identities at work. **Organization Studies**, v. 20, p. 423–450, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2012.

VALTORTA, R. R. *et al.* Dirty jobs and dehumanization of workers. **British Journal of Social Psychology**, p. 1–16, 2019.

VECCHI, B. Introdução. In: BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 7–15.

VERIGUINE, N. R.; BASSO, C.; SOARES, D. H. P. Juventude e Perspectivas de Futuro: A Orientação Profissional no Programa Primeiro Emprego. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 4, p. 1032–1044, 2014.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 201–220, 2014.

WARD, S. J.; KING, L.A. Work and the good life: How work contributes to meaning in life. **Research in Organizational Behavior**, v. 37, p. 59–82, 2017.

WEICK, K. E. **Sensemaking in organizations**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

WILLMOTT, H. Breaking the paradigm mentality. **Organization Studies**, v. 14, n. 5, p. 681–719, 1993.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma construção teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WRZESNIEWSKI, A.; DUTTON, J. E. Crafting a job: Revisioning employees as active crafters of their work. **Academy of Management Review**, v. 26, p. 179–201, 2001.

## APÊNDICES

### Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “IDENTIDADES, SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO: Conexões e ambiguidades entre “trabalho sujo” e “trabalho de prestígio””, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como parte integrante de um projeto de pesquisa com mesmo título. Pedimos a sua autorização para a coleta de dados por meio de entrevistas. Nesta pesquisa, pretendemos analisar as possíveis relações entre significado, sentido e identidade do trabalho, considerando ambiguidades e paradoxos que permeiam certas ocupações ditas “sujas” e de “prestígio” na sociedade brasileira. Para tanto, adotaremos os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa qualitativa, descritiva e explicativa; entrevistas; história oral.

A participação dos sujeitos se dará em um único encontro e consiste em responder a uma entrevista, preferencialmente no próprio local de trabalho, com data e horário previamente acordados. A pesquisa envolve riscos físicos ou mentais minimamente possíveis de ocorrerem aos participantes, mas ainda assim, se percebido algum tipo de constrangimento ou mal-estar a qualquer indivíduo durante a entrevista, o contato com esse participante será suspenso, garantindo-lhe o direito de recusa. Quanto aos seus benefícios, o pesquisador compromete-se a dispor os dados por meio da tese que será entregue à UFMG e enviada a todos os entrevistados, bem como em reuniões e palestras junto aos participantes da pesquisa e outros grupos interessados, previamente agendadas.

Sua participação não é obrigatória, sendo certo, ainda, que a qualquer momento o participante poderá desistir do voluntariado, retirando seu consentimento, o que não trará nenhuma consequência em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Para participar deste estudo, o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no NECOP - Núcleo de Estudos sobre Comportamento, Pessoas e Organizações, UFMG, e a outra será fornecida ao(à) Sr.(a). Os instrumentos utilizados na pesquisa e os dados provenientes dos mesmos ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos na sala do NECOP - Núcleo de Estudos sobre Comportamento, Pessoas e Organizações, da FACE – Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado(a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “IDENTIDADES, SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO TRABALHO: Conexões e ambiguidades entre “trabalho sujo” e “trabalho de prestígio””, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Autorizo o registro escrito e em áudio das informações fornecidas por mim, através de entrevista, para serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar.

*Rubrica do pesquisador:* \_\_\_\_\_

*Rubrica do participante:* \_\_\_\_\_

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

---

Nome completo do participante

Data

---

Assinatura do participante

**Nome completo do Pesquisador Responsável: Kely Cesar Martins de Paiva**

Endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 - Sala 4054 - Pampulha - Belo Horizonte - MG

CEP: 31270-901 / Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 34097045

E-mail: kelypaiva@face.ufmg.br

---

Assinatura do pesquisador responsável

Data

**Nome completo do Pesquisador: Jefferson Rodrigues Pereira**

Endereço: Rua Amazonas, nº 48, Ouro Negro.

CEP: 32.419-024 / Ibirité – MG

Telefones: (31) 98368-5339

E-mail: jeffersonrodrigues@live.com

---

Assinatura do pesquisador

Data

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

**COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.

## Apêndice B - Roteiro de entrevistas

Nome ou “nome de guerra” (por que escolheu este nome no seu trabalho? Representa algo? /

Médicos: Qual o nome usa no crachá? Por que escolheu este nome para o trabalho?)

Profissão:

Estado Civil:

Filhos:

Idade:

Naturalidade:

Local de trabalho (Por que escolheu este?):

Tempo de trabalho semanal:

Renda mensal aproximada:

1. Conte-me um pouco da sua história de vida? (Identificar como a história de vida influenciou na opção pelo trabalho escolhido)
2. Quem é você? Quem é você no trabalho?
3. No seu trabalho você considera ter uma única identidade? Quais? Por quê?
4. Para você qual a importância do trabalho na sociedade atual?
5. Por que você trabalha?
6. Por que escolheu essa ocupação? Qual a representatividade dela para você?
7. Como você encara o seu trabalho? O que ele representa para você?
8. Como você acha que a sociedade percebe o seu trabalho?
9. Qual o sentido que o seu trabalho possui para você?
10. Qual a importância de sua aparência física no trabalho? (Roupas, comportamentos, etc.)
11. O que é um trabalho de prestígio para você? E para a sociedade?
12. O que é um trabalho estigmatizado para você? E para a sociedade?
13. Você acha que seu trabalho possui prestígio? Por quê?
14. Você acha que seu trabalho possui algum estigma? Qual?
15. Você acha que seu trabalho possui mais prestígio ou mais estigma? Por quê?
16. Para você, o que é levado em consideração para um trabalho ser prestigiado?
17. Para você, o que é levado em consideração para um trabalho ser estigmatizado?
18. Para você, o que é um trabalho sujo? Você acha que o seu trabalho é um trabalho sujo?

19. Explicar o que é trabalho sujo e perguntar: Frente ao que te disse, você acha que seu trabalho possui alguns aspectos de “sujeira”?
20. O que é ser médico/profissional do sexo no Brasil em pleno ano de 2020? Explique.
21. Gostaria de acrescentar algo?